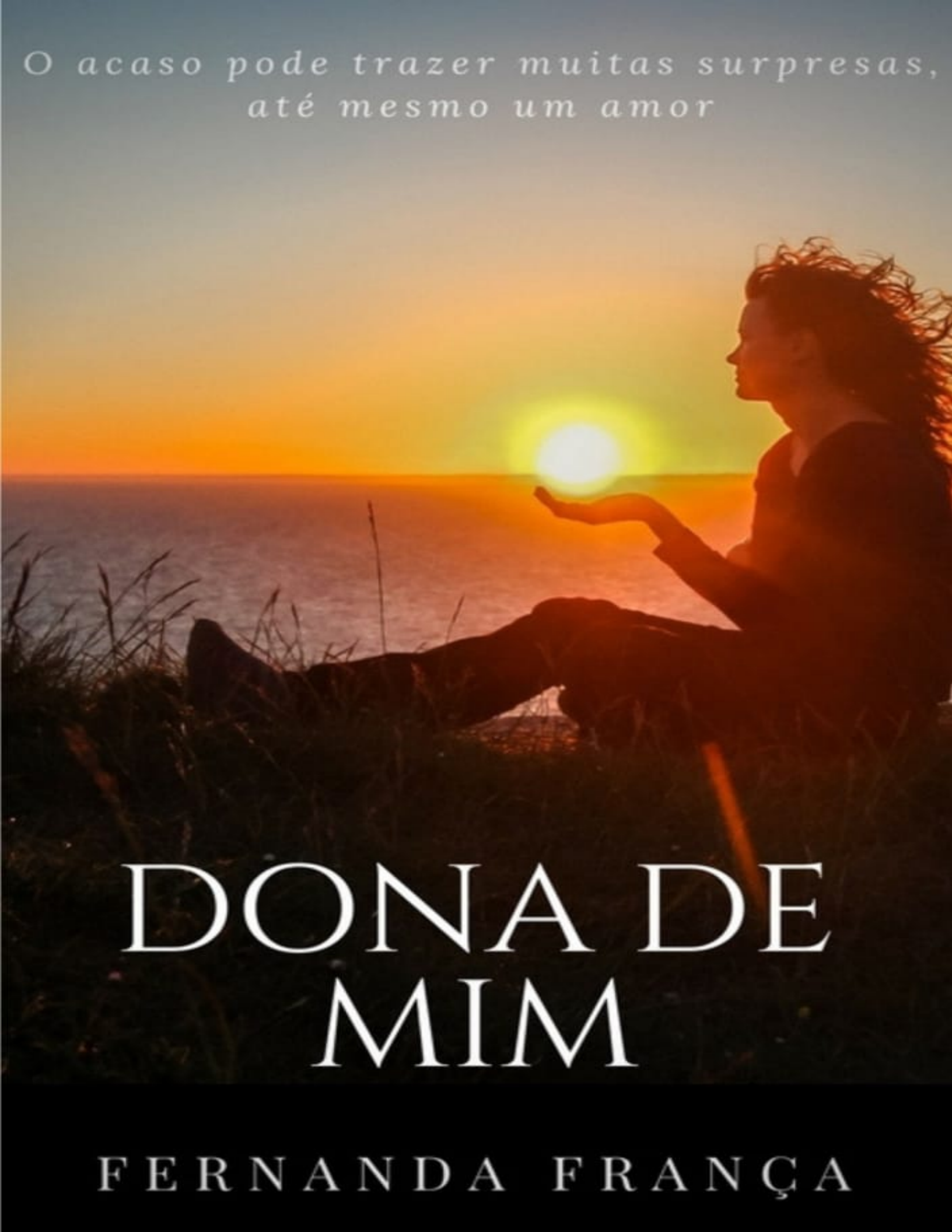


O acaso pode trazer muitas surpresas,
até mesmo um amor

A woman with long, dark, curly hair is sitting on a grassy cliff, looking out at the ocean. She is holding the sun in her outstretched hand. The sun is a bright, glowing orb on the horizon, casting a warm, orange glow across the sky and the water. The woman is silhouetted against the bright light of the sunset. The overall mood is romantic and contemplative.

DONA DE MIM

FERNANDA FRANÇA



PERIGOSAS NACIONAIS

DONA DE MIM
FERNANDA FRANÇA

PERIGOSAS ACHERON

SUMÁRIO

Para pular o sumário [clique aqui](#).

[*Prólogo*](#)

[*Capítulo 1*](#)

[*Capítulo 2*](#)

[*Capítulo 3*](#)

[*Capítulo 4*](#)

[*Capítulo 5*](#)

[*Capítulo 6*](#)

[*Capítulo 7*](#)

[*Capítulo 8*](#)

[*Capítulo 9*](#)

[*Capítulo 10*](#)

[*Capítulo 11*](#)

[*Capítulo 12*](#)

[*Capítulo 13*](#)

[*Capítulo 14*](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Bônus](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Bônus II](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Epílogo

Prólogo

Nunca pensei que após a formatura tudo pudesse mudar da forma que mudou. Quando somos jovens pensamos e criamos mil fantasias sobre o que faremos, qual profissão seguiremos, como será nosso casamento com aquele que estamos enamorados no momento.

Achamos que tudo é uma grande farra, e crescer pode ser algo para se pensar depois dos vinte anos.

Bem, para mim a coisa foi bem diferente.

Aos 18 anos já estava grávida, sem o apoio daquele que pensei que me amava; e vendo a decepção estampada nos olhos do meu pai. Foi um período muito difícil.

Talvez, se não fosse por minha mãe e por Lia, eu não tivesse conseguido enfrentar todas as barreiras que a maioria das meninas desta idade enfrenta quando engravidam. Não pense que eu não queria mais pra minha vida, pois queria, só não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

temos controle de tudo, principalmente se eternizamos demais as pessoas e as situações.

Sei que fui ingênua e sonhadora. Devia ter me cuidado mais, porém nem sempre o coração obedece à nossa razão e hoje vejo isso claramente no rostinho rosado do meu pequeno Rubem. Ele é meu bem mais precioso e é para dar um futuro melhor a esta pessoinha inocente que voltei aos estudos.

Minha mãe ficava com ele pela manhã, enquanto eu repassava as matérias dadas no cursinho com meu pai. Aliás, nossa relação melhorou muito nos últimos meses, somente após o nascimento do neto que o coração do meu velho amoleceu de vez.

É triste decepcionar quem amamos e acho que nunca me perdoaria se perdesse a amizade e a cumplicidade que sempre tive com meu pai.

Eu e dona Íris nunca tivemos muita afinidade, o que é engraçado, claro que a amo e sei que o sentimento é recíproco, mas se tem algo que a gravidez me deu de presente, além do meu filhote, foi o fato de nos reencontrarmos como mãe e filha. Sei que posso contar com ela pela vida inteira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de muito estudo e três tentativas, finalmente consegui vaga para uma faculdade perto de Primavera. Web Design.

Sempre gostei de inventar coisas e o mercado tem sido bastante promissor nesta área. Será uma ótima forma de conquistar a tão sonhada independência financeira e desafogar um pouco os meus pais.

Eu apenas não contava com as grandes surpresas que ainda viriam pelo meu caminho. Só tinha uma certeza em meu coração: eu precisava continuar sendo dona do meu próprio caminho.

Somente, *Dona de Mim*.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Batendo de frente

Se pudesse, daria o mundo a qualquer pessoa que conseguisse fazer meu lindo rebento de olhos verdes simplesmente parar de chorar.

O barulho incessante se intensifica bem mais do que há três minutos quando acordei e mesmo querendo apenas dormir, me levanto sonolenta para pegar meu gorducho de três anos no colo.

Varei a noite anterior tentando terminar um trabalho pra faculdade, e não tive tempo pra tirar um cochilo durante o dia. Conclusão: estou exausta. Mas não posso e nem vou reclamar, meu garotinho é tudo o que tenho de mais precioso na vida. Por ele, jamais vou desistir até alcançar objetivo de me formar.

Diferente das outras vezes, meu pequeno

não para de chorar e tento todas as alternativas que costumo usar para acalmá-lo. Seu choro não cessa e começo a me preocupar.

Rubem nunca foi de fazer manha e desço as escadas assustada à procura da minha mãe.

— Mãe! Preciso de ajuda com o Rubinho.
— bato de leve na porta do seu quarto e espero alguns segundos até ouvir o barulho de chinelos arrastando no chão. Dona Íris sempre teve sono leve.

A porta se abre e minha salvadora pega o menino no colo, ninando-o na direção da cozinha para não acordar meu pai. Nada melhor que a experiência de quem já passou por isso.

— Já tentei de tudo, mãe e nada. O que será que ele tem? — suspiro enquanto ela tenta distraí-lo, mas nada surte muito efeito.

— Podem ser muitas coisas, filha. Tentou o chazinho para cólicas? — questiona ao tocar na testa do meu bebê por um segundo.

— Não quis tomar, nem tentando forçar. — lamento passando as mãos nos seus fios castanhos, o olhar da minha mãe demonstra uma leve preocupação.

— Ele não está com febre. Acho que é

prisão de ventre, ao menos parece. — ela diz mostrando o quanto sua barriguinha está inchada. Vai chamar a Dra. Rebeca? — exalo de cansaço e preocupação, já passa das duas da manhã, mas pego o telefone e ligo pra sogra de Lia no automático.

Desde que meu filhote nasceu que ela se prontificou a ajudar sempre que possível, não é a primeira vez que algo do tipo acontece apesar de que poucas vezes nestes dois anos meu menino tenha ficado doente.

— Obrigada, senhora Mendes. — bocejo ao desligar o telefone, o pequeno diminuiu o choro, mas continua a fungar incessantemente.

Isso me parte o coração.



A médica termina de examinar meu filho, minha mãe logo o veste enquanto espero pelo diagnóstico.

— Muito bem, mamãe. — a médica sorri e mesmo sem querer meu coração se alivia um pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

Se fosse algo grave ela não estaria sorrindo, não é? Não sei, mas realmente espero que não seja nada demais.

— Seu filhote está com prisão de ventre, Luma. Tem que usar este remedinho e tomar cuidado com o que ele bebe ou come. É necessário equilibrar as refeições, senão a barriguinha dele não aguenta, ok? — ela faz um carinho em meu braço e sorrio de lado para minha mãe pegando a receita nas mãos. — Por hora faça massagens em sua barriguinha a cada trinta minutos, se tiver chá de camomila pode dar também. — a acompanho até a porta e nos despedimos.

— Obrigada mais uma vez, senhora Mendes.

— De nada, querida. Pode me chamar se nada melhorar ou o leve amanhã cedo ao postinho, ok? Boa noite, dona Íris. — ela se despede e acena para minha mãe antes de sair.

Pego Rubinho no colo e beijo o topo da cabeça da dona Íris em agradecimento.

— Obrigada, mãe! Eu assumo daqui, pode deitar novamente. — encaixo a cabeça do meu pequeno em meu ombro e ganho um beijo na face da minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

— Deixa a receita comigo. Amanhã cedo peço pro seu pai comprar, boa noite, filha. — agradeço num movimento mudo com meus lábios e observo minha fiel escudeira fechar a porta do seu quarto.

Meu garotinho parece mais calmo.

Sigo as recomendações da médica sobre a massagem assim que o coloco em minha cama, não demora muito e acabamos adormecendo juntos.



Desperto com o sinal avisando sobre o fim do terceiro tempo de aula e mal consigo me situar. Alguns colegas se dispersam, um garoto que nem sei o nome, apenas vi de relance algumas vezes, me estende um pequeno gravador de mp3. Fito-o confusa, mas agradeço mentalmente o fato de poder acompanhar as horas de aulas perdidas no início da manhã.

— Pode me devolver depois. — ele pisca com um sorrisinho fofo e apesar de não querer dar muita confiança não posso negar que esta atitude

PERIGOSAS ACHERON

foi muito gentil.

Guardo meu caderno na mochila e nem percebo quando o professor Dornelles se aproxima. Damos um encontrão e seus papéis vão todos ao chão.

— Caramba professor! Mil desculpas! — apresso-me em ajudá-lo e fico incomodada com seu olhar de canto de olho em mim.

Há duas semanas que ele está substituindo o professor Pablo e é a primeira vez que trocamos alguma palavra. Seus olhos são de um castanho intenso, seu cabelo espetado lhe dá um ar jovial embora eu deduza que já tenha chegado facilmente aos quarenta anos. Mesmo assim não deixa de ser enigmático.

Entrego seus papéis, sorrio encabulada pela situação e sigo na direção da saída. No entanto, sou impedida pelo seu tom autoritário.

— Luma! Nós podemos conversar um pouquinho? — o professor senta no tampo da mesa e faço uma careta irritada já imaginando o teor da conversa.

Sei que lá vem bronca.

— Professor Dornelles, peço desculpas outra vez pela minha desatenção em suas aulas,

garanto que isso não vai mais se repetir. — tento sair pela tangente, mas ele retruca num tom mais ameno desta vez.

— Luma, se acalme, ok? — pede ao apontar a cadeira a sua frente, me sento sem ter como fugir. — Como andam as coisas? Em casa, com seu filho? O reitor me informou sobre as suas dificuldades. — não entendo aonde ele quer chegar e me levanto.

— Está tudo ótimo, professor. Até amanhã. — caminho na direção a porta sem me importar se estou parecendo grossa e mal educada.

— Luma, por favor! Não quero parecer intrometido, mas há duas semanas que você não consegue acompanhar as aulas direito. Se continuar neste ritmo vai acabar repetindo esta matéria e irá se atrasar. Só quero tentar te ajudar. — viro-me para encará-lo e sou direta.

— Agradeço professor, mas não precisa. — fito-o nos olhos e não sei por que, mas seu olhar, de alguma forma, me acalma.

— Ok! — Dornelles levanta as mãos em rendição. — Sendo assim, quero um simpósio acadêmico* sobre o tópico: “*Marketing aplicado ao Trabalho*”. Pra segunda. — diz cruzando os

PERIGOSAS NACIONAIS

braços e seu sorrisinho cínico deixa meu humor ainda pior.

— Sabe que não tenho como fazer nesse espaço tão curto de tempo. — reclamo com indignação, mas parece não surtir efeito.

— Problema seu. Você não precisa de ajuda. — ele dá de ombros, não acredito no que ouço.

Meu professor está fazendo birra comigo porque não quis expor minha vida pessoal. Isso não é justo e conto mentalmente até três.

— Está implicando comigo porque recusei sua “*ajuda*”? — faço aspas com os dedos e ele se mantém calado a me fitar. — Não pode me forçar a fazer algo que não quero. — sou enfática e volto-me na direção da porta.

Dornelles me segura pelo braço me impedindo de ir.

— Desculpa, Luma! Eu sei que não. E nem quero. — ele parece sincero, suspiro tentando entender o que pretende.

— O que quer, então? — fito-o num misto de apreensão e curiosidade.

Seu semblante é tão sereno que só agora consigo reparar nas suas nítidas sardas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só quero que saiba que pode contar comigo quando precisar.

— Ok! Obrigada! — agora estou encabulada e me sinto mal por ter sido rude.

Não estou acostumada a receber as coisas de mão beijada.

— Já pode ir. — ele desiste e se volta pra sua mesa, mas fico parada alguns segundos na soleira da porta.

— E o simpósio? Posso fazer em duas semanas se quiser.

— Não precisa. Está cancelado. — rebate sem me fitar e bufo contrariada.

— Não vai ficar de implicância de novo, vai?

— Não! Só queria saber se você era assim mesmo como eu via. — ele sorri e o analiso curiosa.

— Assim como?

— Dona de si. — agora sou eu quem sorri meio desconcertada.

Achei que ninguém conseguia reparar nisso. Não até agora.

— Decepcionado? — provoco querendo saber sua reação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda curioso, mas sou bastante paciente. — o sinal toca e sei que preciso correr pra não levar uma bronca da professora Isaura. — Não vai querer perder mais uma aula, não é? — avisa num risinho de lado, aceno de leve com a mão antes de sair em disparada.

Estou com aulas atrasadas e se não conseguir uma boa nota no próximo trabalho desta matéria, vou precisar repetir o módulo. Não posso perder o foco. Ainda mais por um professor boa pinta, cheio de segundas intenções.

Isso está na cara.

Ele está muito enganado se acha que vou me abrir de novo pra alguém. Mesmo que seja um moreno alto, de olhos sedutores e com as covinhas mais charmosas do mundo.

Mesmo assim está enganado.

**Simpósio Acadêmico: Um simpósio acadêmico é um tipo de evento que é caracterizado como uma conferência de menor escala. Nele, os moderadores não interferem no debate dos palestrantes.*

Assim como possui as mesmas características de um seminário, sendo essa liberdade aos palestrantes um diferencial entre os gêneros.

O simpósio acadêmico conta com vários expositores de acordo com as temáticas abordadas. As quais são geralmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

temáticas científicas, gerando uma troca de informações entre os convidados.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Problemas à vista?

“Quanto tempo mais até se formar?”

Lia me questiona ao telefone, enquanto termino de fazer o mingau do Rubinho que está na sala com meu pai.

— Mais um ano. Preciso arranjar um estágio seis meses antes de me formar. Sabe se Davi tem algum conhecido que precise de uma *Web Designer* como estagiária, amiga? — coloco a gororoba no prato e sento à mesa mexendo o mingau até esfriar.

Já devia ter visto isto, mas na correria ainda não tive tempo.

“Não sei Luma, mas acho um pouco difícil. De qualquer forma falo com ele e depois te aviso, ok?”

Levo o prato até a sala e entrego o mingau pro meu velho que ajeita o neto entre as pernas pra

dar o lanchinho. Meu pequeno não para de sacolejar no colo dele querendo tomar sozinho a primeira colherada.

— Ok Lia! Se não conseguir, paciência. Vou ter que me virar aqui. E Laura, está bem? — sorrio enquanto ela me conta das peripécias da sua garotinha, sigo para o banho. Estou morta de cansada. — Imagina quando esses dois forem para escolinha?

“Deus nos acuda, amiga”

Lia gargalha e ouço ao longe os resmungos de Davi para que ela o ajude com a comida da filha.

Homens!

“Preciso ir antes que meu marido tenha um colapso nervoso, Luma. Boa sorte na prova amanhã. Amo você.”

Ela desliga afobada e nem tenho tempo para respondê-la.

Prova? Pois é!

Tinha me esquecido completamente disso e mal peguei na matéria durante a semana passada. Fica cada vez mais difícil conciliar estudo, Rubinho e a busca pelo estágio, mas não posso me desanimar agora.

Falta pouco pra me formar e irei conseguir.



Corro pelos corredores da faculdade e tento controlar minha respiração ofegante ao adentrar na sala de aula. Estou vinte minutos atrasada, procuro me recompor, mas logo observo o olhar de reprovação do professor Dornelles recair sobre mim.

Ajeito-me numa das cadeiras e mal o fito quando ele se aproxima para entregar minha prova.

Minha cabeça pulsa sem parar e minha garganta está tão seca que fica ainda mais difícil se concentrar. Respiro fundo e forço minhas vistas para conseguir entender bem todo o enunciado da primeira questão e assim inicio minhas atividades.

Após as primeiras perguntas, observo que algumas questões estão vinculadas às matérias passadas e não é uma dificuldade se achar nelas.

Na realidade, isso apenas me favorece ao extremo já que não tive tempo para estudar as matérias que vieram depois. Não deixa de ser estranho, mas não levo três segundos para entender

PERIGOSAS ACHERON

a real intenção do professor.

Levanto meu olhar na sua direção por poucos segundos, seu meio sorriso me deixa encabulada.

Estava certa!

Acabo de ser beneficiada pelo meu professor de gráficos.

Não leva muito tempo e termino com a certeza de uma boa nota neste módulo. O professor recolhe as provas das mesas e rapidamente um burburinho sobre o conteúdo da matéria sobe no ar. Ninguém parece ter entendido seu objetivo além de mim.

Melhor, eu penso.

A aula segue normalmente e não paro de me perguntar o porquê dele ter feito isso. Seus olhos excruciantes pousam sobre mim enquanto ele explica a matéria da próxima avaliação e simplesmente me retraio.

Não consigo fitá-lo por muito tempo agora.

O sinal toca e suspiro aliviada de colocar tudo em pratos limpos.

Só preciso de uma oportunidade.

— Tudo bem, pessoal! Trabalho em dupla para próxima semana. Vocês podem escolher com

quem fazer, mas não aceito nada impresso da internet. Quero pesquisas de campo. Encontrem uma revista, ou gráfica, qualquer lugar onde vocês possam fazer um relatório sobre o processo gráfico de uma determinada atividade. Qualquer uma. — arrumo minha mochila devagar, observo atenta a maioria dos alunos sair da sala.

— Pode ser entregue como CD, Dornelles?
— uma loira magricela pergunta toda melosa e meu estômago revira ao notar os lindos dentes brancos dele a brilharem para ela.

O que está havendo com você, Luma Ramos? Você com certeza têm outras prioridades aqui ao invés de se incomodar com a loira falsa carregada de segundas intenções. E uma delas é tirar esta história da prova a limpo.

— Claro, linda! Sem problemas! — franzo a testa com o charme do professor pra ela, me meto na conversa sem nenhuma cerimônia.

— Tem um minuto, Dornelles? — ironizo ao me aproximar, mesmo não fitando a guria ao meu lado, percebo que a magricela me olha de cima abaixo com desdém.

Nem ligo.

— Claro, Luma! — solta um pigarro

totalmente sem graça. Espero calada que a tal oferecida se mande. — Até quarta, linda! — ele despacha a menina que ainda leva alguns segundos para bufar e sair da nossa frente.

Odeio garotas oferecidas.

Ele volta a se sentar no tampo da mesa como na nossa última conversa há alguns dias, engulo a seco; fitando-o meio sem jeito.

— Não sabia que tinha tanta intimidade com suas alunas — ele não evita sorrir com meu comentário e percebo o quanto estou sendo idiota. — Desculpa! Não foi minha intenção... — sou interrompida.

— Tudo bem, Luma. Já passei por isso antes, não esquento — diz relaxado, sem se importar com minhas palavras, me sinto mais tranquila. — Em que posso ajudar? — cruza seus braços na linha do peito e seu olhar astuto nos meus olhos continua a me incomodar.

— Na verdade... você já ajudou. Não é? — espero para ver sua reação, mas ele permanece na expectativa de que eu explique minha argumentação enquanto bufo com cansaço. — A prova de ainda pouco. — ele exala sem deixar de me fitar e confirmo sua intenção de manear nas

questões. — Por que fez isso?

— Primeiro por que metade da turma não achou tão ruim, visto que foram poucos os burburinhos sobre o assunto e pela olhada que já dei aqui, muitos deles vão conseguir suprir a péssima nota da prova anterior. Segundo, por que você precisava e terceiro, por que... — suas palavras somem ao engolir em seco, nossos olhares ficam presos por poucos segundos num clima extremamente tenso.

De repente ele toma as rédeas da situação se voltando para sua pasta sobre a mesa e mudando de assunto.

— Sua próxima aula começa em alguns minutos, é melhor não se atrasar.

— Não antes de me dizer o porquê disso tudo. — cobro um pouco irritada, seu tom se altera por um momento.

— Eu já te disse o porquê, está bem? Se não fui claro o suficiente, então lá vai: beneficiei você na prova, por que no final do curso não quero ser acusado de não ter dado oportunidade a uma mãe solteira que tinha que se desdobrar pra estudar e tomar conta do filho. Essa culpa eu não quero carregar. — fico atônita com suas palavras e

mesmo com uma imensa vontade de chorar, não o faço.

Não entendo seu comportamento, mas já passei por muita coisa pra chegar até aqui e não vai ser um bronco metido a sabichão que vai estragar tudo.

— Muito bem, professor. Era o verdadeiro Dornelles que eu queria que aparecesse mesmo — seu olhar parece transtornado, mas já não me iludo. — Não precisa se preocupar. Gaste sua ajuda com quem precisa, prometo que eu não vou mais dar motivos pra isso. — piso duro ao caminhar até a porta e mesmo ouvindo seu chamado não me dou o trabalho de olhar para trás.

Melhor terminar algo que jamais deveria se iniciar. Tenho agido assim nos últimos anos e é assim que pretendo continuar. É mais seguro pra mim e pra quem tenta se aproximar também.



Estou tão imersa nos estudos que demoro alguns segundos para visualizar minha mãe

PERIGOSAS ACHERON

plantada ao meu lado na cama, com o telefone estendido pra mim.

— É a Lia. Ela disse que te ligou no celular, mas você não atendia. — minha mãe sorri enquanto solto “*obrigada*” baixinho, ela sai me deixando sozinha no quarto.

— Oi amiga, me desculpe! Estou presa nos estudos. — explico-me para a loirinha antes que ache que a esqueci por não ter atendido logo.

Ultimamente Lia tem andado muito sensível e desconfio que em breve sua linda família vai aumentar. Mas ela insiste em dizer que não.

“Já estava achando que não tinha mais espaço em sua vida. Estou ligando desde cedo e nada.”

Reviro os olhos num sorriso. Sabia que ia dizer isso.

— Deixa de ser dramática, amiga. Sabe que isso nunca vai acontecer — ouço-a sorrir. — O que houve?

“Falei com Davi sobre seu estágio, mas ele não conhece ninguém, amiga. E nenhum dos amigos dele de clube também. Sinto muito.”

Suspiro com o balde de água fria.

Sabia que Davi talvez não conhecesse

ninguém diretamente, mas contava que algum de seus colegas pudesse conhecer. Preciso urgentemente encontrar uma vaga de estágio. O problema é saber onde.

— Tudo bem, Lia! Vou ver o que arranjo por aqui. — exalo longamente, esfrego os olhos com cansaço.

“Luma, você está bem? O que anda acontecendo?”

Nunca soube esconder nada da Lia e em contrapartida, ela sempre sabia quando algo não ia bem comigo. Mesmo pelo tom da minha voz.

Sempre foi assim.

— Estou tendo problemas com um professor substituto na faculdade.

“Como assim? Está te prejudicando? Denuncia para a reitoria, Luma.”

Nunca pensei sobre isso, e nem acho que seja necessário. Só queria que ele parasse de se meter onde não deve.

— Aí é que está o problema, Lia. Ele não está prejudicando, está me ajudando. — suspiro, contrariada.

“Não entendo. O cara te ajuda e você reclama Luma? Bateu com a cabeça foi? Passa

aqui pra minha sogra dar uma olhada.”

Não deixo de sorrir por achar graça da sua ironia com a situação.

Eu devia estar feliz por ter essa sensibilidade da parte dele, no entanto, me sinto mal por achar que meu professor possa fazer isso por pena.

Por achar que não sou capaz.

Não suporto ser encarada por outros nessa condição.

— Não quero que me ajudem por pena, Lia, por que tenho uma criança pra cuidar. E além do mais, ele adora bancar o bonzinho pros outros. Gosta de chamar a atenção das garotinhas oferecidas de plantão e não vou ser mais uma a cair na sua lábia — meu tom é irritado e só percebo todo o sentido da minha frase quando minha amiga estala a língua entre os dentes no meu ouvido. — Que é agora, Lia? — praguejo incomodada.

“Nada, amiga. Só acho que existe algo mais aí e você não quer admitir, mas eu te entendo, ok?”

Bufo tentando manter minha sanidade no lugar.

Lia continua.

“Não se sinta assim em relação à sua condição de mãe. Muitas garotas tomam conta dos seus filhos e correm atrás dos seus sonhos, você é apenas mais uma no meio dessa multidão, e ninguém tem o direito de te questionar sobre isso. Quanto a ajuda, Luma... não seja tão inflexível. Nunca sabemos o que vamos encontrar pelo caminho, entendeu?”

— Entendi. — sorrio ao concordar. — Obrigada por tudo, preciso voltar a estudar, ok? Beijos na Laurinha e lembranças ao Davi. — me despeço dela com carinho e repasso suas palavras em minha mente.

Talvez não seja tão ruim assim encarar as coisas ao meu favor. Mas de modo algum vou sair correndo atrás da ajuda do professorzinho metido a besta. Se ele quiser que me procure.

Daí, posso pensar em decidir se vale ou não a pena.

Capítulo 3

Ultrapassando limites

Eu já estava cansada da indecisão do meu colega de classe com quem resolvi fazer o trabalho passado pelo professor bonito e instintivamente tomei o netbook das suas mãos enquanto ele me fitava confusamente. Murilo é uma gracinha, mas lento demais para o meu gosto e uma mãe solteira atarefada como eu, necessitava de algo mais prático.

— Pronto! É aqui que vamos nos concentrar. — apontei girando a tela para ele ver, onde havia o endereço de uma gráfica próxima à faculdade.

— Mas Luma, essa lojinha aí é tão chinfrim. — ele desdenhou descontentamente, a vontade que tive foi meter a mão nas suas fuças.

Como podia julgar o trabalho alheio se nem

ao menos utilizou de nenhum dos serviços prestados lá?

— Já fez algum trabalho lá ou conhece alguém que fez, Murilinho? — o tonto balançou a cabeça negativamente e suspirei fundo antes de perder a paciência com o seu pré-julgamento. — Então relaxa que eu preciso dessa nota. Ao contrário de você, tenho um menininho pra cuidar e não posso ficar me deslocando pra longe em busca de um trabalho que posso resolver por aqui perto mesmo. — disse ajeitando minha mochila nas costas enquanto o menino ainda parecia não ter entendido minha praticidade. — Vamos embora garoto! — dei um puxão na gola da sua camisa, seguíamos até o tal estabelecimento.

Não chega a ser longe, numa caminhada de uns quinze minutos estamos dentro da gráfica. É um local um pouco apertado, mas fico impressionada com a quantidade de máquinas trabalhando numa velocidade feroz.

— Posso ajudar? — uma moça simpática nos atende e rapidamente explico o motivo da nossa presença ali.

Ela pede que esperemos um minuto pra falar com o gerente e observo encantada algumas

peessoas trabalhando na resolução de imagens, adesivos e montagens de revistas num pequeno anexo ao espaço em que nos encontramos. Deve ser prazeroso trabalhar com o que se gosta.

— Prazer, eu sou Guilherme Cordeiro. — um rapaz de semblante enigmático nos recepciona e estou em dúvida se ele é um estrangeiro da Ásia ou descendente de família asiática. Independentemente da sua nacionalidade, ele é muito bonito e educado.

— Sou Luma Ramos e este meu colega de classe, Murilo Benvides. — ele nos cumprimenta e seguimos todos na vistoria do local.

Guilherme nos explica todas as fases dos serviços que a gráfica presta e enquanto ele mostra as atividades, tenho mais certeza no meu íntimo que é isso o que quero para minha vida.

Uso um bloquinho para anotar os detalhes que o gerente me fala e Murilo se ocupa com os depoimentos de alguns funcionários do estabelecimento. Estou realmente fascinada com essa arte de fazer mágica em papel e em todo tipo de trabalho gráfico.

— Satisfeita? — ele sorri ao me estender uma xícara de café e não deixo de demonstrar a alegria de poder acompanhar todo o processo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Satisfeita demais. Obrigada Guilherme.
— digo sorvendo o líquido fervente e seus olhos não saem de mim.

— De nada. Se precisar e quiser, pode voltar outras vezes, será um prazer revê-la.

— Você é sempre assim direto? — franzo as sobrancelhas com curiosidade e ele sorri mais amplamente agora.

— Normalmente não. Só quando algo me chama muito atenção. — ele se aproxima e me desvio meio encabulada com a situação. — Desculpe, não quero que tenha uma má impressão de mim. — ele se retrai e Murilo aparece ostentando um pen drive com todo o material colhido.

— Está tudo bem, não se preocupe. — afirmo num sorriso torto e ele parece mais aliviado.

Não quero arrumar confusão para minha vida, não antes de me formar e por isso procuro não me iludir com nada que apareça no meu caminho. Mesmo que seja meu lindo professor de gráficos adentrando no local em que estou e com um sorriso feliz ao meu ver.

Ainda vou me dar mal nesta história toda.

— Que surpresa boa! — Guilherme explana

PERIGOSAS ACHERON

com alegria, Dornelles o cumprimenta num abraço.

Até o seu perfume é de fazer os outros perderem o equilíbrio.

— Oi Luma! — seu tom é suave e em seguida ele cumprimenta meu colega num aceno discreto com a cabeça.

— Oi Professor. Vocês se conhecem?

— Fizemos faculdade juntos. — Guilherme diz com orgulhosamente e a surpresa me domina.

O mundo não podia ser tão pequeno. Aliás, depois de ver uma loira magricela entrar no estabelecimento, poderia afirmar que o mundo é definitivamente um ovo. Ela abaixa os óculos escuros somente para confirmar o que vê e sei que algo não vai terminar bem.

— Bom. Obrigada mais uma vez pela sua ajuda Guilherme, acho que vou tirar um dez neste trabalho. — sorrio com sarcasmo na direção do professor e saio levando Murilo a reboque comigo.

— Não posso te acompanhar na volta Luma, preciso resolver um problema para o meu pai. Mas pode deixar que o trabalho vai ficar uma maravilha. — assinto em concordância e me despeço num aceno.

Murilo pode ser meio lerdo, mas se tem

algo que tem primazia é pelo trabalho bem feito.

Antes que eu siga meu caminho para casa sinto meu braço ser puxado e os olhos de Dornelles parecem um abismo fundo, cheio de perguntas sem respostas.

— A gente pode conversar um pouco? — ele pede gentilmente e engulo em seco indecisa.

Não respondo, mas caminhamos lado a lado, posso sentir a tensão tomando conta dele rapidamente.

— O que quer de mim? — pergunto sem rodeios.

— Quero pedir desculpas. Não devia ter agido daquela forma com você. Também quero que se forme. — ele diz muito lógico e reviro os olhos.

Cansei dessa brincadeira de jogos de colegial.

— Além disso? — fito-o com decisão e ele sorri como quem foi pego numa mentira. — Não sou boba, Dornelles, sei bem a tempestade que está se formando, eu só não sei se... — ele para nossa caminhada e sua voz é de uma calma inexplicável.

— Então deixa se formar, Luma. E vamos atravessá-la juntos. — suas mãos seguram a minha

com força e sorriso descrentemente com as possibilidades.

— Você não vê que é loucura, Dornelles? — suas mãos sobem até meu rosto e tudo o que encontro em seu olhar é desejo. — Você pode se prejudicar, eu posso me prejudicar. Além do mais... — não consigo terminar por que seus lábios grudam nos meus e mil sentimentos confusos se chocam em meu coração.

Não sei onde essa loucura vai chegar, mas a sensação que tenho agora enraizada em mim é de que tudo pode valer a pena, nem que seja apenas por estes míseros segundos.

— Assim fica fácil passar nas provas, não acha professor? — somos surpreendidos pela fala cínica da loira falsa que estava na gráfica e meu coração bate a mil por hora quase falhando.

Dornelles a olha estupefato e não temos o que retrucar quando está tudo tão claro. Ela se vai num semblante vitorioso e lamento estar passando por toda essa situação.

— Droga! Luma, espera! — ele tenta me persuadir de ir embora, mas não o deixo falar mais nada, corro na direção de casa sem olhar pra trás.

Estava tudo indo bem até meu coração

PERIGOSAS NACIONAIS

acordar de novo para vida.

Agora, simplesmente, já não sei mais o que fazer.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Sangue quente

Entro como uma bala em casa e não dou tempo para minha mãe me perguntar nada. Preciso urgentemente colocar minha cabeça no lugar, pareço estar perdendo o prumo da vida que comecei a estabilizar após um período tão difícil.

Tudo por conta de um professorzinho que acha que pode sair se metendo na vida dos outros. Por que não ficou quieto no seu canto? Por que tinha que ser tão gentil, solícito e lindo? Droga! Luma onde você anda com a cabeça? Não vê que isso não tem futuro?

— Filha! Você está bem? — minha mãe questiona ao bater na porta e exala profundamente antes de abrir para que ela entre. Seu semblante é pura preocupação, mas tento disfarçar minhas emoções ao pegar meu menino no colo.

— Está tudo bem, mãe. Foi só um mal estar passageiro. — digo embalando Rubinho no colo, ela hesita por alguns segundos se acredita ou não em mim. — O que foi?

— Me diz você. Ultimamente tem andado tão diferente, Luma. Displicente, esquecida, estressada. Tem certeza que não está acontecendo nada? — penso em confessar o que anda tirando meu sono, mas não consigo imaginar o tipo de reação que minha mãe teria, então resolvo deixar tudo como está.

— Está sim, dona Íris. Só estou preocupada em achar um estágio. Desculpe se pareço tão dispersa, vou me policiar mais, ok? — sorrio amarelo e ela dá de ombros sem ter mais o que replicar.

— Vou servir o jantar daqui a pouco. Não se demore. — assinto em confirmação para o seu aviso e suspiro fortemente assim que ela fecha a porta atrás de si.

— O que a mamãe vai fazer agora, hein filhote? Como vou encarar esta situação? — indago dando um cheirinho no pescoço do meu bebê que só faz sorrir.

Lembro da quentura dos lábios de Dornelles

nos meus e de como foi bom se sentir querida de novo por alguém, ser cuidada, ser respeitada. Não sei se posso dizer que estou apaixonada, mas o que achei naquele momento em meu coração foi um sentimento muito bom. Mágico. E se isto se transformar em paixão, acho que vou estar realmente encrocada.

Fujo dos meus pensamentos fantasiosos e cuido do meu garotinho, dando a máxima atenção que ele precisa. Minha mãe tem razão ao dizer que tenho tido pouco tempo para tudo e meu filhote será uma exceção nesta minha loucura toda. Ele sempre vem em primeiro lugar.



Após jantar e colocar Rubinho para dormir, sigo para o meu quarto, começo a editar o trabalho pedido por Dornelles. Abro um mensageiro da minha rede social e encontro Murilo online, peço que ele me passe o material colhido e meu coração acelera em segundos quando percebo que meu charmoso professor também está ativo na internet.

Desejo fervorosamente que ele não puxe papo e que o lento do meu colega de classe possa mandar logo a droga do arquivo, mas nem os céus parecem estar ao meu favor.

“Luma, fale comigo”

Ele pede e meus dedos tremem indecisos em mandar ou não uma resposta. Tento ignorá-lo e mando outra mensagem para Murilo cobrando o arquivo. Ele demora mais uma vez a responder e a aba de conversa com Dornelles não para de piscar com novas mensagens. Ele parece decidido em insistir. Já estou ficando nervosa.

“Minha net está ruim, Luma. Não estou conseguindo mandar o arquivo, amanhã levo pra aula. Desculpe.”

Murilinho responde e pragueja ao ar pela demora ter dado tempo de Dornelles me descobrir online. Agradeço ao meu colega e uma imensa curiosidade em saber o que meu professor escreveu me consome. Respiro fundo e abro sua caixa de conversa.

“Não consegui fazer mais nada hoje somente pensando em você. Sei que está com medo da situação sair dos trilhos, mas se não arriscar de vez em quando nunca sairá do lugar, Luma. Deixa

eu te guiar. Prometo que não deixo nosso trem descarrilar.”

Sorrio com sua ousadia e autoconfiança. Só sendo muito metido mesmo para achar que pode controlar tudo ao seu redor. Será que não percebe que preciso terminar meu curso sem maiores problemas?

“Não pode achar que tudo será fácil. Acha que o que aconteceu hoje não irá se repetir? Você pode ser demitido e eu posso levar uma suspensão, Dornelles. Não posso me dar a esse luxo, entende? Tenho uma criança que precisa de um futuro melhor e que não pode me acompanhar em uma aventura que não vai chegar a lugar nenhum. Esquece o que houve, por favor! Eu só preciso me formar.”

Respondo já arrependida do que escrevi e longos segundos se passam até que ele devolve uma resposta.

Meu coração fraqueja.

Droga de carência.

“Você irá Luma, não duvide disso. Desculpe te causar problemas, jamais foi minha intenção. Fica bem.”

Ele se desconecta do mensageiro e lamento

o rumo que as coisas seguiram, sem nos dar escolhas. Melhor cortar o mal pela raiz do que chegar a uma situação sem volta lá na frente. Preciso de tranquilidade e não de mais uma turbulência em meu caminho. Deito em minha cama e tudo o que preciso é me desligar dos problemas.



Entro na sala de aula e sinto um breve alívio por não encontrar Dornelles. Sento-me em minha cadeira e ao observar ao meu redor, noto que alguns alunos me fitam com um semblante zombeteiro e outros sorriem de modo sarcástico. Meus olhos encontram os da loira invejosa e seu sorriso de desdém faz meu sangue ferver.

Dornelles entra na sala e mal me fita, parece extremamente irritado. Ele inicia sua aula e meu celular vibra sem parar no bolso da minha calça.

Só podia ser brincadeira!

“Se você é mãe solteira e sai com seu professor, qual a probabilidade de você ganhar

um dez nos trabalhos acadêmicos? Todas. Basta abrir as pernas e não se preocupar com as notas finais.”

Eu não podia acreditar no que estava lendo e bem no grupo de mensagens da faculdade. Era uma clara provocação da oxigenada e se ela queria um show, posso dar os parabéns. Ela conseguiu.

— Vem cá! Qual o seu problema comigo, garota? O que eu te fiz pra ficar me difamando para as pessoas, contando mentiras? — disse segurando-a firmemente pelo braço enquanto os outros alunos colocavam pilha para que a coisa ficasse ainda mais feia.

— Não sei do que está falando. — ela se esquivava e apontou o celular com a mensagem na cara dela quase esfregando o aparelho em seu rosto já vermelho.

— Olha aqui sua loira azeda. Não apronta comigo que você vai sair perdendo, ouviu? — digo com o dedo em riste e em poucos segundos Dornelles está no meio de nós duas.

— O que está havendo aqui? — ele indaga firmemente e não me dou ao trabalho de fitá-lo.

— Nada demais professor. Só uma brincadeira que sua aluna não gostou. Se a carapuça

serviu, querida, eu não posso fazer nada. — meu sangue volta a ferver e meu único intuito é arranhar a cara da cadela loira com minhas unhas, mas sou contida pelo professor.

— Para Luma. Parem as duas. — ele grita e a raiva continua ganhando novos níveis em mim por ele não me deixar fazer um bem pra humanidade dando uma sova nela, por ela querer me prejudicar a troco de nada, por ser tão difícil alcançar meus objetivos, por tudo enfim. — Não quero mais discussões na minha aula. Entenderam? — Dornelles solta muito sério e me desvencilho dos seus braços.

O ambiente fica em silêncio e a loira se acomoda na sua cadeira no fundo da sala. A aula segue, mas simplesmente não consigo me manter focada.

O dia não podia estar começando pior.



O sinal toca e rapidamente a sala é esvaziada. Sou a última a sair e antes que ultrapasse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a porta, o professor chama minha atenção.

— Luma? — ele pede e explodo descontando toda a raiva acumulada em cima dele.

— O quê, Dornelles? O que foi agora? Já não basta a vergonha que passei hoje, o que mais você quer?

— Quero que pare de ser criança. Quero que seja madura e não fique brigando como uma garota de rua na minha aula. — ele me culpa e meto a mão em seu rosto num impulso.

— Ficou louca? — ele me segura fortemente pelos braços e me sinto frágil.

— Fiquei sim. Fiquei louca quando cogitei a mínima possibilidade de me arriscar de novo, Dornelles. Mas não pra passar por isso. — fujo do seu aperto e mostro a mensagem no celular.

A raiva também desponta em seu semblante e ele ruge acertando a lixeira próxima a sua mesa pra longe. Estou exausta de toda esta situação. Seu olhar demonstra o quanto está arrependido e evito fitá-lo agora.

— Desculpa. Desculpa, Luma. Eu... — ele pausa procurando palavras para remediar a situação e estou a ponto de desabar por toda a pressão.

Ninguém consegue ser forte o tempo todo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu disse a verdade quando falei que não queria te causar problemas. Mas também falei sério quando disse que enfrentaria o que viesse por você. — sinto a sinceridade nas suas palavras, mas ainda não consigo olhá-lo nos olhos e meu corpo todo estremece quando sua mão alcança minha face num carinho.

Ele está tão próximo que posso sentir o perfume alucinante que exala. Lentamente ele levanta meu rosto e ficamos presos nesse jogo mudo, mas o desejo parece falar por nós.

— Isso não vai dar certo, professor. — já não tenho mais forças para contestar o que estou sentindo neste exato momento.

— Só tem um jeito de descobrir. — ele solta num breve sorriso e meu coração explode em mil sentimentos diferentes quando seus lábios se apossam dos meus ferozmente.

Já não me importa se alguém vai nos flagrar ou não. Tudo o que quero é aproveitar estes segundos que o tenho em meus braços. Não preciso estar em nenhum outro lugar, além de ter seu corpo colado ao meu. É tudo o que precisamos.

Nada mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Cartas na mesa

— Você é louco! Pior, estou ficando louca junto com você. — Tento descontrair, mas a verdade é que estou totalmente apavorada com toda essa situação.

Ainda mais se alguém descobrir.

Se for a loira falsa então, acho que cometo um desatino.

— Eu estou louco sim. Louco e completamente apaixonado por você. — Dornelles fala muito sério e me desvencilho dos seus braços rapidamente.

Suspiro sem saber o que fazer, não quero me meter em outra roubada.

— Eu sei o que está pensando, Luma e te entendo — torço a boca, ele parece muito lógico. — Mas temos que arranjar algum jeito disso

funcionar. Por que não quero desistir de você. — sorrio ao morder meu lábio inferior e seu olhar é um convite para a loucura.

— Já parou pra pensar que eu posso não estar tão interessada assim? — ele sorri abertamente enquanto ostento uma careta marota. — Vai ver só estou interessada em boas notas. O que acha? — Tento soar divertida, mas minhas palavras tem um intuito direto: saber se o que estava na mensagem do grupo da faculdade passou por sua mente em algum momento.

Ele para de sorrir e volta a se aproximar me deixando em cólicas.

— Não concordo e não penso como o texto daquela mensagem, Luma. Nem é só sexo que quero com você. Claro que está incluso, mas... — Dornelles revira os olhos de modo safado e volto a sorrir. — Não quero mais brincar de adolescente, Luma. Eu quero mais. — sua mão envolve meu pescoço delicadamente e mesmo que eu tente, não consigo tirar meus olhos dos seus lábios.

Como eles se amoldam perfeitamente aos meus.

— E suponho que esse “*mais*” incluía passeios nos finais de semana em trio? — fujo das

suas garras, deixando-o intrigado.

Ele cruza os braços do modo que me deixa sem ar e sua fisionomia não podia ser mais serena.

— Suponho que sim. Vamos ver! — ele suspira pondo a mão no queixo e começa a enumerar uma lista imaginária nos dedos da outra mão. — Passeio na pracinha, sorvete no fim da tarde, pipoca com desenho animado e pra completar a noite... — Dornelles se aproxima novamente e dessa vez não fujo das suas mãos. — Beijos roubados ao luar. — sorrio, sem pensar pela primeira vez na grande confusão que isso vai dar. — Está bom? Ou precisa de mais? — meneio a cabeça em negação e toco seus lábios com ternura num beijo suave.

Em seguida, ele me abraça.

— Vai dar certo, você vai ver. — ele beija o topo da minha cabeça e neste instante é só isso o que desejo.



Um mês depois

— Lia! Não esqueça o escudo autografado do Capitão América, pelo amor de Deus. Do contrário seu afilhado vai passar a noite toda com a cara amarrada. — advirto minha amiga enquanto pauso o enchimento das bolas para festinha de aniversário do meu menino.

Davi conheceu o ator que faz o super-herói favorito do meu filhote e não perdi a oportunidade quando Lia me questionou que tipo de presente dar a ele. Está certo que existem outras coisas mais necessárias, mas vamos falar sério? Que criança de cinco anos não ia ficar feliz em receber uma réplica do escudo do Capitão América autografado? Meu moleque não vai esquecer nunca.

“Pode deixar, dona Luma. Já está no carro. Chegamos logo, até já!”

Encerramos a ligação, mas nem tenho tempo de ver a tela do celular se apagar. Sorrio com a mensagem de Dornelles.

“O aniversário não é meu, mas estou muito feliz com meus dois presentes: vocês. Te vejo mais tarde, meu amor.”

— Passarinho verde? — minha mãe indaga ao meu ouvido e rapidamente escureço a tela do aparelho.

Ela anda cada vez mais desconfiada e embora saiba que vou ganhar, no mínimo, um sermão sobre meu namoro com Dornelles, ainda não quero conversar sobre isso. Não agora. Talvez depois do aniversário do Rubinho.

— Nada demais, mãe. Só bobagens que a Lia me manda — disfarço ao retornar meus afazeres e ela se junta a mim enchendo alguns balões enquanto me fita vez ou outra. Odeio essa vigília velada. — O que foi dona Íris? Desembucha logo o que quer saber? — peço impaciente após alguns segundos e ela me lança um inesperado sorriso acolhedor.

— Apresenta o professor corretamente ao seu pai, ok? — ela se levanta e estou totalmente desarmada e envergonhada.

— Como descobriu? — faço uma careta infantil e ela se agacha bem próxima do meu rosto.

— Já tive meus quinze anos querida. — solta num misto de graça e desdém que me incomoda um pouco.

— Não é uma paixonite, mãe. É sério. — ela parece entender onde quero chegar e assente numa expressão cautelosa.

— Então leve todas as consequências disso

a sério também, filha. Vou terminar os docinhos. — seu tom é uma clara advertência e fico pensativa por vários minutos.

Até agora estamos indo muito bem. Mesmo assim, suas palavras permanecem ecoando em minha mente e uma leve dúvida se apodera do meu coração. Eu não tenho escolhas a não ser pagar para ver.



A festinha corre de vento em popa e meu moleque não podia estar mais feliz. Além de ter o uniforme do Capitão América não parava de ostentar a cópia fiel do escudo do seu super-herói favorito. Olho o relógio por um segundo e bufo de ansiedade pela demora de Dornelles.

Será que ele não vem?

— Acalme-se ou vai ter um treco. — Lia me avisa roubando um dos brigadeiros da festa.

É o décimo desde que chegou e sorrio na certeza de que a família dela vai aumentar.

— Está tão na vista assim? — ela assente e

suspiro tensa. — Quando vai contar ao Davi que ele vai ser pai de novo? — ela quase engasga com o doce e agora sorrio ainda mais.

— Luma, não posso estar grávida. Laura não tem nem dois anos. — ela bufa contrariada observando a filha no colo da sogra.

— Melhor oras. Irmãos na mesma faixa de idade, eles serão unha e carne, como nós. — beijo sua bochecha e a sinto aflita. — Ei! Desculpe amiga. Não a quero triste, ok? — tento remediar minha brincadeira e ela parece a indecisão em pessoa.

— Será que o Davi vai gostar?

— Não fale bobagens, Lia. O Davi adora você, grávida ou não grávida. — repreendo-a num risinho debochado.

— Sei disso, mas não quero ter filhos que nem coelho — volto a sorrir do seu argumento e acho que a possível nova gravidez anda comendo seu cérebro.

— Lia, não está exagerando? Concorde que uma gravidez atrás da outra limita vocês de certa forma, mas é lindo poder observar o crescimento do amor de vocês através de uma nova criaturinha. E talvez você realmente nem esteja com um pimpolho

aí. Deixa rolar amiga. — solto sensata, enquanto ela me catuca nas costelas.

Olho para a porta e a imagem de Dornelles é praticamente um imã para os meus olhos. Simplesmente não consigo desviá-los.

— Vou deixar. Agora vai receber seu namoradinho antes que as mães das outras crianças se lancem sobre ele e não sobre nada pra você. — ela articula divertida e sigo na direção de Dornelles tentando controlar a queimação em meu rosto que já devia estar mais do que vermelho.

Seu sorriso é minha perdição e beijo o canto da sua boca de leve ao cumprimentá-lo, mas a vontade de mostrar a todos que ele é só meu grita em meu peito. Ainda não era hora.

— Que horas esse povo todo vai embora? — ele sussurra em meu ouvido e brinco rapidamente com o botão da sua camisa, sei que os olhos das pessoas estão sobre nós.

— Logo! Paciência! — ele assente e seu olhar é um misto de doçura e perspicácia, o conduzo pela mão até onde Rubinho está.

Meu garoto o abraça assim que o vê e a cena é um alento ao meu coração. Sinto os olhos do meu pai sobre mim e pela sua cara as coisas não

estão tão bem. Sei que ele não quer que eu me machuque novamente, mas também sei que tenho o direito de tentar. É minha vida e ninguém pode vivê-la por mim.

— E aí, garotão? Se divertindo? — Rubinho assente num sorriso, Dornelles o põe no chão, antes de puxar uma caixinha do bolso da calça.

— O que é tio Neles? — meu filho indaga curioso ao pegar o pacotinho nas mãos.

— Abre pra ver, rapaz. — Dornelles pisca em cumplicidade pra mim enquanto Rubinho descobre um mini canivete, seus olhinhos brilham em ansiedade sem saber manusear o objeto.

Instintivamente o tomo da sua mão com medo dele se machucar.

— Vou guardar pra você meu amor, quando ficar mais velho vai poder usar, ok? — foco meu olhar repressor no meu namorado que parece não ver mal algum no presente.

— Era do meu pai, amor! É uma lembrança importante pra mim, queria que fosse algo importante pra ele também. Qual o problema?

— Não quero meu filho brincando com nada que possa feri-lo Dornelles. Entendo que seja algo importante pra você, mas foi uma péssima

escolha. — retruco seriamente.

Seus olhos ganham uma coloração diferente da que estou acostumada, vejo seu maxilar trincar fortemente, é claro que Dornelles está incomodado por ter sido contrariado.

— Desculpe, ok? Não foi minha intenção, eu só queria... Eu vejo outro presente pra ele depois, tudo bem? — força um sorriso de lado e abraço seu corpo como quem busca abrigo em dia frio.

Após um pouco mais de uma hora, observo Rubinho bocejar e apesar da farra estar sendo boa, ele já está acostumado a dormir bem antes deste horário, então peço que as crianças presentes se juntem ao redor da mesa para cantar parabéns.

As luzes se apagam e o coro se inicia enquanto meu pai se ocupa em bater as fotos. Meu menino apaga as velas e ajudo-o a cortar o primeiro pedaço do bolo. Antes que eu possa perguntar para quem ele vai entregar, uma voz que há muito estava esquecida por mim paira no ar e todo o meu mundo para.

— Que tal o primeiro pedaço do bolo ser do papai?

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 6

Abalados

Em questão de segundos o ambiente ficou tão silencioso que eu saberia dizer, com certeza, o que qualquer um viesse a sussurrar, tamanha era a quietude em que nos encontrávamos. Eu não estava conseguindo acreditar no que estava vendo e muito menos no que acabara de ouvir.

O infeliz achou mesmo que poderia aparecer de uma hora para outra e tudo ficaria bem? Ele sabia que não e mesmo assim teve a cara de pau de aparecer. Meus olhos denotavam tanta raiva que mal percebi quando Dornelles se postou ao meu lado num apoio velado.

Ele sabia pouco sobre meu relacionamento com Donatello, mas após essa sessão de “*A volta dos mortos vivos*”, eu teria que explicar algumas coisas, só não seria agora. A única vontade que

tenho neste instante é de enforcar o lindo moreno em minha frente por ter interrompido o dia especial do meu filho.

— O que pretende vindo aqui? — minha mãe diz hostil, enquanto ele não lhe dava confiança, se movendo na direção do meu pequeno. Instintivamente, pego Rubinho nos braços, impedindo que Donatello chegasse mais perto.

De modo algum o queria perto do meu filho.

— Luma, não faz assim. Sabe que tenho o direito de vê-lo. — solta muito convicto do que fala, mesmo sendo verdade, eu não concebo tal situação.

— Não me interessa, Donatello. Vai embora daqui e nos deixe em paz. — grito com raiva, com ódio e com mais tantos outros sentimentos misturados em meu coração, só queria que ele sumisse outra vez.

— A gente precisa conversar. — ele insiste e dessa vez é meu namorado que toma as rédeas da situação.

— Olha, ela já disse que não quer. Não percebeu que aqui não é a hora e o lugar? — seu tom é calmo e por um instante Donatello olha

rapidamente ao redor, observando todas as pessoas a fitá-lo.

Algumas pareciam curiosas sobre o assunto que estava sendo discutido ali e outras, que já conheciam minha história, o fitavam com um imenso desprezo estampado em seus semblantes.

— Por que não vai embora e vocês continuam essa conversa outro dia, longe de todos? — Donatello sorri com desdém e seu olhar se fixa rapidamente nas mãos de Dornelles atreladas com a minha.

Sua língua continuava afiada.

— Saquei, Luma! Seu lance agora é com os mais velhos, não é? — Donatello debocha num sorriso aberto e meu coração dá um salto quando Dornelles acerta um murro certo, levando-o ao chão.

— Suma daqui, seu moleque. — meu namorado ordena ao mesmo tempo em que Donatello se preparava para revidar o golpe recebido.

Meu filho chora e meu pai interrompe todo o circo armado com irritação; o que poderia se tornar uma catástrofe ainda maior.

— Parem! Chega de espetáculos. Respeitem

o meu neto. — Seu Ramos grita num nervoso papável, enquanto os dois homens em minha frente arfam de raiva. — Você vai voltar outra hora, rapaz. — ele aponta o dedo para Donatello, o babaca apenas se mantém quieto. — Antes que eu mesmo meta a mão na sua cara. E você... — seu olhar é uma mistura de vergonha e desapontamento ao me fitar e imediatamente meu coração aperta. — Conversamos depois. Termine logo com isso. — ele encerra ao pegar o neto no colo e o leva para o quarto.

Suspiro ao passar as mãos em meu rosto, observo minha mãe se adiantar em tomar conta de tudo. Começa a distribuir o restante do bolo para as crianças, sigo para o lado de fora acompanhada de Donatello e do meu namorado.

— Desculpe, Luma! Não queria causar tanto transtorno. — ele diz como se fosse a coisa mais simples do mundo, agora sou eu quem meto a mão em sua cara.

— Seu canalha! — continuo a tentar socá-lo, mas sou contida pelas mãos de Dornelles quando estou prestes a desmoronar. — Que droga, Donatello! Quer me explicar o porquê dessa volta repentina? Agora que minha vida, que a vida do

meu filho vão tão bem? — praguejo com as mãos na cabeça, seu semblante permanece duro.

— Eu entendo que esteja com ódio de mim, e sei que fui um canalha como você disse, mas eu tenho os meus direitos Luma e quero desfrutar deles. — diz categórico, sorrio incrédula com o que ouço.

— Você não tem direito a nada. Me deixou sozinha, fez gato e sapato do que eu sentia por você e agora acha que tudo é questão de direitos? Pois enfia os seus direitos onde você sabe bem. — Donatello bufa num semblante sério, me aproximo, sem me importar com a presença de Dornelles. — Some da minha vida e da vida do meu filho, ele não precisa mais de você. — todos os meus músculos tremem, o vejo engolir a seco antes de exalar com força.

Donatello se afasta seguindo na direção do seu carro e antes de abrir a porta, volta-se pra mim.

— Eu quero conviver com meu filho Luma, e nem você e nem juiz nenhum no mundo vai poder me negar isso. — ele entra no carro e se vai, deixando um buraco em meu coração.

Isso não era justo.

Dornelles se aproxima e me abraça com

carinho, abafo meu rosto choroso em seu peito. Estou mais do que abalada com tudo isso, não faço mais ideia do que pode acontecer agora.

— Vamos dar uma volta! — ele diz compassivo e seguimos na direção do seu carro, ainda tento colocar minha cabeça em ordem.

Mando uma mensagem pra minha mãe avisando sobre minha breve saída e sou informada que todo mundo já foi embora. Pergunto do meu filhote, meu coração se acalma quando fico sabendo que ele já dormiu. Rubem não teria lugar melhor pra viver do que ao lado dos meus pais.

Sempre serei grata a eles por isso.

Dornelles para o carro numa área a céu aberto pouco movimentada em Primavera. É possível ver a lua com a sua magia e as brilhantes estrelas que lhe fazem companhia. Embora meu coração esteja num enorme conflito, tudo parece tão calmo.

— Se sente melhor? — indaga preocupadamente ao acariciar minha bochecha de leve.

Não sei distinguir o que se passa dentro de mim neste instante, tenho tanta vergonha de fitá-lo que apenas assinto com a cabeça para sua pergunta.

— Ei! — exclama ao levantar o meu rosto na sua direção, seu olhar me alivia a alma. — Confia em mim? — pede num murmúrio e encosto minha testa na sua, querendo apenas esquecer tudo o que aconteceu há algumas horas em minha casa.

Sinto seu perfume e nossos olhos se analisam num desejo recíproco, toco meus lábios de leve nos seus. Após alguns segundos, aprofundo nosso beijo, anseio apenas que esse momento deixe para trás toda a angústia que estou sentindo.

Temos uma urgência em comum em nossos corpos e minha pele parece queimar com seus beijos em meus ombros, em meu pescoço, o que me deixa fora dos meus sentidos.

Fora de mim.

Empurro seu corpo contra o banco sem me desvencilhar dos seus lábios e pulo em seu colo, ele arfa baixinho.

— Luma! — sussurra, enquanto puxo sua camisa.

Seus olhos estão fixos nos meus e torno a beijá-lo sem dar tempo para ele questionar mais nada.

— Eu preciso de você. Me deixa ter você, Dornelles. — peço com a voz entrecortada e me

PERIGOSAS NACIONAIS

livro do meu vestido.

Seus olhos brilham ao me ver despida de qualquer pudor e sua boca toma a minha de assalto com voracidade. Arqueio meu corpo dando passagem pra ele e nos conectamos de maneira ímpar, como há tempos não sentia.

Suas mãos percorrem cada milímetro das minhas curvas com suavidade e seus beijos calorosos são capazes de me lembrar o quanto eu ainda podia ser desejada.

Amada.

E acima de tudo que eu poderia ser mulher, sem nenhum medo de cometer loucuras como estou fazendo agora dentro desse carro.

A sensação é simplesmente sublime e não me recordava o quanto ter esse contato de peles num único ritmo era bom.

Chegamos ao nosso clímax e enterro meu rosto no peito dele, tentando recuperar meu fôlego. Sua boca mordisca a ponta do meu queixo e seu olhar é uma mescla de admiração e dúvida.

Não sei decifrar o que está se passando em sua cabeça, mas eu ainda continuava dona do meu próprio destino.

Dona de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E essa certeza era o que me bastava por hora.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Dúvidas

Dornelles enrosca os dedos por entre os meus cabelos fazendo ondinhas enquanto encosto minhas costas ao seu peito, no banco do seu carro. A sensação é muito agradável que juro poder dormir ali por horas, de tão confortável que é a minha posição.

— O que pretende fazer agora? — sua voz é tensa e sinto todos os seus músculos enrijecerem com o assunto.

— Não posso simplesmente impedi-lo de ver o filho, embora eu queira. Mas acho que isso é fogo de palha, é só pra me afrontar. — tento acreditar nisso ou minha vida se transformará num grande inferno. — Preocupado? — meu coração aperta com o que vou ouvir e respiro pesadamente.

— Desde que ele não banque o engraçadinho de novo — sei que está sorrindo pelo

sobe e desce em seu peito, mas a tensão ainda é perceptível. — Você ainda sente alguma coisa por ele? — seu tom não é uma cobrança, mas vejo toda a incerteza que ele sente ao fitar o fundo dos seus olhos quando me viro para encará-lo.

Ele me olha atentamente e toco sua face de leve, fazendo-o fechar os olhos.

— Sei que é complicado não pensar nisso quando algo assim acontece, Dornelles. Só peço que tenha paciência comigo agora. — ele bufa contrariado e se remexe no banco de modo que preciso me levantar para ele se ajeitar.

— Isso não é resposta, Luma. — diz colocando sua camisa num semblante irritado e reviro os olhos. Por que Donatello tinha que aparecer justo agora? Não podia ter ficado no inferno em que estava? — Vou te levar pra casa. — diz seco e o fito com carinho.

— Por favor, não faz assim. Não vamos estragar o que acabou de acontecer, foi tão mágico, Dornelles. — ele me olha com esforço para não estourar de ciúmes e beijo o canto da sua boca. — Tudo bem? — ele assente mesmo insatisfeito e seguimos pra minha casa num silêncio confortável.

Esperava apenas ter que dar conta de

qualquer infortúnio pela manhã.

Entro em casa tentando mascarar meus passos e rezo internamente para que meus pais já estejam dormindo. Já é quase uma da manhã e embora já esteja bem crescadinha, não quero dar margem para sermões.

Ledo engano.

— Podia ter nos contado que estava namorando. — meu pai acende as luzes e não tenho como escapar do flagra. Ele está sentado no sofá com um semblante duro e me movo até ele dando um suspiro, melhor colocar tudo em prato limpos.

— Desculpe! Não era minha intenção enganá-los. — sento-me ao seu lado e seu olhar se torna tenro em segundos.

— E qual era? — indaga com perspicácia, sorrio de lado sem saber o que responder.

A realidade é que fiquei com tanto medo de ser repreendida por eles que apenas deixei o barco rolar, achando que não faria mal.

Mas fez.

Se acontecesse outra vez, eu poderia perder confiança deles e não queria passar por isso de novo.

— Eu não sei pai, não queria ser julgada por

vocês. — solto francamente e o velho tem um olhar triste pra mim.

Dói minha alma encará-lo assim.

— Sei que errei em algumas atitudes quando soube da sua gravidez, mas as coisas estão diferentes agora Luma. Você tem se esforçado para terminar sua faculdade, pra dar um futuro decente pro seu filho, mas não desse jeito. — ele altera um pouco o tom e começo a me cansar desse papo de como eu devo ou não levar minha vida. No entanto, permaneço calada ouvindo. — As pessoas estão falando sabia? — franzo a testa com indignação e ele continua. — As senhoras que vão à missa já comentaram com sua mãe sobre seu namorico com o professor. Você já está na boca do povo, filha. — ele solta horrorizado e me levanto num rompante, sem paciência alguma.

— E o que essas fofoqueiras têm a ver com a minha vida, seu Ramos? Ninguém paga as minhas contas, ninguém além de vocês tomam conta do meu filho, ninguém passa horas enfurnada naquele quarto estudando que nem uma doida pra conseguir passar de semestre. Estou pouco me lixando para o que esse povo diz, pai. E vocês também não deviam ligar. — praguejo num misto de raiva e vergonha

por eles passarem por isso, por conta de pessoas que não tem o que fazer da vida.

— Acontece que eu ligo, Luma. — solta severo, fico totalmente constrangida em fitá-lo.

Sei que ele está sendo quadrado e preconceituoso, mas também sei que nunca fui de dar problemas pra eles. É complicado tentar tomar as rédeas da nossa vida quando outras pessoas depositam expectativas além de nós mesmos no que devemos fazer ou seguir.

— Não vou ser contra esse relacionamento de vocês, mas não pode me obrigar a aceitá-lo. — diz ajeitando o roupão de dormir e suspiro impedindo-o de ir para o seu quarto.

— Pai! Eu entendo os seus medos e lamento pelo senhor e pela mamãe estarem passando por qualquer tipo de constrangimento, mas é sério. Eu gosto dele e não vou terminar com Dornelles por que ele é meu professor na faculdade. Estamos bem, a reitoria não se importou com o nosso relacionamento, desde que ele mantenha a ética dentro do estabelecimento de ensino e não devo nada pra ninguém dessa cidade. — ele parece surpreso por estar sendo retaliado pelo meu argumento, assente ao balançar a cabeça de leve. —

Não os quero chateados comigo, estou tentando viver minha vida como o senhor mesmo disse. Não vire as costas pra mim, por favor. Não de novo! — minha voz cai uma nota, acompanho uma ruga sutil de reconhecimento em ter sido duro comigo se fincar entre suas sobrancelhas.

— Está bem, Luma! Está bem. Só não quero que se envolva em problemas, filha. Já basta a volta desse bastardo na sua vida e na vida do meu neto. — solta indignado, dou um beijo de leve em sua face.

— Pode deixar comigo, seu Ramos. Eu sei me cuidar. — me esforço num sorriso fraco, mas espero fervorosamente que Donatello resolva brincar de casinha em outro lugar.

Meu pai segue para o seu quarto e sigo para o meu, onde meu pimpolho dorme tranquilamente na minha cama. Dessa vez não faço questão de colocá-lo no quarto dele, preciso senti-lo pertinho de mim depois de tudo. Vou para o banho com a cabeça fervilhando e só quero que a vida possa me dar uma trégua amanhã.

Olho-me no espelho e por um segundo revejo a mesma menina assustada de três anos atrás. Sinto-me acuada, com medo e magoada por

tudo o que passei.

Do jeito que a carruagem está andando, já consigo prever muitos dias difíceis.

Saio do banho e me aninho ao lado de Rubinho que continua a dormir como um anjo. Como é bom ser criança nessas horas e não se preocupar com as agruras da vida. Faço um carinho em seus cabelos e observo cuidadosamente o quanto ele se parece com Donatello, apesar de ter meus olhos e cor de cabelo.

Um medo momentâneo de que ele leve a ideia de direitos paternos adiante me assola e não sei se posso suportar, por ventura, uma batalha judicial. Estava mais do que na cara que ele agora estava à frente dos negócios da família, portanto, com mais condições financeiras do que eu.

A imagem dele vem em minha mente como num flash e não consigo evitar reconhecer o quanto ele parecia mais maduro e mais homem há poucas horas.

O rosto fino ganhou uma barba rala e bem feita, enquanto os cabelos, antes rebeldes, agora estavam alinhados e bem cortados, sem falar no lindo sorriso que era capaz de tirar de mim o que quisesse, apenas com seu brilho.

Incrível imaginar que tudo aquilo que eu sonhava ruiu de tal forma a me deixar sem chão, sem esperanças e sem coragem para amar outra vez.

Eu estava perdida e demorei muito tempo para me reencontrar, não era a volta de Donatello que iria me perturbar.



Chego para mais um dia de aula e estranho Dornelles ainda não estar na sala. Olho o meu relógio para verificar o horário e percebo que não sou eu quem está adiantada, mas sim ele que se atrasou, quando na verdade é sempre ao contrário.

Observo rapidamente ao meu redor e encontro Murilinho ouvindo música, totalmente apartado do mundo. Levanto-me num pulo e vou até ele, puxando seus fones num rompante.

— Droga Luma! Na melhor parte não! — ele reclama, enquanto procuro ser discreta no que quero saber.

— Desculpe. Cadê o professor Dornelles?

PERIGOSAS NACIONAIS

— sussurro, enquanto ele sorri com sarcasmo.

— Seu namoradinho? — faço um sinal com a boca para ele ser discreto, ele para de sorrir, levantando os ombros sem saber.

De repente, a porta se abre e um loiro baixinho e barrigudo adentra na sala, esfregando seus óculos de modo irritado. Meu coração dispara feito uma bala e temo pelo o que ele possa dizer.

— Pessoal, bom dia! Eu sou o professor Miranda e tenho algo importante a dizer para vocês. O professor Dornelles teve problemas pessoais a resolver e de hoje em diante eu estarei à frente das aulas dele... — não o deixo terminar, tamanha é a minha apreensão.

— E quando ele volta? — a maioria da sala se vira pra mim, mas não ligo.

Só preciso saber o que está acontecendo.

— Acho que não entendeu, na verdade eu ainda ia chegar lá. O professor Dornelles não trabalha mais nessa instituição de ensino. — meu coração dá um tranco e sinto minha boca secar.

Paro de pensar e minhas pernas se movimentam mais rápido do que algum raciocínio lógico, parto numa corrida solitária pelos corredores da faculdade. Tudo o que necessito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora são respostas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Pratos Limpos

Entro abruptamente na sala da reitoria e não me importo com a cara de poucos amigos do docente encarregado da administração da faculdade.

Seu Aurélio é um senhor já na casa dos setenta anos e muito conservador pelo o que dizem. Nunca precisamos trocar mais do que um cumprimento, mas agora, minha apreensão pela situação em que me encontro demanda bem mais do que isso.

— Desculpe, professor Aurélio. Mas preciso saber o que aconteceu com o professor Dornelles. Ele foi demitido? — procuro ser o mais objetiva possível, nunca fui fã de rodeios.

O homem dispensa alguns colegas que se encontram na sala num gesto com as mãos e

demonstra bastante incômodo com minha pergunta.

— Primeiro: bom dia pra você também, Luma. Segundo: a educação rege que devemos bater à porta antes de entrar e terceiro: pensei que o professor Miranda tivesse explicado tudo. — ele sorri muito convicto do seu argumento e suspiro antes de voltar a falar.

Estou possessa com todo esse circo, mas não posso perder a linha com o reitor quando falta tão pouco para me formar.

— Explicou em termos, mas não disse o porquê do professor Dornelles ter saído da faculdade — o velho contorce a boca numa expressão contrariada e termino meu raciocínio. — Houve algum fato que possa ter contribuído para essa saída?

— Não tenho obrigação de falar a respeito disso, menina, mas o farei — diz empertigado na cadeira fofa. — Apesar de não ter sido contra o relacionamento de vocês, não pude deixar de analisar as críticas que chegaram aos meus ouvidos — começo a entender aonde isto vai chegar e franzo minha testa já esgotada de tanta intriga. — Quando esse tipo de coisa acontece, pode manchar o nome da instituição e isso é inaceitável. — o

reitor aparentava ter uma opinião formada.

— Alguém fez alguma denúncia?

— Foi levantada a hipótese de que o professor Dornelles estivesse beneficiando alguns alunos, e analisando seu histórico em particular, Luma, nos últimos dois meses, sua melhora considerável deu margem para... — interrompo-o indignada.

— Para constatar que minhas notas aumentaram? — sinto que meu ponto de vista está certo por conta da rigidez em sua face, não me conformo com o tipo de critério usado pelo reitor. — Não pode condicionar a melhora no meu rendimento ao meu relacionamento com o Dornelles, professor Aurélio. Além de desmerecer meus esforços, isso não é verdade. — Argumento, enquanto ele começa a remexer em sua gaveta e coloca sobre a mesa minhas últimas duas provas.

— Como você explica o fato do professor Dornelles ter repetido a mesma matéria na segunda avaliação, quando já havia iniciado uma nova grade de matérias? Todas as questões foram repetidas, Luma, e se não foi para beneficiar você, a quem foi? — infelizmente, não posso contestá-lo.

Dornelles realmente facilitou a minha vida,

mas não aceito que seja motivo suficiente para demissão.

— Não tenho como negar, professor Aurélio. Mas isso foi antes de iniciarmos qualquer coisa, aliás, não fui a única beneficiada nesta história. Pode comprovar na nota dos outros alunos — tento convencê-lo, mas sua fisionomia deixa claro que pensa exatamente o contrário. — Nunca desrespeitamos a instituição, professor Aurélio. Tudo não passa de uma grande injustiça com o professor Dornelles.

— Isto é respeito, Luma? — engulo a seco com a imagem que passa em seu celular e lembro bem onde e quando o beijo que rola na tela aconteceu. Foi a última vez que nos beijamos dentro da sala de aula. Meu queixo cai e não tenho mais argumentos a nosso favor.

— Eu sinto muito por isso. — admito num suspiro.

— Situações como essas são inadmissíveis. O professor Dornelles foi demitido por justa causa. Agora é melhor voltar para sua aula, mocinha. Fique satisfeita por não ter levado nenhuma suspensão. — sou obrigada a obedecer e apenas lamento não poder ajudar Dornelles.

Volto para a aula do professor Miranda e mal tenho tempo de sentar em minha carteira; quando ouço a voz irritante de Luísa, a loira falsa que adora pegar no pé, soar em meus ouvidos.

— Ah, Luma! Não fique tristonha. Professor como o seu namoradinho, não fica muito tempo desempregado, sabe por quê? Tem um monte de alunas que adorariam ter uma aulinha particular com ele. — ela faz troça; e meu sangue pulsa fortemente em minha cabeça.

Eu já devia adivinhar.

— Então foi você que gravou a gente juntos? — acuso-a, enquanto ela desdenha num sarcasmo gritante.

— Nossa! Tem até vídeo agora, Luma? Cuidado! Daqui a pouco pode vazar nas redes, sabe como o povo é maldoso, não é? — é a gota d'água pra minha pouca paciência e a seguro pelos cabelos com força.

Luísa choraminga, mas aperto ainda mais seu couro cabeludo; enquanto mantenho nossos rostos bem próximos.

— Eu te avisei pra me deixar em paz, sua cobra oxigenada. Por que não consegue ver ninguém feliz? — esbravejo com raiva e logo

somos apartadas pelo professor Miranda.

— Mas o que é que deu em vocês duas? Parecem crianças. — ele se interpõe entre nós e a loira falsa tenta ajeitar os fios no lugar, arfo de ódio.

— Droga, Luma! Fui ao cabeleireiro ontem — ela murmura. — Não tenho culpa se vocês são descuidados, deviam prever que isso aconteceria. — não consigo mais manter o controle e parto outra vez pra cima dela.

— Sua vadia, invejosa, infeliz. — o professor me segura e meu único desejo agora é de esganá-la.

— Parem ou as duas vão levar uma suspensão de 15 dias. — perco a cabeça por um segundo e Murilinho surge na minha frente em apoio. — Está dispensada da minha aula hoje, Luma. Pode ir. — hesito por um instante, mas o melhor que posso fazer neste momento é esfriar a cabeça e descobrir aonde meu namorado anda.

Junto meu material na mochila e saio da sala com os pensamentos em ebulição. Se não bastasse a volta repentina de Donatello, ainda tinha que lidar com uma garota mal amada que resolveu me atormentar. Pensei que minha cota de

pagamentos já havia cessado, mas parece que não.



Pago o taxi e sigo em passos firmes até a porta da casa de Dornelles.

Não conseguiria ficar tranquila sem vê-lo, então estou aqui com o coração na boca e uma imensa preocupação em meu peito. Respiro fundo e toco a campainha na espera que ele esteja bem mais calmo do que eu.

Aguardo alguns segundos após tocar a campainha e quando a porta se abre, seu semblante abatido me deixa desconcertada.

— Oi! — sussurro ao abraçá-lo com força; enquanto seus músculos relaxam em contato com meu corpo. — Como você está? — indago, acariciando sua nuca e Dornelles exala antes de beijar o meu pescoço de leve.

— Tentando me organizar Luma, coisa que não será muito fácil. — ele coça a testa sem jeito e em seguida; franze as sobrancelhas pra mim. — Não devia estar em aula nesta hora? O que faz

PERIGOSAS ACHERON

aqui? — questiona ao olhar seu relógio e me movo até uma das cadeiras em sua sala.

— Tive um pequeno problema com a Luísa; e o seu substituto me deu folga o resto da manhã. — ameaço um sorriso.

Dornelles se agacha próximo a mim na cadeira, seu olhar é carinhoso e toco sua face com carinho, ele toma minha outra mão na sua.

— Não a quero se metendo em confusão por minha causa. É uma situação muito complicada, mas vou passar por esta, como já passei por outras. Entendeu? — ele beija a ponta do meu nariz e volto a abraçá-lo.

— Fiquei apavorada quando não te vi na sala hoje. Achei que tinha me abandonado também. — seu olhar é de uma confiança contagiante e suas mãos seguram meu rosto delicadamente.

— Isso nunca irá acontecer, Luma. Acredite em mim, ok? — ele pede num sorriso e mesmo sem muito ânimo, consinto ao sorrir de volta.

Seus lábios tocam os meus e sei que com ele ao meu lado, todo o esforço vale a pena.

— Sinto muito pela sua demissão. — digo ao remexer em seus cabelos sedosos.

— Eu também. Perdi um pouco o prumo

com essa situação, não esperava por isso e vou precisar remanejar meus gastos de agora em diante. Ao menos, até conseguir um novo emprego. Estava esperando passar o horário das aulas pra te contar.

— E o que você vai fazer? — pergunto enquanto Dornelles suspira ao se afastar e vejo o quanto está tenso com tudo o que aconteceu.

— Correr atrás do prejuízo. Se ao menos não tivessem provas. — solta, esfregando os olhos e a raiva volta a me consumir.

— Ainda bem que meti a mão naquela loira azeda. Acho que agora ela nos deixa em paz — meu tom é de satisfação, mas não é o mesmo que observo no semblante fechado do meu namorado. — O que foi, Dornelles? Desculpa, mas não consegui me segurar.

— Não foi a Luísa que mostrou o vídeo ao reitor. Foi seu ex-namorado, Luma. — meus olhos faíscam de ódio e todo o meu corpo estremece de repulsa. — Eu o vi saindo da reitoria assim que fui chamado. — ele explica e não dou tempo para mais nada.

— Preciso ir. Vejo você depois, ok? — aviso dando um selinho sem dar atenção aos seus chamados antes de atravessar a porta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Luma, aonde você vai? Luma? — ele grita, mas não o respondo.

Tenho outra coisa para resolver e cortar o mal pela raiz sempre foi uma das minhas praticidades.

Agora não será diferente.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Decisões de risco

Assim que saio do elevador; passo como uma bala por todas as pessoas que encontro, adrenalina corre em minhas veias como um veneno.

Não quero saber se estou sendo ou não mal educada, tudo o que me importa é desentalar o que está na minha garganta; me sufocando além do que consigo suportar. Definitivamente, esse filho da mãe mimado não vai destruir a minha vida e a do meu filho. Isto; não vou deixar mesmo.

— Não pode entrar aí, senhora. — não dou ouvidos à voz da secretária, que tenta a todo custo barrar a entrada, forço a enorme porta de madeira, encontro Donatello bem no meio de uma reunião.

Os olhos de todos recaem sobre mim e percebo no olhar do moreno o quanto está surpreso com a visita inesperada em uma de suas empresas.

Permaneço imóvel, esperando por uma reação dele e; em poucos segundos o vejo se dirigir aos empresários na sala.

— Desculpem senhores! Podem esperar alguns minutos lá fora, por favor? — seus olhos estão vidrados nos meus e além de vergonha, observo apreensão. Os homens saem de cena e ameaço alguns passos pelo ambiente, onde a maioria das coisas denotam frieza e distância. — O que quer, Luma? — Donatello pergunta ao se levantar da cadeira e colocar as mãos no bolso em sinal de cansaço.

Quanto cinismo.

— Vim aqui pra olhar bem na sua cara e avisar pela última vez, Donatello! Deixa a minha vida e a do meu namorado em paz! — digo com firmeza e um sorriso desdenhoso contorna o canto da sua boca; me deixando mais irritada.

— Ah! O velhote já foi chorar no seu ombro? Que comovente! — ele sorri com deboche, me aproximo tentando manter o controle pra não voar em cima dele.

— Como conseguiu o vídeo? Por que atacar Dornelles dessa forma baixa, Donatello? — questiono severa; enquanto seus dentes se apertam

de raiva.

Quase consigo notar o ciúme em seus lindos olhos, mas existe bem mais que um leve despeito ali. Existe ódio e isso me assusta por um segundo.

— Não imagina como é fácil nos dias de hoje encontrar um detetive competente nesta cidade, eu fiquei impressionado. — respiro fundo e Donatello se movimenta de volta até a cadeira, olhando alguns papéis por alto. — Sabe dos meus direitos, Luma! — solta decidido. — Não vou abrir mãos deles.

— Ele perdeu o emprego, Donatello — minha voz sobe uma nota e ganho sua atenção outra vez. — Porque fez isso?

— Porque não quero ninguém ocupando um espaço que é meu, Luma — o garoto por quem um dia fui apaixonada brada com rompante, começo a arfar quando seus passos o trazem até mim. — Era pra ser eu ao seu lado na festa do nosso filho. Eu que devia receber seu sorriso, seus beijos. Eu, Luma. Mais ninguém. — levo dois segundos pra retrucar e neste momento a boca dele cola na minha sem permissão, o empurro pra longe num reflexo.

— Merda, Donatello! O que pensa que está fazendo? — limpo meus lábios rapidamente com as

costas da mão, embaraçada com sua ousadia.

— Tentando descobrir se ainda tenho alguma chance. Mas acho que não, certo? — suspiro com a incredulidade em seu rosto, sorrio internamente ao perceber que toda aquela paixão desenfreada passou.

Não sobrou nada e nem mesmo esse beijo foi suficiente para despertar algo em meu coração. Finalmente estou livre para amar de novo.

— Você perdeu essa chance há cinco anos, não tem como voltar no tempo. — pondero secamente antes de exalar de modo profundo. — Olha, Donatello, brigar não vai nos levar a lugar algum. Volta pra sua vidinha de herdeiro bom partido e me deixa viver em paz com meu filho, pelo amor de Deus. Não precisamos de você e nem da sua família. — argumento; na tentativa dele ser sensato, mas na verdade, sua fisionomia dura apenas demonstra querer saber o quanto mais nós podemos aguentar.

— Não pode negar todos os direitos que essa criança tem, Luma. Ele é meu único herdeiro e vou lutar até o fim para que ele tenha uma boa educação, cultura de qualidade e saiba como cuidar do patrimônio dele quando for necessário. Dessa

forma, é melhor ficar ciente: vou entrar na justiça pela guarda do meu filho. — pisco algumas vezes pra confirmar o que acabo de ouvir e minhas pernas falseiam enquanto meu coração falha.

É definitivamente uma punhalada no peito.

— Não está falando sério, Donatello. — levo as mãos à cabeça e todo meu sangue parece congelar. — Não pode fazer isso. — já não consigo segurar as lágrimas que sem querer minam dos meus olhos.

— Posso e vou, Luma. — diz seriamente, não quero acreditar no que está acontecendo. — Estou partindo para a França esta noite e quando voltar, essa será minha maior prioridade.

— Sabe que não é justo. Nenhum juiz irá concordar com isso. — digo totalmente insegura, sua expressão dura me abala instantaneamente.

— Eu pago pra ver. — sinto minhas energias sendo drenadas, saio em disparada pela porta numa corrida contra os meus medos.

Preciso urgentemente de ar.

As lágrimas continuam a escorrer em minha pele, meu coração parece que vai explodir de tanto que bate desenfreadamente.

Não consigo ordenar os pensamentos e

assim que passo pela portaria, trombo num estranho, jogando todos os seus papéis ao chão. Não o ajudo e tampouco gasto tempo tentando me desculpar. Volto a correr sem direção pelas ruas e pego o primeiro táxi que encontro.

Não digo o meu destino, mas isso não importa agora. Só desejo encontrar uma saída para esse buraco sem fundo.

Ligo para Dornelles, mas só dá caixa postal e uma agonia se infiltra rapidamente em meu íntimo. Não posso deixar que Donatello tire meu menino de mim. Ele é o meu bem mais precioso e jamais vou deixar que isso aconteça. Fecho os olhos com força na ânsia de me acalmar e uma ideia estapafúrdia pisca em minha mente em questão de segundos.

De certo não é minha melhor opção, mas não vejo alternativa para o que está acontecendo e passo as coordenadas de onde quero chegar ao motorista.

Bato fortemente na porta, estalo os dedos das mãos na expectativa de Lia ainda estar em casa. Ultimamente ela tem viajado com Davi e não nos falamos há alguns dias, não faço a mínima ideia se ela está em casa. Poderia ter ligado pra confirmar,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas talvez minhas esperanças se esvaíssem, por isso prefiro arriscar de uma vez.

— Luma! O que houve? — Lia questiona assustada com minha fisionomia tensa e adentro sua casa como uma bala sem mais cerimônias.

— Preciso de ajuda, Lia! Preciso de algum dinheiro pra me manter durante alguns meses e de uma passagem pra bem longe. — digo num fôlego só, minha amiga franze as sobrancelhas ainda sem entender o que estou dizendo.

— Espere aí, Luma. Fique calma. Pra quê precisa disso tudo, assim de repente?

— Lia só diz se pode ou não, ok? Senão darei um jeito. — faço menção de ir embora, mas ela segura meu braço com força, olhando no fundo dos meus olhos.

— Sabe que faço o que for por você e te mando até pra lua se for preciso, mas tem que me dizer o porquê Luma. Você sabe que pode confiar em mim. — a loira pede serena, meus olhos marejam de imediato.

— Donatello vai entrar na justiça pedindo a guarda do Rubinho. Eu não posso deixar, Lia. — seu semblante é de espanto e em dois segundos a vejo revirar os olhos com entendimento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah não, Luma! — Lia suspira, engulo a seco antes de confirmar seus pensamentos.

— Eu vou fugir com meu filho. — solto decidida sabendo que esta é a única solução que tenho no momento.

E vou aproveitá-la antes que seja tarde demais.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Peito aberto

— Obrigada, amiga! — abraço Lia com força após ela me ceder um cheque polpudo e sei que nem em dez anos vou ser capaz de pagá-la.

— Avisa assim que se instalar, Luma! Não me deixe ainda mais preocupada. — ela pede esfregando os dedos numa expressão assustada, beijo sua face com carinho.

— Você é a melhor pessoa que eu podia conhecer, Lia. Amo você! — digo num sorriso sincero e ela apenas sorri de lado, mas vejo o quanto está sofrendo por mim.

Sei que não é justo colocá-la nessa confusão, porém não encontro nenhuma alternativa melhor.

Quando estiver instalada com Rubinho

posso analisar as minhas opções, mas no momento tudo o que preciso é sumir das vistas de Donatello e da família podre dele.



Entro em casa tentando manter a normalidade das coisas e logo minha mãe vem no meu encalço. Não será nada fácil esconder algo desse tipo dela.

— Está tudo bem, filha? — Dona Íris pergunta sagaz e evito manter contato visual.

— Claro, mãe! Por que não estaria? — sorrio amarelo ao pegar Rubinho no colo e dou um cheiro em seu cangote, diante do olhar desconfiado dela que averigua rapidamente meu quarto.

Seus olhos encontram minha bolsa entreaberta e embora ela não fale nada, sua fisionomia muda drasticamente em segundos. Ninguém, exceto Lia, me conhece tão bem quanto minha mãe. Mas se contar o que pretendo fazer, posso colocar tudo a perder e não aceito isto.

Então, permaneço no meu nítido

PERIGOSAS ACHERON

fingimento.

— Não sei, Luma. Só uma coisa momentânea que passou pela minha cabeça agora, mas deve ser bobagem minha, não é? — ela sorri num olhar triste, hesito dois segundos antes de respondê-la.

— Com certeza, mãe! Não se preocupe — digo serena ao tocar seu ombro de leve. — Nós vamos ficar bem, ok? — ela assente num longo suspiro e caminha em passos lentos até a porta de saída.

— Aproveite enquanto o jantar está quente. Depois que fica frio, o sabor nunca mais será igual. — sinto o duplo sentido em sua frase e inicio a arrumação da minha mala após ela fechar a porta.

Coloco somente o suficiente para uma emergência e logo depois faço também a mochilinha do meu pequeno. Quando chegarmos onde for seguro, compro o necessário com o dinheiro que Lia me deu.

Enrolo tudo num lençol e lanço para debaixo da minha cama. É mais seguro por hora e não corro o risco de discussões desnecessárias com meus pais.

— Luma, vem jantar! — meu pai grita da

sala e dou mais uma olhada no meu anjinho dorminhoco antes de descer as escadas. — Que demora, filha! É melhor esquentar no micro-ondas. — aconselha, já terminando sua refeição.

— Não precisa, pai. Não vou comer muito mesmo. — também evito fitá-lo, mas tenho certeza que meus velhos estão se encarando com confusão neste momento.

Principalmente porque esse não é o meu modo de agir, muito menos na hora das refeições.

— Vamos lá, Luma! Qual o problema desta vez? — mal engulo a comida e ela parece travar em minha garganta com a pergunta do seu Ramos.

Mordo o lábio inferior com força e suspiro fundo largando o garfo no prato antes de falar.

— Fui falar com Donatello e me estressei. Foi só isso. — olho meus pais com a cara fechada esperando dar fim ao assunto.

— Por que foi procurá-lo, filha? Esse cafajeste só quer uma oportunidade pra se aproximar. — minha mãe me repreende, bufo insatisfeita enquanto meu pai segue no mesmo ritmo.

— Não quero nem você nem meu neto perto dele, Luma. Se procurá-lo de novo... — levanto

num rompante já cansada com toda essa história e observo o espanto tomar conta de suas fisionomias.

Eles se mantêm calados, me refreio em dar alguma explicação sobre o assunto.

— Com licença. Boa noite! — digo ao lançar o guardanapo sobre a mesa e me retiro da sala quando alguém bate na porta.

Paro meus passos na escada e sinto uma imensa raiva de mim mesma, ao ouvir a voz suave de Dornelles em minha casa.

Tinha me esquecido completamente dele.

— O que quer aqui, rapaz? — reviro os olhos com a interferência do meu pai.

“Droga!”

Volto até a sala em passos rápidos antes que meu lindo ex-professor seja comido vivo pelo meu velho.

— Está tudo bem, pai. Eu cuido disto. — afirmo puxando Dornelles pela mão casa adentro, sem me preocupar com a opinião dos meus pais.

Sei que vou ouvir depois, mas não posso esperar para conversar com ele, seguimos pela escada até meu quarto.

— Não imaginei conhecer seu quarto assim! — ele me lança um sorriso malicioso e bato de leve

em seu ombro quando entramos. Cruzo meus braços num semblante incerto e Dornelles admira meu espaço por um segundo antes de sentar na borda da cama. — Nada pra me dizer?

— Desculpas? — solto entre dentes e Dornelles faz uma careta cínica de quem sabe que estou mentindo.

Sei que não dá pra fugir desta situação e engulo em seco por um instante enquanto sento ao seu lado. O curto silêncio me incomoda e penso por um momento se conto ou não a verdade.

— Olha! — Dornelles inicia e me sinto mal de acompanhar a angústia em seu rosto maduro. — Eu não quero bancar o ciumento, Luma. Mas você saiu às pressas, não consegui te ligar de volta, eu fiquei preocupado.

— Fui falar com Donatello. — digo de uma vez e sua expressão rapidamente se fecha. — Fui questionar porque ele quer tanto te prejudicar e mandá-lo parar com essa palhaçada toda.

— Isso não é difícil de adivinhar, amor, ele quer você de volta. — seu olhar é de uma insegurança sem tamanho e passo a mão suavemente em seu rosto.

— Se o problema fosse só esse, Donatello

passaria o resto dos dias esperando. Sentado. — sorrimos de lado e beijo sua boca de forma lenta, procurando forças para seguir adiante.

— O que mais? — indaga sem tirar seus olhos dos meus e suspiro ao me levantar.

— Ele quer a guarda do Rubinho, Dornelles. — meu namorado me olha compassivo e sinto as lágrimas se formarem em meus olhos contra a minha vontade. — Não vou deixar que ele tire meu menino de mim, não vou. — Dornelles se move na minha direção, seus braços são um alento para minha descontrolada fragilidade.

— É claro que não, meu amor. O máximo que ele vai garantir é a visita ao seu moleque. Com dia e hora programados. — embora saiba que por lei as coisas teriam que ser assim, não consigo confiar em suas palavras.

— Você não conhece o Donatello e nem a mãe dele, Dornelles — digo ao me afastar. — Não vai ser difícil encontrar um juiz manipulável neste país, ainda mais com a influência que a família Aguiar tem. É uma guerra perdida, não posso me arriscar. — o entendimento do que quero dizer toma seu rosto devagar, levo as mãos à cabeça numa postura desconsolada.

— Você já tomou uma decisão, não é? A pior delas, Luma. — Dornelles afirma e não contesto.

— Vou embora com meu filho amanhã cedo. Quando Donatello voltar na segunda-feira, já estarei bem longe dele.

— E bem longe de mim. — solta ferido e não posso culpá-lo por se sentir magoado. — Quando você ia me contar, Luma? Se é que ia. — permaneço muda e me sinto a pior pessoa da terra. — Droga! Você não ia, não é? — diz estarrecido.

— Não conseguiria ir embora se te visse. Não estando pronta pra partir.

— Por quê? — sempre fui difícil de admitir certas coisas, mas agora com toda esta turbulência, não quero deixar nada escondido dele.

Muito menos meu coração.

— Porque estou apaixonada por você. — solto sem rodeios enquanto vejo em seus olhos toda a doçura que me encantou. — Satisfeito? — cobro fragilmente.

— Totalmente. — Dornelles avança na minha direção e toma minha boca na sua com avidez. Tudo parece se acalmar dentro de mim e só uma sensação de leveza me invade. Como eu queria

PERIGOSAS NACIONAIS

permanecer assim pra sempre.

— Dornelles...

— Não vai, Luma! — diz segurando meu rosto em suas mãos, tentando encontrar outra solução quando só vejo uma.

— Não dá, Dornelles. — fujo das suas mãos e o fato de estarmos num beco sem saída me consome.

— Se procurarmos um advogado, um bom advogado... — o corto.

— Mesmo que quisesse, não tenho como pagar, Dornelles. Sei que quer ajudar, mas não posso ficar esperando. Assim que Donatello voltar, ele vai até o juiz e eu posso te afirmar que em menos de 24 horas perco o Rubinho. E garanto: isso não vai acontecer. — a raiva sai junto com as minhas palavras, tudo volta a ficar silencioso até uma batida na porta chamar nossa atenção.

— Luma! — arfo ao ouvir a voz da minha mãe, Dornelles continua a me fitar com apreensão.

— Sim, mãe! — a porta se abre devagar e a expressão assustada dela me deixa em estado de alerta. — O que houve, mãe? É o pai? — indago com preocupação e dona Íris caminha até onde está minha televisão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que precisa ver isto. — solta com a voz trêmula e a imagem de um incêndio aparece na tela.

Dornelles e eu nos aproximamos da TV, aumento o som ainda sem acreditar no que está acontecendo.

“Ainda não se tem informações sobre o que poderia ter causado o acidente, mas o fato é que o empresário Donatello Aguiar e sua mãe, Sofia Aguiar morreram no desastre com o jatinho particular, o piloto e o copiloto também morreram. Mais informações a qualquer momento.”

Subitamente uma fraqueza me acomete e meus olhos ficam pesados.

Meu corpo fica mole e em segundos perco a noção de tudo ao meu redor.

Não sei mais o que o destino me reserva.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

Reviravolta

— Você está bem? — Dornelles indaga assim que abro os olhos, minha cabeça dói momentaneamente.

Fato é que eu daria o que fosse preciso pra Donatello sumir no mundo de novo, mas em nenhum momento sua morte fora um desejo meu. Isso nunca passou pelos meus pensamentos.

E neste exato segundo percebo como uma fatalidade é capaz de mudar o rumo de uma vida sem pedir permissão: a minha.

— Estou sim, amor. Mais alguma notícia? — pergunto ao me levantar e minha mãe analisa meu rosto pra se certificar de que falo a verdade.

Dou um beijo em sua testa e pego um remédio na bolsa, seguindo até o banheiro enquanto Dornelles fala.

— Até agora não disseram mais nada. Você pretende ir ao enterro? — empurro o analgésico goela abaixo com um copo d'água e o olhar deles me incomoda.

Não tenho nada a fazer no funeral de Donatello.

— Não, Dornelles, não vou. — sento na cama e rodo os canais na curiosidade de saber mais alguma notícia.

Uma repórter, que está no local, avisa que o mal tempo pode ter sido um dos causadores da tragédia e suspiro um minuto antes de desligar a TV.

— O que acontece agora? — meu namorado questiona curioso, franzo as sobrancelhas tentando entender aonde Dornelles quer chegar. — Luma, o Rubinho é o único herdeiro vivo daquela família... — não o deixo terminar.

— E não é por isso que vou correr atrás de um centavo. Nunca precisei de nada que viesse de lá, pra mim, tudo continua na mesma. — retruco com raiva e minha mãe se pronuncia.

— Ela tem razão, professor. Nunca faltou nada ao meu neto e vai continuar não faltando. Quem quiser, que brigue pelo dinheiro. — dona Íris

segura minha mão em apoio, Dornelles concorda num aceno com a nossa opinião.

— Desculpe, amor! Não me entenda mal. Só acho que as coisas poderiam ser mais fáceis pra vocês já que é direito do Rubinho o que sobrou. Mas se preferem assim, que seja, ok? — entendo a lógica do seu argumento, contudo não tenho nenhum entendimento sobre as empresas da família Aguiar e não quero meu menino na mira de gente que julga que o dinheiro é mais importante que a vida das outras pessoas.

— Prefiro sim. — digo ao abraçá-lo e minha mãe sorri em sinal de aprovação.

O telefone de Dornelles toca, seu semblante muda rapidamente assim que identifica o número, foco minha atenção nele. Algo não parece bem.

— O que houve, amor? Não vai atender?

— Não é nada importante, mas eu preciso ir embora, nos vemos amanhã?

— Claro! Tem certeza que está tudo bem? — insisto, preocupada dele estar me escondendo algo muito sério.

— Está sim, não se preocupe, ok? Só preciso mesmo ir. — afirma ao selar seus lábios de leve nos meus, mas sei que algo está diferente. —

Boa noite senhora Ramos! — meu namorado se despede saindo de nossas vistas em seguida.

Penso de imediato sobre o que seria tão importante para que meu namorado tivesse motivos para manter escondido de mim, mas logo decido não esquentar a cabeça com isso. Sei que quando Dornelles se sentir confortável irá me contar, seja lá o que for.



— O que é tão triste? — indago descendo as escadas, e dou um beijo na bochecha dos meus pais tão logo tomo meu assento à mesa. — Bom dia!

— Bom dia, filha! Mais uma garota morta num acidente de trânsito, voltava de uma festa de madrugada. Esses adolescentes não aprendem mesmo. — minha mãe repreende o noticiário na TV, sinto pena dos pais da menina neste instante.

Nós nunca estamos preparados para os imprevistos da vida.

— Decisões precipitadas podem ter efeitos irreversíveis lá na frente. Garanto que ela achou
PERIGOSAS ACHERON

que estava fazendo o certo e que nada sairia errado quando resolveu voltar pra casa àquela hora.

Não discordo do argumento do meu pai, mas o tomo como uma indireta clara pra minha situação com Dornelles, no entanto, não quero ter uma altercação com meu velho pela manhã, então, apenas me mantenho calada.

— Quando os pais do seu namorado vão aparecer por aqui, Luma? — termino de mastigar minha maçã antes de responder meu pai, na realidade estou pensando em algo que o faça parar de fazer perguntas que nem mesmo eu tenho as respostas.

Dornelles não me falou muito deles, apenas que moram fora do Brasil há anos e que eles sempre aparecem nas festas de fim de ano.

— Eles vivem fora, pai, mas sempre aparecem antes de findar o ano.

— E o que eles fazem exatamente? — dessa vez é dona Íris quem toma a frente, tomo um gole do meu café.

— O pai é advogado, a mãe é só dona de casa, como a senhora.

— Só espero que ele não seja mais um aproveitador...

— Pai, por favor! — corto-o num rompante.
— Já sou bem grandinha pra saber quem é ou não aproveitador e até este momento não tenho o que reclamar do Dornelles.

— Não gosto dele, pra mim só tem a cara de santo. — Eu me movo da cadeira irritada com a implicância do meu velho, engulo a última gota do café.

— Pra mim essa conversa esta encerrada, ok? Eu gosto dele e espero que vocês se acostumem com isso. Preciso ir que já estou atrasada.

Entendo a preocupação dos meus pais quanto a Dornelles, mas odeio me sentir pressionada, principalmente por coisas que não estão sob meu controle. É claro que quero conhecer os pais dele, mas não quero colocar o carro na frente dos bois no meu relacionamento.

Por isso tenho esperado Dornelles tomar seu tempo para se abrir mais sobre sua vida. Cada um tem sua maneira de lidar com as circunstâncias, me apego ao fato de que meu lindo namorado precisa apenas de um pouco de tempo pra me contar o que quer que seja.

Solto do ônibus, sigo em passos apressados pelo campus da faculdade a fim de conseguir

acompanhar o fim da primeira aula da manhã, mas a sensação de estar sendo observada me deixa totalmente apreensiva.

Olho ao meu redor, não consigo encontrar nada de anormal, mas a sensação permanece em mim, como se alguém estivesse a espreita e que a qualquer momento eu pudesse ser alvo fácil de algo.

— Boo! — pulo de susto com a brincadeira de Murilinho, meu coração quase saindo pela boca com sua atitude.

— Merda, Murilo! Por que não assusta a mãe? — brado irritada, passando as mãos em meu cabelo; num ato automático pelo nervosismo.

— Desculpe, mas não dá pra assustar quem já morreu. — bufo sentida.

— Tudo bem, desculpe, não foi minha intenção. Só estou um pouco cismada de que alguém possa estar me vigiando. Acho que estou tomando café demais. — sorrio de lado, mas o semblante desconfiado do meu colega de classe me deixa em alerta.

— Acho que você está errada.

— O que foi, Murilinho? — peço me focando na direção em que seu olhar está fixo,

entre os carros no estacionamento do campus o reflexo do raio de sol de uma lente chama nossa atenção.

— Ou meu café também está me fazendo ver coisas ou você está mesmo sendo observada, Luma. — conclui enquanto a pessoa entre os carros nota nossa observação e se move para fora do local.

— Ei! — grito ameaçando uma corrida até onde o homem se encontra, mas rapidamente o carro se move sumindo das nossas vistas.

Não faço a mínima ideia de quem possa estar no meu encalço, e pior, por quê.

Murilinho chama minha atenção sobre as aulas, seguimos direto para a sala, mas o fato de estar sendo perseguida me deixa abalada. Quem poderia querer saber sobre os meus passos? Estava na cara que era um detetive, se Donatello não tivesse morrido naquele acidente infeliz, poderia jurar que era ele o mandante dessa idiotice toda.

Embora tente, não consigo me concentrar na aula. Agradeço ter Murilinho como par no trabalho que a professora passa, do contrário ficaria com um enorme zero por não conseguir resolver os fundamentos dados na última matéria.

Preciso urgentemente organizar melhor meu

tempo e minhas matérias, senão, de nada vai adiantar conseguir um estágio se nem ao menos consigo manter a média das matérias durante esse semestre.

“Não tive notícias suas o dia todo, está tudo bem?”

Mando mensagem para Dornelles, preocupada após seu súbito sumiço depois do episódio lá em casa. Olho ao redor do caminho que percorro até ao ponto de ônibus, mas para meu alívio não vejo nem sinal do detetive de mais cedo.

Dornelles finalmente dá sinal de vida.

“Desculpe, Luma. Precisei ir até a Capital, mas já estou voltando amor, morrendo de saudades. Nos vemos amanhã, ok?”

Surpreendo-me com o fato dele ter ido tão longe e não ter me avisado, mas encaro a possibilidade dele ter tido alguma emergência. De qualquer forma, só saberei depois. Tudo o que desejo agora é tomar um bom banho e ficar com meu filhote, porque o dia já foi atribulado demais.

Depois de chegar em casa e tomar um banho relaxante, sigo até a mesa, ataco umas torradas, um pouco de queijo e café com leite. Estou faminta, por isso ignoro os modos à mesa,

mesmo diante do olhar repressor do meu pai. Junto tudo num prato fundo, sigo para a sala e sento ao lado do meu pimpolho que vê seu desenho favorito.

— Olha mamãe! Seu Tutuca. — Rubinho sorri mostrando o cachorro herói na televisão e aproveito pra dar umas torradinhas a ele.

A campainha toca, me movo para atender a porta, e o sorriso que tenho nos lábios morre em segundos assim que encontro um rapaz alto, moreno e bem vestido na soleira a me olhar com curiosidade.

Não me lembro de tê-lo conhecido antes, porém sua fisionomia não é tão estranha.

— Luma Ramos? — ele questiona sério e assinto ao menear a cabeça discretamente. — Sou Danilo Aguiar, irmão do Donatello. — meu queixo simplesmente cai, não me recordo do meu ex-namorado ter, alguma vez, se referido a algum irmão. — A gente pode conversar? — engulo a seco sem saber o que fazer e a aflição me toma de assalto.

Ledo engano achar que tudo estava acabado.

Só espero que o moreno lindo em minha frente seja bem diferente do irmão, do contrário,

PERIGOSAS NACIONAIS

teremos muitas dores de cabeça.
Isso eu garanto a ele.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

Herança

— Então? Será que posso entrar? — o moreno fala um pouco impaciente e barro sua passagem com meu corpo olhando-o curiosamente — Não vou morder ninguém, ok? — tenta se justificar e neste instante Rubinho aparece se enroscando em minhas pernas chamando a atenção do intruso em minha frente.

— Mamãe, está perdendo o seu Tutuca. — meu menino lamuria, me agacho para falar rapidamente com ele.

— Amor! Fica um pouquinho com a vovó que já estou indo, ok? — pisco pra Rubinho de modo cúmplice e sou prontamente atendida.

O tal Danilo parece meio embasbacado com a situação quando volto a encará-lo, cruzo os braços após fechar a porta atrás de mim, não dando

brechas pra ele ver mais nada lá dentro.

— Então este é o Rubinho? Garoto esperto. — sorri num nervosismo palpável, exalo profundamente enquanto permaneço a fitá-lo. — Deve estar achando um pouco estranho minha presença aqui, não é? — não gosto como ele se expressa,; parece forçado e resolvo deixar tudo às claras.

— Donatello nunca me falou sobre algum irmão. Mas seja lá o que veio fazer aqui, só tenho uma coisa pra te dizer: não quero nada da sua família, então se veio aqui para garantir isto, perdeu seu tempo. — sou taxativa e observo seu semblante fino se tornar confuso em questão de segundos.

Talvez ele esperasse outra reação minha, por isso parece estar tão surpreso.

— Então você vai abrir mão de tudo o que seu filho tem direito? — seu olhar é uma imensa dúvida quanto a minha postura, suspiro tentando manter meu emocional sobre controle. — Todos os imóveis, as ações das empresas, as reservas do Donatello. Não vai querer nada? É isso mesmo? — há tanto cinismo em seu tom que não consigo me segurar mais.

— Qual parte você ainda não entendeu? —

digo me aproximando. — Nada disto me importa. Carros, casas, ações, pode pegar tudo e levar para o inferno junto com você. Agora se manda da minha casa. — ele está impressionado com minha atitude e antes que eu me afaste, ele segura em meu braço.

— Desculpe, Luma! — solta arrependido, me desvencilho num rompante enquanto ele procura ser mais cauteloso. — Não foi minha intenção te ofender, não me leve a mal.

— Você devia dizer logo o que veio fazer aqui. Assim terminaríamos rapidamente essa conversa ridícula. — sugiro num tom cínico e Danilo esfrega a mão no rosto antes de voltar a falar.

Sinto-o tenso.

— Você pode ou não acreditar em mim, mas eu não sabia que você e esta criança existiam, ok? — franzo a testa totalmente incrédula ao que escuto. — Cheguei há dois dias da Europa, apenas pra resolver umas questões pessoais. Já estaria fora daqui se não tivesse acontecido aquilo tudo. — Danilo exala, a menção sobre o acidente o deixa constrangido.

— Digamos que está falando a verdade. Ainda não me respondeu o que quer aqui.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem eu sei na verdade. Acho que agi por impulso. Queria te conhecer, conhecer o menino. — faço uma careta descrente e o moreno tenta me convencer das suas intenções. — Pensei em ajudar de alguma forma, não sei.

— Eu sei, senhor Aguiar. Apenas vá embora, por favor. Não perdeu nada aqui, prometo que não vou te criar problemas, só quero ficar em paz com meu garoto, ok?

— Meu sobrinho. — ele solta com tanta propriedade, mesmo sabendo que é verdade, me exalto novamente.

— Sim. Um sobrinho que você não conhece nem nunca se interessou em conhecer... — Danilo me corta.

— Nunca me falaram sobre vocês, como eu poderia saber? — retruca e sorrio pelo seu sarcasmo.

Impossível ele não saber nada sobre mim. Ou não? Estou extremamente confusa e não sei dizer se é toda a conversa maluca ou apenas a presença dele aqui após o ocorrido.

— Então seu querido irmão e sua mãe nunca te disseram nada? Por que não conta essa história pra outra trouxa, senhor Aguiar?

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não os via há cinco anos, ok? — sua voz sai carregada de dor e por um segundo me pergunto o porquê dele ter ficado tanto tempo longe da família. — Durante todos esses anos não nos falamos mais. Por isso não soube de vocês. — diz amargurado e volto a suspirar.

— Teria feito diferença saber? — engulo a seco ao fitá-lo e seu rosto suaviza de forma amena.

Ele sorri de lado.

— Talvez sim. — meu coração dá uma chacoalhada, não sei por que e o moreno se aproxima tirando um pequeno cartão do bolso. — Vai haver uma reunião na quarta às 14 horas na empresa. Legalmente, o menino tem 48% de ações nas empresas, fora os outros bens. Mesmo não querendo tomar posse do que é dele de direito, precisa assinar alguns papéis, concordar com alguns documentos e só aí poderá abrir mão do que quiser, Luma. Espero que possa comparecer. — olho o cartão por algum tempo antes de tornar a falar.

— Não pode resolver por mim? Afinal você é beneficiário também.

— Não. Tenho 45% das ações, mesmo que quisesse não poderia decidir nada. Não sem o seu

consentimento. — Danilo explica e após alguns segundos de silêncio assinto em concordância, fazendo-o sorrir amarelo por um instante.

— Eu vou pensar, tudo bem? — falo com indecisão e o rapaz demonstra estar mais satisfeito com minha postura.

— Ok. Vai ao funeral? — apenas nego com a cabeça, Danilo não se mostra surpreso. — Vejo você na quarta. — fala ao se afastar, torço a boca por um momento.

As coisas não poderiam ficar piores.

Ele se vai, volto a olhar o cartão com um leve pesar.

Não sei mais o que fazer.

— Quem era, Luma? — minha mãe indaga, estendo o cartão de Danilo para ela que me olha assustada. — O que ele queria?

— Estou sem entender até agora, mãe. Pediu para eu comparecer na empresa na quarta às 14 horas. Precisa da minha presença para resolver algumas pendências sobre a herança do Rubinho. O que acha? — pergunto enquanto bebo um copo de água e dona Íris dá de ombros com indiferença.

— Quanto antes resolver esse problema melhor, filha. Contanto que ele nos deixe em paz!

— ela é taxativa e meus pensamentos voam por um segundo.

Talvez bater de frente com Danilo não seja a melhor alternativa, coloco o copo na pia ciente que preciso resolver outra pendência.

— Vou dar uma saída, mas já volto, ok? — ela assente num sorriso de lado e subo as escadas com pressa até meu quarto.



— Tem certeza que não vai precisar, Luma?
— Lia indaga preocupadamente quando devolvo o cheque que ela havia me dado e tento tranquilizá-la

— Depois do que houve, não. Mas aviso se voltar a precisar, ok? Obrigada! — sorrio e ela o põe debaixo de um peso na estante, em seguida, se senta ao meu lado no sofá.

— Agora conte mais sobre esse irmão perdido do Donatello. Por que ninguém nunca soube dele, Luma? Isto é tão estranho. — diz apoiando o rosto sobre uma das mãos no sofá, mordo meu lábio inferior ainda atordoada com toda

PERIGOSAS ACHERON

esta história.

— Eu ainda não sei, Lia. Ele nunca comentou nada com o Davi? Eles sempre foram tão amigos.

— Não mais depois do que Donatello fez com você. Davi se decepcionou muito e simplesmente pararam de se falar. Mas até onde sei, ele nunca disse nada. — franzo minha testa com essa informação, por mais que tente, a imagem de Danilo não some da minha mente. Nem o fato dele dizer que não via a família há anos. — Tudo bem, amiga? — Lia me questiona enquanto estou com o pensamento longe e sorrio sem jeito.

— Desculpe, Lia. Estava pensando nesta maluquice toda. Ele me pareceu tão sofrido, sabe? Tão triste. — solto compadecida, e minha amiga revira os olhos com cansaço.

— Luma, ele acabou de perder a mãe e o irmão. É óbvio que ele deve estar triste.

— Claro. Tem toda a razão. — concordo com sua análise e a loira me sorri de lado. — Preciso ir amiga, já te aluguei muito por hoje. — levanto pra ir embora e ela me acompanha até a porta. — Obrigada por tudo. — beijo sua bochecha e deixo um beijinho pra Davi e Laura que estão

PERIGOSAS NACIONAIS

dormindo.

Chego em casa e minha mãe avisa que Rubinho já foi dormir, sento ao seu lado no sofá e a TV mostra rapidamente uma parte do enterro de Donatello e sua mãe.

A repórter informa que tudo leva a crer que o mal tempo foi o responsável pelo acidente e meu coração aperta ao rever o semblante triste de Danilo na tela. Uma moça morena, muito bonita e elegante segura sua mão com firmeza, concluo que deva ser a esposa dele. Embora pareça bastante solidária, não gosto da cara dela.

Espero que Rubinho nunca precise conviver naquele meio. Aliás, no meio de nenhum deles.



— Nossa! Achei que tinha sumido no mundo. — digo sarcasticamente ao observar Dornelles na saída da faculdade esperando por mim.

— Acha mesmo que eu seria capaz disso, depois de tudo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei, me diga você Houdini. — um sorriso zombeteiro cruza seus lábios, suas mãos se apossam da minha cintura puxando-me contra seu corpo.

— Jamais faria isso, acredite. O que preciso fazer pra compensar essa pequena falha? — nossos corpos estão ainda mais colados, sua boca resvala em meu pescoço me deixando completamente mole.

— Isso não é justo, Dornelles. — ofego manhosamente, sua boca se afasta enquanto seus olhos se fixam seriamente nos meus. — Por que não me conta o que está acontecendo? — peço sem rodeios.

— Vou explicar tudo assim que te mostrar uma coisa, ok? Vem comigo! — entramos no seu carro e seguimos pela estrada por ao menos meia hora, antes de Dornelles estacionar o veículo em frente a uma pequena vila de casas.

— Bem vinda ao meu novo lar! — observo a aconchegante casa, bem mais espaçosa do que se podia prever de fora, Dornelles ostenta um sorriso confiante.

— Não me disse que planejava se mudar...

— Realmente não planejava, mas as coisas

PERIGOSAS ACHERON

mudaram de uma hora pra outra, precisei agir rápido.

— O que exatamente mudou Dornelles?

— Era meu pai na ligação de ontem. Me disse que havia arranjado uma vaga de trabalho pra mim, e que seria muito melhor se eu me mudasse pra lá. — franzo o cenho com dúvida, a expectativa de algo ruim me consumindo por dentro.

— Você vai embora, é isso?

— Não! Claro que não, Luma. Eu não dormi pensando em como solucionar este problema de emprego, então de manhã cedo procurei o Guilherme, aquele meu colega da gráfica, ele me indicou um bom colégio aqui perto que estava com uma vaga de professor em aberto, então... o emprego é meu. — Dornelles sorri satisfeito, abraço-o eufórica com a notícia.

— Eu sabia que você ia conseguir algo logo. Estou muito feliz por você, amor. — deixo um selinho em seus lábios, minha cabeça recostando em seu peito enquanto volto a abraçá-lo.

— Essa casa tem um bom espaço, são dois quartos e ainda tenho uma pequena área lá atrás. Ela é ideal pra quem está querendo começar uma nova vida, construir uma família. — Dornelles

PERIGOSAS NACIONAIS

puxa o ar com força e sinto medo do que ele está prestes a me dizer, no entanto, meu coração palpita sem parar.

— Você está sugerindo... — meu raciocínio paira no ar.

— Luma! Vem morar comigo? — abro a boca sem saber o que dizer, jamais havia pensado sobre isto, estou totalmente surpresa. — Você e o Rubinho. Vem? — engulo a seco enquanto a expressão de expectativa dele me deixa sem chão.

Estou num beco sem saída e qualquer escolha agora pode ser crucial para as nossas vidas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Proposta

— Eu preciso de um tempo pra pensar, Dornelles, não posso te responder isto assim, agora.
— me afasto numa autodefesa velada e seu semblante desapontado me deixa tensa.

Sei que ele esperava mais, no entanto acho precipitado tomar qualquer decisão neste momento. Mal completamos dois meses de namoro.

— Sei que acha precipitado, mas às vezes é preciso aproveitar o momento, Luma. Eu te amo e quero construir algo bacana com você e com o Rubinho. — meu coração não para de pular e minha respiração fica escassa com sua declaração.

— Você me ama? — murmuro insegura, ele se aproxima tocando meu rosto com carinho.

Nunca mais pensei que pudesse ser realmente amada novamente por alguém.

A decepção com Donatello fora tão grande

que de alguma forma não me sentia mais digna disto.

— Amo demais. E sempre vou amar, Luma.

Seus lábios capturam os meus com carinho, meu corpo todo correspondendo ao seu toque no automático, minhas pernas bambas por tê-lo inteiro pra mim. Suas mãos deslizam lentamente pela alça do meu vestido, não o paro, apenas me deixo levar por esse momento de entrega de ambos os lados, onde nada mais importa a não ser sermos um do outro.



— O tio do Rubinho apareceu lá em casa hoje cedo. Quer que eu vá à reunião da empresa na quarta feira. — suspiro contando sobre a visita de Danilo, mas Dornelles parece entender somente a primeira parte da minha sentença.

— Que tio, Luma? — a confusão está impressa em seu semblante indeciso.

— Donatello tem um irmão que vive fora do país. Coincidentemente, ele ficou sabendo sobre PERIGOSAS ACHERON

o Rubinho após o acidente e veio falar comigo. Disse que queria nos conhecer e que eu preciso resolver algumas coisas na empresa da família. — solto tudo num fôlego só, puxo o ar com força para me recompor.

— Como ele nunca soube de vocês? — questiona perplexo, dou de ombros com indiferença.

— Disse que não via a família há anos e que somente hoje ficou sabendo de nós. — exaspero sentando na cama, sendo seguida por ele.

— Quer que eu vá com você? — sorrio em agradecimento pela sua prestatividade, mas não vejo motivo.

— Eu vou ficar bem, não se preocupe, ok? — digo beijando sua boca rapidamente.

— Não está tentando fugir da minha proposta, não é? — Dornelles questiona entrelaçando nossas mãos enquanto observo como elas ficam perfeitas unidas.

— Não! — ergo meu rosto para fitá-lo por um segundo. — Na verdade é a confirmação do seu pedido. — sorrio e seu semblante se ilumina como um lindo raio de sol.

— Está falando sério? Vão vir morar

comigo? — meu namorado parece uma criança que ganhou uma bicicleta no final do ano e procuro acalmar sua nítida euforia.

— Sim e não, ok? — ele me olha confuso e me ajeito na cama numa expressão compassiva. — Quero morar com você, mas não agora — Dornelles revira os olhos e passa uma das mãos em seus cabelos já meio grisalhos. — Antes preciso fazer meu estágio, me formar, colocar o Rubinho na escolinha. São muitas coisas, amor. Não posso resolver tudo de uma hora pra outra. Dá esse tempinho e prometo me mudar assim que terminar o estágio, ok? — sorrio, beijando seu peito, até chegar a sua boca, deixando-o extasiado.

— Você promete? — Dornelles pergunta sério e sou o mais sincera que consigo.

— Eu prometo. — fico hipnotizada pelos seus olhos e sua mão contorna minha nuca me puxando próximo do seu rosto.

— Você me ama, Luma? — sua pergunta me pega de cheio e tento mascarar minha tensão ao beijá-lo de leve.

— Você sabe que sou apaixonada por você. — minhas palavras não são o suficiente para mantê-lo animado, Dornelles fecha a cara com

PERIGOSAS NACIONAIS

desapontamento. Suspiro de cabeça baixa e me recosto ao seu lado na cabeceira da cama. — Desculpe.

— Não quero suas desculpas, Luma. — diz magoado ao sair da cama, ele coloca suas roupas enquanto apenas o observo.

Parece que tenho dedo podre para estragar as coisas.

— Dornelles, por favor! — peço numa voz meiga, ele suaviza seu semblante antes de pôr sua camisa.

— Acho melhor levar você pra casa. Espero você na sala. — avisa num tom frustrado ao sair, pressiono minha cabeça contra o travesseiro, soltando um grito abafado de raiva.

Até parece que Donatello jogou um vodu em cima de mim para não amar mais ninguém como o amei um dia.

Mas isso vai acabar.

Por bem ou por mal.

Não é depois de morto que ele vai continuar a me atormentar.

Mas não vai mesmo.

PERIGOSAS ACHERON



Aproveito o dia bonito que está fazendo do lado de fora para sair um pouco com meu menino e arrumo sua mochilinha com seus brinquedos e lanchinho. Aviso meus pais que só volto no final da tarde e sigo com Rubinho até o parquinho no centro de Primavera.

Observo meu garotinho brincar com as outras crianças e por um segundo sinto pena de Donatello por ter perdido a oportunidade de conviver com o filho e ter ido embora tão cedo.

Somos realmente um grão de areia neste mundo e a qualquer momento podemos nos perder por entre os dedos de alguém rapidamente.

Totalmente sem volta.

Me distraio com os meus pensamentos e só quando ouço uma voz grossa ao meu redor é que volto para a minha realidade.

— Oi Luma! — neste momento, a voz tem 1,80 de pura morenice, um olhar extremamente doce e um sorriso incrivelmente lindo, embora esteja triste.

— Oi! O que faz aqui, Danilo? — engulo a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seco, visivelmente incomodada com sua presença, o rapaz permanece a me fitar como se estivesse vendo uma miragem.

Danilo parece um anjo saído de algum catálogo de solidariedade, mas a única coisa que me preocupa é esta cisma que meu coração tem de me trair quando não deve.

Simplesmente porque não quero confiar nele.

Não posso e não devo.

No entanto, algo dentro de mim diz o contrário desde que o vi.

Difícil será descobrir quem está certo nesta história toda.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Segundas Intenções

— Estou hospedado no hotel da cidade. Vim dar uma volta. — Danilo se explica, logo seu olhar aguçado descobre meu filho no parquinho, seu sorriso ganha um novo tom em seu rosto magro e delineado. — Posso? — pede educadamente, apontando para o espaço ao meu lado no banco enquanto come churros.

Apenas assinto me afastando um pouco quando ele se senta.

— Mundo pequeno, não é? — indago com ironia ao franzir as sobrancelhas, o olhar dele se torna confuso em segundos enquanto tiro alguns fios de cabelo do meu rosto.

— Você não está pensando que... — faz uma careta, acuso-o sem dó.

— Admite que está me seguindo, Danilo? Não faz o mínimo sentido você estar sentado no

banco de uma praça comum, numa cidadezinha pequena, comendo churros. — seu sorriso é um claro deboche, ele se levanta com irritação.

— Você é louca, sabia? Desde quando cidadezinha pequena é reduto de gente pobre? Por que acha que não posso comer churros, aliás, que eu amo para o seu registro? E por que diabos acha que tudo gira em torno de você ou do seu filho? — fico sem palavras, suspiro profundamente antes de voltar a falar.

— Desculpe! É que tive uma manhã complicada. — bufo, engolindo minha raiva pelo atrito desnecessário com Dornelles mais cedo, indico novamente o espaço vazio no banco pra que ele se sente.

Após alguns segundos de hesitação, Danilo se posta outra vez ao meu lado, ficamos em silêncio enquanto Rubinho continua brincando.

Nossos olhares se cruzam de vez em quando durante o tempo em que estamos ali, volto a ficar incomodada com isso.

— Vai aparecer amanhã? — Danilo quebra o silêncio entre nós, assinto com a cabeça sem dizer mais nada.

Levanto e prendo meu cabelo num coque

mal feito, enquanto chamo Rubinho pra ir embora.

Já está esfriando e de modo algum o quero resfriado.

Meu garotinho sai do parquinho com a cara emburrada, mas seu rostinho angelical se contorce numa careta engraçada ao encarar Danilo pela segunda vez desde que ele esteve em nossa casa ontem.

— Quem é ele mamãe? — Rubinho indaga ao apontar para o tio e conto a verdade para o meu pequeno enquanto ajeito suas roupas.

— Esse é o seu tio Danilo, meu amor. Diz oi pra ele. — meu filho mantém um semblante surpreso, mas é bastante efusivo quando Danilo se agacha para falar com ele.

— Oi tio Danilo! — sorrio pelo jeito meigo dele, o enorme rapaz em minha frente parece realmente emocionado com o contato com o sobrinho.

— Oi Rubinho. Como você está pequeno? — Danilo sorri de modo cativante, Rubinho é o mais espontâneo que uma criança da idade dele consegue ser.

— Estou bem. Melhor só se a mamãe me deixar comer sorvete. — meu pequeno traidor me

dedura numa careta inconformada, o tio demonstra todo seu encantamento com a cena.

Posso estar sendo ciumenta, mas não gosto disso.

— Muito bem. Agora vamos embora mocinho. Dê tchau pro seu tio e vamos que já está esfriando. — digo pegando em sua mão miúda e Danilo se mostra um pouco sem jeito.

— Posso pagar o sorvete pra ele, Luma? Só hoje? — Rubinho dá um largo sorriso com a sugestão do tio, mas o corto prontamente.

— Talvez outro dia. Boa noite, Danilo! — me despeço, carregando meu rebento enquanto Rubinho acena com entusiasmo para o homem que permanece a nos fitar.

As coisas só parecem se complicar mais.



Rubinho corre na direção da televisão assim que chegamos em casa, matreiramente se aconchega no colo do meu pai que está no sofá.

Desfaço sua mochila na cozinha e o cheiro

PERIGOSAS ACHERON

do feijão da dona Íris faz meu estômago roncar.

— Nossa! Estou morta de fome, mãe! — sorrio ao beijar sua testa e volto minha atenção para meu pequeno na sala. — Rubinho, não se acomoda não que você vai já tomar banho, ouviu? — ele resmunga qualquer coisa que não entendo, meu pai rapidamente se apresenta como defensor do neto.

— Deixa só terminar o seu Tutuca, filha. Daqui a pouco eu mesmo o levo. — sorrio num suspiro, pego uma maçã na fruteira enquanto minha mãe termina a janta.

— Algum problema, filha? — indaga preocupada, sento na cadeira com cansaço. Não preciso abrir a boca pra dizer o quanto estou confusa e ela puxa outra cadeira e senta-se ao meu lado. — O que foi, Luma?

— Encontrei com o irmão do Donatello ainda há pouco na pracinha. Mais cedo briguei com Dornelles por que ele cismou que temos que morar juntos e pra completar, não consigo encontrar uma droga de estágio pra me formar. Minha vida está uma bagunça, mãe. — estou exausta de toda essa pressão e exalo tentando encontrar alguma saída.

— Não confio nesse Danilo, aliás, não confio em ninguém daquela família. — dona Íris

argumenta ao voltar para as panelas, continuo a ouvir suas impressões. — Quanto ao estágio tenho certeza que logo irá resolver, dê tempo ao tempo. E talvez seja uma boa hora de dar uma olhada em seu quarto. Seu namorado deixou algo lá pra você. — meu coração se alegra, dou um pulo da cadeira, seguindo escada acima com a ansiedade me consumindo por dentro.

Abro a porta e a surpresa estampa meu rosto com a quantidade de flores que meu quarto abriga. De vários tamanhos, tons, perfumes.

Simplesmente lindo.

Caminho até minha cama e um bilhete junto de um dispositivo mp4 espera por mim. “*TOQUE*”

Aperto o botão e um vídeo de Dornelles, aparece enquanto me sinto mal por termos nos desentendido na tarde anterior.

“Desculpe se estou apressando nosso relacionamento, Luma. Só quero ter você ao meu lado. Criar uma família com você e o Rubinho. Espero que goste das flores, não sabia qual era sua preferida. Amo você.”

Sigo para o banho na esperança que tudo fique mais claro pela manhã. Preciso de uma boa dose de paciência e discernimento para me portar

na tal reunião e limpar minha mente; já é um grande começo.

Só preciso manter a calma.



A aula termina e saio da faculdade em passos apressados até o ponto de ônibus. Olho meu relógio somente para confirmar o quanto estou atrasada, bufo de irritação pelo professor Miranda ter excedido o horário da sua matéria.

Não sei se é só cisma, mas tenho a nítida impressão de novamente estar sendo vigiada por alguém, mas ao observar ao meu redor, não vejo nada de anormal. Sigo até o ponto de ônibus e espero minha condução numa tremenda ansiedade.

Visualizo as pessoas que dividem o espaço no ponto comigo, percebo que uma moça me olha fixamente como se me conhecesse, sua postura me deixa alerta.

Algumas pessoas pegam suas conduções, logo descubro que sobramos as duas ali sozinhas. Sinto que ela se aproxima devagar, instintivamente

PERIGOSAS ACHERON

me preparo psicologicamente para tomar uma atitude mais drástica a qualquer momento.

— Você é a nova namorada do Dornelles, não é? O professor? — sua voz não é uma ameaça, encaro-a intrigada com seu interesse na minha vida pessoal.

No entanto, ela sabe exatamente quem meu namorado é e isto desperta minha curiosidade neste momento.

— Sou. Por quê? — digo desconfiada com um olho nela, outro na estrada.

— Ele já te chamou para morar com ele? Já disse que te ama? — a garota diz com urgência, faço um esforço para processar rapidamente o que ela fala.

Como poderia saber disso tudo se nem me conhece?

— Do que você está falando? O que você tem a ver com isso garota? — digo confusa, ela me segura firmemente pelos braços, num olhar que me gela a espinha.

— Não aceita nenhuma proposta dele. Se fizer isso, irá se arrepender, entendeu? — engulo a seco, a indecisão tomando conta dos meus pensamentos quando avisto minha condução

chegando.

Mesmo querendo saber mais sobre o que a moça esquisita fala, se perder esse ônibus não vou conseguir chegar a reunião nenhuma mais hoje.

— Eu preciso ir. — desvencilho meu corpo das suas mãos, dou sinal para o motorista enquanto a garota continua a me olhar. — Quem é você? — indago antes de entrar no veículo, seu semblante é de uma imensa tristeza.

— Alguém que já esteve no inferno e não quer ver mais ninguém lá. Cuide-se, Luma. — suas palavras me abalam, meu corpo todo dói de tão tenso que está.

Minha mente ferve com tudo o que foi dito e tento me situar quando o motorista chama minha atenção num assobio.

— Vai ou não subir, moça? — assinto no automático, subo os degraus lentamente, ainda sem saber o que pensar.

De onde ela surgiu?

Que tipo de relacionamento ela teve com Dornelles?

De certo ela o conhecia muito bem.

Tento não consumir minha cabeça com essas suposições e apenas torço para correr tudo

bem na empresa Aguiar. Mesmo assim, a dúvida sobre o histórico de vida do meu namorado não sai dos meus pensamentos.



Chego à empresa e não demoro em ser anunciada pela secretária. Dou uma rápida olhada no meu look e fecho meus olhos por um segundo, procurando manter minha respiração controlada enquanto aguardo ser chamada.

Um perfume toma conta do ambiente e ao abrir meus olhos, encontro as charmosas covinhas de Danilo num lindo sorriso.

— Sonhando acordada? — indaga curioso enquanto tento disfarçar minha expressão abobada num suspiro.

— Desculpe o atraso, tive um imprevisto pelo caminho, na verdade dois. — faço uma careta esquisita e Danilo me conduz na direção de uma enorme porta, fazendo meu coração disparar.

— Tudo bem, não se preocupe. — diz tentando me deixar calma. — São apenas

PERIGOSAS ACHERON

acionistas, Luma. Vamos repassar alguns documentos sobre a empresa situada aqui em Primavera e depois será repassado a você os documentos das outras fora do Brasil, ok? Só pra você poder ficar ciente de como tudo funciona. Pronta? — pergunta antes de abrir a porta e mesmo com toda a minha insegurança, seus olhos me passam uma confiança que nem eu mesma tenho.

Assinto ao puxar o ar com força e Danilo abre a porta, revelando uma enorme mesa e mais oito homens dentro da sala.

É hora de resolver meu futuro e do meu filho.

Capítulo 15

Enganos

Danilo é cavalheiro e puxa a cadeira para que eu me sente ao seu lado, seu olhar é um misto de apoio e seriedade. Um senhor com idade para ser meu avô, expõe alguns dados e gráficos que não consigo entender e, Danilo vai me passando todas as explicações baixinho.

Nossa proximidade começa a me incomodar e o cheiro do seu perfume parece grudar em minha pele. Olho à minha volta, a expressão imponente dos acionistas me deixa ansiosa pra ir embora.

A sala se torna cada vez menor, suspeito ter um ataque de pânico a qualquer momento. Não suporto pressões.

— Você está bem, Luma? — Danilo indaga preocupado, assinto numa respiração ofegante enquanto recebo uma lista de bens acumulados pela

família Aguiar nos últimos anos.

Não fazia a mínima ideia do quanto Donatello havia deixado para Rubinho.

— Seu irmão é muito mais rico do que eu pensava. Quer dizer...você! — digo espantada com os altos valores e me sinto um pouco perdida.

— Isto fora os imóveis fora do Brasil e algumas ações de grupos estrangeiros. — Danilo sorri educado, engulo a seco com tantos números.

— O que acontece agora? — coloco os papéis de lado e espero impacientemente por uma resposta satisfatória.

— Meu irmão não deixou testamento, tão pouco nossa mãe, o que torna Rubinho e eu os únicos beneficiários direto deles. Ou seja, até que meu sobrinho complete 18 anos, você é a tutora legal de tudo o que ele tem direito. — Danilo explica, mas ainda não consigo processar toda a situação.

Qualquer garota no meu lugar estaria dando pulos de alegria, eu continuo sem ação por alguns minutos.

— Se eu não quiser? Quer dizer... — pauso um pouco constrangida com a análise dos homens na sala sobre o que digo enquanto o olhar de Danilo

é encorajador. — Eu não entendo nada de contas, gráficos e dados, Danilo. Como posso tomar decisões ou votar em reuniões se não consigo nem mesmo manter meu cartão de crédito no azul? — meu tom cai uma nota de modo que somente ele possa me ouvir, seu sorriso surpreso me deixa ainda mais tensa.

Deve estar me achando uma irresponsável que não sabe cuidar das próprias finanças. Sua mão toca a minha num apoio, um leve formigamento toma conta da minha pele sem querer.

Tento mascarar meu nervosismo, mas falho totalmente quando nossos olhos se prendem por poucos segundos. Danilo parece tão nervoso quanto eu.

— Tenho certeza que você consegue levar, Luma — seu tom é o mais suave possível, afasto nossas mãos num impulso. Danilo se retrai e apruma o corpo na cadeira antes de tornar a falar. — Também sabe que não precisa assumir essa responsabilidade. Você havia dito que não queria nada da herança do Donatello, então basta assinar esta procuração e tomarei conta da parte do Rubinho até que ele complete a maioridade. — argumenta friamente, estendendo um documento na

minha direção.

Olho-o indecisa, sem saber o que fazer, impressionada com sua capacidade de mudar de comportamento tão rapidamente. Não sei se ele é bipolar, mas de certo existe um enorme conflito no seu interior.

Observo o documento por um instante e dentre os bens que estarão na tutela de Danilo, se eu assinar, um haras e a mansão em Primavera fica de fora.

— Por que esses bens estão à parte? — questiono com a caneta em mãos, seu rosto é de uma serenidade sem tamanho.

— Donatello fez questão de deixar os dois imóveis no nome do Rubinho. Provavelmente desconfiava que você seria orgulhosa demais pra aceitar alguma coisa vinda dele — diz num sorriso fraco enquanto volto a olhar o documento com cuidado. — Além destes bens, seu ex-namorado deixou um fundo bancário para o menino que também não entra na procuração — cerro meus olhos ao fitá-lo, sua face se contorce numa careta divertida. — 500 mil reais, Luma. Corrigidos a cada ano de acordo com o lucro total das empresas em 5% — abro a boca pra contestar o valor, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

Danilo me corta taxativo. — Isso é incontestável. Ele fez uma doação e a menos que doe a outra pessoa, vai ter que aceitar.

— Não preciso de todo esse dinheiro — sussurro totalmente assustada, o moreno volta a sorrir. Parece adorar quando estou encabulada. — Quer parar de rir, isso não tem graça.

— Desculpe! — solta cruzando os braços e assino o documento.

Espero que eu esteja certa, já basta de problemas.

— É só isso? Acabamos? — suspiro profundamente ao entregar a procuração e observo o semblante satisfeito dos acionistas pela minha atitude.

Definitivamente esse círculo de pessoas não é para mim.

— Pode ficar tranquila que vou cuidar muito bem do patrimônio do meu sobrinho. — sorrimos fracamente e Danilo agradece a presença dos sócios que saem rapidamente da sala sem mais cerimônias nos deixando sozinhos.

— Posso te perguntar algo? — indago curiosa para a surpresa dele.

— Vá em frente!

PERIGOSAS ACHERON

— Você e Donatello nunca se deram bem ou o afastamento ocorreu por causa de alguma outra coisa? — Danilo franze a testa por um momento, observo toda sua indecisão em falar sobre o assunto.

O que quer que tenha acontecido foi realmente grave.

— Nós sempre ficamos em lados opostos, mas eu amava o meu irmão, Luma. — sua voz embarga, sinto pena mesmo sem saber por que. — Eu falhei com ele antes, mas isso não vai acontecer agora. — Danilo solta com firmeza, sinto a sinceridade nas suas palavras.

— Eu preciso ir embora. — aviso ao me levantar e novamente meu ex-cunhado se mostra prestativo.

— Eu te levo. Assim posso ver meu sobrinho. — Danilo sorri, mas um alerta pisca em minha mente sem querer.

— Por que quer vê-lo? — meu tom é mais seco do que pretendia e sua expressão se torna pesada em segundos.

— Ele é meu sobrinho legítimo, Luma. O último laço da minha família, é mais que natural uma aproximação gradativa entre nós. — reviro os

olhos com cansaço enquanto ele parece não entender a situação.

Quero simplesmente que Danilo volte para o exterior e mantenha distância do meu garoto, assim como antes de saber de sua existência.

— Eu achei que você tivesse voltado só para resolver problemas pessoais e que voltaria logo para o lugar de onde veio. — não preciso dizer mais nada para que o entendimento se aposse em seu semblante surpreso.

— Você quer me manter longe do Rubinho, é isso, Luma? Por quê? — questiona sério e engulo a seco sem fitá-lo e; não conseguindo responder sua pergunta.

Um monte de sentimentos se revolve em meu coração e respiro fundo na tentativa de voltar a ter controle das minhas emoções.

— Eu preciso ir ao toalete. Onde encontro um por aqui? — mudo de assunto ao fitá-lo e pela sua cara noto a insatisfação estampada, certo de que escondo meus motivos.

— Segunda porta à direita, no final do corredor. — Danilo indica a direção ao abrir a porta e sigo em passos apressados até lá.

Preciso urgentemente de ar.

Exalo com alívio por não ter ninguém no local e respiro pausadamente ao me olhar no espelho.

O pedido inesperado de Dornelles, a garota estranha do ponto de ônibus e mais essa vontade do Danilo de querer ficar perto do meu filho me deixam com os nervos à flor da pele. Sem contar o incômodo que sinto toda vez que estamos próximos.

Isso tem que passar.

Lavo meu rosto na pia e o enxugo rapidamente enquanto duas moças muito bonitas adentram no banheiro. Reconheço uma delas através do espelho e engulo a seco com a presença da mulher de Danilo.

A mesma do enterro.

— E quando vocês vão finalmente trocar alianças em definitivo, Misha? — a loira indaga com desdém para a morena que retoca a maquiagem ao meu lado, me preparo para sair quando sua resposta me chama atenção.

— Logo, meu bem. Só estou esperando Danilo garantir que a tal mãe do sobrinho perdido assine a maldita procuração. Ele vai se livrar dela e do pestinha e meu pequeno investimento estará a

salvo. — seu sorriso maldoso ferve minhas entranhas.

Junto um bocado de água na mão e jogo em seu vestido caro.

Ambas me olham com espanto e não me intimidado com sua cara feia.

— Fique com seu investimento sua modelo de esquina, mas nunca mais fale assim do meu filho, ouviu? Da próxima vez não vai se preocupar somente com a mancha no seu vestido fino, vai precisar de muita maquiagem chique pra camuflar o estrago que vou fazer no seu rosto lindo. Entendeu bem isso? — digo com o dedo em riste e seu olhar tem tanto ódio quanto já vi um dia.

A morena não diz nada, saio do banheiro com a adrenalina solta em minhas veias. Passo por Danilo como uma bala e não dou ouvidos quando sua voz me chama, apenas rezo para o elevador chegar logo.

— Luma, o que houve? — seus passos se aproximam, mas não me viro para encará-lo. Como pode ser tão mentiroso? Como pude acreditar naquele sorriso lindo? — Ei! — diz escorando o braço na parede e conto até dez para não explodir em cima dele. — Eu disse que vou te levar em casa,

por que parece fugir de mim? — solta sem entender e seguro a vontade de chorar.

Mais uma vez enganada por um Aguiar.

— Não quero sua carona, Danilo. Não quero sua ajuda, não quero nada de você, entendeu? Pode garantir para sua mulherzinha que não vou atrapalhar o investimento dela. Contanto que vocês dois fiquem longe de mim e do meu filho. — rebato totalmente transtornada. Entro no elevador e Danilo franze as sobrancelhas, incrédulo com o que ouve. — Me deixa em paz. — peço magoada e seu olhar triste faz meu coração doer.

Não sei o que estava esperando, mas a verdade é que sinto como se Danilo quebrasse minha confiança nele e só isso já me basta para julgá-lo.

Não me importam suas desculpas neste momento, só o quero mais longe possível das nossas vidas.

Pego um táxi assim que chego na saída do prédio e lembro de olhar meu celular que ficou no silencioso durante toda a reunião.

Preciso ligar para casa pra saber como vai tudo, mas cinco mensagens de Dornelles me chamam atenção por um segundo. Meus

PERIGOSAS NACIONAIS

pensamentos correm desenfreados com as possibilidades que se apresentam em meu caminho neste instante. Só quero que tudo passe.



— Luma? Está tudo bem? — Dornelles pergunta preocupado e o abraço com força, exausta de todas essas pressões.

Segurança é tudo o que desejo neste instante.

— Quando acha que posso me mudar pra cá com o Rubinho? — sussurro em seu ouvido e seu semblante expressa uma felicidade que ainda não tinha visto.

— Está falando sério? — meu namorado sorri incredulamente e assinto mesmo com todas as indecisões em meu peito.

É um tiro no escuro, mas desde sempre nunca tive medo de arriscar.

— Eu aceito vir morar com você. — sorrio fracamente, Dornelles me beija com carinho num êxtase palpável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sigo acreditando que tudo pode se acertar de hoje em diante.

É uma nova etapa e ter o apoio de Dornelles é a chama que me move a continuar seguindo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16

À flor da pele

— Como foi na empresa Aguiar? Ocorreu tudo bem? — Dornelles questiona curioso e ergo meu rosto para olhar em seus olhos indagadores.

— Acertei tudo o que havia para ser acertado, Dornelles. Donatello deixou dinheiro suficiente para eu me manter com o Rubinho e o resto vai ficar por conta do Danilo até meu filho ser maior de idade. — explico a situação e seus dedos brincam com a ponta dos meus cabelos por um segundo, seu olhar atento analisa meus traços.

— E a senhorita pode me dizer o que mais está roubando a sua paz? — apenas suspiro, evitando fitá-lo,; Dornelles insiste. — Sei quando está incomodada com algo, Luma. Por que não me conta? — levanto do seu colo pesando o que falar e seu semblante fica sério rapidamente.

— Fui abordada mais cedo no ponto de ônibus por uma moça. Ela sabia não só o meu nome, mas o seu também. — Dornelles franze o cenho com meu relato, mas além de curiosidade observo uma leve tensão em seu rosto fechado. — Ela sabia do nosso namoro e mesmo parecendo loucura, a impressão que tive é que ela estava tentando me alertar de algo.

— Que seria? — indaga com os olhos semicerrados e estalo os dedos das mãos numa clara aflição sobre o que vou falar.

— Você, Dornelles. — digo num misto de cautela e interesse, mas ele sorri de modo debochado.

— E você ficou impressionada com isso? Amor! — Meu namorado solta divertido ao se aproximar e a desconfiança me corrói lentamente. — Não faço a mínima ideia de quem seja, mas pode muito bem ser alguém que se sentiu rejeitada por mim e resolveu fazer intrigas por aí. Como saber? Isso acontece o tempo todo na minha área. — suas palavras fazem sentido, mas mesmo assim permaneço com dúvida sobre todos os fatos apresentados e meu olhar deixa isso bem claro. — Você desconfia mesmo de mim, Luma? —

Dornelles dispara ofendido, baixo minhas vistas numa vergonha velada.

— Desculpa! É que não sei mais nada sobre você além da sua profissão, seu endereço e que seus pais moram fora do país. — volto a fitá-lo com apreensão e sua expressão suaviza num sorriso contido.

— Muito certo! Vamos lá! Pergunte o que quiser e responderei sem pestanejar. Prometo! — Dornelles solta descontraído e mordo meu lábio nervosamente.

— Não tem mais nenhum parente aqui no Brasil?

— Uma tia e um primo que moram no sul, mas sempre os vejo nas férias e datas comemorativas. — responde na lata e continuo com minhas investidas.

— Amigos próximos?

— Não além do Guilherme — ele nega com a cabeça ao sorrir enquanto enlaça minha cintura, colando nossos corpos.

Dornelles beija meu pescoço e arrisco a próxima pergunta num tom ameno.

— Alguma namorada além de mim desde que chegou em Primavera? — seus beijos cessam

abruptamente e o vejo se afastar visivelmente incomodado com minhas questões.

Nunca o vi tão inquieto.

— Olha, eu não sei o que essa garota te disse, mas não me apaixonei por ninguém além de você desde que cheguei nesta cidade, Luma. Não tenho motivos pra mentir. — reviro os olhos extremamente cansada e o abraço com força, beijando seu pescoço delicadamente.

— Desculpe de novo. É que meu dia foi infernal. — exalo profundamente e Dornelles toma meu rosto em suas mãos por um segundo.

— Comigo todos os seus dias serão no paraíso, Luma. Nada mais vai ser capaz de nos separar, entendeu? — sua boca toma a minha suavemente e embora não esteja totalmente certa da minha decisão, não o contesto.

Talvez o melhor seja seguir com a maré e deixar o barco navegar. Só espero que a tempestade em meu coração não o faça naufragar. Senão, estarei totalmente à deriva sem nenhuma boia que me salve.



“Não acha que está se precipitando, amiga? Quer dizer, você mal sabe sobre a vida dele, fora a tal garota medonha que te disse coisas estranhas num ponto de ônibus. Não acha tudo muito esquisito, Luma?”

Lia fala sem pausas ao telefone assim que conto sobre minha iminente mudança pra casa de Dornelles e mesmo sabendo da veracidade em suas palavras, mantenho minha decisão.

— Lia, essa garota pode ser apenas mais uma louca despeitada que não conseguiu a atenção dele e agora fica fazendo intrigas por aí. Além do mais, até agora o Dornelles não me deu motivos para pensar mal do seu caráter. Ele me ama, gosta do meu filho e no momento isto me basta. — tento manter firmeza no que falo, mas o estalar da língua do outro lado da linha apenas me alerta da confusão em que me encontro. — Lia, por favor... — pauso num longo suspiro, massageando minha têmpora por um segundo enquanto minha amiga de infância volta a falar num tom compassivo.

"Olha! Sabe o quanto me preocupo com você e só quero te ver feliz. Mas vai com calma,

Luma. Seu cenário já foi bem pior, agora você tem como se manter junto com o Rubinho sem precisar correr riscos. Analisa melhor esta história e depois resolva tudo, mas com a cabeça no lugar e não por que você está em conflito, amiga

Não consigo aceitar suas suposições sobre o que ando sentindo, rebato seu argumento de bate pronto.

— Lia, não estou em conflito nenhum e sou grandinha o suficiente pra saber o que é ou não melhor pra mim e para o meu filho — me arrependo da minha resposta assim que falo, um terrível silêncio paira entre nós por alguns segundos. Não é justo magoá-la. — Desculpe, Lia. Não quis dizer isto. Eu só estou estressada, me desculpe, por favor?

“Eu sei. Por isso mesmo vou fingir que não ouvi o que acabou de dizer, Luma. Só quero que se cuide, ok? Sabe que sempre vou estar ao seu lado.”

Sorrio de lado, me despeço dela quando já estou na porta de casa.

— Conto sempre com isso. Preciso ir, amiga. Amo você. — desligo o celular e tão logo abro a porta, meu menino corre na minha direção num sorriso feliz, embora meus pais não

demonstrem a mesma euforia que meu pequeno.

O motivo é o moreno sentado no sofá da minha sala com expressão mais apreensiva possível.

— Mamãe, o tio Nilo disse que tenho um monte de cavalinhos. Um tantão deste tamanho. — Rubinho abre os bracinhos em meu colo na tentativa de mostrar o tamanho do haras, forço um sorriso para o garotinho que mantém o lindo sorriso nos lábios.

Minha expressão fechada denota o quanto estou aborrecida com a presença inesperada em minha casa, Danilo se aproxima com cautela com as mãos nos bolsos da calça jeans.

— O que quer aqui? Já conseguiu o que pretendia, não? — solto com ironia enquanto seu maxilar se contrai com força por um momento, mantenho meus olhos fixos na sua reação.

— Será que a gente pode conversar a sós? Prometo que não vou demorar. — engulo a seco, minha mãe se adianta em pegar Rubinho do meu colo, seguindo para a varanda acompanhada do meu pai. Danilo exala como se tivesse o peso de uma tonelada nas costas, cruzo meus braços na espera da sua explicação.

— Então? — indago secamente.

— Desculpa se fiz um julgamento errado a seu respeito, Luma. Não foi minha intenção.

— Sei bem qual foi sua intenção, Danilo. Você aproveitou que eu não quis tirar proveito de nada que é de direito do meu filho e arranjou um jeitinho muito fácil para se livrar de mim. Claro, com uma procuração nas mãos você pode fazer o que bem entender, não é? Até mesmo se apropriar do que não é seu. — afirmo com raiva, sua fisionomia mostra toda sua indignação.

— Sabe muito bem que não preciso me apropriar de nada que não seja meu. Muito menos dos direitos de uma criança. — Danilo retruca, me aproximo furiosamente.

— Mas não suportou a ideia de que uma garota que nunca viu na vida junto com um menino que nem seu sobrenome tem na certidão de nascimento recebesse metade do império que sua família levou anos pra construir, não é? Confessa, Danilo! — acuso e pelo seu semblante noto que toquei na sua ferida.

Estava claro que não entregaria os pontos de uma hora pra outra.

— Foi isso sim, Luma. — Danilo confessa

num ímpeto e sua voz oscila entre a raiva e compaixão em poucos segundos, tento respirar direito com suas palavras duras. — Eu não achava justo ter uma desconhecida metida nos negócios da minha família, dando palpites e desfrutando de tudo o que não ajudou a fundar. — diz envergonhado ao menear a cabeça para os lados e o fito com surpresa. — Não penso mais assim, Luma. Não mais!

— Por que não? — ainda não estou convencida do seu papo e Danilo se aproxima mais alguns passos deixando meu coração em alerta máximo.

— Por que antes eu não conhecia o menino. Não conhecia você. — sua voz calma me desarma, mas evito baixar minha guarda diante dele.

O ar está cada vez mais pesado.

— Você ainda não me conhece, Danilo. — suspiro enquanto ele sorri de lado tentando aliviar o clima tenso entre nós.

— Mas posso conhecer. — seu olhar doce me tira do prumo e sua mão segura a minha, os formigamentos dão sinal mais uma vez. — Não afasta meu sobrinho de mim, por favor, Luma? É a única pessoa que sobrou da minha família. Do meu

PERIGOSAS NACIONAIS

sangue — estamos muito próximos e seu olhar doce me acalma a alma quando torna a falar. — Não quero ficar longe de vocês dois. — suas palavras fazem meu sangue gelar enquanto sua mão macia toca minha face de leve e ambos parecemos enfeitiçados por algum tipo de magia neste instante.

Observo Danilo se inclinar na minha direção em câmera lenta e neste momento o tempo simplesmente para.

Nada disso estava nos meus planos pela manhã, mas desconfio que nada mais é importante pra mim agora.

Por que minha mente apenas para de processar minha realidade atual e só o que sobra é uma imensa fantasia.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Medo da verdade

Centímetros separam nossos lábios quando o celular de Danilo toca e por um segundo a indecisão rege seu pensamento.

Seus dentes trincam num visível esforço e arfo por um momento antes de quebrar o feitiço entre nós.

— Não vai atender? — sussurro enquanto o vejo engolir a seco sem se afastar de mim.

— Quer que eu atenda? — pergunta contrariado, fujo do seu toque e a decepção se forma em seu rosto delicado.

— Quero que siga seu caminho, Danilo. Seja ele qual for. — abraço meu corpo numa agonia incomum enquanto acompanho a confusão em seu semblante antes de atender a ligação.

Seu olhar triste não desvia do meu, não sei mais como agir.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já estou voltando para o hotel, Misha.
— uma agulhada me espeta por dentro com a menção do nome da morena e evito encará-lo. —
Chego aí em meia hora. Até já! — Danilo se despede da mulher e abro a porta, mas sua feição denota o quanto está transtornado com toda a situação entre nós.

— Acho que precisa ir embora. — digo secamente tentando ignorar o furacão que arrebenta tudo em meu coração e o observo caminhar em passos lentos até onde estou.

— Quero que saiba que pode contar comigo sempre que precisar. Não sou seu inimigo, Luma e nem quero ser. Só não me afaste, ok? — Danilo pede sereno, assinto sem criar mais barreiras sobre o assunto.

Preciso urgentemente que ele vá embora antes que eu surte de vez.

— Não precisa se preocupar. — afirmo num suspiro.

Meu coração para dois segundos e minha pele queima quando sua boca toca no canto da minha num beijo delicado.

Não quero sentir aquilo tudo de novo.

Sei que serei a única machucada nesta

PERIGOSAS ACHERON

novela e prefiro continuar sendo a personagem secundário, não a protagonista.

Conheço bem quem fica com o mocinho no final.

— Boa noite, Luma! — Danilo sorri de lado e se despede dos meus pais num aceno antes de seguir na direção do seu carro.

Volto a respirar normalmente e ignoro o semblante observador dos meus pais na expectativa de uma explicação sobre minha conversa com Danilo. Pego Rubinho que dorme profundamente nos braços da minha mãe.

— Luma? — dona Íris ameaça um questionamento, mas apenas meneio a cabeça em negação numa expressão confusa que reflete bem como está meu coração neste instante.

Sigo para o quarto e coloco meu menino na cama dando um beijo de leve em sua testa. Anseio desesperadamente por um banho e a lembrança dos poucos minutos atrás com Danilo me atormenta.

Seu olhar doce, porém triste,; sua voz mansa, mas de uma personalidade sem tamanho e seu sorriso meigo são capazes de quebrar qualquer barreira que eu imponha e me fazem fechar os olhos com força numa tentativa falha de combater

qualquer fagulha de sentimento, mas meu coração me trai numa batida descompassada.

O ar de mistério que rodeia seu afastamento da família atíça minha curiosidade e mesmo não querendo me envolver, sinto que acabo de cruzar essa linha ao dar a oportunidade de Danilo continuar presente na minha vida e na de Rubinho.

Preciso realmente me mudar o quanto antes ou vou estar totalmente ferrada.

Mais uma vez.



Estou tão perdida em meus pensamentos que só percebo que Murilinho me faz uma pergunta quando sinto sua mão em meu braço e ergo meus olhos para encará-lo.

— O que foi? — indago displicente enquanto me aprumo na cadeira tentando focar novamente no trabalho em dupla que a professora Elaine passou há meia hora.

— Perguntei o que acha sobre estes gráficos? Não consigo entender nada e daria meu

PERIGOSAS ACHERON

braço para o professor Dornelles voltar pra faculdade. Ele sempre explicou tudo muito bem — meu colega lamenta e fito-o compassiva. — O reitor disse o porquê dele ter saído, Luma? Disseram que pode ter sido por conta do mesmo problema que ele teve em outra faculdade na última cidade que passou. — cerro meus olhos em indagação e o garoto parece se arrepender do que acaba de falar numa feição sem graça.

— Que história é esta, Murilinho? Que problemas o Dornelles teve? — imprenso-o com firmeza e acompanho seu rosto se contorcer numa careta indecisa.

— Desculpa, Luma. Ele é seu namorado, achei que já soubesse. — tenta se justificar e mal tenho tempo de respirar.

— Soubesse do quê, garoto? Diz logo, Murilo! — estou a ponto de perder meu controle e mesmo hesitante meu colega de curso abre a boca pra falar.

— Desde que ele saiu, está rolando um boato que teve caso com uma aluna em outra faculdade. O caso passou a ser tratado como segredo de justiça, mas dizem que o professor não se conformava com a separação e passou a

persegui-la. — não consigo acreditar no que o garoto de cabelos arrepiados diz e a dúvida volta a assolar meu coração com força.

— O que aconteceu? — questiono ainda incrédula

— Não sei o resto da história e nem se ela é verdadeira, Luma. Mas como vocês começaram a namorar e logo depois ele foi embora, algumas teorias começaram a circular aqui no campus. Você sabe como é essa garotada. — engulo a seco com seu argumento e mal vejo a professora se aproximar para recolher nosso trabalho.

— Espero que já tenham terminado para ficar de conversa fiada. — a moça magra e de cabelos chanel indaga num risinho debochado, observo a apreensão dominar o menino em minha frente por poucos segundos.

— Não encontrei a resposta relativa ao gráfico, professora. Dividimos as questões e esta especificamente ficou faltando. — assumo a responsabilidade pela questão em branco e estendo os papéis pra ela, Murilinho me fita agradecido.

— Quem lançou esse boato? — sussurro procurando não levantar atenção e os olhos de Murilinho recaem sobre Luísa.

Tolice minha ainda me dar ao trabalho de perguntar.

— Muito bem! Até a próxima semana pessoal. — somos dispensados pela docente e enquanto arrumo minha mochila meu colega de curso me olha apreensivo.

— O que foi, Murilinho? — digo fazendo um coque rápido no meu cabelo e seu tom soa mais como uma advertência.

— Nada! Só tome cuidado, ok? Seu namorado pode não ser o seu príncipe encantado. — solta ao sair e minha cabeça roda a mil por hora com tudo o que acabo de ouvir.

Antes que Luísa saia da sala, barro sua passagem com meu corpo fazendo a loira suspirar.

— O que foi agora, Luma? O professorzinho ainda está desempregado? — debocha num sorriso fraco, conto até dez engolindo vigorosamente a saliva que demora a descer pela minha garganta.

Não ligo a mínima para a garota oxigenada, mas talvez ela possa me dar novas informações que me ajudem a entender um pouco sobre toda essa história que ronda meu namorado.

— Eu não quero brigar, apenas me diga o

que sabe sobre o problema do Dornelles na outra faculdade. É muito importante, Luísa.

— E o que te faz crer que vou te ajudar com isso? — desdenha hesitantemente.

— Nada. Somente sua consciência pode julgar isso. — mexo com seu brio, observo com calma a garota puxar o ar com força e ajeitar sua franja antes de resolver abrir a boca.

— Eu realmente não sei muita coisa, apenas ouvi um burburinho de que seu namoradinho perfeito teria se envolvido com uma aluna numa faculdade no interior. Após alguns meses, ela decidiu terminar o relacionamento e parece que seu professor não curtiu muito a ideia.

— O que ele fez? — engulo a seco, ansiosa pra saber o resto da história.

— Ouvi dizer que ele passou a vigiá-la, mandava mensagens, mas até onde eu saiba ela nunca conseguiu uma prova contra ele. Nem mesmo quando seu cachorro de estimação apareceu morto dentro do próprio quarto.

— Está dizendo que Dornelles matou o cão dela por que eles terminaram? — estou totalmente incrédula.

— Não estou afirmando nada, Luma. As

pessoas falam muito, inventam coisas. Eu mesma só comentei por que achei muito estranha a forma que mandaram ele embora.

Somente uma pessoa pode me dar uma resposta concreta neste momento e sigo em passadas apressadas até lá.



— Entre! — o reitor autoriza minha entrada após as batidas na porta e assim que me vê, sua fisionomia se torna preocupada. — Em que posso te ajudar, Luma? — diz retirando seus óculos, cruzando suas mãos sobre a mesa.

— Desculpe, professor Aurélio. Não vou tomar muito do seu tempo. — o docente sinaliza a cadeira e exala fortemente ao sentar, seu olhar atento não se desvia de mim. — Sei que existem informações sobre os funcionários que são confidenciais, mas preciso confirmar algo que anda circulando pelo campus sobre o professor Dornelles. — um vinco de tensão aparece entre suas sobrancelhas e o vejo se recostar na cadeira

PERIGOSAS ACHERON

com expectativa pela minha pergunta. — Qual a verdade sobre a história dele com uma aluna em outra faculdade?

— Nem tudo o que acontece em cidades pequenas são verdades absolutas, Luma. E tem razão quando diz que as informações são confidencias. O currículo dele ficou manchado por conta desta história, mas tudo correu em segredo de justiça. Deste modo, não posso afirmar nada. — engulo a seco com seu argumento e minha cabeça dá um nó.

— Então pode ser verdade?

— Tudo é possível. Mas apesar disto, recebi boas recomendações dele de outras faculdades e como o contrato seria temporário, não vi empecilhos quanto a sua contratação. Até vocês começarem a namorar. — o professor sorri de lado e suspiro pesando o pouco que já sei até aqui.

— E a tal garota? Alguma notícia dela depois disso tudo? — imediatamente a imagem da moça no ponto de ônibus aparece em minha mente e fico atenta ao que vou ouvir como resposta.

— Parece que ficou um pouco paranoica, com mania de perseguição. Mas são boatos, não se pode realmente afirmar isto, Luma.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode me informar o nome da faculdade em que ocorreu o caso? — o reitor pesa minha pergunta antes de rabiscar num pequeno bloco de notas.

— Não vou livrar sua pele se você se meter em confusão, menina.

— Obrigada pela atenção e pelas informações, professor. — digo ao pegar o papel movendo-me da cadeira,; antes que eu abra a porta o reitor chama minha atenção.

— Luma! Não podemos levar tudo a ferro e fogo. Mas a prudência é a melhor ferramenta para vivermos livres de problemas. — meneio a cabeça em concordância e saio da sala com mais dúvidas do que certezas.

Mais do que nunca tenho que saber de toda a verdade.

Meus pensamentos fervem enquanto caminho até o ponto de ônibus e redobro a vigilância ao perceber que estou sozinha. Olho o relógio e como um déjàvu, encontro ao meu lado a mesma garota da outra vez, num semblante inquisitivo.

Não sei de onde ela saiu, mas confesso que já estou cansada de ficar no escuro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já terminou com ele? Precisa fazer isso antes que seja tarde. — seu tom é melancólico e mesmo observando a aproximação do meu ônibus, desta vez não dou um passo a mais.

— Primeiro vai me contar por que devo acreditar em você. Depois decido se é ou não tarde. — solto firmemente ao encará-la, ela tem um sorriso triste nos lábios.

— Preparada, Luma? — meu coração acelera com suas palavras e assinto engolindo a seco, fico aflita com o que ela vai falar.

Não quero mais meias verdades.

Eu escolho se elas são perdoáveis ou não.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Quebra-cabeça

Analiso minuciosamente a garota que se chama Mônica, embora ela pareça estar tranquila, suas mãos tremem ligeiramente enquanto toma seu café. Tento processar tudo o que acabo de ouvir e passo as mãos em meu rosto na fraca tentativa de ficar calma. Sensação que não tenho desde que a menina começou a falar.

Estamos numa pequena cafeteria próxima da faculdade e o indivíduo que a garota de olhos assustados e com uma voz dramática descreve, em nada se parece com o homem que conheço. Parecem duas pessoas completamente diferentes e tudo se torna ainda mais confuso.

— Ainda não acredita em mim, não é? — a menina indaga num sorriso debochado e meneio a cabeça para os lados sem saber o que pensar.

Dornelles nunca transpareceu nenhum tipo

de distúrbio e agora simplesmente uma criatura que nunca vi na vida afirma que meu namorado não passa de um homem possessivo e violento.

— Desculpa, mas você está falando de alguém que desconheço. Tudo bem, ele é um pouco inseguro, mas nunca agiu com violência ou autoritarismo comigo. — tento argumentar, mas levo um corte.

— Ele já usou as flores pra se desculpar? Com uma mensagem num mp4? — franzo as sobrelancehas com espanto e a menina bebe mais um gole do café.

Ela parece um pouco depressiva, mas bastante consciente do que fala.

— Espere por três passos e você verá, Luma. — engulo a seco enquanto Mônica enumera nos dedos. — O jantar. O presente. A lingerie.

— O que tem isso? — questiono insegura.

— O início do inferno. — o ódio se personifica em suas palavras, um calafrio percorre minha espinha. — Termine com ele o mais rápido possível. Invente qualquer coisa, não o faça se sentir rejeitado, Luma. Acredite, não vai querer passar pelo o que passei. — ela diz ao se levantar e uma agonia trilha um caminho rápido até meu

coração.

— Se o que diz é verdade por que ele não está preso? Por que continua trabalhando sem nenhum tipo de restrição em seu currículo?

— O pai dele é muito influente. Não é difícil limpar a sujeira do filho. — meu celular toca e ignoro a ligação de Dornelles enquanto evito que ela vá embora.

— Ele disse que você estava inventando histórias por que se sentiu rejeitada. — solto com dúvida e ela reage puxando a gola da sua camisa, deixando seu pescoço à mostra.

Uma repulsa desponta em meu íntimo com a feia cicatriz exibida pela jovem e observo com pesar uma lágrima rolar em sua fisionomia triste.

— Ele fez isso? — estou completamente em choque.

— Dancei com um primo numa festa de família e quando chegamos na casa dele, Dornelles avisou que eu merecia uma lição. Que nenhum homem além dele podia dançar comigo. — sinto meu peito queimar com seu relato e a dor está exposta em cada palavra que ela diz. — Daí, resolveu esquentar a ponta de uma faca de caça e deixou esta pequena lembrança.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como fez pra ele te deixar em paz? — o rosto dela endurece drasticamente e minha boca fica seca na expectativa da sua resposta.

— Eu tive que morrer. — Mônica joga um recorte de jornal em cima da mesa com a matéria de sua “morte” e mal consigo respirar. — Eu também acreditei nele um dia, Luma. Cuide-se e boa sorte! — Mônica me olha melancolicamente antes de se afastar, levo dois segundos pra perceber meu celular piscando.

Abro a mensagem do meu namorado e as palavras ditas pela garota que acaba de sair não saem da minha mente.

“Amor, por que não me responde? Vou te esperar para o jantar. Tenho um presente pra você e será especial. Te amo.”

Suspiro apreensiva e saio da cafeteria enquanto tudo parece irreal. Se Mônica estiver falando a verdade, estou completamente de mãos atadas.



PERIGOSAS ACHERON

Esfrego os olhos com cansaço ao observar Lia procurar alguma informação sobre Dornelles na internet, porém não encontramos nada. Todas as notícias parecem ter virado fumaça e se o pai dele for tão influente quanto Mônica disse, morreremos na praia.

— Não existe nenhuma referência com o nome do seu namorado nas pesquisas de busca, amiga. Ou essa garota está de olho no seu professor ou ele é mais esperto do que parece. — Lia solta compassiva e enterro meu rosto em minhas mãos por um segundo. Não sei mais o que procurar.

— Acha que ela está mentindo? — indago com dúvida e minha amiga exala num semblante confuso sobre minha conversa com Mônica.

— Acho que não dá pra ficar nesta dúvida, Luma. Precisa de fatos concretos. Ela pode ser uma maluca como ele mesmo falou ou você pode estar na maior enrascada. De qualquer forma, acho que precisa fazer as pazes com o alfabeto amiga. — não entendo a ironia no seu tom e franzo as sobrancelhas com confusão.

— Pode ser mais clara Lia? — solto entre dentes, mas não consigo ficar aborrecida com seu sorriso adorável.

— Três Dês, Luma. Preciso dizer mais? Se isso não for carma, não sei mais o que é. — compreendo sua lógica, mas não dou o braço a torcer.

— Não existem três Dês, ok? — resmungo num suspiro e ela dá ombros enquanto volto a me sentar.

— Se prefere ficar se enganando... — Lia diz com graça e dou a língua pra ela antes de exalar com força.

— O que devo fazer, Lia? Não quero ser injusta com Dornelles, mas também não quero ficar na mira de um namorado abusivo. — explico consciente da gravidade do caso enquanto ela permanece pensativa por alguns segundos.

— Por que não procura pelo reitor da tal faculdade em que ele trabalhou na época? Se tudo o que me contou for verdade, não vai demorar pra descobrir.

— Faculdade de Araguari, no interior. — seus dedos ágeis logo descobrem a rede de ensino no site de buscas e um telefone de contato pisca na tela. Em seguida, Lia disca os números e estende o aparelho fixo na minha direção.

— Boa tarde. Gostaria de marcar uma

conversa com o reitor Afonso. — peço cordialmente, observo o olhar atento de Lia e minha cabeça dói por um segundo.

Sinalizo caneta e papel com a mão e logo sou atendida pela loira. Anoto o endereço e me despeço da atendente com um bolo na garganta.

— Quer que eu vá com você? — minha amiga se prontifica, mas não é necessário ocupá-la assim e nego com a cabeça.

— Não, mas obrigada amiga. Você já fez demais. Preciso ir. — solto num lamento e a abraço com força.

— Cuide-se, Luma. Qualquer sinal de problema, chame a polícia, ok?

— Pode deixar! — brinco ao bater continência e sigo de volta para casa com várias dúvidas em meu coração.

É quase impossível acreditar no que Mônica me disse, mas nada nesta vida é imutável.

A brisa leve que me abraça em silêncio refresca minha pele e sinto as tensões em meu corpo se aliviarem gradativamente. O dia foi extremamente pesado e aproveito pra tentar respirar e relaxar um pouco enquanto caminho despreocupada até em casa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu telefone volta a tocar, mas desisto de atender meu namorado mais uma vez. Minha cabeça está cheia e tudo o que preciso é de um tempo pra pensar agora.

A rua está mais do que silenciosa e apresso meus passos nos poucos metros que faltam pra chegar em casa, observo um feixe de luz forte no asfalto. Um carro está bem próximo e em segundos o veículo acelera fazendo meu coração descompassar. Não tenho como me esconder.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Trégua

Corro o quanto posso, seguindo pela calçada enquanto o carro misterioso continua a me perseguir, forço minhas pernas acompanharem o ritmo acelerado da minha mente.

Viro na esquina do quarteirão que dá pra minha casa e realizo que faltam poucos metros para estar em segurança. Assim que me aproximo, ouço uma voz conhecida, meu coração amortece ao encontrar Danilo na entrada da minha varanda.

— Luma! — Danilo corre ao meu encontro e imediatamente o moreno se posta à minha frente como um escudo ao ver o quanto estou assustada.

O carro para há poucos metros de nós, mantendo o motor ligado, a expectativa de algo pior me consome rapidamente. Após alguns segundos, o veículo desliga os faróis e lentamente começa a se afastar.

Permanecemos imóveis.

Meu corpo começa a tremer e assim que o carro some pela rua do quarteirão, tento inspirar e expirar com calma, mesmo sem conseguir.

— Luma, você está bem? — Danilo indaga ao se aproximar e o medo em meu rosto deixa claro o quanto estou abalada. Balanço minha cabeça para os lados e não recuo quando seus braços largos me puxam para um abraço de conforto. Ao invés disso, o aperto ainda com mais força e neste exato momento me sinto segura como nunca antes. — Você quer entrar? — sua voz sai baixa e calma, nego com a cabeça ao erguer meu rosto para fitá-lo.

— Não quero encarar meus pais neste estado. — murmuro ao me afastar passando as mãos em meu rosto, seu olhar sereno me alivia a alma. — Só preciso de um lugar pra pensar, Danilo. — ele estende sua mão pra mim e mesmo indecisa sobre meus sentimentos, seguro enquanto ele sorri de lado.

— Vou com você aonde quiser ir. Estou do seu lado, ok? — não evito sorrir de volta ao notar a doçura em seu semblante, assinto num suspiro.

— Eu mostro o caminho. — seguimos até seu carro, tão logo saímos, ligo pra minha mãe querendo saber como está tudo e aviso que logo

estarei em casa.

Dona Íris não reclama, mas avisa que Dornelles já ligou várias vezes e bufo com cansaço, esfregando minha testa. Danilo me olha com curiosidade e encerro a ligação com minha mãe tentando racionalizar o que acabou de acontecer. Prendo minha atenção na paisagem que vejo pela janela e a voz do empresário soa preocupada.

— Tudo bem, Luma? — seu olhar alterna entre mim e a estrada quando suspiro longamente.

— Sim, Danilo. Só problemas. — mal o fíto enquanto aponto a direção em que deve estacionar.

É uma área arborizada e calma da cidade onde sempre gostei de colocar os pensamentos em ordem.

Salto do carro sendo seguida pelo rapaz e sento num dos bancos, de onde é possível contemplar uma boa parte da cidade de Primavera de cima. Danilo se senta ao meu lado e um silêncio amigável paira entre nós.

— Quem era no carro? — elevo minhas pernas na altura do meu tronco e fico de frente pra ele enquanto balanço a cabeça em negação.

— Não sei. Não faço a mínima ideia, mas se queria me deixar assustada, conseguiu. — solto

afastando alguns fios do meu rosto, Danilo ajeita seu corpo ficando na mesma posição que eu.

— Pode ter sido apenas uma brincadeira de mau gosto, Luma. Essas coisas absurdas que as pessoas fazem por aí. Não fica paranoica com isso, não. — sei que ele quer amenizar os fatos, mas a sensação de uma nova tempestade a caminho me deixa em alerta máximo.

— O modo como o motorista se comportou deixava claro que a intenção era me assustar, me apavorar, Danilo. Já não me bastam todos os problemas, ainda tenho que me preocupar com um motorista maluco que quer brincar comigo. — digo saturada com os acontecimentos, sua mão toca meu joelho num carinho me fazendo respirar devagar.

— Ei! Já disse que pode contar sempre comigo. Não vou deixar ninguém te fazer mal, Luma. — vejo a confiança nos seus olhos e mesmo não querendo ceder, meu coração respira aliviado por cada palavra dita.

— Por que foi até minha casa? — fito-o curiosa e seu sorriso desponta em seus lábios por poucos segundos.

— Amanhã vai ter um evento para as crianças num salão de festas próximo da empresa.

Meu pai tinha o costume de incluir os filhos, netos e sobrinhos dos funcionários nestas celebrações, queria sua permissão pra levar o Rubinho. — Danilo sorri, mas fecho a cara assim que termino de ouvir.

— Você e meu filho, sozinhos? — a confusão transborda dos seus olhos e não sei o porquê, mas estou realmente irritada. — Esquece! — desvio meu olhar para a paisagem e tento ignorar seus argumentos.

— Luma, só quero passar algum tempo com meu sobrinho. Ele gosta de mim. — engulo a seco ao voltar a fitá-lo e Danilo se esforça pra me persuadir. — Prometo que não vamos demorar. — pede com brandura e reviro os olhos antes de concordar.

— Ok! Mas se fugir do roteiro, prometo que só o verá novamente com o consentimento da justiça, entendeu? — aviso e agora seu semblante se ilumina num imenso sorriso feliz.

— Pode deixar sargenta, Luma. — bate continência e sorrio pelo seu tom divertido.

Somos tão diferentes, mas não me sinto tão confortável com ninguém mais, do que quando estou na companhia de Danilo. Isso realmente me

assusta.

Mesmo com os sentimentos mais que confusos em meu coração não posso esquecer de algo essencial nesta história: Danilo é comprometido e até a segunda ordem, eu também. Portanto, o melhor que faço é fugir desses devaneios de adolescente e manter o mínimo de contato possível.

Embora seja cada vez mais difícil.

— Como você e o Donatello se conheceram? — sua pergunta me pega de surpresa, sorrio de lado pela lembrança do moreno que podia ter tudo de mim numa única palavra.

— No último ano do ensino médio. Namoramos escondidos por um ano inteiro e logo após nos formarmos, descobri a gravidez do Rubinho. Foi um período muito difícil com os meus pais. Fui humilhada, escorraçada, inclusive pela sua mãe. — o sorriso de Danilo desaparece e sobra apenas indignação em seu rosto pesado.

Continuo minha batalha muda com o vento, que sacode meus cabelos sem dó, volto a observar uma névoa de indignação em seus olhos. — Uma amiga me acolheu e depois de quase três meses fora de casa, fiz as pazes com meu pai. Esperei meu

filho crescer um pouco e segui minha vidinha até entrar na Faculdade.

— Você é admirável, Luma. — Danilo opina numa fisionomia encantada e me sinto sem jeito.

— Eu tento fazer o meu melhor, Danilo. Pra mim,; para os meus pais,; para o Rubinho... o resto é consequência. — sorrio amarelo diante do seu olhar doce. — E você? O que te fez ir embora? — indago curiosa enquanto o moreno franze as sobrancelhas e expira fortemente sem me fixar, analisando se deve ou não me contar sua vida.

A tensão que o rodeia é notável e arrisco dizer que a culpa começa a ganhar um espaço em seus pensamentos também. Mas culpa de quê?

— Minha mãe sempre foi dominadora, manipuladora ao extremo e como não conseguia me manter sob o seu controle, focou todas as suas forças no meu irmão. Não vou eximi-lo, pois sei que ele foi um fraco. E não foi só em relação a você e ao Rubinho... — concordo com sua opinião sobre o irmão, mas não digo em voz alta,; apenas continuo a ouvir atentamente tudo o que Danilo me conta. Estou mais do que ansiosa para tentar entendê-lo. — Quando meu pai morreu, deixou

55% das ações em meu nome. Acho que ele também não confiava na minha mãe e nunca teve Donatello como um líder. Então, quando os dois ficaram sabendo disso armaram pra mim.

— Como assim?

— Fizeram com que eu assinasse um documento de doação sem que eu soubesse e desse modo se tornaram donos de mais 10% sobre as minhas ações. Perdi a presidência da empresa e cortei laços com eles por cinco anos. — sinto a amargura no seu tom e procuro ter cautela na pergunta seguinte.

— Você disse que tinha falhado com Donatello quando nos conhecemos. Se ele foi canalha com o próprio irmão, como pode se sentir culpado, Danilo? — meu tom é brando e seu olhar é tão carente que a vontade que tenho é de colocá-lo no colo.

— Se eu fosse mais presente, Luma. Se não tivesse focado tanto no trabalho, talvez meu irmão não tivesse se deixado levar pela manipulação da nossa mãe. Talvez eu pudesse ter feito diferença pra ele, entende? — Danilo se culpa por uma escolha que deveria partir do irmão e balanço a cabeça tentando mostrar o contrário da situação.

— Não pode e nem deve se sentir culpado por isso Danilo. Seu irmão fez a escolha dele, nada do que fizesse poderia ter mudado as consequências dos fatos. Donatello escolheu fazer a vontade da sua mãe, ele escolheu me abandonar. — seus dentes trincam e instintivamente seguro em sua mão, sem desviar meus olhos dos seus. — Eles foram os únicos culpados, não você.

— Donatello foi um louco ao fugir de você, do Rubinho... — a mão dele enlaça minha nuca com delicadeza e um arrepio sobe pela minha espinha, deixando minha respiração irregular. — Jamais faria isso, Luma. Jamais abandonaria vocês. — Danilo inclina seu rosto na minha direção e barro seu avanço ao segurar em sua mão.

Está cada vez mais difícil ficar ao seu lado.

— Somos comprometidos, Danilo. Nós dois! — arfo ao fitá-lo indecisa e nossas testas se encostam por um momento. — Acho que é melhor voltarmos pra casa. — solto insegura com meus olhos fechados e sua boca toca minha testa de leve.

— Ok. Eu te levo. — a decepção está impressa mais uma vez em seu sorriso fraco, seguimos em silêncio até o carro.

Evito olhá-lo durante a volta e não sei

quanto tempo mais consigo suportar esta situação. Não quero admitir pra ninguém, mas não dá mais pra me enganar, achando que não sinto nada pelo moreno ao meu lado. Na verdade, ele mexe comigo de um modo que nem mesmo Donatello era capaz de fazer.

— Obrigada pela carona, pela conversa,; enfim, por tudo. — sorrio tirando o cinto e Danilo segura meu braço por um segundo antes que eu saia do carro.

Meu coração descompassa.

— Por que não vem com a gente? — levo dois segundos pra entender e o rapaz me sorri com diversão pelo meu semblante confuso. — Para a festinha de amanhã. Vem comigo e o Rubinho. Será bacana, Luma — suspiro forte com o seu pedido e sem pensar muito assinto num sorriso de lado.

Danilo me devolve o sorriso com mais entusiasmo e pisca de modo matreiro assim que desço do carro.

Observo-o ir embora e antes que alcance a porta da minha casa, sou surpreendida por um puxão forte em meu braço.

— Então foi por causa dele que não

respondeu minhas mensagens e nem apareceu para o jantar, Luma? — Dornelles exhibe tanta raiva em seus olhos que rapidamente uma apreensão me consome.

— Quer me largar, Dornelles? Está me machucando! — ordeno numa careta de dor enquanto meu namorado aumenta a força contra meus músculos.

— Vai doer ainda mais se não me contar a verdade, Luma. Está caidinha pelo ex-cunhado, não é? Fala, Luma! — Dornelles grita furioso e engulo a seco, decidindo se jogo ou não toda a merda no ventilador.

Ao menos posso ver que a tal Mônica não estava mentindo. Dornelles é mais possessivo do que eu poderia imaginar. Neste instante, tudo pode acontecer.

Capítulo 20

Confissão

— Para com isso, Dornelles! — vocifero livrando meu braço do seu aperto enquanto sua fisionomia permanece brava. — Acabei de tomar um susto daqueles e você só tem caraminholas na cabeça? — seu semblante suaviza num misto de dúvida e confusão por um segundo.

Apenas espero que ele engula meu argumento e esqueça Danilo. Não sei o que Dornelles pode fazer e o melhor agora é manter a cautela.

— O que houve? — o professor se retrai sem jeito e massageia o local do seu aperto em meu braço por um instante.

— Fui perseguida por alguém num carro preto e quase morri.

— Aí o super-herói apareceu pra te salvar?

PERIGOSAS NACIONAIS

— fico surpresa com seu sorriso cínico e tento contornar a situação complicada em que me meti.

— Ele veio falar sobre o Rubinho, nada além disto.

— Acha mesmo que vou acreditar? Aquele cara só faltou te comer com os olhos, Luma. — perco o pouco controle que tenho e sou o mais direta que consigo.

— Não me interessa no que vai ou não acreditar, Dornelles. Estou cansada, abalada e preciso urgentemente de um banho pra relaxar. Então se já acabou com o seu showzinho, por favor, vá embora! — meu tom aumenta uma nota e é suficiente pra fazer meu pai abrir a porta com cara de poucos amigos.

— Acho que minha filha tem razão, professor. É melhor dar o fora. Agora! — seu Ramos ordena com propriedade e Dornelles engole a seco num semblante contrariado. Após alguns segundos, ele se afasta na direção do seu carro e bufo aliviada.

— O que está acontecendo, filha? — meu pai indaga sereno quando entro em casa e abro o jogo sobre tudo o que aconteceu há poucas horas. Não os quero na mira de Dornelles.

PERIGOSAS ACHERON

— Um carro me perseguiu na rua, Danilo me ajudou e Dornelles resolveu dar um piti de ciúmes. — solto num fôlego só enquanto minha mãe se junta a nós preocupada. — Talvez fosse bom se vocês dessem um tempo fora de Primavera junto com o Rubinho. Até tudo se acalmar, sabe? — sugiro com apreensão e meu pai me fita aflito.

— Quem perseguiu você, filha? Acha realmente necessário sairmos daqui, Luma? — dona Íris questiona temerosa e insisto na sugestão. Quanto menos familiares meus estiverem perto de Dornelles, melhor.

— Não faço a mínima ideia de quem seja, mas acho que é necessário sim, mãe. Ao menos por hora.

— Não pode ficar sem segurança, Luma! — meu pai rechaça e rapidamente uma ideia passa pela minha mente.

— Não se preocupem! Ficarei na casa da Lia. — digo ao abraçá-lo e meu coração se alegra quando minha mãe se juta a nós num aperto triplo. — Eu vou ficar bem, só preciso que se mantenham seguros, ok? — beijo cada um nas bochechas e subo até meu quarto para verificar meu filhote.

Rubinho dorme a sono solto e acaricio seus

cabelos antes de beijar sua testa e seguir para o banho. Procuro alguma pista sobre quem pode estar querendo me assustar e a imagem rude de Dornelles há alguns minutos me incomoda.

Não foi só sua atitude bruta que me deixou com medo, mas o nítido descontrole em seus olhos. A raiva que parecia dominá-lo por completo me alerta que é necessário tirá-lo da minha vida o quanto antes e tento encontrar um modo de fazer isso sem deixá-lo emocionalmente instável.

Meu celular pisca incessantemente e abro a mensagem de Dornelles com uma leve apreensão em meu peito. Suas oscilações emocionais me deixam mais do que nervosa, sem saber como agir.

“Me desculpe novamente pelo meu destempero, amor. Sei que sou muito inseguro, mas a sua proximidade com o do tio do Rubinho me incomoda bastante, não vou negar. No entanto, não quero mais brigar por causa disto. Vou fazer um novo jantar amanhã e espero ansioso por você. Com amor, Dornelles.”

Entro numa das minhas redes sociais na ânsia de obter ajuda para descobrir toda a verdade sobre Dornelles. Já fiquei tempo demais no escuro e preciso urgentemente de alguma carta na manga

para qualquer eventualidade.

Entre os meus contatos encontro quem pode fazer isso por mim sem levantar suspeitas e imediatamente mando uma mensagem.

“Murilinho! Preciso de ajuda, mas não pode contar pra ninguém”

Após alguns segundos vejo a tela ser preenchida por caracteres.

“O que preciso fazer?”

Depois de ter passado todas as coordenadas para Murilo, solto um longo suspiro me deitando ao lado do meu rebento, esperando que o amanhecer me trouxesse novas escolhas e que qualquer uma delas me ajudasse a manter minha família em segurança.

É tudo o que me importa.



Termino de arrumar a mochilinha do meu filhote quando uma buzina insistente soa do lado de fora e sorrio involuntariamente pela chegada de Danilo. Minha mãe me olha desconfiada, mas não

PERIGOSAS ACHERON

dou tempo para nenhuma das suas inquisições.

Contei o necessário sobre minha saída, não queria ficar ouvindo sermões sobre o assunto.

— Não vou demorar, mãe. Cuidem-se! — despeço-me dos meus pais ao sair porta afora e meu coração se agita ao rever o lindo sorriso do moreno, que está ainda mais lindo.

— Está tudo bem? — ele indaga ao me ajudar a colocar as coisas no carro e assinto rapidamente antes dele voltar sua atenção para o sobrinho. — E aí, rapaz? Pronto pra muita diversão? — Rubinho sorri com entusiasmo enquanto o prendo na cadeirinha e em seguida, sento no banco do carona diante do semblante eufórico de Danilo. O dia estava apenas começando.



O local é espaçoso e é bonito acompanhar as crianças de várias faixas etárias brincando e se divertindo no tanto de recursos disponíveis em matéria de entretenimento. Imediatamente,

PERIGOSAS ACHERON

Rubinho indica a enorme piscina de bolinhas e mesmo hesitante, sou convencida por Danilo com seu apelo maroto a deixar meu filho brincar.

Enquanto meu menino se diverte na companhia de outras crianças, o moreno me estende uma água de coco e senta-se ao meu lado num apertado banco de concreto.

Conversamos amigavelmente sobre nossas vidas e me esforço para disfarçar o encanto que sinto ao vê-lo falar com tanto entusiasmo de suas viagens e suas conquistas profissionais.

Falo das pequenas lembranças da minha infância, dos meus sonhos a concretizar e quando digo sobre os primeiros anos de vida de Rubinho, observo seus olhos marejarem com cada peripécia feita pelo meu garotinho.

É impossível não se comover.

— Existe algo que você ainda quer muito realizar e por causa de algum empecilho não conseguiu? — toda sua história de vida me interessa a um ponto inexplicável de curiosidade.

É a segunda vez que conseguimos conversar sem uma discussão, o que me faz apreciar ainda mais a companhia dele, além de gentil, Danilo é um homem muito culto e inteligente. Não duvido que

ele tenha partido muitos corações em seus anos de vida.

— Quero muito fundar um anexo na empresa aqui em Primavera que ajude jovens carentes a ingressar no mercado de trabalho. Prover parcerias com faculdades, cursos especializados para que essa geração que sai do ensino médio neste país possa ter mais condições para enfrentar o mercado lá fora. Consegui realizar isso no exterior, mas os empresários daqui não parecem dar muita importância quando não há retorno imediato. Quero poder fazer a diferença de alguma forma, Luma. — diz sonhador e não nego um entusiástico sorriso de volta.

— E o que falta para isso se tornar realidade? Os executivos da empresa não podem liberar o capital pra isso? — mordo o lábio inferior em dúvida por estar falando alguma besteira, eu não entendo nada de negócios e como esse tipo de processo funciona.

— Minha mãe sempre achou um desperdício e Donatello nunca foi forte o suficiente para ser contra, então meu plano sempre acabava na gaveta porque a maioria dos acionistas seguia a votação ao lado da minha mãe.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas agora... — deixo a pergunta no ar, o olhar de Danilo é um misto de expectativa e compreensão aonde quero chegar.

— Você quer entrar nesta briga? Quer assumir a parte de Rubinho e enfrentar os acionistas nesta peleja? — pisco algumas vezes engolindo vagorosamente sem saber como responder, achei que não haveria necessidade do meu envolvimento.

— Você não pode simplesmente tomar a frente de tudo, afinal, a parte do meu filho está em suas mãos, você é tio dele e tem poder para isso, não?

— Na verdade, não é bem assim que funciona, Luma. Eu poderia fundar uma instituição, mas preciso de suporte, de parcerias e não vou conseguir sem o nome da empresa, a influência dos acionistas é primordial em relação a isso. Eu também não posso utilizar as ações do Rubinho para negócios desse tipo, a procuração que você assinou não me dá esses direitos, mas se você revogá-la pode assumir seu papel como responsável do Rubinho e conseguir a ajuda da maioria dos acionistas para aprovar o projeto.

— Danilo, eu mal consigo convencer meu

PERIGOSAS ACHERON

filho a tomar banho no horário certo, acha que vou conseguir dobrar uma dúzia de acionistas que não fazem a mínima questão de me ter na empresa? — seu sorriso de reprovação por eu parecer tão pessimista me faz suspirar pesadamente, sua mão segura a minha com carinho.

Seus olhos não desviam dos meus, me sinto totalmente perdida neles.

— Você realmente não enxerga como pode mudar as coisas, não é? — sua voz doce me desarma.

— Eu não sei como... — suspiro.

— Eu ajudo você. Pode dar certo se você mostrar uma perspectiva diferente da minha para eles. Essa turma já conhece meus projetos anteriores e a maior barreira era que minhas ideias não gerariam o lucro que eles almejavam, mas com você as coisas podem ser diferentes. Você tem uma visão muito mais crítica da realidade da cidade e se usar da sua criatividade, eles podem entender que o investimento num empreendimento como esse pode valer a pena para seus bolsos, entende? Eu vou te ajudar Luma, confie em mim! Certo? — sua mão se move até minha bochecha num carinho e fecho os olhos por um segundo, assentindo num sorriso em

seguida.

— Eu confio em você!

Após um breve silêncio entre nós, voltamos nossa atenção para Rubinho que continua a brincar alheio a tudo à sua volta.

— Ele está no céu. — Danilo sorri satisfeito e não evito sorrir de volta pela felicidade do meu filho. — Você ficou bem? Como passou a noite ontem? — seu tom é preocupado e suspiro com cansaço por um segundo.

— Tirando o desgaste emocional com meu namorado, foi tudo bem. Não apareci no jantar que ele preparou e Dornelles fez uma cena de ciúmes quando me viu com você. — não sei por que vejo necessidade de falar sobre Dornelles com ele, mas simplesmente não me contenho.

— Desculpe, Luma. Não queria te causar problemas. — balanço a cabeça para os lados numa fragilidade palpável e as lágrimas ameaçam saltar dos meus olhos a qualquer momento. — Ei! Ele foi rude com você? Ele te machucou, Luma? — ergo meus olhos pra fitá-lo, mas não consigo responder por que o choro de Rubinho chama minha atenção de imediato.

Corro rapidamente até a piscina de bolinhas

e meu menino não para de chorar, deixando meu coração apavorado.

— O que houve? — questiono alterada para a jovem em treinamento enquanto o choro se torna cada vez mais intenso.

— Eu não sei, senhora. Num segundo ele estava bem com as outras crianças e no outro começou a chorar, eu não vi nada de anormal.

A moça atropela as palavras pelo nervosismo e minhas lágrimas que estavam presas, começam a deslizar pela minha face com força neste momento.

— Ele e o outro menininho bateram cabeça, tia. — uma ruivinha cheia de sardas diz rapidamente e o temor aumenta quase cem por cento em meu coração.

— Precisamos de um médico, Danilo. — solto desesperada seguindo na direção do seu carro e em menos de dez segundos já estamos na estrada.

Danilo dirige o mais rápido que pode e inicio uma prece silenciosa enquanto o choro de Rubinho se torna espaçado entre fungadas, o que aperta ainda mais meu peito.

Assim que chegamos ao postinho de Primavera, encontro Maurício na saída do

estacionamento e mal consigo falar devido ao nervosismo.

— Maurício! Meu menino se machucou e não para de chorar... — não consigo terminar a frase por conta do meu choro e imediatamente o sogro de Lia pega Rubinho do meu colo.

— Acalme-se, Luma! Vamos olhar o que ele tem e tudo vai ficar bem, ok? — sua voz branda me deixa um pouco mais calma e enxugo as lágrimas em meu rosto enquanto sigo com o médico postinho adentro.

— O que aconteceu? — Mauricio indaga seguindo pelo corredor e só lembro que Danilo está ao meu lado quando o moreno responde em meu lugar.

— Ele estava brincando numa piscina de bolinhas e bateu com a cabeça na de outro garotinho que brincava junto. — o médico fita Danilo com curiosidade, mas não diz nada.

Entramos no consultório e enquanto Mauricio examina meu filho, Danilo segura forte em minha mão que está gelada de tanto nervoso. Rubinho volta a chorar com vontade e me desespero.

— Não mente pra mim, Maurício, por

PERIGOSAS ACHERON

favor. O que ele tem? — peço chorosa e seu semblante denota que algo muito sério aconteceu.

— Parece uma pequena concussão, Luma. — levo minhas mãos à boca e parece que vou ter um colapso a qualquer momento. Não faço ideia da gravidade do que o médico fala. — Calma! — seu olhar apesar de preocupado me passa brandura e exalo com força, tentando me manter de pé. — Pode não ser tão grave quanto parece, por isso, vamos fazer uma tomografia pra saber direitinho, ok? Vai ficar tudo bem, acredite. — Maurício me sorri num apoio e assinto sem outra escolha. — Voltamos logo! — diz ao sair com Rubinho no colo e sento na cadeira cobrindo meu rosto com as mãos.

Tudo se mistura e começo a perder o controle do que estou sentindo.

— Vai dar tudo certo, Luma. Você ouviu o médico. Ok? — Danilo diz brandamente, mas o medo que sinto sobre toda essa situação se sobrepõe a lógica e não me preocupo com o que sai da minha boca agora.

— Vai ficar tudo bem quando você for embora das nossas vidas e nos deixar em paz, Danilo. — digo com raiva e o espanto em seu

semblante deixa claro o quanto ele está confuso com minhas palavras.

— Por que está dizendo isso, Luma? Não tenho culpa de o Rubinho ter se machucado. — argumenta com razão e não o poupo da confusão que ronda meu coração.

— Se você não tivesse aparecido em nossas vidas, se não tivesse insistido nessa droga deste passeio, tudo seria diferente, Danilo. — praguejo num misto de raiva, temor e dúvida, mas seu olhar apaixonante me quebra por dentro.

Volto a chorar e Danilo me abraça devagar, aumentando seu aperto gradativamente enquanto meu coração vai normalizando suas batidas lentamente.

— Desculpa! Desculpa! Eu estou tão perdida, Danilo. — sussurro com o rosto abafado em seu peito ao fungar e o deslizar das suas mãos em minhas costas me acalma rapidamente.

Aperto seu corpo ainda mais e sua boca toca em meu pescoço num beijo delicado, mas cheio de significados. Um deles era o mesmo que se passava neste instante em meu coração: amor.

— Se você não tivesse aparecido na minha vida, era eu quem estaria perdido, Luma. — seus

olhos encontram os meus e sua mão acaricia minha face lentamente me fazendo fechar os olhos por um segundo. — Tentei me enganar durante todo esse tempo, agora não dá mais, entende? É mais forte do que eu, Luma... — Danilo sussurra ofegante e tento interrompê-lo sem sucesso.

— Danilo...

— Não, Luma! Não me interessa Dornelles, Misha ou o raio que os parta. Estou apaixonado por você e não posso esperar mais nada. Eu te quero. Só você, Luma! — sua boca encosta de leve na minha e sinto como se meus pés saíssem do chão por um momento.

Sua língua encontra a minha de forma ávida e o beijo se torna urgente, calmo, inebriante; tantos sentimentos ao mesmo tempo que mal consigo respirar.

Seguro seus cabelos com força e me deixo levar pela euforia do momento sem pensar mais em nada. Sei que tudo é uma grande loucura e que posso estar entrando num caminho sem volta agora.

Mas ao menos por esses míseros segundos, qualquer loucura ao lado de Danilo está valendo a pena.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Bônus *Danilo*

Quando a loira de cabelos volumosos e olhar assustado esbarrou em mim na saída da empresa Aguiar, jamais poderia imaginar que nossos caminhos estariam entrelaçados pela vida inteira. Naquele instante meu coração palpitou como nunca antes e por um segundo cogitei a possibilidade de correr atrás dela sem mesmo saber por quê.

No entanto, peguei os documentos que caíram no chão e segui na direção da diretoria ainda pensando qual seria a história da garota que passara por mim como uma bala. No fim daquele fatídico dia, eu saberia.



Nunca pensei que retornaria à casa que vivi por mais de vinte anos numa situação como esta. Algumas coisas ainda estavam no mesmo lugar enquanto novas mobílias adornavam o ambiente dando um clima de nostalgia e modernidade ao mesmo tempo.

Um enorme pesar se instalou em meu coração com as lembranças vívidas em minha mente e exalei o ar forçosamente tentando mascarar toda a dor que se encontrava em meu peito.

Foi totalmente inútil.

Lentamente senti as primeiras lágrimas brotarem dos meus olhos e embora tentasse ser forte, estava perdendo minha própria batalha. Nunca pensei que podia sentir tanta dor na vida.

Só havia sentido a mesma sensação com a morte do meu pai, a realidade de não ter mais ninguém da minha família presente era o mesmo que ter pedaços do meu corpo sendo arrancados de mim lentamente.

— Deixa sair, Danilo. — Misha segurou meu rosto carinhosamente em suas mãos e seu olhar tinha tanta ternura quanto no dia que a vi pela

primeira vez num evento de moda em Milão. — Não precisa ser forte o tempo todo. Eu estou aqui com você. Sempre vou estar. — engoli o soluço que se formou em minha garganta e a abracei num choro doído por todas as brigas que tive com minha mãe e Donatello.

Por todas as vezes que poderia ter feito diferença e não fiz. Por tê-lo deixado à mercê das vontades de dona Sofia quando ele não tinha mais forças pra lutar. Naquela noite eu simplesmente chorei como não chorava desde que meu pai partiu há dez anos.

Após me acalmar e comer alguma coisa, vasculhei algumas gavetas no escritório da minha mãe e além de algumas fotos antigas, encontrei uma carta com a letra de Donatello no fundo de uma delas.

Luma Ramos era o destinatário, mas não sabia de quem se tratava. Pensei duas vezes se deveria ou não invadir sua privacidade, uma vez que ele jamais estaria presente novamente e num impulso de curiosidade, abri.

Enquanto lia o conteúdo do papel, minha cabeça não parava de girar e já não sabia mais o que pensar tamanha era a confusão em meu peito.

PERIGOSAS NACIONAIS

Donatello implorava uma segunda chance para a moça e dizia querer assumir de papel passado o filho, fruto do amor que eles tiveram.

Eu tinha um sobrinho desconhecido que seria o laço remanescente da minha família, e realmente não sabia se ficava contente ou desconfiado sobre o que a mãe do garotinho poderia fazer dali em diante.

— Você está bem? — Misha indagou num sorriso complacente, enquanto eu guardava a carta no bolso do meu blazer, diante do seu olhar curioso.

— Estou sim, amor. Pode fazer algo por mim? — ela assentiu sem mais perguntas e sorri de lado por um segundo. — Prepara aquele banho de sais na banheira que só você sabe fazer. Preciso relaxar um pouco. — meu único intuito era que minha namorada não fizesse mais perguntas.

Eram assuntos da minha família e por mais que gostasse da companhia de Misha, não queria compartilhar assuntos que não precisavam ser de seu conhecimento.

— Claro. — ela disse me dando um selinho rápido antes de sair do escritório e voltei a analisar as outras gavetas ao redor.

PERIGOSAS ACHERON

Donatello não seria tão burro de não pedir um teste de DNA e se bem conhecia minha mãe, jamais deixaria o filho assumir uma responsabilidade dessas.

Não demorei muito e encontrei um envelope com o nome de uma clínica muito conceituada e novamente o nome Luma Ramos apareceu no papel ao lado de Donatello. Mais abaixo, a constatação de que Rubens Ramos era legitimamente um Aguiar, mexeu com meu coração.

Subitamente uma vontade de encontrá-lo me assolou e um misto de euforia e temor me dominaram por um segundo. Eu não desconfiava que essas duas pessoas fossem mudar tanto a minha vida naquele momento.

Sempre fui um cara que era mais dedicado ao trabalho do que a família, um vício que acabei por herdar do meu pai, talvez por muitas vezes ter estado ao lado dele em transações de negócios e viagens ao redor da Europa.

Éramos uma dupla perfeita. O que eu não entendia, ele explicava e o que ele não conseguia enxergar, eu mostrava de forma prática.

Por isso, não me admirei quando ele

resolveu deixar a maioria das ações em meu nome, ele sabia que eu faria o certo pela empresa e que não deixaria dona Sofia ou Donatello destruírem em meses, o que levamos anos para conseguir.

Minha família sempre teve preferências distintas: Meu pai vivia colado comigo, Donatello vivia debaixo dos mandos de nossa mãe.

Sinceramente eu nunca soube de fato o que ela nutria por nós e duvido até mesmo que ela realmente amasse meu pai. Dona Sofia era uma mulher elegante e charmosa, porém, igualmente fria e ambiciosa, capaz de fazer o que fosse para alcançar seus próprios objetivos.

Tive a certeza disso quando ela e meu querido irmão me apunhalaram pelas costas.

Foi através de uma amiga dela que conheci Misha num evento de moda em Milão. Eu nunca havia visto mulher mais glamourosa na vida e nossa atração foi algo praticamente instantâneo.

Em muito tempo ela foi a primeira mulher com quem realmente cheguei a cogitar subir ao altar. Misha além de linda, tinha tudo o que um empresário bem sucedido como eu poderia querer, mas eu sabia que faltava algo muito maior do que somente uma relação cordial ou uma boa química

na cama.

Faltava amor.

Essa é uma palavra que acho que nunca conheci fora do ambiente familiar com meu pai, ou das vezes que estávamos no Haras com Donana, que foi a mãe que dona Sofia nunca soube ser pra mim.

Definitivamente, Misha não era a dona do meu coração.



Descobri o endereço de Luma e quando a encontrei, meu coração deu o mesmo solavanco de quando fui literalmente atropelado por ela no saguão da empresa. Já havia sido esquisito da primeira vez, naquele momento estava profundamente embaraçado.

Ela pareceu não me reconhecer e embora existisse uma austeridade de sua parte, pude sentir uma áurea boa emanando da loira.

Tudo nela parecia encantador, sem contar que meu sobrinho parecia ser uma criança adorável.

PERIGOSAS ACHERON

Os dias foram passando e minha estadia que deveria ser de apenas dois dias já estava se estendendo pela segunda semana.

Apesar de sua relutância inicial, convenci Luma a incluir o nome de Donatello na certidão de nascimento do menino, dessa forma, ele teria legitimidade para assumir sua posição na empresa quando fosse o momento.

Misha insistia que devíamos voltar pra casa, mas desde que Luma assinou a procuração para que eu cuidasse do patrimônio empresarial do Rubinho que eu arranjava qualquer desculpa para encaixar a loira dona de si e o garotinho esperto em minha rotina pessoal.

A vontade de tê-los por perto era tão gritante que a discussão com Misha foi inevitável quando cheguei da casa da Luma após pedir desculpas pelo mal estar na empresa.

— Onde você estava? — a morena indagou numa voz arrastada deixando claro que já havia bebido além da conta.

— Resolvendo problemas. Desde que horas está bebendo? — inquiri tirando o paletó, Misha sorria com desdém pela minha resposta.

— Você estava com ela, não é? Admita

Danilo! — respirei profundamente tentando manter o controle que logo foi pra lua com a sentença seguinte dela. — Você foi atrás daquela desclassificadazinha que não tem onde cair morta com aquele fedelho.

— Nunca mais repita isso, ouviu Misha? — disse com o sangue fervendo em minhas veias ao segurá-la firmemente pelos braços e seu olhar além de surpresa, denotava também ódio.

Soltei a morena ao perceber que estava passando dos limites e remexi em meus cabelos tentando me manter calmo.

— Está apaixonado por ela. — engoli a seco num semblante confuso e as palavras travaram em minha garganta enquanto a perplexidade estava estampada no rosto angelical de Misha. — Está apaixonado por ela e nem se deu conta disso Danilo.

— Pare de dizer bobagens, Misha. — retruquei sem fitá-la, exalando fortemente e tentando enganar meu coração.

Como se o nosso quase beijo de poucas horas atrás não fosse a confirmação daquilo que minha namorada acabava de descobrir.

Estava apaixonado pela ex- mulher do meu

irmão e não saber lidar com isso estava a ponto de me matar.

— Vou tomar um banho e dormir. Não precisa me esperar pra comer. — informei dando passos na direção do quarto, mas Misha se pronunciou antes que eu chegasse até lá.

— E você não precisa me esperar pra dormir. — disse entre dentes ao sair porta afora.

A noite se transformou numa grande tormenta para mim e meus pensamentos inquietos não me deixaram dormir.



O dia seguinte foi um verdadeiro suplício e não esperei que terminasse pra resolver de uma vez por todas a enorme confusão no meu peito.

Eu precisava falar o que estava sentindo e Luma iria me ouvir, mesmo que depois de tudo ela não quisesse mais saber de mim.

Passava das sete da noite e já estava quase desistindo de esperá-la, quando de repente a avistei correndo pela rua num medo palpável e segui

rapidamente ao seu encontro.

Um carro escuro parou quase em cima de nós e me postei como um escudo em sua frente esperando qualquer movimento do motorista que não saiu do veículo.

Os faróis estavam muito altos e apesar de parecer com um carro popular, não era um modelo nacional. Quando finalmente o veículo recuou, abracei a loira com carinho e minha pele estremeceu imediatamente com o aperto dos seus braços ao meu redor.

Luma pediu para dar uma volta e conversamos longamente pela primeira vez sem brigar. Nunca me abri tanto com uma pessoa quanto me expus com ela aquele dia.

O que eu mais queria era eternizar aquele momento num beijo, mas pela segunda vez, Luma fugiu do desejo que também parecia tomar conta do seu coração. Tudo parecia sumir do nosso controle, mas não queria deixá-la numa posição constrangedora e mais uma vez, me contive.

Não só de beijá-la, mas de contar o que andava rondando meu coração.

Mas agora, no corredor desse postinho, na espera de notícias do Rubinho que se acidentou;

PERIGOSAS NACIONAIS

não consigo mais segurar o que há dias tenho tentado disfarçar.

Luma parece compartilhar do mesmo desejo, do mesmo sentimento que me domina com força e num impulso incontável colo meus lábios nos dela de forma lenta tentando saborear cada segundo deste momento mágico.

Suas mãos enroscam em meu pescoço e aprofundo nosso beijo numa avidez sem tamanho. Neste exato momento descubro o que levei anos pra constatar em relacionamentos fadados ao fracasso: pela primeira vez, eu não estava amando sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Falando a verdade

Estou tão absorva com o tanto de sentimentos em meu coração que só me dou conta da presença de Mauricio, quando o médico pigarreia alto interrompendo o beijo entre mim e Danilo. Nos afastamos rapidamente e meu coração arde com o que posso ouvir sobre meu menino.

— Não era pra interromper, só vim avisar que os exames vieram bons e Rubinho não vai ter nada demais, além de um pequeno galo na testa. — Mauricio avisa numa careta divertida e o abraço com força num alívio.

— Obrigada. Podemos vê-lo? — sorrio sem jeito enquanto o semblante de Danilo demonstra o quanto está satisfeito por não ter sido excluído do meu pedido.

— Claro! Só quero que ele passe a noite aqui por precaução, ok? Mas ele está bem! — Mauricio afirma num meio sorriso e seguimos em

passos apressados até um dos quartos da ala pediátrica.

Danilo me olha furtivamente por algumas vezes, mas evito ao máximo encará-lo. Não faço ideia de como tudo será de agora em diante e não ter certeza de nada me deixa mais aflita sobre o que acabou de acontecer.

Rubinho está distraído com um programa na TV, mas assim que seus olhinhos encontram os meus, meu coração vibra de alegria com seu imenso sorriso para mim.

— Mamãe! — ele abre seus bracinhos com entusiasmo e o abraço com força, agradecendo aos céus pelo meu garoto estar bem.

— Nunca mais me assuste desse jeito, menino! Você me ouviu, Rubens Ramos de Aguiar? — repreendi num misto de irritação e alívio, cobrindo suas bochechas de beijos.

— Assim vou ficar melado, mamãe! — reclamou limpando o rostinho e voltei a fitá-lo nos olhos.

— Vai mesmo, todas às vezes que você se machucar e precisar ganhar beijos pra sarar, além de uma boa bronca, mocinho! — pontuei divertida enquanto sua face se transformava numa careta.

— Mas não foi culpa minha! — lamuriou num fio de voz e voltei a segurar seu rostinho em minhas mãos.

— Eu sei que não meu amor, mas você precisa tomar cuidado quando estiver brincando, entendeu? Promete? — Rubinho concorda num aceno, afirmando que entendeu meu argumento, logo a voz do homem ao meu lado toma conta do ambiente.

— Que susto, rapaz! Tudo bem? — Danilo diz meloso e também ganha um abraço do sobrinho.

Sorrio enquanto Rubinho assente, eles iniciam uma conversa extrovertida e aproveito para, ligar pra casa e avisar meus pais.

Levo ao menos dez minutos para acalmar meus pais e consigo os convencer que não preciso de companhia no postinho. Espero estar em casa pela manhã e não faz sentido deixá-los se cansarem por conta de uma situação que já está resolvida.

Dona Íris me passa um sermão e suspiro por um segundo antes de encerrar nossa conversa. Sinto uma leve culpa por ter me distraído com Danilo ao invés de prestar atenção no meu menino, mas tento racionalizar que esse não será o primeiro e nem o

último incidente dele.

O que não deixa de ser normal desde que me entendo por gente.

Uma imensa ternura domina meu coração quando me aproximo da cama de Rubinho e a cena que encontro parece um quadro familiar de tão perfeito. Danilo está deitado ao lado do meu filhote enquanto Rubinho descansa sua cabeça no peito do tio.

Ambos dormem tranquilamente, sento numa das poltronas no quarto e sorrio encantada, sem saber o que será de nós pela manhã.

Em pouco tempo, sou vencida pelo sono também.



Minha mãe se apressa em pegar o neto no colo assim que chego em casa e logo Rubinho está sendo paparicado pelos avós.

Meus pais não cumprimentam Danilo e observo num semblante encabulado, o moreno me sorrir de lado. Não trocamos uma palavra durante a

PERIGOSAS ACHERON

volta pra casa, mas sabia que tudo havia mudado de vez no nosso relacionamento.

A única vontade que sinto neste instante é ter o gosto da sua boca novamente na minha, mas me esforço a manter uma distância segura.

Confesso que não está nada fácil.

— Ainda sou persona non grata, não é? — Danilo diz massageando sua nuca e tento amenizar o clima constrangedor que paira no ar.

— Dá um desconto, Danilo. Eles acham que você pode criar algum problema por causa do Rubinho. — cruço meus braços serena e seu olhar sério me deixa confusa.

— Você também acha isso? — Danilo questiona ao se aproximar e mordo meu lábio com ansiedade. — Também acha que sou um problema, Luma? — sua mão enrosca em minha nuca e sinto um choque de eletricidade percorrer todo meu corpo, por um segundo sinto o ar me faltar.

— Acho que nós dois estamos no meio de um grande problema. — murmuro consciente das nossas circunstâncias, Danilo exala com força antes de assentir decididamente.

— Eu vou resolver isso, ok? — seus olhos se fixam nos meus, mas fujo do seu toque com

receio de enfrentar o que pode vir pela frente.

Nunca fui de ter medo dos desafios que a vida me impunha, mas não sei se suporto ter meu coração quebrado novamente por outro Aguiar.

— Olha, Danilo! Eu não quero que resolva nada, está bem? — solto duramente e uma névoa de perplexidade se fixa em seu olhar por um segundo. — Tudo isso já foi longe demais. — meu tom é firme, mas meu coração parece se desmanchar pouco a pouco com o semblante doído.

— Não pode negar que houve muito mais do que um simples desejo naquele beijo, Luma. Você também quis. Você também sentiu! — Danilo se aproxima mais uma vez, balanço a cabeça em negação numa fraca tentativa de provar o contrário.

— Não, Danilo. Não! — passo as mãos nervosamente em meu cabelo, exalando todo ar de uma vez enquanto volto a fugir. — Esquece o que aconteceu ontem, por favor. Apenas vá embora! — peço sem encará-lo, espero desesperadamente que ele acate meu pedido.

Além do redemoinho em meu coração não o quero na mira de Dornelles. Quanto mais estivermos afastados, melhor.

— Tem certeza que é isso o que quer? —

Danilo indaga num misto de esperança e dúvida, firmo meus olhos nos seus, num lamento.

— É disso que preciso agora. — minha voz sai vacilante, observo o esforço que o moreno faz para não ultrapassar os limites que delimitei através dos meus medos, após alguns segundos, assente decepcionado.

— Bom dia, Luma. — ele sorri amarelo e vê-lo ir embora me deixa sem chão.

Preciso resolver minha pendência com Dornelles e arrumar meu coração antes de arriscar novamente. Não posso perder o prumo e engulo o choro que ameaça saltar da minha garganta a qualquer momento.

O carro dele some no quarteirão e entro em casa como uma bala, passos ligeiros seguindo até meu quarto.

Sigo até o banheiro e lavo meu rosto num suspiro, na certeza de que fiz o certo. Não é seguro manter Danilo perto de mim enquanto não me afastar de Dornelles e volto para o quarto onde procuro no closet alguma coisa leve pra vestir e seguir pra faculdade.

Estou mais do que atrasada.

Fecho a porta do guarda roupas e meu

coração dá um salto com a presença de Dornelles no cômodo. Não faço a mínima ideia de como ele entrou, mas seu semblante transtornado deixa claro que estou em maus lençóis.

— O que faz aqui, Dornelles? Como entrou? — digo assustada ao recuar alguns passos, minha garganta seca.

— Sabia que é uma enorme falta de educação não dar nenhuma satisfação quando alguém está esperando para jantar? — solta num sorriso cínico e uma pontada me aflige.

Havia me esquecido completamente deste detalhe.

— O Rubinho se acidentou Dornelles e tive que levá-lo ao postinho. Esqueci completamente de você, amor. Me desculpe! — tento contornar a situação num sorriso nervoso, mas Dornelles se aproxima claramente contrariado o que me causa calafrios.

— E tinha que procurar logo a ajuda do riquinho? — engulo a seco numa fisionomia confusa, o sorriso debochado dele é a confirmação de que meu namorado sabe mais do que acabo de dizer. — Eu o vi saindo ainda há pouco. O que significa que vocês passaram a noite juntos.

— Não passamos a noite juntos, meu filho precisou passar a noite no postinho... — Dornelles me corta com fúria.

— Mas passou a tarde toda com ele. Confessa, Luma! — vocifera num enorme descontrole, fico surpresa com seu relato.

Dornelles passa as mãos com força em seu rosto, franzo as sobrancelhas num entendimento da situação.

— Você me seguiu? — não pensei que ele pudesse chegar tão longe.

— Segui, sim. Agora confessa que ele é um canalha que está dando em cima de você, Luma. — Dornelles solta destemperado, sinto minhas veias queimarem com seu comportamento. — Confessa pra mim que aquele beijo foi forçado e que não significou nada pra você. Fala, Luma! — grita com os olhos arregalados, não tenho mais o que negar, deixando tudo às claras num semblante muito sério.

— Não foi um beijo forçado Dornelles e significou muito mais do que devia pra mim. — confesso sem pesar as palavras, não tenho tempo para impedir o golpe certo que faz meu rosto arder me levando ao chão.

Meu coração corre desenfreado enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

seu olhar insano me avisa o quanto estou indefesa.
Não tenho mais o que fazer.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Verdades ou mentiras?

— Droga, Luma! Viu o que me fez fazer?
— Dornelles brada transtornado enquanto tento me manter o mais longe possível dele.

— Vai embora, Dornelles. Não quero te ver nunca mais. Acabou! — digo firmemente, vejo sua fisionomia ganhar um ar de sarcasmo no mesmo tempo que meu coração fica pequeno.

— Acaba quando eu disser que acabou, entendeu? — seus passos se aproximam de mim, reconheço a voz que soa preocupada junto de fortes batidas na porta.

— Luma eu preciso falar com você! — não deixo Dornelles ter tempo de agir, praguejo com urgência.

— Entra Danilo! — o moreno adentra no ambiente e não leva dois segundos pra perceber o que está acontecendo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu filho da mãe! — Danilo parte pra cima de Dornelles e ambos brigam no meio do meu quarto, quebrando tudo o que encontram pela frente.

Ligo para polícia e rapidamente informo o que está acontecendo. Dornelles já está sangrando e meus pais aparecem totalmente assustados com a cena diante deles. Danilo desfere um soco certeiro e Dornelles vai ao chão sem nenhuma chance de revide.

— Você está bem? — o moreno diz ofegante ao se aproximar e passar a mão delicadamente no vermelhão em meu rosto.

Assinto num misto de choro e preocupação enquanto a sirene da polícia soa do lado de fora. Abraço Danilo com força e suspiro aliviada por ele ter voltado.



Observo da janela, Dornelles ser levado pelo carro da polícia local e minha mãe chama minha atenção ao entrar no quarto, munida de uma

PERIGOSAS ACHERON

bolsa de gelo e um kit de curativos.

Danilo rapidamente se prontifica e mesmo sem dizer nada, minha mãe segura suas mãos num agradecimento velado, seguido de um sorriso contido. Acho que o rapaz em minha frente acaba de ganhar muitos pontos com dona Íris. Ela vai embora, Danilo sinaliza para que eu me sente ao seu lado na cama num semblante tenro.

Não recuso sua ajuda e assim que me sento ele põe a bolsa de gelo delicadamente na minha bochecha, acariciando o outro lado da minha face suavemente. Seu olhar é doce e compassivo, sinto uma pontada de vergonha por toda essa situação, mesmo que involuntariamente.

— Por que voltou? — murmuro sem tirar meus olhos dos seus e Danilo não se acanha.

— Por que sei que está com medo e esse é o único motivo pelo qual me mandou embora há poucos minutos. — solta mansamente, engulo a seco com sua percepção sobre meus sentimentos. — Voltei pra resolvermos isso. — um sorriso meigo desponta em seus lábios e fico encabulada de fitá-lo.

Levanto da cama num impulso e estalo os dedos das mãos tentando disfarçar o meu nítido

nervosismo, no mesmo instante em que Danilo me fita com apreensão.

— Não foge mais, Luma. Já perdemos tempo demais, você não vê? — solta num suspiro e não posso negar o quanto estou insegura em relação aos sentimentos dele por mim.

Donatello cantava amor eterno e na primeira dificuldade me deixou a ver navios.

— O que consigo ver com clareza, Danilo, é que você é um rapaz rico e bonito que pode ter a mulher que quiser e que está deslumbrado com uma garota do interior. Mas e quando esse encanto todo passar? Quando você perceber que essa garota jamais vai poder ser o estereótipo de uma mulher da alta sociedade, da elite à qual você vive atrelado todos esses anos? — Ele balança a cabeça em negação, mas continuo expondo todos os meus medos de uma forma que nunca fiz antes e toda minha fortaleza vem abaixo numa fragilidade incontestável.

— Não quero e não posso sofrer de novo. Hoje você está aqui, mas amanhã ou depois, sabe-se lá o que pode acontecer? E como eu fico? Como meu filho fica, Danilo?

Minha voz fraqueja e suas mãos seguram as

minhas com força enquanto observo toda a doçura em seu olhar.

— Eu não vou embora, Luma. Eu amo você! — ele afirma num sorriso encantador e as lágrimas ameaçam me fazer companhia, mas a indecisão me domina.

— Eu já ouvi isso antes, sabia? Também foi de um Aguiar. — Danilo me olha atônito, observo a indignação se instalar em sua face.

Imediatamente, suas mãos largam as minhas, ele se afasta lentamente na direção da porta. Sei que posso estar sendo injusta, mas não consigo confiar.

Não ainda.

— Você pode estar certa em pensar muitas coisas sobre mim. Mas uma você vai estar sempre errada, Luma: eu não sou o meu irmão. — Danilo me sorri desapontado, meu coração dói profundamente. — Ainda vou te provar isso. — diz ao abrir a porta e o chamo num ímpeto.

— Danilo... — ele se vira esperançoso e mesmo querendo que o moreno fique, o afasto ainda mais. — Obrigada por ter voltado.

— Eu sempre estarei por perto. — ele se vai e fecho os olhos com força sem me importar com

as lágrimas que caem sem parar.

Não posso perder o controle da minha vida, dos meus sonhos, dos meus sentimentos. Não posso simplesmente confiar que tudo será um conto de fadas. Sempre fui corajosa para tomar decisões, mas não sobre o rumo do meu coração.

Sinto-me totalmente perdida e só tomo conhecimento da presença da minha mãe no quarto quando seus braços envolvem meu corpo acolhedoramente. Não preciso dizer para ela o que anda corroendo meus pensamentos.

— Se você gosta tanto desse moço, por que não assume logo isso de uma vez, filha? Não vale a pena ficar deste jeito. — dona Íris solta compassiva, enxugando meu rosto numa fisionomia complacente.

— Danilo e eu somos muito diferentes, mãe. Não vou suportar entrar nessa de cabeça para depois quebrar a cara. Não mais. — fungo com impaciência e minha mãe suspira com ar de reprovação ao meu argumento. Agora sou eu quem não entendo sua posição. — Achei que não confiasse nele.

— E não confiava mesmo, mas depois de hoje... — explana convencida de que Danilo é boa

praça e torço a boca por um segundo numa careta infantil. — Ele parece mesmo gostar de você, Luma. — sua mão toca minha face carinhosamente e peso suas palavras por um momento. — Não fique com medo de voar, minha menina. Essa ainda é a melhor maneira de sermos donos do nosso próprio mundo. — ela beija minha testa carinhosamente e seu sorriso doce é meu melhor refúgio.

— Amo você, mãe! — sorrio retribuindo seu beijo e dona Íris assente ao sorrir de volta.

— Amo você também, meu anjo. — ela pisca com cumplicidade antes de sair e descanso meu corpo na cama fofa, sentindo uma mistura de sentimentos e pensamentos que não me deixam ter paz.

Meu celular volta a piscar e dessa vez, é o nome de Murilinho que aparece na caixa de mensagens.

“Seu namorado teve um romance com uma moça chamada Carla, ela tinha 20 anos e estava no segundo período da faculdade de Designer. Eles ficaram juntos durante 3 meses até ela contar para uma amiga que Dornelles estava tendo um comportamento obsessivo e ciumento. A amiga

contou para o reitor depois que Carla apareceu com o ombro roxo em sua casa e Dornelles foi demitido. Dias depois, Carla encontrou seu cão de estimação morto em seu quarto, fez uma denúncia contra o professor, mas em depoimento ele disse que havia passado a noite num bar com o amigo Guilherme. O caso correu em segredo de justiça por mais um mês e depois foi arquivado. Dornelles foi parar em Primavera e o resto da história você está vivendo agora.”

Tento digerir toda a leitura e forço meus dedos a digitar uma mensagem de volta, estou totalmente chocada.

“Pode me fornecer o endereço dessa tal Carla, preciso falar com ela Murilo”

Após alguns segundos, caracteres aparecem no meu visor, seu conteúdo me deixa ainda mais abalada.

“Não dá Luma. A menos que participe de uma sessão espírita, você não vai conseguir tirar mais nenhuma informação de um cadáver.”

Minhas mãos não param de tremer, uma súbita vontade de chorar me assola.

“Como ela morreu?”

A resposta me deixa paralisada e meu

coração dá um solavanco.

“Há um mês mais ou menos. Acidente de carro na madrugada, ela estava voltando pra casa após uma festa. Foi o que algumas testemunhas e a policia disseram. Eu estou voltando pra casa agora, quando eu chegar nos falamos okay?”

Meus dedos continuam deslizando pelo teclado, eu preciso urgentemente de uma resposta concreta.

“Murilinho, qual o nome todo da garota que morreu?”

Busco informações sobre o acidente ocorrido no mês passado, o mesmo que meus pais criticaram enquanto tomávamos café da manhã aquele dia.

“Carla Maciel Dias”

O ar literalmente me falta, minhas pernas cedem até a cama pela falta de equilíbrio e minha garganta arde pelo grito preso ao descobrir o mesmo nome da vitima do acidente naquela manhã.

Eu não poderia estar mais ferrada.



Dias depois

Passo o resto da tarde analisando a matéria que Murilinho me passou pelo e-mail há algumas horas, mas não consigo me concentrar direito.

Meu prazo para garantir um estágio está se esgotando e minha faculdade não tem nenhum convênio que possa garantir as horas necessárias para os alunos. Bufo contrariada com o tanto de problemas em meu caminho, e demoro a perceber que meu celular pisca sem parar.

— Oi madame! — atendo Lia num sorriso, mas meu tom melancólico logo é percebido por ela.

— Nossa! Que voz horrível, Luma. O que houve? — minha amiga solta espantada e esfrego a testa por um segundo.

Conto tudo o que aconteceu desde a noite em que Dornelles foi preso e por um instante fico em dúvida se minha melhor amiga ainda está na linha, devido ao seu súbito silêncio.

— Lia! Ainda está aí? — indago, ouvindo seu longo suspiro do outro lado.

— Estou, desculpe! É que são muitas informações pra assimilar, eu fico fora por alguns dias e o mundo vira de cabeça pra baixo, eu estou

de queixo caído. E agora?

— Não sei. Espero que Dornelles fique preso por um bom tempo e... — sou bruscamente interrompida.

— Quero que o Dornelles se dane, Luma. Quero saber de você e o ex-cunhado bonito? — questiona eufórica e hesito sem saber o que dizer.

— Lia! O que espera que eu faça? — minha voz vacila e tenho mais uma traidora na família em apoio a Danilo.

— Quero que se mexa e vá ser feliz, mulher. Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, Luma. — meu coração dá um tranco e uma imensa agonia me toma.

O medo simplesmente me visita sem dó.

— Não quero me perder, Lia! — digo fragilmente enquanto a loira me puxa pra realidade que não quero aceitar.

— Você já estava perdida, amiga. Encontrou seu caminho, agora só precisa ter coragem de seguir em frente. — suas palavras fazem meu coração tilintar, fico pensativa por um momento.

Mal compreendo quando ela se despede e abro o closet sem pensar muito, numa corrida

contra o tempo agora. Em dois minutos estou pronta numa calça jeans justa, botas e uma camisa preta regata, seguida de uma jaqueta de couro.

Não é a melhor vestimenta para se apresentar em uma empresa, mas vamos ver o quanto estou errada em relação a Danilo.

— Mãe! Segura as pontas com meu filhote, eu volto logo. — informo ao passar pela sala e dar um beijinho no meu pequeno, dona Íris me sorri satisfeita.

— Boa sorte, filha! — sorrio de volta antes de sair, meu coração acelerado numa ansiedade incomum.

Parece que voltei a ter 16 anos, mas sinceramente não me importo. Estou correndo pela minha felicidade e se alguém me chamar de louca neste instante, concordarei de bom grado.



Salto do táxi e já é quase noite quando adentro no hall da empresa Aguiar. Uma moça antipática me analisa descrentemente de cima

PERIGOSAS ACHERON

abaixo, mas não me deixo intimidar por isso.

Existe algo que importa mais do que a opinião dela e por isso, abro meu melhor sorriso ao solicitar a informação de que preciso.

— Boa tarde. Preciso falar com Danilo Aguiar, por favor. — ela pega o telefone com preguiça e me questiono que tipo de trabalho esse povo faz por aqui além de ficar tomando conta da vida alheia.

Após alguns segundos ela abre a boca para falar.

— Ele está na festa da parceria com os ingleses. Décimo quinto andar. — explica cansadamente como se tivesse corrido uma maratona, indicando o elevador com o indicador.

Assinto acenando em agradecimento e me dirijo até o elevador, penso por duas vezes se devo ou não seguir adiante. *Vamos, Luma. Já está aqui, não vacile agora.* Minha consciência intrometida pragueja com força e aperto o número do andar correspondente com o coração aos pulos.

A porta se abre e engulo a seco com o tanto de pessoas presentes no evento. Embora alguns olhares me fitem com certa dúvida, sou cumprimentada por dois ou três acionistas que

PERIGOSAS NACIONAIS

conheci quando estive na empresa.

Lanço poucos sorrisos na minha caminhada pelo salão e estanco abruptamente ao encontrar o homem dos meus sonhos entre sorrisos no meio da roda de empresários.

Meu coração palpita sem parar, ameaço dois passos na sua direção quando a linda morena se junta à roda e entrelaça sua mão na de Danilo. Ele não parece satisfeito, mas não a repele.

Meus olhos marejam instantaneamente com a cena, o ar literalmente me falta quando Misha cola seus lábios nos dele de surpresa e meu mundinho encantado simplesmente desaba.

Danilo a afasta nitidamente incomodado e quando recuo alguns passos, sem querer atropelo o garçom atrás de mim chamando a atenção de todos.

A morena sorri do episódio e a perplexidade domina o semblante de Danilo em questão de segundos.

Levanto apressada, louca pra sair dali e não dou ouvidos aos chamados do moreno. Lágrimas embaçam minhas vistas e me culpo mentalmente por ter dado ouvido a todos, menos ao meu instinto de se manter em segurança, na minha zona de conforto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora estou sozinha, quebrada e sem ninguém pra colar os meus pedaços.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

Reencontro

Duas Semanas depois

Depois da minha cena patética na empresa, Danilo apareceu para se explicar, mas não quis atendê-lo. Precisava de tempo para pensar e não podia perder o controle sobre meus objetivos. No entanto, não pude negar seu pedido de passar um tempo com Rubinho e por isso, todo final de semana meu garotinho tem passeio certo com o tio. Nestes momentos, apenas observo os dois pela janela do meu quarto, ao saírem num entusiasmo de dar inveja. Como agora.

— Tem certeza que não quer falar com ele? Toda história têm dois lados, filha! — suspiro pausadamente com o comentário de dona Íris antes de voltar minha atenção para a pilha de livros em cima da minha cama, sem respondê-la.

Ela me observa por mais alguns segundos

PERIGOSAS NACIONAIS

na espera de uma atitude minha, mas permaneço calada. Ouço a porta bater, então abandono os livros na tentativa de analisar toda minha situação atual, mas a frustração de estar perdendo a felicidade entre os dedos me aflige.

Poderíamos dar certo, não? Por que não consigo apenas parar de ser pessimista e aproveitar a oportunidade que a vida está me oferecendo? Por que eu preciso complicar as coisas? No meu íntimo eu sei por quê:

Medo de me machucar outra vez.

Quando amamos alguém com todo nosso coração e colocamos todas as nossas forças, as nossas energias, a nossa fé e amor nesse relacionamento, é como se nada mais pudesse nos abalar, nos fazer cair.

Mas quando esse castelo encantado desmorona, nós desmoronamos juntos e tudo o que sobra é uma nuvem densa de poeira que leva anos pra ser dissipada.

Em alguns casos, ela nunca se dissipa totalmente.

Foi exatamente assim que me senti quando meu castelo com Donatello veio ao chão.

É justamente isso que tenho tentado evitar

PERIGOSAS ACHERON

em relação a Danilo, embora nosso castelo não tenha passado apenas de um ralo alicerce, que ruiu com o impacto da primeira maré sinuosa.

Talvez seja melhor assim, ao menos, é o que tenho tentado me convencer desde a última vez que nos falamos. É o que pretendo continuar fazendo até que ele desista. Será o melhor pra todos nós.

Volto meu foco para os livros e em poucos minutos estou inserida em gráficos, layouts, programas de edição e vídeo que me dão o ânimo necessário para não deixar minha mente divagar em sonhos sem sentido.

O que era pra ser uma pesquisa de uma hora, se tornou duas, três e mal vi o tempo passar quando ouvi a buzina do carro de Danilo, avisando que meu menino já estava de volta. Instintivamente meu corpo sobressalta da cama, me vejo totalmente desarmada ao me dar conta de que estou a observá-los pela janela, adentrando em casa.

Suspiro pesadamente, mas não tenho muito tempo pra pensar em controlar minhas emoções ao ouvir a voz miúda de Rubinho se propagar no corredor, acompanhado da voz que tem o poder de me tirar dos trilhos.

“Vem ti, Nilo! Quero te mostrar minha coleção da Marvel! Eu tenho o escudo do Capitão América, sabia?”

Não contendo um sorriso ao ouvir meu pequeno falar com tanto entusiasmo. Sabia que tinha acertado no presente.

“Pequeno eu não sei se é uma boa ideia. Sua mãe pode não gostar, por que não me mostra outra hora?”

Engulo a seco com a ponderação do moreno e mesmo sabendo que seria melhor manter a distância dele, metade de mim quer abrir a droga da porta e encarar mais uma vez aqueles lindos olhos castanhos.

“Por que você já está aqui oras. Você e a mamãe estão brigados?”

Meu peito aperta de imediato com a dúvida em seu tom, pelo súbito silêncio de Danilo, sabia que ele estava sem saber o que responder.

Nesta hora, minha metade movida a desejos acaba vencendo a batalha.

— Oi, meu amor! — abro meu melhor sorriso pra recepcionar meu garotinho ao abrir a porta.

Por alguns segundos me concentro apenas

no meu filho, que rapidamente pula em meu colo.

— Quero mostrar minha coleção da Marvel para o tio Nilo. Ele pode ir no meu quarto pra ver?

Finalmente meus olhos se focam no moreno a minha frente e me surpreendo com o batimento incessante do meu coração. Parece uma britadeira totalmente sem controle.

— Oi, Luma! — diz num meio sorriso que só fez me sentir ainda mais culpada sem nem ao menos saber por que.

— Oi! Como você está?

— Indo, devagar. E você? — sinto a cautela em seu tom, estava claro que ele não queria ultrapassar os limites impostos por mim.

— Muito atarefada com os trabalhos da faculdade ainda, é complicado. — por um descuido, sorrio brevemente pra Danilo, que me olha com a mesma confiança, quando estivemos na reunião com os acionistas da empresa há alguns meses.

— Não desanima, não! Você vai superar mais esse obstáculo, eu tenho certeza, Luma!

Então ele sorriu.

E me perco naquele sorriso até que Rubinho chamou minha atenção outra vez.

— Então mamãe? Posso mostrar minha coleção pra ele? — faz um biquinho manhoso com as mãos nas bochechas, Danilo e eu não evitamos sorrir com mais descontração agora.

— Pode sim, meu amor! — afirmo ao colocar o pequeno no chão, embora Rubinho faça força pra puxar o tio pela mão, Danilo parece sem jeito com toda a situação.

— Olha, eu não quero causar nenhum problema, nem mesmo impor minha presença, Luma! Podemos deixar pra outro dia se você quiser, não precisa fazer nada forçada.

— Eu sei, Danilo, mas acredite, não estou. — alívio toma conta dos seus olhos, ele concorda num aceno discreto e observo meu pimpolho carregar o moreno até seu quarto.

Escoro meu corpo no batente da porta e observo numa imensa calma a linda conexão entre tio e sobrinho. Danilo é paciente e incentivador, dando todo o apoio para os “*sonhos malucos*” de Rubinho enquanto o pequeno fala sem parar. É impossível não se encantar com a cena e agradeço internamente por meu filho ter um exemplo masculino como o tio em sua vida.

Quando Rubinho boceja pela quarta vez,

resolvo encerrar o tempo de permanência de Danilo ali. Já está ficando tarde e após o episódio com o carro que me perseguiu outro dia, pode ser perigoso ele se estender por mais tempo no bairro. No entanto, é ainda mais perigoso para mim tê-lo tão perto.

— Meu amor! Acho que já está na hora do seu tio ir pra casa, vocês dois estão cansados e daqui a pouco é hora de você dormir. — aviso calmamente, mas Rubinho rapidamente retruca.

— Ele não pode dormir aqui? Ele fica no meu quarto mamãe, prometo que nós vamos nos comportar, não é tio Nilo? — pede num sorriso maroto, mas Danilo contorna a situação mais rápido do que meu pensamento para processar tudo direito.

— Eu gostaria pequeno, mas não vou poder. O tio tem um monte de papel pra revisar e não posso deixar pra depois, entende? — meus olhos demonstravam o quanto estava aflita pelo pedido do meu filho, mas Danilo conseguia ler meus pensamentos muito melhor do que eu podia imaginar.

Ninguém conseguia este fato além de Lia e minha mãe. Sentia-me cada vez mais vulnerável

diante do homem ao lado do meu filho, era algo quase incontrolável a maneira com a qual ele conseguia me afetar.

— Promete que volta? — meu menino é muito manhoso.

— Claro que prometo! Não confia em mim? — Rubinho assentiu frustrado mordendo a gola da sua camisa. — Então me dá um abraço por que sua mãe está certa. Eu preciso mesmo ir. — afirma sendo retribuído pelo sobrinho num abraço carinhoso.

— Eu te amo, tio Nilo! — os olhos de Danilo não conseguiram segurar a emoção e uma lágrima discreta rolou pela sua face.

As lágrimas fizeram morada em mim também.

— Eu também te amo, pequeno. Muitão, viu? — o moreno funga, enxugando a trilha em seu rosto enquanto Rubinho deposita um beijo na sua bochecha de modo arteiro.

— Vai tirando a roupa pra tomar banho campeão, mas espere eu voltar pra você não cair no banheiro, ok? Vou só levar seu tio até a porta e já volto! — alerta, sendo prontamente atendida.

Descemos as escadas num silêncio estranho,

respiro aliviada por meus pais não estarem na sala. Abro a porta, mas antes que Danilo a ultrapasse, sua voz macia me deixa em alerta.

— Isso de ainda há pouco foi uma trégua?

— Não estamos brigados pra precisarmos de uma, Danilo!

— Isso quer dizer que se eu te fizer um pedido, você vai aceitar? — comprimo meus lábios no automático, não faço a mínima ideia do que responder e nem sobre que tipo de pedido eu vou ouvir.

Outra vez, Danilo lê o que se passa em minha mente sem que eu precise abrir a boca.

— Não é nada demais, Luma! É só um passeio. Com você e o pequeno. — sua persuasão é uma arma que realmente não pode ser subjulgada.

— Onde seria esse passeio? — ainda estou na dúvida, mas penso no quanto meu filhote ficaria feliz.

— Vocês ainda não conhecem a mansão. Pode ser divertido!

— Danilo... — nem termino.

— Vamos lá, Luma! Você precisa que eu implore, é isso?

— Deixe de bobagens, homem! Nós vamos,

PERIGOSAS NACIONAIS

pronto! — bufo totalmente rendida ao observar o sorriso se expandir no rosto do moreno, deixando à mostra suas lindas covinhas.

Juro que um dia ainda morro por conta delas.

— Então prepare o que achar necessário, amanhã passo aqui às 9.

— Amanhã? Danilo, eu não posso viajar assim sem nenhum planejamento, está muito em cima. — pondero surpresa, mas sua convicção me informa que o jogo está ganho.

— Você pode fazer o que quiser, Luma. — apenas aceno em concordância, pois as palavras simplesmente desaparecem. — Eu vejo vocês amanhã!

Não sei onde estou me metendo e nem se estou fazendo a coisa certa, a verdade é que já é tarde demais pra voltar na decisão que acabo de tomar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24

Resistência

O dia estava ensolarado e Rubinho não parava de tagarelar desde que estávamos na estrada há mais de uma hora. Achei que ele fosse dormir durante todo o trajeto, mas meu pequeno se mantinha eufórico a cada coisa nova que ele via pelo caminho.

Danilo se ocupava em prestar atenção na estrada, sem deixar de responder tudo o que o sobrinho curioso perguntava. Uma música suave completava o clima descontraído, embora eu detestasse, o vento forte esvoaçando meus cabelos me deixava surpreendentemente confortável.

Ou talvez, fosse apenas magia da companhia.

Já passava das dez da manhã quando a pick-up vermelha cruzou o portão de uma enorme área arborizada, parecia um daqueles condomínios

fechados que vemos nas novelas,; grandes estátuas adornavam as laterais da entrada onde o carro seguia por um corredor cercado de plantas variadas, dando o visual de um lindo jardim suspenso.

Ameaço abrir a boca por um segundo, mas me contenho assim que o veículo para em frente a enorme casa. Danilo retira a bagagem do carro enquanto solto meu filho da cadeirinha, colocando-o no chão.

Sigo o moreno casa adentro, deslumbrada com todo o luxo, mas igualmente atenta em não cometer nenhuma gafe. O espaçoso hall de entrada é maior do que meu quarto e o de Rubinho juntos, engulo a seco com a real consciência do poder aquisitivo da família Aguiar.

Claro que eu já sabia desde o dia em que Danilo passou a ser o tutor legal dos bens do sobrinho, que ele jamais precisaria se preocupar com dinheiro na vida, mas ter a noção física disso era algo realmente impressionante.

— Uau! Essa casa é lindona tio, Nilo! Posso correr por aí pra conhecer tudo? — pede matreiro, mas imediatamente o repreendo.

— Rubens Ramos de Aguiar! Não quero ver você fazendo bagunça aqui.

— Mas o tio Nilo disse que essa casa é nossa, e por isso a gente pode fazer o que quiser nela. Não é, tio? — indaga num olhar inocente, embora o meu torna-se ainda mais repressor na direção do moreno.

— Deixa o menino brincar, Luma! E aliás, ele não mentiu. Essa casa é mesmo de vocês, acho até que seria ótimo se vocês se mudassem pra cá.

— Eu não tenho como sustentar uma casa desse tamanho Danilo, sem contar que fica muito longe dos meus pais e da escolinha do Rubinho. — pondero.

— Donatello deixou um fundo somente pra vocês, pode muito bem usá-lo e ter uma vida mais confortável com o pequeno. — seu argumento fere meu orgulho mesmo sem querer, odeio parecer frágil ou dependente demais.

— Eu já disse que não quero usufruir nada do que não é meu, Danilo... — minha intempestividade é interrompida quando uma mãozinha miúda puxa com força a barra da minha camisa.

Rubinho tem os olhinhos assustados, minhas bochechas queimam rapidamente por conta da minha vergonha. Meu menino não tem culpa se

Danilo aflora todos os tipos de sentimentos em mim, desde ódio até o mais profundo bem querer.

— Você prometeu, lembra? — o garotinho me cobra sem jeito, me agacho de pronto igualando nossas alturas.

— Sim, meu amor, você tem razão, Me desculpe, ok? — sorrio encabulada, Danilo apenas nos observa com curiosidade sobre o assunto implícito entre o menino e eu. — Pode olhar a casa, mas, por favor, comporte-se, tudo bem? — informo ternamente enquanto ele assente, afago minha mão carinhosamente em sua face rosada.

Rubinho sai em disparada, movo minha cabeça em negação pela atitude dele, mas meu coração se acalma em batidas espaçadas com o meigo sorriso de Danilo na minha direção.

— Vem comigo? — sua mão se eleva no ar, respiro profundamente tentando convencer minha mente confusa que não há mal nenhum nisso, principalmente porque seja o que for, já está feito.

Seguro firmemente na mão dele, seguindo-o pelo longo corredor à nossa frente. A casa é aconchegante e cheirosa, não é difícil sentir-se confortável no ambiente que me encontro.

Danilo abre uma das várias portas e não

escondo um olhar admirado quando me deparo com a imensa vista da janela.

— Seu quarto! — ele avisa, movimento-me pelo ambiente, admirada com o espaço e a decoração delicada.

Estava mais para um daqueles quartos de princesas que vemos nos filmes.

— Não vi ninguém desde que chegamos, onde estão os empregados? — movo minha mão sentindo a maciez do tecido sedoso entre meus dedos ao sentar-me na cama bem arrumada.

— Eles fazem uma faxina quinzenal, coincidentemente a última foi há dois dias. — dá de ombros como se não fosse nada importante, por um segundo me questiono internamente se Danilo não armou toda essa cena, mas decido não levar isso em conta.

Afinal, eu apenas precisava ter dito não, mas meu coração em teimosia me dizia exatamente o contrário.

— Certo! — limito-me a dizer.

— Eu vou ficar no quarto em frente, se você precisar de algo... — solta de modo nervoso, movendo-se na direção da porta, mas o impeço por um momento.

— Danilo! Não pretende passar a noite, não é? — minha voz treme sem querer, mas quando ele se aproxima, é meu corpo que dá sinal de vida além do que eu havia permitido desde que chegamos até aqui.

— Está com medo, Luma? — seu sorriso sarcástico me deixa sem ar, estou a ponto de perder os sentidos.

— Não! — murmuro tão baixo, mostrando minha fragilidade, rapidamente procuro me recompor. — É que não vejo necessidade para isso. — evito fitá-lo.

— Então, espero que não seja. — ficamos numa troca de olhares silenciosa, o desejo implícito em nossas respirações que já estava me deixando tonta.

Até a voz entusiasmada de Rubinho se propagar no ar, chamando nossa atenção.

— Tio Nilo! Posso alimentar os peixinhos?

— Que peixinhos, filho? — foco meu olhar no pequeno que tem os olhinhos brilhando, o corpinho agitado com a iminência do seu pedido ser atendido.

— Eu achei um “*aqualitário*” muito grande no jardim mamãe. Grandão assim. — o garotinho

abre os braços com euforia pra mostrar a dimensão do que viu do lado de fora, não contenho um sorriso de lado.

— Primeiro, é um aquário, filho. Segundo, não o quero sozinho longe das nossas vistas, estamos entendidos, mocinho? — Rubinho assente com a cabeça, olho pra Danilo com um pouco de descrença. — Tem mesmo um aquário tão grande aqui?

— Tem sim. Vamos, eu vou te mostrar!

Seguimos o caminho que o moreno nos indica, Rubinho não cansa de bater palmas em ansiedade, para uma área aberta que fica dentro da mansão.

Estou maravilhada com a quantidade de flores e pássaros que encontramos no imenso jardim a céu aberto, o ar fresco dando boas vindas aos nossos pulmões. Meu garoto corre à nossa frente com alegria, logo sua mãozinha miúda aponta o motivo de sua euforia: uma fonte natural adorna o meio do jardim onde várias espécies de peixes dividem o mesmo espaço numa dança sincronizada de deixar qualquer um encantado.

— Não disse que era grandão assim? — Rubinho repete o gesto de minutos atrás com os

braços, Danilo e eu não conseguimos deixar de sorrir.

Observo Danilo caminhar até um pequeno balcão, colocar o punhado de algo na palma da mão, movendo-se de volta até nós. Suas mãos estavam em formato de concha, ele sinalizou para que Rubinho fizesse o mesmo gesto e quando foi atendido, depositou um punhado de ração para peixes nas mãozinhas abertas do meu garotinho.

— Presta atenção, pequeno! — avisou ao derramar um pouco da comida na lateral da fonte, onde os primeiros peixinhos começavam a se amontoar.

Os olhinhos claros de Rubinho não param de brilhar com a cena em sua frente, meu coração não podia ficar mais aquecido. Danilo realmente levava jeito com crianças, mal podia imaginar o dia em que ele se tornasse pai.

— Agora é a minha vez! — meu filhote afirmou ao tomar o lugar do tio, extremamente feliz ao ver que os peixinhos continuavam comendo a ração que ele derramava devagar nas margens da fonte.

— Obrigada! — disse baixinho num sorriso sincero ao focar meu olhar no homem ao meu lado,

PERIGOSAS NACIONAIS

que me retribui outro sorriso, porém, mais contido do que o meu.

— Eu disse que ia ser divertido e o dia ainda está só começando.

Danilo estava certo. Já bastava ver meu filhote tão feliz, me alegro em saber que fiz bem em aceitar o convite dele.

— Só que você acabou de me criar um grande problema. — seu olhar confuso me faz rir um pouco mais. — Agora ele não vai mais querer ir embora.

— E quem disse que precisam ir? — comprimo meus lábios com seu apelo, meu corpo treme com sua sugestão. — Luma, eu...se você me deixasse ao menos explicar...

— Filho! Posso ajudar? — fujo, voltando minha atenção pra Rubinho, ainda posso observar a frustração se alastrando pela face de Danilo com minha atitude.

Só preciso resistir por mais algumas horas e estarei segura.

Rubinho não queria deixar os peixes de lado, mas quando a fome ameaçou fazer morada em seu estômago, meu pequeno foi o primeiro a se manifestar para almoçarmos.

PERIGOSAS ACHERON

Após a refeição, passeamos um pouco mais pela cidade pequena, Rubinho se empanturrou de sorvete mesmo com minha cara de poucos amigos, mas estava tudo tão perfeito que não achei justo privá-lo dessa traquinagem.

Parecíamos uma família tradicional e por um momento minha mente vagou com as possibilidades. Eram muitas, não? Mas as inseguranças também.

— Sobre o que vocês estavam cochichando mais cedo? — fico sem jeito com a pergunta de Danilo, estalo os dedos das mãos num nervosismo sem fim, seu olhar não desgruda dos meus.

— Ele me fez prometer algo antes de virmos pra cá, por um segundo eu estava descumprindo essa promessa.

— Que seria? — pediu serenamente, o meio sorriso adornando seus lábios na expectativa de algo muito bom.

Levei dois segundos prendendo meu olhar no seu antes de falar.

— Não brigar mais com você!

Danilo sorriu com mais leveza, assentindo ao menear a cabeça em concordância, gastamos mais alguns minutos ali olhando o céu num silêncio

confortável, embora o friozinho começasse a dar sinais de incômodo.

— O tempo parece que está mudando. Acho melhor arrumarmos tudo pra irmos embora. — sugiro ao franzir as sobrancelhas para o ventinho frio que começava a soprar com um pouco mais de força, não queria voltar pra casa debaixo de chuva com Rubinho.

— Tudo bem! Eu vou chamá-lo e já vamos, ok?

Mesmo com todos os esforços, a chuva nos pega na metade do caminho, meu menino dorme tranquilamente no banco traseiro, mas a estrada está tão escorregadia. Danilo nota a aflição em meu rosto, impulsivamente sua mão se ata a minha, realmente não faço a mínima questão de soltá-la.

Coloco Rubinho na cama assim que chegamos e o mundo parece cair do lado de fora, tamanho temporal que permanece sem nenhum sinal de quando ela irá embora. Pior momento, sem dúvidas.

— Não vai achar que fiz um pacto ou qualquer coisa pra isso acontecer, não é? — Danilo argumenta sem humor, seria leviandade minha culpá-lo por isso, apenas aceno em negação ao me

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximar da janela em que ele se encontra.

— Acho que alguém lá em cima está sempre aprontado pra nós! — sorrio fraco, o olhar dele focado no meu queima minha alma.

— Talvez por que é pra ser assim, Luma. Talvez seja por que... — sua mão se move tocando minha face com carinho, meu coração aos pulos com o toque macio da sua pele na minha.

— Talvez seja por que... — repito sua frase quase num sussurro, as luzes simplesmente se apagam nos deixando totalmente na penumbra, apenas os raios que iluminam o lado de fora da casa são capazes de fazer com que nossos olhares se encontrem.

— Talvez seja por que é nosso caminho estarmos juntos. Talvez tudo o que nós precisamos é parar de resistir a tudo isso. Desista, Luma! — seus lábios estão tão próximos que sua respiração me arrepiar todos os poros.

Eu simplesmente não posso mais.

— Eu desisto! — ofego sem tempo pra processar nada além da boca dele colidindo com a minha, sua língua invadindo o espaço que parece ter sido feito exclusivamente pra ele, me deixando totalmente sem chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Outra vez eu estava perdida de mim, mas neste momento, encontrando-me em outro alguém.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Apaixonada

Uma semana depois

Termino minha prova e entrego ao professor Miranda num sorriso falso de quem deu o seu melhor. Pura mentira, por que depois de todos os acontecimentos não consegui manter a atenção em nenhuma das matérias dadas antes desta avaliação.

Além da preocupação com Dornelles, que foi solto alguns dias após sua prisão e sumiu das nossas vistas, minha mente não para de vagar com o ocorrido há uma semana na mansão.

Voltamos pra casa de manhã cedo, evitei de todas as formas trocar alguma palavra com Danilo que não fosse extremamente necessária. Sim, eu fugi novamente e, sim, eu fui burra, eu sei. A verdade é que simplesmente não saber lidar com

todas as consequências de um possível relacionamento com Danilo estava me deixando maluca.

Eu não podia pensar só em nós. Havia Misha no meio disso tudo e ainda existia Dornelles, apesar de não estarmos mais juntos, o medo do que ele poderia tentar fazer contra Danilo deixava meu coração em frangalhos.

Então, quando levantei no dia seguinte, agi como se ele fosse um verdadeiro estranho e que aquele beijo não tivesse acontecido e nem mexido comigo como nada mais havia em anos.

Danilo sabia o que eu estava fazendo, percebeu isso no instante em que seu sorriso morreu quando me deu bom dia pela manhã e não o encarei. Pode dizer que foi fraqueza, eu sei bem o que é, só não conseguia enxergar uma solução para resolver o que era preciso.



Sigo meu caminho pelo corredor da faculdade e Murilinho interrompe meus passos

PERIGOSAS ACHERON

sorrindo euforicamente.

— É melhor respirar antes que tenha um infarto. — faço graça pelos seus modos, mas dou atenção ao meu colega de classe tão logo ele começa a falar.

— A empresa Mounthys fechou convênio com a faculdade, Luma. Já temos como estagiar. — não evito sorrir pela notícia e o abraço num impulso de alegria.

— Que ótimo, Murilinho. Nossa, estava ficando pilhada sem saber o que fazer. — suspiro ao me afastar e o rapaz me entrega um pequeno formulário de inscrição.

— Peguei este pra você. Preenche com seus dados e entrega ao reitor. — ele sorri sem jeito e beijo sua bochecha em agradecimento.

— Você é um anjinho, sabia? Obrigada! — pego minha caneta e apoio o papel sobre a mochila enquanto respondo às perguntas.

— Será que esse anjinho aqui ganha companhia pra um lanche, se pedir? — arqueio as sobrancelhas com confusão e torço os lábios de leve procurando uma forma de não magoá-lo.

Já tenho problemas demais e mesmo que quisesse, o garoto tem idade pra ser meu irmão

mais novo.

— Murilo, você é um doce. De verdade. Mas não confunda nossa amizade, por favor? — peço num sorriso de lado e embora a frustração se manifeste em seu rosto de menino, ele concorda ao acenar rapidamente com a cabeça.

Murilinho se despede e assim que termino o formulário, entrego ao professor Aurélio na reitoria. Tudo parece que vai se ajeitar agora e agradeço aos céus por conta dessa providência divina.



Caminho em passos apressados com o olhar atento ao meu redor. Como sempre, o ponto de ônibus não está cheio e olho o relógio ansiosa para pegar Rubinho na escolinha. É seu primeiro dia de aula e não pude acompanhá-lo na entrada por conta da faculdade, mas garanti minha mãe que o pegaria quando saísse da aula.

Meu celular toca e não reconheço o número que aparece no visor. A bateria está quase no fim e

PERIGOSAS ACHERON

resolvo não atender e uma pequena apreensão ameaça me dominar.

Em poucos minutos estou sozinha no ponto e tomo um susto quando o telefone toca novamente. Receio atendê-lo, mas o número de Lia me faz soltar um longo e aliviado suspiro.

“Já está em casa?”

Reviro os olhos com a demora da condução e bufo irritada.

— Não! Ainda esperando o ônibus.

“Davi vai viajar para a Espanha semana que vem, e vou junto com a Laura. Vamos dar um almoço de despedida no sábado, conto com vocês aqui em casa.”

— Vai me deixar sozinha, Lia? — murmuro fingindo estar desapontada e ouço sua gargalhada do outro lado.

“Será apenas um mês sua boba e nem vem que pelo o que eu saiba, o super tio está mais presente do que antes.”

Exalo fortemente com sua análise e avisto minha condução a poucos metros de distância.

— Não se preocupe que estaremos lá, amiga. Tenho que ir, beijos! — o visor apaga assim que me despeço dela e um aperto em meu braço

não me deixa dar sinal para o veículo.

Minha boca fica seca e meu coração dispara com a presença de Dornelles num semblante indecifrável pra mim.

— Calma, Luma! Só quero conversar. — diz mansamente enquanto puxo meu braço com força e recuo alguns passos dele.

— Não temos nada o que conversar, Dornelles. Você está sob restrição e eu já disse que nosso relacionamento acabou. — solto apavorada, procurando algum refúgio, mas não tenho onde me esconder.

— Sei que está com medo e que fui um estúpido, mas perdi a cabeça, amor. Estava morto de ciúmes. Prometo que aquela cena nunca mais vai acontecer. — ele age como se nada demais tivesse acontecido e meu instinto me diz para ter o máximo de cautela.

— Você me agrediu, Dornelles. — tento minimizar o repúdio em meu tom, mas falho totalmente ao lembrar da cena em meu quarto e ele esfrega os olhos transtornado.

— Me perdoa, Luma. Por favor? — engulo a seco e avisto outro ônibus vindo.

Não faço ideia do trajeto que a condução

faz e aceno rapidamente no único intuito de ir pra longe dele.

— Fica longe de mim ou não respondo pelos meus atos, Dornelles. — aviso olhando no fundo dos seus olhos antes de entrar no veículo.

Acompanho o ódio tomar forma em seu olhar e evito encará-lo até que o ônibus começa a andar. Minhas mãos tremem e procuro manter o ritmo regular da minha respiração ou terei um treco. No entanto, sinto em meu íntimo que minhas preocupações estão só aumentando.



Solto dois pontos antes da escola de Rubinho, por sorte o ônibus passa perto de onde meu moleque estuda e caminho em passos apressados até lá. Estou meia hora atrasada e encontro os portões fechados e ninguém na guarita para atender. Toco a campainha e poucos segundos depois, a diretora aparece numa careta confusa.

— Desculpe, dona Gena! Perdi meu ônibus. Pode trazer o Rubinho pra mim, por favor? —

suspiro de nervoso num meio sorriso e, a moça com óculos fundo de garrafa, continua com uma imensa surpresa em sua face.

— O Rubinho já foi, dona Luma. Tem uns dez minutos que passaram aqui pra pegar ele. — meu coração palpita e sinto meu corpo fraquejar.

— Como assim? Meus pais passaram? Quem pegou meu filho, dona Gena? — atropelo as palavras com desespero e a diretora parece puxar a lembrança no fundo da memória.

— Foi um rapaz alto, moreno e muito bonito. Ele tinha uma autorização por escrito da dona Íris e depois confirmei ao telefone. Disse que era o tio, então liberei pra que ele levasse o menino. — exalo com força, minhas mãos sobre meus joelhos enquanto não sei se fico com raiva da minha mãe por ter chamado Danilo ou se deixo meu coração ser dominado pelo alívio do meu garoto estar bem.

— É o tio sim. Danilo Aguiar.

— Sim, era esse o nome. — ela me confirma num sorriso.

— Posso usar o telefone por um segundo? — peço gentilmente e logo sou atendida. Entro na guarita da portaria e espero impacientemente que

minha mãe atenda ao telefone. — Mãe! O meu filho está em casa? — digo num tom aborrecido e esfrego minha têmpora com força quando descubro que Rubinho está no hotel com o tio. — Conversamos quando eu chegar em casa, mãe. Até já! — encerro a ligação e agradeço a diretora antes de pegar o primeiro táxi que vejo.



Saio do elevador em passadas pesadas e bato fortemente na porta na espera que ela se abra. Minhas veias queimam por dentro e arfo desordenadamente pela pressão em minha mente nas últimas horas. Estou a ponto de pifar.

— Cadê o Rubinho? Cadê o meu filho, Danilo? — vocifero ao entrar no ambiente como um raio e apesar de confuso, o moreno mantém um semblante ameno, o que me deixa mais furiosa. — Droga, Danilo! Responde! Onde está o meu filho? — parto pra cima dele, suas mãos me seguram com força, sem me deixar atingi-lo.

— Ei! Ei! Pare com isso e se acalme. — seu

PERIGOSAS ACHERON

tom é manso, mas continuo a me debater. Só paro quando nossos corpos ficam muito próximos e tento mesmo que inutilmente, controlar minha respiração com o cheiro adocicado do perfume dele. — O menino está dormindo, Luma. Vai acabar assustando ele assim. — Danilo afrouxa seu aperto até me soltar e passo as mãos em meu cabelo numa tensão palpável.

Ainda não descobri por que estou tão irritada.

— Não quero que pegue meu filho sem me avisar, entendeu? — advirto-o sem fitá-lo, só noto o quanto ele está perto por conta do seu cheiro.

— Foi só por isso que você veio aqui? Pelo Rubinho? — fujo do seu toque e neste instante não quero admitir o quanto precisava vê-lo, o quanto estava com saudades.

— Acha pouco eu ter passado na escola e saber que você já o tinha levado? Eu quase enfartei, Danilo. — justifico minha presença ali e seus lábios torcem numa careta infantil por um momento.

— Desculpa! Não foi minha intenção. Sua mãe não podia ir pegá-lo, me ligou perguntando se eu podia, já que o horário já estava estourado e você não tinha chegado ainda. Foi isso. — explica

com naturalidade num meio sorriso e suspiro com cansaço.

— Perdi a hora por que Dornelles apareceu de repente e... — não termino por que Danilo se pronuncia de imediato.

— Aquele canalha apareceu de novo? Ele te machucou, te ameaçou? Fala Luma! — pede aflito e explodo por tudo o que está preso em minha garganta.

— Pra quê você quer saber, Danilo? Já não basta o estrago que causou na minha vida, no meu coração?

— Me afastei porque você pediu, Luma. Tentei explicar o que estava acontecendo, mas você fugiu de mim, duas vezes você fugiu e não me deu nenhuma chance de mostrar o meu lado sobre o que viu naquela festa. — Danilo argumenta chateado e rebato suas palavras com mágoa.

— Pra quê se já estava tudo muito claro, Danilo? — solto num cinismo atípico e o moreno franze o cenho confuso. — A garota boba apaixonada pelo irmão do ex-namorado que ela nem sabia que existia, achando que tudo seria um conto de fadas e quando finalmente resolve arriscar, descobre que nada passou de uma farsa.

PERIGOSAS NACIONAIS

De um sonho adolescente que nunca poderia se tornar realidade. — confesso de uma vez só e minhas pernas ficam bambas quando ele está a dois passos de mim.

— Apaixonada? — sua mão toca meu rosto de leve e dessa vez não me afasto.

— Apaixonada sim. Apaixonada como nunca pensei que pudesse estar de novo. Apaixonada como se... — sou surpreendida pelo toque dos seus lábios nos meus e meu corpo entra em chamas como se estivesse em ebulição agora.

Danilo me imprensa numa das pilastras que estão no meio da sala e nossas mãos brigam afoitamente para se livrarem das nossas roupas num desejo incontrollável.

Agarro seus cabelos fortemente enquanto seus lábios dançam na curvatura do meu pescoço, e suas mãos deslizam pela alça do meu vestido e em poucos segundos, estou totalmente despida em sua frente.

Tanto no corpo quanto na alma.

— Eu amo você, Luma. Amo demais! — sua boca volta a tomar a minha, em pouco tempo nossos corpos se unem num misto de prazer e dor que me faz gemer baixinho, cravando minhas unhas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em suas costas com brutalidade.

Já não me importo com nenhuma realidade, a não ser a que estou desfrutando neste momento de loucura. Danilo aumenta seu ritmo na ânsia de chegarmos ao ápice e a posição desconfortável que me encontro é compensada pela chama de prazer e êxtase que me preenche por dentro numa sensação sem igual.

Nossas respirações estão entrecortadas e nossos corpos suados permanecem colados enquanto enxergo todo amor que sempre almejei nos olhos do homem em minha frente. É impossível tentar esconder o que sinto neste momento.

— Também amo você, Danilo Aguiar. — sussurro ao morder meu lábio inferior e o sorriso que tanto adoro contorna seu rosto jovem e delicado por um instante.

Danilo me beija suavemente e continuo presa em seus braços, acreditando que nada será capaz de estragar a felicidade que consome meu coração agora. Tudo o que me resta é seguir em frente. Porém, não mais sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Bônus II

Danilo

A noite seguia modorrenta e ansiava desesperadamente que as horas passassem depressa para que pudesse me ver livre dos sorrisos falsos, das fofocas inevitáveis e da simpatia forçada da maioria das pessoas que estavam na sala de eventos da empresa.

Meu único objetivo era garantir mais uma boa dúzia de sócios nos negócios da empresa com os ingleses e desta forma consolidar uma parceria que beneficiaria o legado da minha família por bons longos anos. Este também era o motivo da presença de Misha ao meu lado.

Quando iniciei as primeiras conversas sobre uma sociedade, os ingleses se admiraram não só com a beleza dela, mas também com sua postura e segurança,; o que causou uma boa impressão de mim para os negócios. No entanto, Misha sabia que

nossa proximidade não passaria das aparências e que nosso relacionamento estava definitivamente acabado.

A única coisa que eu não esperava era encontrar a loira dos meus sonhos naquela festa. Principalmente depois de Misha ter ultrapassado os limites e ter me beijado na frente de todos. O estrondo da bandeja caindo no chão foi o suficiente para revelar o olhar de decepção de Luma e mesmo com meus chamados insistentes, ela se foi sem nem ao menos ouvir minhas explicações. Tudo o que estava por um fio simplesmente se rompeu.

A raiva me consumiu rapidamente e Misha pode ver nos meus olhos o quanto estava furioso e frustrado com toda a situação. Não me importei em não me desculpar com os presentes e saí da festa de rompante, sem falar com mais ninguém.

Durante meu trajeto até a garagem tentei ligar pra Luma, mas ela simplesmente não me atendia, e antes que pudesse entrar em meu carro, fui impedido pela morena num tom cínico.

— Quando vai descobrir que ela não serve pra você, Danilo? Viu a cena que ela acabou de fazer? Acha mesmo que tem condições de levá-la a jantares e eventos sem passar um pinga de

vergonha? — bufei fechando os olhos, antes de encará-la friamente.

— Não me interessa o que você pensa ou deixa de pensar sobre a Luma, Misha. Vergonha eu tenho de ter demorado tanto tempo pra descobrir quem você é por debaixo dessa máscara de boa moça e elegância.

— Não pode me comparar com ela... — a morena pausou sorrindo contrariada e desta vez era meu rosto que estava mais sarcástico do que o normal.

— Não posso mesmo, Misha. Por que a Luma é mil vezes mais mulher do que você. — meu rosto queimou com o tapa certo que recebi, mas não me importei. Queria deixar claro que entre nós já não havia mais nada.

— Eu devia ter acabado com ela quando tive a oportunidade. Mas você tinha que dar uma de herói, não é? — Misha praguejou com ódio e a segurei fortemente pelos braços sem me importar se a estava machucando.

— Era você naquele carro, sua louca? — seu corpo estremeceu pelo meu aperto, mas não negou minha acusação enquanto apenas sorria cinicamente. — Ela podia ter morrido, Misha.

— Que morresse. — bradou se desvencilhando das minhas mãos num total descontrole. — Ela e o menino, Danilo. Quero que se explodam, quero que sumam da minha vida. Das nossas vidas, amor... — a olhei perplexo com as atrocidades que saíam da sua boca e neguei veementemente balançando a cabeça.

— Se você ousar chegar perto deles de novo eu não respondo por mim, ouviu? — disse furioso, Misha parecia tomar ciência do quão intenso eram meus sentimentos.

— Você está encantado, enfeitiçado por essa mulher, Danilo. Mas quando voltarmos pra Milão, nós voltaremos a ser como antes. Sem ninguém para atrapalhar... — a interrompo compassivo.

— Não existe mais *nós*, Misha. Acho que nunca houve. — lamentei me dando conta do quanto nosso relacionamento havia sido um erro, ela se agarrou a mim como se eu fosse sua última boia de salvação. A cena foi deprimente.

— Você me amava, Danilo. Me amava até essa mulher aparecer com esse bastardo e tudo mudar. — afasto-a com cuidado, a seriedade em minha face deixando clara minha total convicção

sobre nós, naquele momento observei lágrimas de rancor escorrerem pelos seus tristes olhos negros.

— Eu gostava de você o que eu via em mim, Misha. O que eu era antes de conhecer a Luma. Aquilo não era amor. — disse com calma enquanto a morena enxugava com força o rosto delineado, borrando toda a maquiagem.

— Ainda vai se arrepender, Danilo. E quando isso acontecer, estarei de camarote, saboreando o prazer de ver seu coração partido. — ela vociferou com mágoa e saindo em passos apressados.

Exalei com força num alívio e segui para o hotel com meus pensamentos focados na loira que virou meu mundo de ponta cabeça. Só queria que ela me ouvisse.



Fui na casa da Luma no dia seguinte, mas a geniosa não quis me atender, então pedi que dona Íris entregasse um bilhete. Parecia uma cena infantil sobre troca de recados, mas na verdade era

PERIGOSAS ACHERON

bem real. Enquanto esperava pela volta da sisuda senhora, acompanhei o pai de Luma chegar da rua com meu sobrinho.

Rubinho correu na minha direção assim que me viu e se pendurou em meu pescoço num abraço gostoso. Não dava pra negar. Eu já era louco pelo moleque.

— Boa tarde, seu Ramos! — cumprimentei o homem que tinha idade para ser meu pai e embora seu semblante não fosse muito feliz, me deu um meio sorriso sem muito ânimo ao cruzar os braços.

— Tio Nilo, e meus cavalinhos? — Rubinho indagou fazendo uma cobrança de criança e olhei em seus olhinhos curiosos por um segundo.

— Estão esperando por você, pequeno. Prometo que logo vai vê-los, ok? — pisquei com cumplicidade ao sorrir e o garotinho assentiu matreiro enquanto a avó retornava até onde eu estava.

Rubinho se despediu de mim com um beijo rápido em minha bochecha e em segundos se perdeu dentro de casa. Dona Íris tinha uma expressão maliciosa e ainda estava em dúvida se havia conquistado ou não alguns pontos com ela

desde a última vez em que estive aqui.

— Ela disse que você pode pegá-lo aos fins de semana, mas sem dormir. — a senhora advertiu com as sobrancelhas arqueadas e concordei sorrindo debochado.

— Obrigado, senhora Ramos! Passo aqui na sexta. — ela não se deu o trabalho de dizer mais nada e fechou a porta na minha cara, diante do sorriso sarcástico do homem ao meu lado. — As mulheres desta família são sempre assim? — franzi o cenho com cinismo e nem me dei conta de que poderia estar ultrapassando os limites de intimidade com o patriarca da família.

Uma intimidade que até agora era zero.

— Se tem uma coisa que aprendi com essas duas lindas mulheres é que não se pode ir contra elas. — ele pôs a mão em meu ombro e me surpreendi de não ter sido escorraçado dali tão logo abri minha boca. — Sei bem quando um homem direito está apaixonado e você ao contrário do pária do seu irmão, que ele esteja em bom lugar, está apaixonado, certo? — assenti numa expressão sincera e seu Ramos voltou a sorrir. Não imaginei ouvir isso justamente dele, mas saber que o pai dela não estava contra mim já era um grande alívio.

— Dê tempo ao tempo rapaz. Minha Luma só está confusa, lutando contra seus próprios fantasmas. Se realmente a ama, não pode desistir, entendeu?

— Sua esposa não gosta muito de mim. — soltei com receio do que iria ouvir em seguida, mas seu Ramos outra vez apaziguou meu coração.

— Eu me preocuparia se ela te convidasse para tomar um café. Aí sim teria grandes problemas. — sorrimos com descontração enquanto ele abria a porta e me senti bem após nossa curta conversa.

— Obrigado, seu Ramos! — disse franco e o senhor torceu os lábios, havia ali uma advertência velada.

— Só a faça feliz, ok? — novamente assenti num sorriso contido e segui para o hotel com a cabeça e o coração cheios de novas esperanças.

Nada estava perdido.



Os dias passaram rapidamente e cada final
PERIGOSAS ACHERON

de semana era uma nova descoberta com a convivência com meu sobrinho. Rubinho era uma criança esperta, não fazia birra por coisas pequenas e tinha uma áurea inocente que me fazia querer ser sempre melhor do que eu podia imaginar ser. Se não fosse a falta que sentia de Luma, podia dizer que naqueles momentos eu era o homem mais feliz do mundo.

Duas semanas voaram, decidi que talvez fosse o momento de me reaproximar aos poucos de Luma. Quando Rubinho me levou até seu quarto com o pretexto de mostrar sua coleção da Marvel, sabia que acabaria por encontrá-la, meu único medo era de ser rejeitado mais uma vez.

No entanto, fugir nunca foi uma opção pra mim em nenhuma circunstância.

Ela parecia ainda mais linda desde a última vez que nos vimos, mesmo sem um pinga de maquiagem na cara, com os cabelos bagunçados num coque mal feito, além das suas pantufas de coelho; Luma era uma mulher linda de forma natural.

Não obtive muito da sua atenção, mas aos poucos suas barreiras pareciam ser derrubadas devagar, a cada minuto em que Rubinho e eu

ficávamos mais próximos. Quando chegou a hora de ir embora, fiz a primeira tentativa de tantas outras que fossem necessárias para domar o coração dela.

Não sei se joguei sujo ao adicionar meu sobrinho como pretexto para passarmos mais tempo juntos, mas Rubinho era minha melhor chance pra chegar até ela e esclarecer as coisas. Eu amo ter a companhia do pequeno, mas confesso que ter Luma ao meu lado era unir o útil ao agradável.

Eu precisava ao menos tentar.

A loira aceitou meu convite para conhecer a mansão nos arredores de Madalena, uma cidadezinha pequena próxima de Primavera, a mesma casa que meu irmão havia deixado para o filho.

A viagem foi tranquila, Rubinho estava mais feliz do que o de costume e Luma mantinha um encantamento nos olhos que só fazia eu me apaixonar mais por ela. Acredite isso era mesmo possível. A tarde passou num flash e um inesperado temporal nos impediu de viajar de volta aquela noite.

Não fosse o fato de Luma ter me ignorado totalmente no dia seguinte, tudo teria sido perfeito,

inclusive o beijo que trocamos durante a breve falta de luz. Eu apenas desejava que ele durasse a vida inteira.

Após mais uma semana nesta peleja com Luma, dona Íris me ligou aflita, pois não chegaria a tempo de pegar Rubinho na escolinha e segui até lá o mais depressa que consegui. Luma ficou de ligar assim que saísse da aula, mas não deu notícias deixando a mãe preocupada.

Depois de pegar uma autorização por escrito com dona Íris, busquei meu sobrinho na escolinha que ficava a dois quarteirões dali e liguei pra casa de Luma avisando que daria uma volta com o menino, mas que voltava logo.

Não houve reclamações e segui com Rubinho até a sorveteria mais próxima. Enquanto meus pensamentos voaram longe por um segundo, derrubei sorvete em minha calça e fui com o garotinho até o hotel para trocar de roupa. Foi aí que a situação mais improvável aconteceu.

Luma entrou como uma bala após eu abrir a porta e embora a raiva estivesse presente no seu modo de me tratar, dava para perceber o efeito descompassado que minha presença causava nela. Seus cabelos estavam num coque mal feito e

pequenos fios soltos se amoldavam em seu rosto angelical, dando uma visão magnífica de perfeição da beleza feminina.

Deixei que ela extravasasse toda a tensão do momento e quando percebi que estava perdendo as forças a segurei de modo delicado, mas firme.

Avisei que o filho estava cochilando em meu quarto e que estava tudo bem. Luma estava tão linda que me segurei para não beijá-la impulsivamente. No entanto, não queria perder a pouca confiança que ela ainda tinha em mim. Se eu quisesse mostrar que eu era diferente, precisava agir assim, por isso esperei para que ela abaixasse a guarda. E não demorou.

Ouvir a confissão de que ela estava apaixonada por mim, que meu sentimento também era retribuído, foi a confirmação de que aquele era o nosso momento. Não deixaria passar em branco.

Movido pelo desejo e por um furacão sem tamanho em meu coração, tomei seus lábios nos meus e em questão de segundos estávamos entregues a sensações e sentimentos que jamais havia sentido por ninguém. Naquele instante eu soube da maior certeza da minha vida.

Eu estava completo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Realizado.

O homem mais feliz do mundo, e a dona do meu tinha nome: Luma.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

Namorada?

— Ele é um garoto incrível. Você é uma ótima mãe, sabia? — Danilo beija meu ombro desnudo ao enlaçar minha cintura por trás enquanto observo meu menino dormir na enorme cama king size. Exalo tranquilamente e acaricio seus braços firmes que se tornam como uma âncora onde me sinto segura agora.

— Ele é tudo pra mim, Danilo. A única coisa boa que seu irmão me deixou. — viro-me para encará-lo e o constrangimento em sua face me deixa sem jeito. — Desculpe! — beijo-o de leve tentando amenizar a situação. — Não estou condenando a memória do Donatello, mas não posso negar que ele só me fez mal. — digo sincera num olhar tenro e Danilo enterra seu rosto em meu pescoço, me abraçando fortemente como se eu fosse embora a qualquer minuto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei, amor. Sinto muito pelo o que vocês passaram. Não vai acontecer novamente. Prometo! — ele sorri ao me fitar e acaricio seu rosto delicadamente por um segundo.

— Não precisa prometer senhor Aguiar. Basta me amar. — seu semblante se ilumina num largo sorriso e suas palavras são como música para os meus ouvidos.

— Isso não precisa nem pedir. Acho que te amei desde o primeiro momento em que a vi na empresa. — arqueio as sobrancelhas com surpresa e ele torce a boca matreiramente.

— Quando? — estou mais do que curiosa.

— Quando você me atropelou na saída da empresa e nem se preocupou em pegar todos os meus papéis que voaram pra longe. — explica divertido e tapo meu rosto com as mãos com vergonha pelo episódio.

Não fazia ideia que nossos caminhos pudessem se cruzar dessa forma.

— Desculpe! Estava desnorteada com uma conversa que tive com seu irmão e tudo o que pensava era sumir com meu filho pra bem longe. Na realidade, bem longe de todos vocês. — digo serena e novamente sua expressão ganha uma

PERIGOSAS ACHERON

névoa tensa por alguns segundos.

— Donatello nunca visitou o filho?

— Viu uma única vez quando fiz o exame de DNA. Fiz questão de fazê-lo pra esfregar na cara da sua mãe. Desculpe de novo. — faço uma careta e Danilo me repreende com brandura.

— Não peça mais desculpas, Luma, por favor. Sei bem quem eram dona Sofia e Donatello, apesar de serem meu sangue, sei o que eles seriam capazes de fazer. Você não tem o que explicar, ok? — ele beija a ponta do meu nariz e sorrio repousando minha cabeça em seu peito.

— Parece incomodado. O que há, Danilo? — indago ao senti-lo suspirar.

— Preciso te mostrar algo. — diz ao se afastar até a escrivaninha em seu quarto e franzo o cenho quando o moreno me estende uma carta com a letra de Donatello. — Meu irmão escreveu isso pra você, mas provavelmente nossa mãe descobriu e embargou o envio. — explica massageando sua nuca com apreensão e inicio a leitura do conteúdo com um único sentimento: lamento.

Sigo lendo a carta ao sentar no sofá da sala e uma ponta de saudade aperta meu coração. É claro que Donatello se tornou uma péssima

lembrança em minha vida, mas não posso negar que quando estávamos juntos o céu era o limite pelo sentimento que eu tinha por ele. Pena que ele descobriu isso tarde demais.

— Obrigada por me mostrar. — digo devolvendo a carta para Danilo enquanto seu olhar exprime dúvida e serenidade.

— Você o amava muito, não é? — imediatamente o puxo pela mão, fazendo-o sentar ao meu lado e me abro agora totalmente sem reservas.

— Danilo, eu amei seu irmão demais. Era tola, estava encantada e após ter sido abandonada por ele, simplesmente impus uma barreira em meu coração para que ninguém conseguisse me machucar de novo...

— Daí o Dornelles apareceu. — ele conclui e comprimo meus lábios numa linha tensa por tudo o que aconteceu.

— Dornelles chegou num momento de mudanças em minha vida. Não imaginei que nossa situação fosse se transformar nesse pesadelo. Não fazia a mínima ideia de que ele pudesse ser esse louco possessivo.

— Quero que ande com seguranças a partir

de hoje. — Danilo impõe muito coeso e fito-o num misto de espanto e ternura. — Não quero você, Rubinho ou seus pais sob a ameaça desse louco, entendeu? Não vou deixar que nada de mal aconteça com vocês, Luma. Prometo! — sorrio pelo seu modo protetor, mas logo uma nova preocupação ocupa meus pensamentos.

— E quanto a sua namorada? — observo sua reação com curiosidade e seu sorriso de lado fica ainda mais encantador.

— O que tem ela? — solta num tom malicioso e fico confusa. De modo algum tenho intenção de ser a outra nesta história.

— Como assim, Danilo? — ele volta a sorrir com vontade e começo a me irritar. — Não sei onde está a graça, mas se pensa que vou ser a “*outra*” na sua vida está muito enganado. — ameaço me levantar, mas sua mão me segura firme, seu olhar sedutor me deixando totalmente desarmada.

— Claro que não penso. — sua voz é mansa e sinto a tensão crescer em meu peito com sua conversa sem nexos. Não sei aonde ele quer chegar. — Minha namorada é muito birrenta, sabe? — o moreno adverte brincando com a ponta do meu

cabelo enquanto suspiro sem entender.

— Danilo! É sério! — murmuro insegura e ele me levanta serenamente.

— Vem cá, que vou te explicar melhor. — diz me puxando na direção de um enorme espelho, onde vejo nosso reflexo, Danilo encaixa seu rosto na altura do meu ombro direito. — O que você vê? — pergunta brandamente e nossa imagem refletida é uma combinação perfeita.

Não sabia que ficávamos tão bem juntos.

— Duas pessoas bem encrencadas? — sorrio um pouco cínica e ele franze as sobrancelhas de modo divertido antes de mostrar seu ponto de vista.

— Pois eu vejo a mulher mais linda desse mundo ao lado do cara mais feliz desse mundo. Sabe por quê? — Danilo cheira minha nuca e sinto pequenos arrepios, seguidos de uma sonora gargalhada. — Por que ele tem a namorada mais incrível desse planeta. — solta com candura e virome para encontrar seus hipnotizantes, olhos que me veneram de modo sublime.

— Sou sua namorada? — indago somente para confirmar meu maior desejo desde que meus sentimentos por ele mudaram.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se você aceitar... — o moreno dá uma pausa duvidosa e logo suspira fortemente antes de falar numa tensão palpável. — Você quer namorar comigo, Luma? — um sorriso de alegria desponta em seus lábios e beijo sua boca suavemente.

— Achei que nunca fosse me perguntar isto. — sorrio marota por um segundo e seus braços me apertam com carinho.

— Não se preocupe com a Misha. Ela voltou pra Milão há duas semanas. — me afasto o suficiente para olhar em seus olhos e acaricio seu rosto tenro por um instante.

— Acha mesmo que podemos dar certo? Somos tão diferentes, de mundos diferentes, Danilo. — questiono receosa e Danilo me sorri, assentindo com total confiança.

— A única diferença no meu mundo é ele perder a cor se você não fizer parte dele, Luma. — diz com doçura e não evito sorrir de lado como uma boba enquanto seu olhar é puro encanto. — Neste exato momento pra mim, ele está completo. — nossas bocas colidem num beijo caloroso e deixo de lado o medo, as barreiras e qualquer outro motivo que possam me fazer voltar atrás na decisão que se alastra como pólvora em meu coração.

PERIGOSAS ACHERON

Acabo de reencontrar a felicidade e apenas quero que ela nunca mais vá embora.



— Ele parece um gentleman amiga. — Lia explana enquanto nós observamos Danilo e Davi dando atenção aos filhos de alguns colegas de clube do marido da loira em minha frente. Não evito sorrir por um segundo.

— Ele é um grande fã do Davi, ficou todo bobo quando eu o convidei para o almoço.

— E fez muito bem. Ele realmente te ama muito, sabia? — franzo a testa para seu argumento, meu olhar volta a focar no moreno do outro lado da sala que me sorri totalmente encantado ao cruzar seu olhar com o meu. Não evito o rubor que se alastra pelo meu rosto.

— Como pode saber disso tão bem, Lia, você só o conhece há uma hora. — tomo um gole do vinho antes de pousar a taça na mesa, o olhar dela no meu me tranquiliza de toda a veracidade que sai da sua boca. Lia sempre teve uma intuição

incrível sobre as pessoas.

— Desde que vocês chegaram, ele já perguntou se você estava se sentindo confortável umas três vezes, já serviu vinho a você como o bom cavalheiro que é, já passou minutos tomando conta do Rubinho sem reclamar, já fuzilou com os olhos o zagueiro, o goleiro e o técnico do time de Davi por que eles estavam secando você e mesmo entretido em qualquer conversa, eu sempre vejo ele te observando com a mesma ternura e devoção que você mesma acabou de ver agora. Então, sim minha amiga, este homem te ama muito. — sorriu extasiada com sua análise.

— Eu também o amo muito, Lia! Acho que finalmente o meu coração está curado!

— Já não era sem tempo, não é Luma? Mas eu realmente fico muito feliz por você, você merece ser feliz, meu anjo. — sinto o frescor da palma da sua mão em meu rosto num carinho suave e meu coração se alegra. — Tudo o que precisa agora é deixar de ser teimosa.

— Qual o problema agora, Lia? Há segundos estava me mimando e agora eu sou teimosa? — sobressalto sem entender aonde ela quer chegar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Teimosa sim. Você não acha que já está mais do que na hora de aproveitar os benefícios de ser mãe de um Aguiar? — seu olhar é sério e sei exatamente no que isso implica, mas não quero dar o braço a torcer.

— Lia, eu não quero utilizar de nenhum benefício que venha daquela família. — minha voz é tão baixa que mais parece um lamento.

— Eu realmente entendo o seu lado, entendo mesmo. Mas não pode continuar sendo egoísta e orgulhosa a esse ponto Luma. — arregalo meus olhos com severidade para ela, mas Lia não se retém de continuar a falar.

— Egoísta sim, amiga. Está privando seu filho de um direito que é dele, de um conforto que pertence a ele.

— Isso não é verdade! — choramingo, pressionando meus lábios com força sem fitá-la.

— Ah, não? Se não é, por que é que mesmo depois de ficar comprovado que seu filho é herdeiro de toda essa fortuna, você continua levando ele para a escola de ônibus? E faz a mesma coisa todo santo dia quando vai para a faculdade? — reviro os olhos e solto uma lufada no ar, totalmente contrariada.

PERIGOSAS ACHERON

— Droga, Lia! Eu apenas não quero que ele cresça vislumbrado com tudo isso. Eu quero que o Rubinho absorva coisas boas da vida que temos agora e que o dinheiro não é tudo na vida das pessoas. — tento me justificar enquanto Laura adentra a cozinha com a mão toda suja de lama.

— Luma, ele vai aprender tudo isso por que ele tem ótimos exemplos dentro de casa, a começar pela mãe dele. — suas palavras são doces enquanto ela limpa pacientemente as mãos da filha. — Você não pode deixar de lado o fato de que ele é herdeiro de uma das maiores fortunas desse país, Luma, você querendo ou não. — seus lábios alcançam o topo da cabeça da garotinha a liberando para voltar a brincar, seu olhar se foca no meu com o cuidado de uma irmã.

— Eu às vezes não sei o que fazer! — mordo o lábio inferior, observando meu garoto brincar do lado de fora com as outras crianças, minha mão se aquece com o contato da mão de Lia na minha.

— Acalme seu coração e vá listando suas prioridades para garantir um pouco mais de conforto para o seu menino. Se você agora pode comprar um carro para facilitar a locomoção de

vocês, por que não? Se tem uma casa mais espaçosa, por que não se mudar com seus pais para lá? Não deixe as coisas permanecerem difíceis só por que você é orgulhosa, amiga. Pode até ser mais seguro para vocês, pense nisso, ok? — assinto num sorriso de lado para seu conselho, movo o meu corpo apertando-a num carinhoso abraço.

— Vou sentir saudades!

— Eu também! Mas volto logo e até lá, aproveite a vida e tome cuidado ouviu? — volto a assentir e ganho um beijo na bochecha antes de retornarmos a sala.



Três semanas depois

Observo atentamente cada setor da empresa Mounthys apresentado pelo coordenador da empresa e Murilinho me lança alguns sorrisos enquanto ficamos fascinados com a quantidade de tecnologia impressa aos projetos empresariais.

Somos um grupo de sete alunos e somente quem teve boas notas nos trabalhos finais é que

PERIGOSAS ACHERON

tiveram o direito de participar da parceria da empresa com a faculdade. Mal acredito que falta muito pouco para ter meu tão sonhado canudo nas mãos e anoto num caderninho toda informação valiosa que nos é passada durante nosso pequeno tour pelo local.

Um sorriso satisfeito desponta em meus lábios ao conhecer nosso ponto de trabalho e passo as mãos de leve em cada acessório que terei à minha disposição no início da semana, quando finalmente iniciaremos nossas atividades e seremos avaliados. É um sonho cada vez mais perto da realidade.

A visita termina e somos liberados para preenchermos alguns dados rotineiros para a empresa, o que inclui despesas com transporte, alimentação e fotos para o crachá.

Sigo até uma sala com os outros alunos e mal me sento quando, observo pelo vidro transparente um lindo moreno passar no corredor. Não tenho tempo pra pensar e em segundos, estou abrindo a porta e confirmando o que não tinha passado pela minha mente.

— Danilo? — ele se vira num semblante compassivo e cruza os braços num misto de

confusão e desconfiança.

Danilo se aproxima com cautela e sei pelo cerrar dos seus dentes que não vou gostar da resposta que irei receber.

— Luma, eu posso... — interrompo-o num tom seco.

— Foi você que arranhou o estágio pra mim? Fala Danilo! Foi você?

Capítulo 27

Deixa eu cuidar de você?

Antes que Danilo responda minha pergunta, Murilinho abre a porta chamando minha atenção.

— Luma, não pode ficar aí! — bufo com irritação e aviso-o num aceno que já estou indo. Danilo continua a me fitar preocupadamente.

— A gente pode conversar depois que você terminar?

— Não sei quanto tempo vou ter que ficar aqui, talvez o resto do dia. — suspiro tentando aliviar a tensão e o moreno insiste.

— Eu posso esperar. — solta um pouco apreensivo e assinto mesmo contrariada.

Quanto antes colocarmos alguns pontos no lugar, melhor.

Volto para a sala e não demora até que um rapaz todo engomadinho apareça e trace todas as atividades que seriam feitas e como deveríamos

seguir os protocolos da empresa. Procuro focar em tudo o que é dito, e por hora, esqueço o que pode se tornar um pequeno problema entre mim e Danilo.



Olho o relógio apenas para confirmar que já passou da hora de pegar meu pequeno e espero fervorosamente que minha mãe não tenha se atrasado. Não vejo a hora que a palestra termine, e ligar pra casa pra acalmar meu coração.

O rapaz entrega um pedido de abertura de conta no banco e em seguida dispensa todos os alunos da sala. Guardo o papel na bolsa e mal me despeço de Murilinho, seguindo corredor afora na busca por algum sinal na rede do celular.

Desço as escadas devagar e antes que comece a digitar os números de casa, uma buzina insistente chama minha atenção. Rubinho está sentado na cadeirinha do banco detrás junto de Danilo num luxuoso carro conversível, sorrio de lado por um momento. Esse homem não para de me surpreender.

— Oi, meu amor! — digo ao dar a volta no veículo e beijar a bochecha rechonchuda do meu pequeno. — Como foi na escolinha? — indago num sorriso mais aberto enquanto me refreio de olhar o moreno por muito tempo.

Ainda não engoli sua atitude sem meu consentimento.

— Desenhei muito no livro da tia Mag. — Rubinho diz com entusiasmo e sorrio por que ele não consegue chamar a monitora pelo nome inteiro que é Magda.

— Muito bem, mocinho. Dê um beijo e um abraço no seu tio que sua avó deve estar em cólicas. — peço, mas sou rapidamente interrompida por Danilo.

— Nada disso! Vamos todos aproveitar o final de semana no Haras! — meu namorado sorri com entusiasmo, sendo acompanhado pelo meu filhote e bufo mais um pouco sem entender seu raciocínio.

— Pare de brincadeiras, Danilo! Nem avisei minha mãe de nada, muito menos estou preparada... — paro de falar quando ele aponta duas malas no banco traseiro, mais a mochilinha de Rubinho.

Cerro meus olhos e cruzo meus braços num

longo suspiro. Se ele sabe me provocar, também sei.

— Avisei sua mãe que voltaríamos no domingo à tarde. Não precisa de mais nada a não ser entrar neste carro. — permaneço imóvel e seu sorriso maroto é puro pecado. — Vamos, Luma! Não seja teimosa, já está tudo pronto. — diz tentando me convencer e sei que minha raiva já foi para o espaço.

Não posso negar que sua ideia veio bem a calhar, mas ainda não quero dar o braço a torcer. Não o quero tomando decisões sem que estejamos de acordo, principalmente quando fizer parte da nossa vida juntos.

— Vem, mamãe! Quero ver os cavalinhos. — meu filho pede num sorriso inocente e meu coração se derrete.

Danilo sorri ainda mais e lá se foi minha armadura de pedra. Estou nas mãos dos dois homens que amo.

— Isso não é justo! — digo abrindo a porta do carro, me sentando ao seu lado. — Ainda temos que conversar. — aviso num tom ameno e ganho um beijo na bochecha antes dele ligar o carro e pegarmos a estrada.

A tarde está linda e a paisagem não deixa de encher os olhos. Danilo segura minha mão carinhosamente e sorrio de lado, onde a leveza toma posse do meu coração. No rádio, o som de Tom Jobim transforma o trajeto ainda mais saboroso e observo todo o amor que Danilo sente por mim, ser expresso na linda letra de “*Só tinha de ser com você*”. Ele canta baixinho, me olhando de vez em quando e meu coração vibra com cada palavra dita. Tudo está perfeito.



Chegamos no início da noite e mesmo assim é possível perceber o quanto o Haras é lindo e imenso. Alguns empregados recolhem os cavalos até o estábulo e Rubinho vibra com cada um que consegue observar da sua cadeirinha. É uma alegria ver meu menino assim.

Danilo estaciona em frente ao casarão e logo uma senhora na casa dos sessenta anos nos recepciona sorrindo e meu namorado a abraça com tanto apego como se fosse alguém da sua família.

— Donana! Esta é minha namorada, Luma e meu sobrinho, Rubinho. — ela me sorri um pouco desconcertada e Danilo não se importa com a cena me carregando pela mão casa adentro.

Fico impressionada com a bela decoração do ambiente e me sinto como se estivesse numa das casas vistas nas revistas europeias, com o tanto de referências que encontro somente na sala de estar.

Abro a boca algumas vezes, encantada com tudo e outro empregado aparece nos dando às boas vindas num sorriso mais contido do que o da senhora. Danilo volta a me apresentar e pede gentilmente que nossas bagagens sejam depositadas em seu quarto.

— Sua mãe tinha muito bom gosto. — afirmo ainda varrendo o espaço com os olhos e estranho o súbito silêncio do meu namorado. Fixo minha atenção nele por um segundo e sua expressão é um misto de nostalgia e mágoa. — O que há, Danilo? — inquirio ao me aproximar, ele tem os braços cruzados, numa postura rígida.

— Eu não vinha aqui há anos. A última vez foi quando meu pai morreu. — abraço-o fortemente, seus braços me apertam ainda mais.

— Não queria te fazer reviver esses

momentos dolorosos, amor. — solto compassivamente e seus lábios tocam meus cabelos de leve.

— Está tudo bem. É preciso seguir adiante e já tenho quem me ajude com isso. — ele pisca descontraído e franzo as sobrancelhas, meneando a cabeça levemente para os lados num olhar cheio de malícia.

— Ainda precisamos conversar, senhor Aguiar. — Danilo revira os olhos e aproveito a volta do empregado com as malas para segui-lo até o quarto.



— Obrigada, Donana! — sorrio cordialmente enquanto deixo a mesa após terminar de jantar.

A senhora me lança um sorriso satisfeito de volta e sigo até a sala onde meu menino já está cochilando em cima do sofá.

— Acho que alguém aí já está no décimo quinto sono. — Danilo diz numa ironia inocente e

PERIGOSAS ACHERON

rapidamente se prontifica a levar o sobrinho para o quarto, pegando-o no colo.

Acompanho-o escada acima e o amor que meu namorado tem pelo menino me enche o coração de alegria.

Ele cobre o sobrinho com cuidado e em seguida deposita um beijo suave em sua testa antes de sair do quarto, que é de frente ao nosso. Sei que Danilo seria capaz de tudo pelo Rubinho.

Voltamos para o quarto e exalo com força, girando meu pescoço de leve, numa tentativa de aplacar a tensão do dia. Danilo me observa curiosamente e se aproxima, tomando o lugar das minhas mãos em minha nuca. Rapidamente uma eletricidade percorre meus músculos com o toque das suas mãos macias. A sensação é simplesmente deliciosa.

— Desculpe por não ter perguntado a você sobre o estágio. — sua voz é um sussurro e sinto o calor do seu hálito na curvatura do meu pescoço, deixando meu corpo mole. — Seu pai falou sobre sua preocupação com o prazo pra faculdade, eu só quis dar uma ajudinha. — suas mãos descem lentamente pelos meus braços, parando em minha cintura, me fazendo ofegar.

— Eu sei e entendo, Danilo. Mas temos que decidir o que for juntos, do contrário, vamos nos perder e de modo algum desejo isso. — argumento baixinho e agora seus lábios roçam na minha pele aumentando o desejo que emana do meu íntimo.

— Não precisa ter medo de receber ajuda, Luma. — ele me vira para encarar seus olhos e tudo o que vejo é paixão, desejo, loucura, amor. Não há piedade ou compaixão neles, apenas o mais puro e simples amor. — Deixa eu te ajudar? Deixa eu cuidar de você? — penso em relutar, mas não é justo com ele ficar nesse jogo estúpido de quem pode mais e sorrio de lado num sinal de rendição.

— Não estou acostumada a receber ajuda. — solto mordendo meus lábios por um segundo e Danilo segura delicadamente meu rosto em suas mãos.

— Então pode se acostumar minha menina dona de si. Por que não vai se livrar de mim nunca mais. — sorrio com uma imensa felicidade em meu peito e não evito que uma lágrima role dos meus olhos. — Eu te amo, Luma. Como jamais pensei que fosse possível. — sua respiração está irregular e sinto o coração dele acelerar ao tocar seu peito rijo.

Danilo é pura respiração. Uma alma aberta onde sei que posso me abrigar de toda e qualquer tempestade.

— Eu também te amo, Danilo. Não imagino mais a minha vida sem você. — confesso colando nossos lábios num beijo cálido e suas mãos percorrem cada pedaço do meu corpo sem nenhuma pressa, saboreando cada sensação.

Em segundos, meu vestido já está no chão e me acomodo na cama macia, esperando numa respiração entrecortada ser preenchida pelo belo homem à minha frente.

Acompanhá-lo se despir é um momento único.

Os ombros largos, seus braços firmes, bem torneados e seu peitoril definido me fazem sorrir maliciosamente e, devagar, sinto toda sua musculatura bem trabalhada sobre mim.

Sua boca quente explora cada parte nua da minha pele e pequenas mordidas em meus seios me causam pequenos espasmos, me fazendo puxar seus cabelos com força por um instante.

Danilo segue com seus beijos ardentes, subindo pelo meu colo, chegando até meus lábios, onde nossas línguas se encontram numa dança

PERIGOSAS NACIONAIS

harmoniosa e mágica. Nossos corpos se encaixam vagarosamente e seus movimentos delicados me deixam em combustão.

Arranho suas costas com ferocidade e seu ritmo se torna cada vez mais intenso à medida que as nossas respirações se tornam irregulares.

Em pouco tempo, alcançamos nosso clímax em meio a suor, suspiros e gemidos e, nada além de felicidade transborda em meu coração. Não preciso ter mais dúvidas de nada. Somos totalmente um do outro e nada e nem ninguém vai conseguir mudar isso. Nunca.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Um dia quase perfeito

Desperto com os primeiros raios de sol e uma brisa gostosa refresca meu corpo. Minhas mãos procuram pelo corpo másculo de Danilo na cama, mas meu coração afunda sem a sua presença e bufo com a cabeça contra o travesseiro.

No entanto, a voz doce que faz minha vida ter mais cor, soa suave e apaixonante e, sorrio por um segundo.

— Hora de levantar, dorminhoca. — seus lábios alcançam minha nuca e gargalho alto ao sentir cócegas.

Tento fugir do seu súbito ataque, mas o moreno segura firmemente meus braços acima da minha cabeça e não tenho pra onde escapar. Nem quero.

— Eu me rendo, Danilo! — afirmo mordendo meu lábio inferior e sua boca roça em

meu pescoço.

— Adoro ganhar! — um sorriso safado toma conta do seu semblante e nem a falta da higiene bucal pela manhã, o refreia de me beijar. — Agora, levante-se pra comer, por que seu filhote já está de bico por ainda não ter visto os cavalinhos dele. — sorrimos juntos e sigo para escovar os dentes, meu prendado namorado improvisa um pequeno banquete em nossa cama.

Abro o pequeno armário sob a pia e sorrio de lado com o cuidado de Danilo ao me deparar com escovas de dente novas e cremes de limpeza; além de mais alguns afins que toda mulher gosta de ter a mão.

Volto para o cômodo e me surpreendo com tantas iguarias em cima da cama. Acho que nunca tinha visto tanta comida numa única bandeja.

— Assim vou engordar de tanta caloria. — resmungo já comendo um pedaço de croissant enquanto meu namorado me sorri satisfeito. — Cadê meu filhote?

— Sendo mimado e paparicado pela Donana, ávido pra conhecer os cavalos. Fui dizer que eram dele e agora quer colocar nome em todos. — sorrimos e acaricio sua face antes de beijá-lo

suavemente. — Mesmo que engordasse dez quilos não faria diferença no sentimento que tenho por você, Luma. — meu coração derrete e acabo corando sem querer.

Esse homem é fofo demais.

— Está tudo perfeito, amor. Você é perfeito! — sussurro ao beijá-lo mais uma vez e em segundos, Danilo dá um salto da cama com um entusiasmo de quem acaba de terminar o colegial.

— Então se apresse dona Luma, pois temos muitas atividades durante o dia. — diz ao me beijar a bochecha e sair porta afora.

O dia promete.



Danilo mostra o restante do haras e Rubinho parece um pequeno desbravador, mexendo em tudo que vê pela frente, fazendo mil perguntas ao tio e a quem mais estivesse por perto para dar uma resposta satisfatória às suas curiosidades.

Começo a desconfiar que meu menino irá passar muitos anos da sua vida enfurnado nessas
PERIGOSAS ACHERON

terras. No entanto, não condeno, desde que meu pequeno seja feliz.

Um dos capatazes nos mostra como dar refeição aos cavalos e escovar seus pelos. Rubinho tem o sorriso mais lindo do mundo quando Danilo o põe no colo e o ajuda na escovação de um dos equinos. Gravo cada momento deles e alterno com fotos nossas em momentos de pura alegria. Queria apenas parar o tempo neste instante.

— Quero andar tio! — meu filho murmura e Danilo me fita na intenção de obter aprovação e não nego o pedido do garotinho ao assentir num sorriso de lado.

— Muito bem, pequeno. Vamos ver se você vai ser bom cavaleiro. — o moreno monta no lindo animal e em seguida, pega Rubinho dos meus braços, colocando-o entre as suas pernas. — Segure aqui! — a expressão de felicidade no rostinho angelical do meu menino é tanta que apesar de uma leve apreensão se apossar do meu peito, sorrio em apoio por Rubinho estar tão contente.

Os dois saem na garupa do cavalo e aceno registrando o grande momento através da câmera do celular. Rubinho não aparenta ter medo do enorme animal e seu sorriso inocente me aquece a

alma. Meus dois amores estão cravados em meu coração e saber que tenho o amor deles é o máximo que posso ter da felicidade que sempre almejei.

Está tudo tão bom que temo por um segundo, a paz de toda essa alegria. Suspiro profundamente, no intuito de afastar esses sentimentos negativos pra longe e observo num sorriso bobo meus meninos se afastarem de mim. Tudo o que preciso está aqui bem diante dos meus olhos.



Danilo volta com Rubinho e seguimos caminhando até uma frondosa árvore na parte mais alta do local e minha boca saliva com as guloseimas que encontro na imensa mesa posta à nossa frente. É de encher os olhos.

— Nossa amor! Que lindo! — digo ao ajeitar meu pequeno numa cadeirinha própria para a idade dele, me sentando ao seu lado logo em seguida.

— Não sabia do que gostava, pedi para

PERIGOSAS ACHERON

fazer um pouco de cada do trivial. Gostou? — meu namorado pergunta, ao ser servido por um dos empregados e fico um pouco sem jeito com tanto luxo e pompa. Embora eu tente, não consigo me enquadrar nessas situações e em pouco tempo isto está bem claro para Danilo. — O que foi, Luma? Alguma coisa errada?

— Está tudo lindo, Danilo. O lugar, a comida, a companhia... — exalo profundamente e seu olhar é uma grande dúvida. — Só não sei se me encaixo no meio disto tudo, quer dizer... não sei se isso é pra mim entende? — Danilo se levanta da cadeira e se aproxima de mim com carinho, tomando minha mão na sua num consolo.

— Você se encaixa na minha vida, Luma. E se for preciso mudá-la pra que você acredite nisso, eu mudo. Eu faço tudo por você. Basta pedir. — sorrio com os olhos marejados pela sua declaração e puxo seu rosto para um beijo tenro.

— Não quero que mude nada, Danilo. Só acho que somos muito diferentes e que um dia quando perceber isso, pode ser tarde demais. — argumento num murmúrio e seus olhos me fitam como se enxergassem minha alma.

— Você me ama?

— Você sabe que sim, que pergunta é essa?
— solto arisca enquanto ele puxa uma caixinha do bolso e meu coração dá um tranco.

— Então esquece as diferenças, esquece o que pode ser tarde e vamos viver o hoje, o agora.
— duas alianças cintilam em minha frente e engulo a seco sem saber o que fazer. — Casa comigo, Luma? Casa?

Mordo meu lábio por um segundo e observo a enorme expectativa de Danilo no seu olhar meigo. Fecho a caixinha de volta e o semblante dele se torna desapontado em frações de segundos. Ainda não me sinto preparada.

— Não posso, Danilo. Não agora. — minha voz treme e o moreno cerra os dentes num esforço para não esbravejar comigo.

Danilo não me fita e guarda a caixinha no bolso novamente, circulando a mesa até chegar ao sobrinho. Meu menino ganha um beijo no topo da cabeça e observo numa indecisão visível, Danilo se afastar alguns passos.

— Aonde vai, Danilo? Por favor, vamos conversar? — peço, mas seu tom é de desdém ao retrucar.

— Perdi a fome, Luma. Talvez mais tarde.

PERIGOSAS NACIONAIS

— ele sai em passos apressados e acaricio os cabelos de Rubinho por um momento.

Não faço ideia de como a nossa situação vai seguir de agora em diante, mas o fato é que não me sinto preparada para tomar uma decisão dessas antes de ter minha vida estabilizada.

Não vou permanecer na dependência de ninguém.

Não outra vez.

E antes de tomar qualquer atitude como essa, Danilo tem que aceitar e respeitar minhas decisões por que não vou me refrear dos meus sonhos.

Nem por ele, nem por ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Realidade melhor do que contos de fadas.

Volto para o casarão após passar o resto da tarde brincando com Rubinho, meu garotinho cochila mansamente em meu colo enquanto o carrego até o quarto. Minhas costas doem e percebo num sorriso o quanto meu filhote está crescendo.

Sigo até meu quarto e não encontro nenhum sinal de Danilo, nem mesmo um bilhete. Penso o quão magoado ele pode estar, mas não dá pra tomar decisões precipitadas, que poderíamos nos arrepender depois.

É claro que o amo, mas isso não muda o fato que selar um compromisso com alguém é algo muito sério. Não vou ceder em decisões que cabem a mim somente por que Danilo deixa à mostra o lindo sorriso que tanto amo.

O infeliz tinha que ser tão teimoso quanto eu.

Procuro algo para vestir enquanto suaves batidas na porta chamam minha atenção, abro a porta diante de uma Donana sorridente e sem jeito. Deixo-a entrar e volto a remexer no armário que está cheio das roupas que estavam em minha mala.

— O jantar sairá em meia hora, senhora. — me esforço a sorrir, mas falho totalmente quando a tristeza por ter magoado Danilo me invade com força. — O que há, meu anjo? — a experiente senhora toma minhas mãos na sua e sentamos na borda da cama num breve silêncio.

Contemplo seu olhar por um segundo e não vejo nada além de bem querer. Pelo moreno e por mim também.

— Seu patrão se magoou por que não aceitei o pedido de casamento. — sorrio de lado e observo a governanta arregalar os olhos com espanto. Tento tranquilizá-la. — Eu quero me casar com ele Donana, mas não de uma hora pra outra. Há coisas mais importantes e Danilo se comporta como um menino mimado que está acostumado a ter todas as suas vontades feitas. — digo impacientemente e ela agora me sorri com mais descontração.

— Ele está apavorado, dona Luma... — a

interrompo gentilmente.

— Só Luma, por favor! — ela assente e franzo o cenho num longo suspiro.

— Com o que Danilo estaria apavorado, Donana? Não existem motivos pra isso. — engulo a seco tentando entender um pouco mais a personalidade do homem que amo.

— O meu Danilo sempre teve dificuldades em se expressar, em demonstrar sentimentos pelas pessoas. Com a morte do pai, essa dificuldade piorou. Ele nunca conseguia se prender a ninguém e já parecia bastante acostumado com isso. Até você aparecer. — pisco algumas vezes e torço a boca numa careta indecisa.

Danilo sempre pareceu muito despojado e comunicativo, jamais imaginei que por trás disso houvesse tanto receio em se relacionar.

— Garanto que ele agia assim com todas as outras namoradas. — resmungo num atípico ciúme e a senhora volta a sorrir pela minha colocação.

— Nunca existiram outras namoradas, Luma. Você é a primeira mulher que Danilo traz aqui como namorada. Este lugar sempre foi sagrado pra ele. Costumava dizer que só traria aqui a mulher que tivesse roubado seu coração e com ela

viveria aqui pra sempre. — sorrio de lado outra vez e aperto sua mão na minha.

— Promessas podem mudar, Donana. — massageio minha nuca ao me levantar e somos surpreendidas com a porta se abrindo, revelando um Danilo visivelmente alcoolizado.

Cruzo os braços numa postura defensiva e meu semblante deixa claro o quanto estou desapontada com seu estado.

— Não se preocupe. Não vou incomodar a “dona de si” com minha presença. — ele diz com deboche, sua voz sai embolada e o moreno de quase dois metros mal consegue ficar de pé.

Donana corre em seu auxílio.

— Meu menino, o que está fazendo? — ela diz escorando o patrão e quase não aguenta com o peso dele. — Vem comigo que eu vou cuidar de você. — a governanta diz solícita, mas tomo as rédeas da situação.

— Não precisa, Donana. Deixa que cuido dele. Obrigada! — sorrio amarelo enquanto ela me ajuda a pôr Danilo na cama e seu olhar de preocupação para o patrão é comovente.

Ela se vai sem mais perguntas e ajeito o corpo do meu namorado no colchão macio

enquanto um dos seus braços encobre o rosto. Tiro seu tênis enquanto Danilo se remexe, balbuciando coisas que não entendo e cubro-o com um lençol fino. Antes que me afaste, sua mão segura meu braço e a expressão melancólica do moreno faz meu coração arder.

— Faço tudo errado, não é? — meneio a cabeça em negação e ele suspira num lamento.

— Descanse, Danilo. Amanhã conversamos. — digo compassiva, sigo para o quarto de Rubinho e olho-o mais uma vez antes de fechar a porta e tentar dormir.

O amanhã será decisivo.



Não encontro Danilo no quarto e caminho para o banheiro pra fazer minha higiene pessoal. Troco de roupa e aproveito que Rubinho ainda está dormindo pra descer e falar com Donana. Ela está terminando de por a mesa e me aproximo com cautela da senhora que me observa de soslaio.

— Bom dia, Donana! — cumprimento

PERIGOSAS NACIONAIS

mordiscando uma torrada e a governanta se apressa em me servir uma xícara de café.

— Bom dia, Luma! Correu tudo bem? — sinto o cuidado no seu tom e assinto sorrindo de canto, antes dela sorrir com mais tranquilidade com a minha afirmação.

— Onde ele está? — pergunto curiosa antes de dar mais uma mordida na torrada e Donana ajeita seus óculos numa postura cúmplice.

— Foi até o rio a poucos metros daqui. Ele costuma ir lá quando precisa pensar. — concordo ao engolir em seco e tomo mais um pouco do café antes de tornar a falar.

— Pode tomar conta do Rubinho pra mim por alguns minutos? — peço indecisa e Donana abre o maior sorriso do mundo.

— Pode ir sossegada que nós dois nos damos muito bem. — solto um obrigado mudo ao sorrir e em segundos já estou correndo na direção indicada por ela. É hora de acertar nossas vidas de vez.



PERIGOSAS ACHERON

Avisto meu namorado apressadinho olhando a paisagem ao redor e me aproximo alguns metros, caminhando pelo estreito deck de madeira. A vista é realmente fabulosa. Uma das madeiras range com meus passos e Danilo se vira para me fitar de um modo cândido e confuso ao mesmo tempo.

— A vista é linda! — bufo sem jeito ao colocar minhas mãos no bolso da calça e o vejo exalar com força. — Danilo eu... — sou prontamente interrompida.

— Está tudo bem, Luma. — solta secamente e sinto uma enorme dificuldade pra respirar. — Já entendi que ainda não confia em mim pra se casar comigo... — agora sou eu quem o corto.

— Não é nada disso. Não complica as coisas, por favor? — meneio a cabeça para os lados e um incômodo silêncio se faz presente. — Danilo eu quero me casar com você, mais do que tudo, mas não às pressas como se o mundo fosse acabar amanhã.

— Luma, a gente se ama, eu amo o Rubinho. O que mais você precisa? O que mais

você quer? — Danilo rebate meu argumento e outra vez, não engulo suas imposições.

— É isso que não quero, Danilo. Você impondo condições, como se eu não precisasse de mais nada por que tenho um namorado rico e bem conceituado na sociedade. Você sendo machista ao ponto de achar que minha profissão e meus sonhos não são mais necessários por que tenho controle dos fundos monetários do Rubinho. Eu quero mais do que isso, entende? Eu quero seguir o meu caminho e não o que me impõem. — explodo convicta das minhas palavras e Danilo franze as sobrancelhas quase não acreditando no que acaba de ouvir.

— Acha mesmo que sou assim? — comprimo meus lábios ao me aproximar e puxo seu corpo para um abraço apertado.

— Você é o cara mais incrível que conheço, mas tão teimoso quanto eu. — seus braços me apertam ainda mais e sinto todo o sentimento que temos nesse laço. — Não aceitar seu pedido não quer dizer que não o amo e sabe disso. Só não é o momento certo, entende? Preciso colocar minha cabeça em ordem e tomar decisões precipitadas não vai me ajudar. — fito-o com candura e observo o

franzir das suas sobrancelhas de modo contrariado.
— Por que não pode esperar até eu me formar, encontrar um bom emprego e assim ter como custear as coisas do jeito que quero?

— Só acho que não tem necessidade... — ele tenta iniciar, mas pausa sua sentença assim que me afasto num longo suspiro.

Parece que não vamos chegar nunca num denominador comum.

— O que não tem necessidade é você tentar achar solução para nossos problemas na bebida, Danilo. — seu rosto se contorce por um segundo e meu namorado massageia sua nuca com inquietação. — Isso sim é algo que não vou aceitar.

— Eu sei! Desculpe por aquilo, não vai mais acontecer, eu prometo. — sorrio num cinismo atípico.

— Já percebeu quantas promessas me fez desde que começamos a namorar? — seus olhos se prendem aos meus com indagação e passo as mãos em meus cabelos. — Não gosto de ser controlada, Danilo. Preciso de apoio e não de um menino que faz birra quando alguma coisa não sai de acordo com o que ele quer.

— E o que acha que estou fazendo aqui? A

não ser te apoiar, te proteger, te amar? — Danilo abre o coração e sinto o ar desaparecer em segundos. — Você é tão ativa, Luma. Tão dona de si, das suas convicções, dos seus desejos que meu maior medo desde que te conheci é que você descubra que não sou tão incrível como acabou de dizer. — meu coração aperta com sua confissão e observo a emoção brotar no fundo dos seus olhos. — Eu tenho tentado de tudo pra você nunca ir embora, por que no fundo sou eu quem tem medo de ser abandonado, Luma. Eu não quero te perder.

— Não vai, Danilo. — garanto ao me aproximar novamente e tocar sua face com carinho. — Mas não precisa estar sempre mil passos a minha frente, você só precisa caminhar ao meu lado, nada mais. — seus olhos se fecham por alguns segundos e o moreno assente num semblante mais sereno. — Eu te amo, senhor Aguiar. Nunca duvide disso, entendeu? — fito seus olhos com doçura e suas mãos entranham em meus cabelos me deixando rendida.

Danilo me tem em suas mãos e nem percebe isso.

— Não quero mais brigar com você, me desculpe! — nossas testas se encontram e seguro

suas mãos que ainda estão presas ao redor do meu pescoço.

— Também te devo desculpas. — meu namorado ergue o queixo pra me fitar e seu olhar é tão encantador que com certeza não negaria seu pedido de casamento agora se ele pedisse outra vez.

— Eu te amo, Luma. Isso nunca vai mudar. — sorrio com malícia e Danilo me beija com paixão.

Meu peito está finalmente em paz.



Aproveitamos o resto do dia para passear a sós e almoçamos num restaurante de beira de estrada escolhido por mim, me delicio com as hilárias expressões de Danilo com a falta de costume com comidas mais simples. Parece ter nascido em outro planeta, mas logo se familiariza com as gírias dos clientes e alguns garçons.

O sabor realmente é divino e sorrio ao perceber a fisionomia de satisfação de Danilo ao dar a primeira garfada na costela com agrião.

PERIGOSAS NACIONAIS

Simplesmente adoro. Em pouco tempo seu prato está limpo e o parabenizo com um beijo por ter ultrapassado essa pequena barreira.

Seguimos nosso tour tomando sorvete e não evito um sorriso debochado quando meu namorado se esforça para equilibrar a bola de creme em cima da casquinha, que mancha sua camisa azul marinho sem cerimônias.

Danilo me fita com sarcasmo e saio correndo pela rua quando ele ameaça manchar minha roupa também. No entanto, não tenho muito êxito e em poucos minutos estou emplastada de sorvete de creme. A alegria é tão perene que nem me importo.

Nos beijamos entregues ao momento e uma chuvarada chega sem avisar, nos deixando encharcados. Corremos pelas pequenas vielas do local, entramos numa pequena loja de roupas, onde gentilmente uma das atendentes nos oferece toalhas para enxugarmos o excesso de água.

Não é difícil adivinhar que pelo aguaceiro a chuva vai demorar um pouco a passar e varro com os olhos algumas roupas da vitrine com curiosidade.

Mostro alguns modelos de vestidos para

PERIGOSAS ACHERON

Danilo e me divirto com suas caras e bocas sobre cor, estilo e tamanho das peças que vou experimentando. Saio do provador com o último vestido dos que havia separado e diferente das outras tentativas, a expressão dele é um misto de encantamento e surpresa.

Estou usando um longo perolado, com mangas até o punho e um generoso decote em V, que deixa meu colo à mostra de forma sedutora. Danilo parece estar vendo uma miragem.

— Você está espetacular, Luma! — coro por um segundo ao morder meu lábio inferior e quase que por mágica, a chuva cessa. — Que tal uma dança? — assinto num sorriso e após Danilo pagar meu lindo vestido, seguimos estrada afora.

A lua começa a surgir devagar no céu e a brisa que nos envolve é um convite para apreciarmos este instante único em nossas vidas. Danilo para o carro num imenso campo aberto e a vista da cidade é simplesmente esplêndida.

No rádio, uma balada romântica é a deixa para tornar o clima ainda mais sedutor e meu coração bate descompassado quando meu namorado me enlaça pela cintura, encaixando seu rosto na curva do meu pescoço enquanto nossos

PERIGOSAS NACIONAIS

corpos se movimentavam lentamente no ritmo da canção.

Sua voz doce ecoa em meus ouvidos declamando a letra da música e minha pele se arrepia com o passeio delicado das suas mãos em minhas costas. Meu corpo sempre reage ao toque de Danilo de várias maneiras e adoro quando isso acontece. São tantas sensações diferentes que meu coração parece querer pular pra fora do peito.

A noite não podia ser mais perfeita.

Danilo me beija com tanto sentimento que me sinto no meio de um daqueles contos de fadas que nos contam quando somos pequenos. E embora não seja mais criança, percebo que os contos de fadas podem ser bons, mas a realidade, é melhor ainda.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

Alerta de perigo

— O que mais pretende fazer após se formar? — Danilo indaga sem um pinga de sarcasmo em sua voz e continuo trilhando as linhas do seu tronco rijo com a ponta dos meus dedos.

Acabamos de acordar e minha cabeça repousa em seu peito e meu corpo relaxa na calmaria da sua respiração.

— Quero abrir um escritório próprio.

— Isso é muito bacana, amor. Posso ajudar se quiser. — ergo meus olhos para fitá-lo e rapidamente Danilo levanta as mãos em sinal de rendição. — Ok! Não está mais aqui quem falou. — solta descontraidamente e sorrio docemente antes de falar.

— Eu quero sua ajuda, Danilo. — observo o enorme brilho em seus olhos, sorrio ainda mais.

— Está falando sério ou é uma pegadinha? Cadê as câmeras, dona Luma? — meu namorado faz graça fingindo surpresa e faço cócegas em suas costelas.

— Estou sim, seu bobo. Quem melhor do que você para me indicar uns clientes que pagam bem e que de quebra ainda podem ser gatos? — seu semblante fecha de imediato, franzo o cenho dengosamente.

— Gatos, é? — agora sou eu quem sofre um ataque de cócegas e estou quase chorando de tanto rir. — Esse gato aqui ainda tem muita vida pra gastar sabia? — Danilo diz com audácia, prendendo minhas mãos acima da minha cabeça enquanto ofego com a boca seca.

Nossos lábios estão a centímetros de um beijo.

— Sabia sim! — viro meu corpo de lado num movimento brusco, ficando por cima dele e vejo o deleite em sua face de menino. — E é comigo que ela será gasta, senhor Aguiar. — sorrio maliciosa e pressiono meus lábios contra os seus sem pensar em mais nada.

— Eu tenho algo para te mostrar sobre a fundação. — Danilo ameaça se levantar, mas seu

celular toca e ele se move para atendê-lo.

— Algum problema, amor? — questionei preocupada com a tensão que parecia se expandir em seu rosto. Ele afastou um pouco o aparelho da face para falar comigo rapidamente.

— Nada demais, não se preocupe. Tem uma pasta naquela gaveta, olhe o dossiê e me diga o que acha, ok? Eu preciso terminar essa ligação, mas já volto. — sorri ao se afastar por um pouco enquanto me movo na direção da cômoda como ele havia pedido.

“Projeto Primavera”

Sorrio com o título do dossiê, remexendo nos papéis que estavam dentro da pasta. No entanto, um pequeno cartão tomou conta da minha atenção e não evitei que a raiva começasse a dar sinais em meu íntimo. Eu não podia estar sendo tola novamente.

Danilo reapareceu com seu lindo sorriso, que imediatamente desapareceu assim que o homem em minha frente tomou ciência do cartão que eu ostentava no ar e sabia o que aquilo significava. Meus olhos faiscavam.

— Eu realmente estou esperando por uma boa explicação sobre isso Danilo. Que porcaria é

essa? Já não basta as obsessões do Dornelles, você também está ficando paranoico?

— Não Luma, não. Isso não tem nada a ver com o comportamento do Dornelles. Na realidade eu contratei esse detetive mesmo antes de te conhecer. Eu havia descoberto o exame de DNA no escritório e também a carta de Donatello. Eu não fazia ideia de como você ou o menino eram, então eu resolvi descobrir.

— Então quando você foi na minha casa foi tudo uma encenação? Você já sabia quem eu era Danilo? — estou incrédula, a raiva me consumindo ainda mais.

— Não! Eu não encenei nada amor, por favor, acredita em mim. Eu realmente já sabia quem você era, mas eu queria mesmo te conhecer e conhecer o Rubinho. Eu estava assustado e desconfiado que você pudesse ser uma interesseira, eu sei que foi um erro não ter contado antes, mas você precisa acreditar em mim, Luma. — me esforço para digerir toda essa história sem pular no pescoço de Danilo, meu coração está a mil.

— Você não tem noção de como isso me assustou por dias Danilo, eu quase tive um treco. — exalei o ar fortemente, observando o moreno se

PERIGOSAS NACIONAIS

aproximar de mim com cuidado.

— Desculpe, amor! Sei que agi errado, eu estava errado sobre muitas coisas a seu respeito Luma. Me perdoa, por favor?

— Tudo bem, Danilo. Eu não posso tirar suas razões, talvez eu fizesse o mesmo. — afirmei puxando-o para um abraço, onde seus braços me apertavam com força como se eu fosse fugir a qualquer momento. — Mas da próxima vez que quiser saber algo sobre mim ou meu filho me pergunte, ok? — ele assentiu sem jeito, sem tirar seus braços do meu corpo e meu coração estava novamente em paz.

Era o melhor lugar que eu poderia estar.



Após terminar de arrumar as malas, desço as escadas, sorrio involuntariamente ao ouvir as risadas do meu menino antes mesmo de chegar até a sala. A risada do tio se confunde com a de Rubinho e é um dos melhores sons que podem acalmar meu coração hoje em dia.

PERIGOSAS ACHERON

— Quanta animação! Alguém pode me dizer o porquê de tanta felicidade? — o semblante deles é tomado pela surpresa e o fato do meu pequeno se esconder atrás do corpo do tio me informa que algo está muito errado.

— Oi amor! Não é nada demais, nós só estávamos brincando. — Danilo me saúda hesitante, cruza meus braços na linha do peito com o cenho franzido para os dois.

— Brincando de esconde-esconde, amor? É o único motivo que vejo para que Rubinho esteja camuflado atrás de você. O que vocês estão aprontando, hein?

— Nada! Por que nós estaríamos aprontando algo? — Danilo não sabe mentir, então me aproximo o máximo que posso do meu garotinho, embora ele pareça bastante aflito com minha aproximação.

— Hey campeão! Por que não me deixa ver o que você tem aí? — indago ao observar que Rubinho esconde algo entre seus bracinhos pequenos.

Mesmo temeroso, meu pequeno se move para a frente do tio e vai cedendo os braços, revelando uma pequena bola de pelos branquinhos

como a neve. Nunca tinha visto um filhote tão fofo em toda a minha vida.

— Um cachorrinho? — bufei aliviada ao trocar um olhar carinhoso com Danilo, Rubinho se aproximou ainda mais de mim.

— O tio Nilo disse que ele é meu se eu quiser. Eu posso, mamãe? Podemos levar ele pra casa? — o brilho em seus olhinhos claros e inocentes preencheu meu coração de ternura, movo a palma até o dorso macio do cãozinho, sentindo seus pelos lisos deslizarem entre meus dedos.

Imediatamente minha conversa com Lia me veio a mente, me condenando por todas as possibilidades que eu parecia estar privando meu menino e isso não era justo.

Nunca seria.

— Um animalzinho de estimação traz muitas responsabilidades, campeão! Tem certeza que pode dar conta disso? — argumentei da forma mais doce que podia, eu queria que Rubinho tivesse consciência de que ele precisaria cuidar bem do bichinho.

— Eu prometo cuidar dele direitinho mamãe, vou dar banho, levar pra passear e limpar toda a bagunça que ele fizer, até mesmo as que não

PERIGOSAS NACIONAIS

cheiram bem. — sorrio com o modo cândido que as palavras saiam de seus lábios finos, meu menino voltou a pedir uma chance para mostrar que era capaz. — Deixa, por favor?

Eu estava totalmente sem chão e sem nenhuma escolha à frente.

— Pode campeão! Pode sim! — seus lábios se curvaram num sorriso genuíno que fizeram as covinhas de suas bochechas ficarem proeminentes, me curvei um pouco para beijar o topo da sua cabeça.

— A mamãe deixou você vir morar com a gente, Toby. Você vai ser um filhote muito feliz com uma caminha quentinha e muito carinho, está bem? Eu vou cuidar de você, meu amiguinho. — sua palma miúda acariciava os pelos do animalzinho com muito mais carinho agora, percebo que eu tinha feito a coisa certa.

— Obrigada! — agradeço Danilo num sorriso, enquanto seus braços me seguram de modo protetor, seus lábios roçando de leve em minha bochecha, enquanto observávamos Rubinho com seu mais novo amigo.

Era hora de voltarmos à realidade.

PERIGOSAS ACHERON



— Obrigada por tudo, Donana! — abraço-a com vontade ao me despedir e cumprimento o resto dos empregados num aceno discreto.

— Volte mais vezes, menina! — a senhora diz com entusiasmo e sorriso ao terminar de prender Rubinho na cadeirinha do carro.

Observo Danilo se despedir da governanta e exalo com nostalgia ao olhar ao meu redor. Tirando minhas pequenas rugas com meu namorado marrento, o final de semana foi maravilhoso.

— Prontos?! — o moreno indaga ao me dar um selinho e assinto ao sorrir.

Danilo buzina duas vezes antes de seguirmos nosso caminho pra casa. É uma pena termos que ir embora, mas algo em meu íntimo me avisa que essa é apenas a primeira de muitas vezes que estaremos aqui.



— Mãe! Chegamos! — aviso ao adentrar em casa enquanto Danilo me ajuda com a bagagem. Meus pais surgem eufóricos e mal me dão bola, devotando toda a atenção deles para o neto e pequena bola de pelos no colo de Rubinho. Parece que não fiz a menor falta

— Mas que coisinha mais fofa! Qual o nome dele, Rubinho? — meu pai indaga acariciando o focinho do filhote enquanto meu menino é pura alegria.

— Esse é o Toby vovô! Meu tio Nilo que me deu, ele vai ser o melhor cachorro do mundo todo!

— Tenho certeza que sim meu garoto! — seu Ramos remexe nos cabelos do neto, reviro meus olhos, enciumada com falta de atenção deles.

— Caramba! Quanta saudade! — solto ironicamente assim que meu pai pega Rubinho no colo, piscando de modo maroto para mim e minha mãe se aproxima de nós.

— Deixa de ser dramática, filha! — diz fazendo careta cínica ao me dar um beijo na face e sorrio. Dona Íris foca seu olhar curioso em Danilo e acompanho com um risinho velado o semblante

desconcertado dele pra ela. — Bem vindo, Danilo! — seu tom é doce e a expressão dele suaviza em questão de segundos, ganhando um discreto sorriso de volta.

— Obrigado, dona Íris. Amigos, agora? — minha mãe arqueia as sobrancelhas diante da insinuação dele e não preciso abrir a boca para que ela saiba o que desejo neste momento.

— Ainda não! — Danilo bufa um pouco impaciente e ela ostenta um leve sorriso de canto. — Mas podemos chegar lá. — seu sorriso se torna mais aberto e Danilo finalmente suspira esperançoso ao me fitar.

— Eu posso lidar com isso por enquanto. — ele sorri de lado observando minha mãe enroscar seu braço no meu e me puxar na direção da cozinha.

— Como foi a viagem? — ela indaga enquanto observo meu namorado disputar a atenção do sobrinho com meu pai e o cachorrinho.

— Foi tudo bem, tirando alguns percalços. Mas agora está tudo certo. — afirmo num sorriso sincero ao pegar a xícara de café que me é estendida.

— Percalços sempre irão existir, Luma. O

modo que lidamos com eles é que vai ditar o resultado final, entende? — argumenta muito lógica e seguro sua mão por um segundo.

— Fico muito feliz que essa sua cisma com Danilo tenha chegado ao fim — digo serena e seu olhar se volta para o lindo moreno na sala num misto de admiração e desconfiança. — Confessa, dona Íris, a senhora também se apaixonou por aquele sorriso de galã. — alfineto num risinho de lado e minha mãe não consegue disfarçar o quanto estou certa.

— Só um pouquinho! — seu sorriso se alarga e ela aperta minha mão com força por um instante. — Mas não conta isso pra ele. Adoro como seu namorado parece irritado toda vez que tenta me agradar e finjo não dar importância. — minha mãe pisca marotamente e apenas sorrio com sua inesperada revelação.

Volto para a sala onde meu menino está mais que feliz por estar sendo mimado pelo avô e sinalizo com um gesto de cabeça para que Danilo me acompanhe enquanto sigo pela escada. Suas mãos alcançam o cóis da minha calça e praticamente o reboco até meu quarto.

— Quero te dar algo! — o moreno sorri de

PERIGOSAS NACIONAIS

modo safado e bato de leve em seu ombro pelo seu pensamento malicioso. — Vocês homens, só pensam besteiras! — argumento fingindo irritação ao abrir a gaveta do criado mudo e Danilo permanece a sorrir.

— O que é? — indaga curiosamente quando estendo um pesado álbum e assim que o abre, vejo a emoção tomar conta dos seus olhos num brilho de alegria sincera.

— Registreí toda a vida do Rubinho em fotos e pequenos vídeos, desde seu nascimento até agora. Não teve como acompanhá-lo antes, mas pode ter todos os momentos marcantes dele com você, sempre que quiser rever. — solto docemente e não evito sorrir ao ver seus lindos olhos marejados.

— Obrigado! — sua boca cola na minha suavemente e em seguida, tenho seus braços fortes ao redor do meu corpo.

Danilo é meu equilíbrio no meio de toda essa loucura e sei que estando do meu lado, sou capaz de tudo.



PERIGOSAS ACHERON

O jantar corre sem contratempos e meus velhos parecem encantados com cada relato que Danilo faz sobre suas viagens e negócios ao redor do globo. Um enorme alívio repousa em meu peito por vê-los se entendendo e anseio que a maré de boas vibrações permaneça por muito mais tempo.

— Acho que está na minha hora, preciso estar bem cedo na empresa amanhã. — Danilo beija a testa do sobrinho que dorme tranquilamente no colo do meu pai e acena sorrindo para minha mãe, o acompanho até a porta.

— Tem certeza que não quer ficar? Minha mãe não vai te morder, amor. — enrosco meus braços ao redor do seu pescoço e sua expressão temerosa ao olhar para a sogra me faz rir sem cerimônias.

— Não sei não, linda. Na atual circunstância, prefiro esperar mais um pouco. Vai que ela está só esperando para arrancar meu fígado? — seu tom é tão infantil que apenas arqueio as sobrancelhas numa falsa repreensão.

Ambos parecem duas crianças com medo de se dar bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok! Amanhã teremos um dia importante pela frente. — solto cheia de malícia e suas mãos apertam minha cintura, nossos corpos ainda mais colados.

— É bom não se atrasar, senhora Ramos. — seus lábios roçam na maçã do meu rosto e beijo seu pescoço lentamente.

— Pode ter certeza que não, senhor Aguiar. — sorrio marota, nossas bocas se unem com paixão antes dele seguir até seu carro e sumir pela rua.

Tudo está entrando nos eixos, e uma nova onda de esperança me toma por completo ao voltar pra sala.

Dou boa noite para meus pais e carrego meu garotinho dorminhoco para o quarto. O filhotinho nos segue sem que eu precise chamar e rapidamente se acomoda ao lado da cama de Rubinho. Parece saber exatamente onde é o seu lugar.

O dia foi puro agito e pela animação do meu filhote sei que irá dormir direto até de manhã. Sigo rapidamente para o banho e a água que cai é um refrigerio para as tensões acumuladas em meus ombros.

Sinto o nervosismo aflorar em minhas veias

PERIGOSAS ACHERON

com a iminência da reunião com os acionistas da empresa e do primeiro dia de trabalho no início da tarde, mas tento manter a ansiedade no lugar e por hora, procuro esquecer desse pequeno detalhe.

Enxugo meus cabelos ao voltar para o cômodo e ao pegar meu celular que não para de piscar, sorrio como uma boba com a mensagem de Danilo. No entanto, antes que possa respondê-lo, meus olhos se fixam no pequeno envelope pardo que se encontra em cima da minha cama.

Não lembro de tê-lo visto ao entrar e varro o ambiente com os olhos sem perceber nada de anormal antes de tomá-lo nas mãos.

Uma súbita agonia me invade e engulo a seco com o coração a mil. Sinto o ar me faltar e uma ardência em minha garganta parece me sufocar rapidamente e não contenho as lágrimas que surgem em questão de segundos ao encontrar fotos minhas junto a Danilo e Rubinho no Haras.

Passo uma a uma num desespero aterrador e a cada nova imagem pareço perder as forças enquanto minha cabeça dá um nó. Porém, é a última foto que tenho em mãos que faz meu coração se despedaçar em mil pedaços como um cristal muito fino que vai ao chão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha despedida com Danilo há poucos minutos e sua imagem riscada com um x em vermelho me faz ofegar descontroladamente.

Minha vida parecia estar entrando em perfeito equilíbrio, mas tudo o que consigo enxergar agora é um imenso perigo. Não só pra mim. Mas principalmente pra minha família e para o homem que amo.

Não posso deixar isso acontecer.

Nem agora, nem nunca.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Medidas extremas

— Filha! Não acha melhor informar a polícia sobre o que aconteceu ao invés de agir desta forma? — dona Íris me contesta com um visível temor em seus olhos enquanto entramos num dos quartos reservados por Danilo no hotel em que ele está hospedado.

Liguei pra contar sobre o que havia acontecido e meu namorado imediatamente veio nos buscar em casa.

— Infelizmente as leis no nosso país ainda são muito brandas em muitos casos contra a mulher e não tenho sobre o que acusar Dornelles, mãe! Por hora estaremos em segurança aqui. — explico colocando Rubinho que ainda dorme na cama e Danilo se manifesta gentilmente.

— Podem ficar o tempo que for necessário,

dona Íris. Não se preocupem com nada. — minha mãe acena em concordância, mas é clara a preocupação em seus olhos, tento acalmá-la por toda a situação.

— Estaremos neste mesmo andar, no fim do corredor. Qualquer coisa avise, tudo bem? — sorrio de lado e ela volta a concordar enquanto Danilo cumprimenta meu pai antes de abrir a porta.

— Luma? — viro-me para encarar seu olhar de apreensão e minha mãe se aproxima inquieta. — Tome muito cuidado quando for para seu estágio à tarde e boa sorte na reunião com os acionistas pela manhã! — sorrio em agradecimento e a abraço com carinho.

— Obrigada, mãe! Eu vou ficar bem! — digo beijando sua testa e outra vez o moreno argumenta com brandura.

— Eu vou cuidar dela, dona Íris. Pode apostar. — pela primeira vez minha mãe se aproxima dele e se esforça para alcançar sua bochecha.

Seus lábios tocam a face do meu namorado de leve e mesmo sem palavras ambos parecem se entender neste instante. Dou um beijo rápido em meu pai e outro no meu pequeno antes de sair com

Danilo, meu corpo envolto em seus braços largos.

Seguimos pelo corredor que dá para o seu quarto e suspiro fundo assim que entramos. Passo as mãos nervosamente pelos meus cabelos e um temor sem tamanho me domina sem querer. Não preciso abrir a boca pra dizer o que está tirando meu sono e Danilo pode ver toda a fragilidade expressa em meu olhar.

Tento segurar toda a pressão que têm esmagado meu coração, mas não consigo, quando as primeiras lágrimas voltam a verter pelo meu rosto. Meu único desejo é acordar depressa desse pesadelo. Não posso perder tudo o que demorei a encontrar durante todos esses anos.

Danilo volta a me abraçar num conforto e não me vejo mais em nenhuma realidade em que ele não esteja em minha vida. Essa é minha maior verdade hoje e é pela qual jamais vou deixar de lutar.

Às vezes, quedas são essenciais para renascermos com tudo e Dornelles vai descobrir a força que ainda tenho guardada em mim.



— Fique calma! Vai dar tudo certo, ok? — Danilo diz docemente ao me beijar, antes que eu desça do seu carro num suspiro ansioso.

O elevador para no décimo andar, seguimos até a sala de reuniões e a tensão é palpável. Alguns acionistas já se encontram no local e tomo meu assento à mesa ao lado de Danilo enquanto outra parte dos executivos vão completando lentamente no ambiente.

Todos me analisam com cautela, minhas pernas não paravam de tremer pela ansiedade e apenas senti meu corpo relaxar um pouco quando Danilo apertou minha mão em sinal de carinho e de apoio. Foquei na compreensão do seu olhar, exalei profundamente por um segundo e sorri mais confiante naquele momento.

Aceitaria o que viesse pelo caminho, para o bem ou para o mal.

O senhor rechonchudo e cabelos grisalhos, que poderia facilmente se passar por meu avô tomou a iniciativa de iniciar a reunião. Sua postura paternal me fez me sentir mais aliviada, embora seu olhar estivesse focado diretamente em mim quando

ele começou a falar.

— Então senhora Ramos, poderia nos explicar todas as razões para aprovarmos este projeto e que tipo de retorno a empresa teria caso seguisse com isso adiante?

O ar parecia preso em minha garganta, mas outra olhadela em Danilo me manteve firme para continuar com minhas pretensões, peguei as cópias do dossiê sobre o projeto e fui distribuindo para cada um dos homens ao redor da mesa.

Enquanto o senhor lia o conteúdo, iniciei minha série de explicações sobre os prós e contras do investimento, o olhar de Danilo permanecia em mim como a força motora para que eu continuasse. Tentei convencê-los do quanto aquilo seria importante para os muitos jovens que procuram por uma oportunidade em Primavera.

— Como os senhores podem ver, dar a oportunidade a esses jovens por meio da fundação vai ajudar aumentar a visibilidade da empresa no cenário de sustentabilidade social, além de gerar mão de obra qualificada, e também há a vantagem da criatividade desses meninos que estarão cheios de gana para crescer profissionalmente, podemos abrir espaço para que esse jovem desenvolva seus

próprios projetos através do apoio da empresa. — explanei com um sorriso satisfeito no rosto.

— Isso pode ser um diferencial lá fora Amadeo! — Danilo apoiou minha ideia revelando o nome do senhor rechonchudo que agora me fitava com um pingo de incredulidade nos olhos.

Parecia não acreditar que tal ideia poderia sair de uma mente feminina, principalmente uma que nem ao menos fazia parte do hall de negócios que ele com certeza já estava acostumado a comparecer.

— Isto é bastante semelhante a um projeto seu há alguns anos Danilo, mas muito melhor. — mordi o lábio inferior de leve ao mirar meu namorado por um segundo, ao invés de constrangido pela situação, ele me olhava com um enorme orgulho em seu sorriso de lado pra mim.

— Acha que pode ser viável? — Danilo indagou esperançoso

— Naquela época sua mãe não tinha nenhum interesse em aprovar suas ideias, felizmente alguns dos que estavam com ela naquela recusa não se encontram mais no quadro de acionistas majoritários, o que é uma ótima notícia para o ponto de vista de vocês. — Amadeo soltou

um sorrisinho amarelo no canto dos lábios e voltei a sorrir com mais entusiasmo para Danilo. — Sabem que isso é uma grande empreitada, não é? — o senhor voltou a apontar, mas com muito mais confiança do que antes.

Assenti afirmativamente, não seria agora que fugiria de um projeto como esse.

— Sim, temos total consciência sobre isso, senhor.

— Muito bem! Vamos a votação: Quem estiver de acordo com esse projeto, levante a mão.



— Eu mal consigo acreditar que nós conseguimos, Danilo! Você tem noção do quanto isto é importante? — soltei excitada demais pela aprovação do projeto e do que seria feito dali em diante.

— Você é incrível, Luma. — as mãos de Danilo se moveram pela minha cintura com delicadeza, apoiei meus braços em seus ombros, minhas mãos enlaçando seu pescoço, a ponta dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus dedos acariciando sua nuca de leve.

— Não teria conseguido sem você. Obrigada por estar sempre do meu lado. — sua serenidade era capaz de me acalmar em frações de segundos.

— Eu faço qualquer coisa por você, menina. Eu te dou o mundo se for preciso, Luma. — era a certeza de uma promessa, mesmo que em certo momento fosse impossível, eu sabia que Danilo tentaria até o último momento para me ver feliz.

— Eu não preciso do mundo Danilo, eu só preciso de você.

— Eu estou aqui amor e sempre estarei. Eu sou totalmente, incondicionalmente e exclusivamente seu. Para sempre!



Estaciono meu carro no pátio e caminho em passos apressados até o prédio onde será o estágio. Resolvi finalmente seguir os conselhos de Lia e me dei ao luxo de ter o meu próprio carro, Danilo me ajudou em tudo é claro.

PERIGOSAS ACHERON

Olho ao redor numa preocupação palpável e após alguns minutos, tenho a séria desconfiança de estar sendo seguida por um homem de terno escuro. Aperto meus passos até o hall da entrada e tento demonstrar uma simpatia forçada para a moça da recepção. Ela me indica por onde preciso seguir e por hora meu coração se acalma ao perceber que o homem não entrou no prédio ao meu encalço.

Encontro Murilinho no corredor que dá para as dezenas de salas e sorrio nervosamente, mas o rapaz não percebe e me cumprimenta com entusiasmo.

— Chegou bem na hora, Luma! — sigo-o em passos apressados e, após uma breve introdução, somos conduzidos até nosso local de trabalho.

Tento manter minha mente concentrada nas instruções que o gerente de departamento nos diz, mas minha atenção se perde do lado de fora, ao observar o mesmo homem de terno preto a poucos metros do prédio.

Meu sangue gela e pisco algumas vezes quando meu colega aperta meu braço de leve já que minha expressão confusa parece preocupá-lo.

— Você está bem? — assinto sem muita

PERIGOSAS NACIONAIS

convicção e ao olhar para meu chefe percebo a repreensão velada e me esforço em manter minha ansiedade no lugar.

Fico encantada com os novos programas e recursos que servem para ajudar os profissionais de design gráfico e um dos coordenadores nos mostra tudo o que temos a nosso dispor para fazermos bonito no mercado de trabalho.

Mal vejo o dia correr e sorrio ao me despedir do grupo de estagiários no corredor da empresa. O ambiente é leve e acolhedor, tenho certeza que não terei problemas com o ritmo de trabalho ou com a equipe formada.

Sigo meu trajeto até o pátio onde meu carro se encontra e não demoro a desconfiar que alguém esteja me seguindo. Meu coração afunda ao confirmar minha intuição e o forte homem no que parece ser um uniforme, continua a se aproximar. Estou totalmente exposta e não tenho mais onde me esconder.

— Senhorita Ramos! — a voz grave seguida de um olhar aterrador me deixa intimidada e num movimento rápido, pego o spray de pimenta guardado em minha bolsa, atingindo seus olhos opacos.

PERIGOSAS ACHERON

O brutamontes resmunga tentando abrir seus olhos e corro de volta para o prédio da empresa como se não houvesse amanhã.

Antes que eu alcance a portaria, reconheço o carro de Danilo e meu namorado sai do carro com pressa me abraçando fortemente.

O homem volta a se aproximar e aperto Danilo o máximo que posso num temor sem igual. Estamos sem ninguém para nos ajudar e me sinto fraca.

— O que está acontecendo? — Danilo indaga com irritação e engulo a seco ao me afastar dele devagar.

— Desculpe, doutor! Acho que a assustei. — meu olhar alterna com confusão entre o “*armário*” em minha frente e Danilo, não levando muito tempo para entender toda a situação.

— Não estou acreditando... — bufo incrédula e observo meu namorado despachar o grandalhão apenas num aceno.

Tudo está muito claro agora.

— Luma... — não o deixo iniciar.

— Desde quando acha que pode decidir as coisas por mim? Sabia que quase tive um treco, Danilo? Da próxima, me mata logo de uma vez,

PERIGOSAS NACIONAIS

odeio coisas fracionadas. — explodo numa tensão palpável e soco de leve seu peito quando ele se aproxima de mim.

No entanto, não recuo do seu abraço carinhoso.

— Desculpe, ok? Não foi minha intenção. — suspiro sendo embalada em seus braços e seus lábios tocam minha testa com ternura. — Só quero te proteger. — ergo minha face para fitá-lo e descubro que o medo o assombra mais que a mim, o que faz meu peito queimar.

— Eu sei. — puxo seu rosto para um beijo suave e sinto seus músculos se contraírem. — Desculpe pelo show! — mordo meu lábio inferior, envergonhada por ter me exaltado e seu indicador contorna a borda da minha bochecha por um segundo.

— Não vou deixar que aquele maluco nos faça mais mal, amor. Confia em mim? — sorrio amarelo tentando disfarçar o pânico que me assola por dentro e assinto num esforço de não deixá-lo perceber isso.

Já basta de mais preocupações.

PERIGOSAS ACHERON



Danilo aperta fortemente minha mão assim que adentramos na delegacia e após alguns minutos somos atendidos por um dos policiais de plantão. Depois do meu súbito descontrole, fui convencida por meu namorado a procurar a polícia, mesmo tendo dúvidas se seria ajudada ou não.

Conto o motivo da minha denúncia ao preencher uma ficha, o policial segue até a sala do delegado para reportar o caso. Um rapaz bem vestido aparece e pelo cumprimento efusivo que troca com meu namorado, sei que só pode ser seu amigo Lucas, que é advogado.

— Amor! Este é Lucas Camargo, meu advogado e melhor amigo. — aperto sua mão num sorriso e rapidamente o belo negro de sorriso fácil toma à frente dos fatos quando o policial retorna pedindo para que esperemos um pouco mais.

Danilo me olha em apoio e assim que o delegado chama meu nome, os dois rapazes entram comigo na sala.

O gorducho com cara de poucos amigos sinaliza a cadeira para que me sente e Lucas sorri

PERIGOSAS ACHERON

simpático ao se apresentar como meu advogado e iniciar o assunto a ser tratado. O delegado ouve tudo com atenção e em seguida pede que eu relate meu relacionamento com Dornelles em detalhes.

— O que posso fazer por hora é pedir uma medida protetiva contra o seu ex-namorado, senhorita Ramos. Infelizmente não houve flagrante de agressão ou ameaça, não posso indiciá-lo sem provas. — o homem exala com irritação e mostro a foto de Danilo marcada em vermelho.

— Encontrei em meu quarto após chegar de viagem. Isto não conta como uma ameaça? — o delegado balança a cabeça de lado e fito Danilo e Lucas num semblante desesperançado.

— A menos que exista a digital dele aqui, não posso fazer nada. É necessário bem mais que pequenos “trotes” para conseguir algum resultado relevante, moça. — diz seriamente ao me devolver a foto e suspiro com cansaço.

— E o que seria relevante, senhor? Um convite pro meu enterro? — não consigo conter minha raiva e o olhar do advogado avisa que preciso manter o controle. — Desculpe. Estou enlouquecendo com esta história. — digo num tom mais ameno.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Infelizmente é o que pode ser feito, senhorita. — o homem esfrega os olhos e vejo que não sou a única cansada aqui. — Vá para casa e descanse. Avise se por ventura ele voltar a se aproximar, ok? — assinto sem outras opções e seguimos pra fora da sala e Lucas se pronuncia num tom compassivo.

— Eu já previa que isso fosse acontecer, Luma. Vou entrar com uma liminar para reforçar a medida protetiva do delegado e aconselho a permanecer com o segurança que seu namorado contratou. Só por precaução, entende?

— Ok! Obrigada. — Danilo se despede do amigo e aproveito para me afastar e atender meu telefone que toca.

Não me dou ao trabalho de olhar o visor e um buraco se abre de imediato em meu peito ao ouvir a voz de sarcasmo do outro lado.

“Oi linda! Adivinha onde estou?”

Neste instante sinto meu corpo todo enfraquecer e o chão é o único lugar onde encontro apoio.

Não vejo mais nada ao meu redor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

Sem saída

Puxo o ar com força pela boca na tentativa de expelir o cheiro de vinagre entranhado em minhas narinas e o pânico ameaça tomar conta dos meus nervos, como se todos se arreventassem um a um. Reconheço a delegacia e dou um pulo do estreito sofá de espera numa aflição sem tamanho.

— Meu filho, Danilo! Meus pais! — solto de uma vez e todos na sala não parecem entender o que falo, me deixando ainda mais nervosa.

— Acalme-se, Luma! — meu namorado fala, mas caminho porta afora na direção do carro, sendo seguida por ele e o delegado.

— Não posso me acalmar, Danilo. Dornelles está com meus pais e meu filho. — Não consigo mais processar nada além da pressão em meu peito e somente o que necessito é saber que meu menino está bem.

— Luma, espera! — a voz de Danilo soa mais firme e antes de entrar em seu carro, observo-o ligando pra alguém.

Tento controlar minha respiração e as lágrimas ameaçam me fazer companhia a qualquer momento. Parece que vou morrer a qualquer segundo. Danilo me estende o celular e solto o choro preso em minha garganta quando ouço a voz manhosa do meu garotinho do outro lado.

“Mamãe? Vem pra casa!”

— Já estou indo, meu anjo. Não dê trabalho para os seus avós. Amo você! — encerro a ligação ao fungar e Danilo me ampara até o carro com carinho.

Se Dornelles pretende me deixar louca e paranoica, desconfio de que cedo ou tarde irá conseguir.



Após passar boas horas com Rubinho e me certificar de que tudo estava bem, deito na cama com cansaço, Danilo se junta a mim. Não sei mais

PERIGOSAS ACHERON

o que fazer para acabar com esse pesadelo e ajeito meu corpo sobre seu peito e sua mão acaricia meus cabelos num cafuné relaxante.

Estou esgotada.

— Não tenho mais ideia do que fazer, Danilo. — suspiro profundamente e minha cabeça lateja sem achar uma solução.

— Por que não viajamos? Nós três? — ergo meu tronco para encará-lo e apesar de a sugestão não ser ruim, não sei como faria com o estágio.

— Seria ótimo, amor. Mas e meu estágio? Não posso largar tudo de uma hora pra outra. — pondero com dúvida.

— Luma, seria só uma semana. Só até tudo ficar mais calmo. — comprimo meus lábios por um segundo e em seguida assinto num meio sorriso.

Danilo me puxa para um beijo suave e seus braços voltam a acolher meu corpo com carinho, me deixando mais aliviada.

— Só quero que ele nos deixe em paz! — murmuro ao deslizar a ponta dos meus dedos em seu tórax definido, e seu queixo descansa em minha cabeça por um momento.

— Ele vai deixar amor. Por bem ou por mal, mas vai deixar. — Danilo beija o topo da minha

cabeça e rapidamente o cansaço me vence.

Neste exato instante estou segura, onde espero permanecer sempre.



— Já avisei ao coordenador do estágio e você não terá problemas quando retornar, ok? — Danilo me sorri na soleira da porta já se arrumado para ir pra empresa.

— Não gosto de ser superprotegida, mas acho que será melhor dar esse tempo mesmo. — digo sem muito ânimo ao ajeitar sua gravata. — Preciso passar em casa e pegar algumas roupas pra mim e Rubinho. — solto acompanhando-o pelo corredor até o elevador.

— Não quero que se demore por lá. Juan vai com você por precaução, tudo bem? — meu namorado avisa com preocupação e mesmo contrariada não o contesto. — Nós vamos ficar bem, amor. Confia em mim! — assinto num sorriso antes de beijá-lo.

— Confio! Sempre! — o moreno me sorri e

PERIGOSAS ACHERON

entra no elevador enquanto sigo até o quarto em que meus pais estão instalados.

Bato duas vezes e meu pai aparece com o sorriso mais carinhoso do mundo com meu pequeno no colo. Beijo os dois e adentro no ambiente, me sentando à mesa para tomar café da manhã.

— Como você está, filha? Ficamos muito preocupados ontem. — meu pai pergunta visivelmente aflito e seguro sua mão com força, esforçando-me para disfarçar meu pavor pra eles.

— Estou bem, pai. Vai ficar tudo bem. — repito a frase que ouvi de Danilo ainda há pouco e minha mãe se junta a nós com o semblante igualmente preocupado.

— Não precisa mentir pra nós, Luma. — engulo a seco suspirando longamente. — Sabemos o quanto você está temerosa desse lunático.

— Estou sim, mãe. Mas não posso ficar à mercê dele ou vou enlouquecer. Talvez ele até queira isso, me enlouquecer. Mas não vou deixar. — meus pais assentem em expressões de apoio e seu Ramos volta a se pronunciar.

— E o que pretende fazer agora?

— Vou viajar com Danilo e meu filho. Ficar

PERIGOSAS NACIONAIS

uns dias fora, sumir do mapa por um tempo. — tomo um pouco de café e volto a tranquilizá-los. — Vocês permanecem aqui no hotel. Há seguranças por todo o local, vocês vão estar mais seguros aqui, ok? — digo ao me levantar num sorriso amarelo.

— Aonde vai? — minha mãe indaga com apreensão.

— Preciso ir em casa e pegar umas roupas pra mim e Rubinho. Não vou demorar, mãe. — dou um beijo em sua bochecha antes de me dirigir até a porta.

— Leve seu pai com você, filha. Pode ser perigoso. — ela pede, mas sei que não há necessidade.

— Danilo contratou um segurança pra controlar meus passos, dona Íris. Não se preocupe, estou muito bem guardada. — sorrio com graça e mando um beijo no ar pra eles ao sair.

De fato, a ideia do meu namorado não foi das piores.



PERIGOSAS ACHERON

O segurança entra comigo em casa e antes que possa me movimentar pelos cômodos, Juan faz uma pequena inspeção no local. Esfrego meus braços num misto de tensão e agonia enquanto espero que o grandalhão volte.

Tudo parece tão sombrio e sem cor, que um calafrio sobe pela minha espinha sem que eu espere, me deixando ainda mais apavorada.

— Está tudo limpo, senhora Ramos. Precisa de ajuda? — ele pergunta solícito, mas nego com a cabeça e começo a caminhar lentamente pela casa. — Vou esperar no carro. — o homem se vai e tomo o rumo do meu quarto em passadas largas.

Pego somente o necessário em meu closet e além de documentos, coloco meu spray de pimenta na bolsa. Sigo até o quarto de Rubinho e arrumo sua mochila com alguns livros de pintar e dois dos seus brinquedos favoritos, além de roupas de frio. O que mais for necessário, compramos quando chegarmos ao nosso destino.

— Juan! Pode me ajudar com as malas? — peço ao descer as escadas com dificuldade e a porta se abre, revelando o segurança numa postura imóvel e expressão apavorada. Largo as malas no chão e caminho devagar até a ele, mas paro

PERIGOSAS NACIONAIS

bruscamente no meio do caminho quando observo um rastro de sangue escorrer pelo canto da sua boca. — Juan! — sussurro baixinho, meu corpo todo treme e em seguida, o segurança cai ao chão.

Dornelles limpa o vermelho da afiada lâmina que tem em mãos e seu sorriso sarcástico afunda meu coração, sinto que as lágrimas me visitam outra vez.

— Pronta pra viajar, amor?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 33

Loucura

Desperto com a batida da porta do carro e observo Dornelles levando minha bagagem para dentro de uma casa, mais parecida com um chalé. Olho pela janela e me espanto ao notar que a noite já chegou. Procuro pelo meu celular em meus bolsos, mas não encontro e tento pensar rapidamente no que fazer, mas não tenho tempo.

— Ainda bem que já acordou. Tenho certeza de que vai adorar esse lugar, amor! — Dornelles solta num imenso entusiasmo e engulo a seco.

Ele abre a porta para que eu saia e percebo que está totalmente desequilibrado e não ganho nada se me revoltar, por isso sigo seus passos casa adentro sem mais reclamações.

O ambiente é realmente aconchegante, mas logo me dou conta do quanto tudo parece insano

quando encontro um enorme mural na sala repleto de fotos minhas. Algumas de quando ainda namorávamos, mas muitas logo depois que terminamos.

No entanto, são as minhas fotos com Danilo que fazem meu coração tremer. Dornelles arrancou a cabeça do meu namorado e sobrepôs a dele no lugar, demonstrando o quanto ele está doente.

— Isso é... — não consigo terminar e o professor toma a palavra por mim com euforia.

— Perfeito, não é? — viro-me para encará-lo e tento desesperadamente manter o pânico longe do meu semblante. Arfo por um segundo e assinto no automático, mas o medo me corrói quando Dornelles se aproxima. — Aqui é o nosso recomeço, Luma! — sua mão toca minha face e fecho meus olhos por um segundo, uma imensa repulsa corre em minhas veias agora. — Só você e eu. Como devia ter sido desde sempre. — ele se inclina pra me beijar, mas desvio meu rosto, procurando alguma desculpa convincente que não o deixe irritado.

— Eu estou morrendo de fome, Dornelles. E exausta! — sorrio sem jeito e acompanho sua fisionomia desconfiada se tornar serena em

segundos.

— Pois então, vou preparar nosso jantar. Mas antes, vou te mostrar nosso quarto e vai poder ficar ainda mais linda do que já é. — ele sorri e me estende sua mão, entro no seu jogo, seguindo-o pelo enorme corredor até um lindo quarto bem arrumado.

Olho tudo com cautela e um vestido longo na cor preta me chama atenção em cima da cama. Volto meu olhar para Dornelles e meu coração aperta com o que ele espera após o jantar.

— Eu não vou demorar. — aviso sem jeito sorrindo amarelo e espero ansiosa que ele saia do cômodo.

— Não gostou do vestido? Nem falou dele! — Dornelles questiona chateado e tento contornar a situação num sorriso nervoso.

— Claro que gostei! É lindo, de muito bom gosto. — ele sorri mais conformado e sinalizo sobre o banho enquanto o vejo recuar alguns passos na direção da porta.

— Vai ser uma noite perfeita. — assinto com a respiração irregular e assim que ele fecha a porta, ouço o virar da chave, deixando claro que não tenho como fugir dessa enorme prisão.

Corro até a janela e ao puxar as cortinas descubro que madeiras pregadas nela impedem que seja aberta. Sigo até o banheiro e não encontro nenhuma outra saída de ventilação além de um pequeno basculante próximo ao teto, o que me deixa frustrada.

Procuro por algo que me ajude a tirar as madeiras da janela, mas nada tem o poder de me ajudar e percebo que já gastei tempo demais e que não vai demorar para o louco do meu ex-namorado perceber isso também.

Tomo um banho rápido e coloco o vestido separado em cima da cama contra gosto, mas não tenho nenhuma opção no momento. Mal termino de me vestir, ouço a chave ser girada e em poucos segundos, Dornelles está dentro do quarto e sua expressão é encantada.

— Você está maravilhosa, Luma! — forço um sorriso de lado e Dornelles me estende a mão enquanto hesito dois segundos em segurá-la.

Ele não para de sorrir e seguimos pelo corredor, meu coração queimando por toda a cena patética.

A mesa está farta e bem ornamentada. Então suspiro forte e Dornelles puxa a cadeira

gentilmente para que eu me sente. Uma música suave mantém o clima calmo e seria uma noite incrível se a companhia fosse outra. Meu ex-namorado me serve uma taça de vinho e ao se sentar, ostenta sua taça ao ar sorrindo vitorioso.

— Por que brindamos? — pergunto somente para prolongar qualquer situação que me mantenha o máximo de tempo afastada dele.

— A nós, oras! Ao nosso noivado! — sou pega de surpresa com sua revelação e meu ar simplesmente some por um instante. Dornelles se levanta na minha direção e mal consigo conceber tal hipótese ao ver o homem por quem fui apaixonada se ajoelhar diante de mim. — Este anel foi da minha mãe e é a maior prova do meu amor por você, Luma. — diz e percebo seu nervosismo ao deslizar o anel em meu dedo anelar e me controlo pra não dar um ataque.

— É lindo! — ele sorri como uma criança e seus lábios tocam os meus com suavidade, embora meu estômago embrulhe de imediato.

— Isso merece uma dança. — adverte com euforia seguindo até o aparelho de som e aproveito para observar o jogo de talheres em cima da mesa.

Ele me envolve em seus braços e iniciamos

alguns passos numa dança lenta e sedutora, tento evitar o máximo de intimidade possível. Espero ansiosa, pelo melhor momento e quando a música está quase no fim, simulo uma tontura, chamando a atenção dele.

— Você está bem? — Dornelles me apoia em seus braços e me senta novamente na cadeira.

— Estou um pouco tonta, acho que foi o cheiro forte do vinho. — faço fita ao massagear minhas têmporas e seu semblante confuso é a deixa perfeita para o que tenho em mente.

— Vou buscar uma água pra você. — assim que Dornelles me dá as costas, pego uma das facas sobre a mesa e cravo com força nele, pego o molho de chaves no bolso do seu blazer para abrir a porta.

Ele grita de dor e saio porta afora numa corrida frenética contra o tempo.

Procuro desesperada pela chave do carro, mas sou impedida por Dornelles de entrar nele e volto a ficar em pânico. Tento me desvencilhar das suas mãos e num movimento brusco, acerto um tapa em seu rosto com o lado protuberante da minha aliança, fazendo um rasgo na sua bochecha.

Engulo a seco com a trilha de sangue em seu rosto e Dornelles me arrasta de volta para o

chalé e começo a gritar. No entanto, não existem casas ao redor de onde estamos e começo a bater no seu ferimento onde a faca penetrou.

Dornelles me joga no chão frio assim que entramos e volta a trancar a porta com fúria. Rastejo o máximo que consigo pra longe dele e seu olhar insano me causa calafrios.

— Olha o que você me fez, Luma! — vocifera ao pegar um pano em cima do sofá e pressionar contra sua face. — Você merece punição pela sua mentira, vadia. — seus passos se aproximam ainda mais e me sinto encurralada na parede da enorme sala.

— Me deixa ir embora, Dornelles. Por favor? — peço murmurando e ele se agacha até mim, passando sua mão de leve em meu rosto, sua expressão demonstrava o quão doente ele estava.

— Você não vai a lugar nenhum, linda! Vai ficar comigo aqui, pra sempre!

— Você é louco! Como pude confiar em você, me apaixonar por você? Tudo o que sinto agora é nojo, Dornelles. — mal termino de falar e minha bochecha queima com o forte tapa desferido por ele sem que eu esperasse.

— Você nunca me amou, Luma! —

pragueja descontrolado e me encolho ainda mais. — Bastou aquele riquinho dos infernos aparecer pra você me abandonar. Pra eu voltar a ser o que era antes. — ele esfrega as mãos em seu rosto com força e em poucos segundos, seu tom se torna doce e ameno. — Mas vamos esquecer tudo isso aqui e somente recomeçar. Certo? — ele sorri numa loucura evidente e tento de alguma maneira chamá-lo pra realidade.

— Dornelles, me escuta! Não há mais como recomeçarmos... — ele se levanta de repente não me deixando terminar.

— Você vai voltar a se apaixonar por mim, ouviu? — esbraveja sadicamente e mais lágrimas rolam dos meus olhos.

— Como posso me apaixonar de novo por alguém que machuca as pessoas?

— Você me obrigou a fazer aquilo. Você me obrigou, Luma! — rebate transtornado.

— Você matou um homem, Dornelles! — praguejo com fúria e ele para subitamente de falar, tomando fôlego, ponderando o que acabo de dizer.

— Eu não queria ter feito aquilo, mas era a única maneira de ter você ao meu lado de novo, entende? Ele estava no meu caminho e qualquer um

que se meta no meu caminho pra tirar você de mim, vai ter o mesmo fim que aquele infeliz, entendeu? — Dornelles tenta se justificar e as próximas palavras saltam da minha boca sem eu controlar.

— Assim como Carla? — seus olhos se arregalam em entendimento, mas para minha surpresa ele volta a agir como se minha frase não tivesse nenhuma relevância agora, em seguida me levanto do chão com cuidado, meu medo só aumenta.

— Você precisa descansar um pouco. Amanhã será diferente e logo vai começar a se acostumar com a rotina daqui. — avisa me carregando pelo corredor de volta para o quarto e penso que posso nunca mais voltar a ver aqueles que amo, principalmente meu menino.

— Dornelles sabe que não posso ficar aqui. Meu filho precisa de mim. — digo na vã tentativa de comovê-lo e o observo retirar um pequeno frasco do bolso junto de um lenço e umedecê-lo no líquido que sai do vidrinho.

— Não se preocupe com isso amor. Logo nosso filho virá nos fazer companhia. — ele sorri ao se aproximar e balanço minha cabeça temerosamente, estou além dos meus limites.

— Não, Dornelles! Por favor! Não! — peço já sem forças enquanto inalo o cheiro do lenço pressionado em minhas narinas e o último nome que aparece em minha mente entorpecida é do homem que deve estar desesperado a minha procura.

Minha maior esperança é que Danilo me encontre logo de alguma forma ou não sei o que será de mim nas próximas horas.

Capítulo 34

Acorrentada

Permaneço calada diante da mesa farta de guloseimas e embora esteja faminta, não tenho o mínimo animo para comer. Evito olhar para Dornelles e o cheiro forte do café começa a me embrulhar o estômago. Não como nada desde o dia anterior e sinto a fraqueza se alastrar por cada músculo do corpo.

— Pare de birra e coma alguma coisa, Luma! Vai acabar doente! — ele satiriza ao comer uma torrada e travo uma batalha interior para não voar em cima dele com as poucas energias que tenho. Estou em desvantagem e minha situação pode ficar muito pior se deixá-lo exaltado e procuro agir com cautela. — Muito bem, amor! Cansei — exala estendendo uma xícara de café pra mim e logo seu tom se torna impaciente com a minha demora em aceitar sua oferta. — Beba! — pragueja

ao socar a mesa e meu corpo todo treme de medo.

Sorvo o líquido fumegante devagar e o semblante dele se transforma em um sorriso de triunfo. Mal coloco a xícara sobre a mesa e corro na direção do banheiro, meus pensamentos correndo sem freios em minha mente.

Tusso por alguns segundos após vomitar e enquanto lavo meu rosto tento segurar minhas emoções sobre o efeito que a desconfiança da notícia pode causar. Enxugo meu rosto e me deparo com Dornelles na soleira da porta numa expressão indecifrável.

Meu coração está a mil por hora e sinto que ele pode explodir a qualquer momento por conta do pavor que se alastra sem pena em cada célula do meu corpo. Não quero acreditar agora que seja verdade, mas impossível contestar o contrário.

— Você está grávida, Luma? — engulo a seco com a respiração entrecortada e devido às últimas atitudes do meu ex-namorado, a probabilidade de uma reação sem precedentes dele me deixa em estado máximo de aflição. — Eu vou ser pai! — a euforia toma conta da sua face e Dornelles me abraça como se tivesse recebido a melhor notícia do mundo, minha mente se encontra

totalmente atordoada.

Simplesmente não sei o que fazer.

— Dornelles eu... — sou prontamente interrompida por ele num tom suave.

— Está tudo bem, amor. Vai ficar tudo bem, estou com você nessa. Nunca vou te abandonar, Luma. Nunca. — ele diz segurando meu rosto choroso nas mãos e em seguida beija minha boca de leve e tudo o que quero neste instante é morrer. — Vem comigo! Você não pode fazer esforços. — fala me escorando de volta para o quarto e ao olhar para o sofá, encontro minha bolsa e me lembro de algo.

— Preciso da minha bolsa, Dornelles. — seu olhar é uma grande desconfiança e ele segue até o sofá, jogando todo o conteúdo da bolsa sobre o tecido fofo.

A apreensão me toma por um momento, mas solto um suspiro aliviado discreto quando ele volta a colocar as coisas de novo na bolsa, parece satisfeito por não ter encontrado nada.

— Obrigada! — solto um meio sorriso e seguimos até o quarto, onde Dornelles faz de tudo para que eu fique confortável.

— Vou preparar uma vitamina pra você, já

que não comeu nada e chamar um médico. Precisamos tomar todas as medidas para que nosso filhote cresça bem e saudável! — diz no maior entusiasmo e assinto nervosamente.

Dornelles sai do quarto, cantarolando uma canção infantil, seu humor é de dar inveja e só penso em como sair dessa situação louca em que me encontro.

— Droga! — brado passando a mão em minha cabeça sem saber o que fazer e abro minha bolsa procurando por algo.

Além do meu spray de pimenta que está no bolso interno, encontro também um prendedor de cabelo. Retiro o arame de dentro dele e forjo uma pequena alavanca com duas pontas. Prendo meus cabelos fazendo um coque mal feito e me ajoelho de frente pra porta, usando o arame para tentar abrir a fechadura.

Ouçõ os passos de Dornelles pelo corredor e volto para a cama, ficando na posição em que me encontrava antes. Analiso seu sorriso louco com apreensão e pego o copo de vitamina que me é estendido num sorriso torto.

Tomo apenas um gole e rapidamente coloco o copo sobre a mesa ao lado da cama. Dornelles

PERIGOSAS NACIONAIS

toma espaço ao meu lado e meu corpo se retrai tão logo suas mãos tocam meu rosto de leve.

— Não sabe como estou feliz, Luma. Nós vamos ser muito felizes! Nós três. — engulo a seco com suas palavras e esquivo meu rosto para o lado quando seus lábios tentam alcançar minha boca.

Dornelles não se dá por vencido e segura forte meu queixo, sua boca pressiona a minha com força e fúria enquanto a repulsa percorre cada poro do meu corpo.

— Nunca mais me negue nada, Luma! — ele sussurra ao fitar meus olhos marejados e estou a ponto de explodir. — O médico chega em meia hora. — adverte ao sair e trancar novamente a porta, não consigo evitar que algumas lágrimas escorram dos meus olhos.

No entanto, não posso fraquejar agora. Suspiro fundo por alguns segundos e volto minha atenção para a fechadura. Preciso abri-la o mais rápido possível ou sabe Deus o que mais Dornelles será capaz de fazer.

Forço a tranca o máximo que posso e após umas três tentativas, ela se abre. Sorrio aliviada e guardo no bolso da calça meu spray de pimenta antes de sair em passos cuidadosos do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fecho a porta silenciosamente e sigo para o lado oposto do corredor que leva até a cozinha. Vejo algumas outras portas, não imaginava que o chalé fosse tão grande.

Observo uma claraboia no final do corredor, mas ao passar pela última porta, sou chamada atenção pelo fato dela estar entreaberta. Levo dois segundos para decidir se entro ou não no local, mas minha curiosidade é maior.

Dentro do pequeno santuário, me espanto com o tanto de fotos de garotas em recortes de jornal que ostentam as paredes do quarto. Todas regulam ter a mesma idade e as notícias sugerem terem sido sequestradas. Algumas delas estão marcadas com um x em vermelho, inclusive a foto de Mônica e levo minhas mãos à boca, um pavor crescente em meu peito.

Ouçó o som da campainha e preciso ser mais rápida na minha tentativa de fuga, talvez não tenha outra chance como esta. Saio em disparada até o fim do corredor e uso uma escada para chegar até a claraboia, forçando o forro para conseguir sair. Meu coração parece que vai sair pela boca, obrigo minhas pernas a se firmarem pelos estrados debaixo deles, correndo contra o tempo.

PERIGOSAS ACHERON

“Luma! Sua vadia!”

O grito de Dornelles ressoa tão alto que somente o pensamento de ser pega novamente por ele me gela a espinha e continuo minha caminhada rápida pelo telhado. Inicio uma descida pelo beiral do telhado e minha adrenalina vai a mil quando avisto Dornelles seguir pelo mesmo caminho na minha direção. Desço o mais depressa possível e assim que toco o chão, mantenho meu ritmo pelo campo rodeado de árvores, mas cheio de elevações.

— Luma, volte aqui! Você não tem como fugir! — Dornelles pragueja com fúria e continuo correndo para me manter mais afastada possível, mas começo a perder minhas energias.

— Me deixa em paz, Dornelles! — peço ao arfar e sinto o impacto do seu corpo contra o meu na terra seca.

— Fica quieta! — ele ordena, mas me debato o quanto posso.

— Não! Não Dornelles! — cuspo em sua cara num impulso e seu olhar tem tanta raiva que já antecedo sua reação, onde sua mão marca meu rosto com força mais uma vez.

Tudo parece girar e em segundos estou apagada para o mundo.



Sinto meu rosto queimar assim que abro os olhos e ao tocar minha bochecha com a ponta dos dedos, encontro um pequeno curativo nela. Estou sozinha no quarto, mas minha bolsa não está mais ao meu lado e tento levantar devagar da cama, mas não consigo.

Correntes estão presas aos meus pés e uma agonia me invade de súbito com a minha mais nova realidade. Tento em vão achar um meio de tirá-las, mas não há como. Grito alto desesperadamente e em pouco tempo a porta se abre, revelando o molho de chaves das correntes nos dedos de Dornelles.

— Está sendo uma menina muito má, sabia?
— ele diz com sarcasmo e tento segurar o choro que chega sem que eu possa controlar. — Desse jeito vai acabar como as outras.

— Você é um louco, Dornelles. Um doente que precisa se tratar. Como acha que posso nutrir qualquer tipo de sentimento por você? Depois de tudo o que fez?

— Você vai voltar a se apaixonar por mim, Luma. Nem que precise ficar acorrentada aqui pra sempre, entendeu? — afirma muito convicto e meu coração aperta com sua declaração. — Mas antes é preciso remover um pequeno problema, amor. — pisco algumas vezes, confusa com o que ele fala e logo tudo começa a fazer sentido. — O doutor disse que você está com poucas semanas de gravidez e sabe muito bem que não vou suportar um bastardo, filho daquele riquinho dos infernos. Logo, é preciso eliminar o problema. — as lágrimas descem copiosamente pelo meu rosto e um buraco se abre em meu coração com suas palavras.

Sua intenção é muito clara e me sinto morrendo aos poucos.

— Por favor, Dornelles. Não faz isso, eu te imploro. Eu faço o que você quiser, mas deixa meu bebê em paz. — peço entre lágrimas e sua mão segura meu rosto com firmeza, seu rosto muito próximo do meu.

— Então me beije, Luma. Me beije como você o beija — suas mãos enroscam pela minha nuca e um misto de nojo e asco se misturam em meu íntimo enquanto Dornelles continua a falar — Com paixão. Com desejo. Me beija como você já

PERIGOSAS NACIONAIS

me beijou um dia, Luma. — travo uma batalha interna para agir de acordo com seu desejo e engulo a seco antes de aproximar meus lábios dos seus.

Lágrimas ainda escorrem pela minha face, retratando o quanto é humilhante toda essa situação e toco sua boca de leve. Dornelles aprofunda o beijo procurando passagem para sua língua e movida pelo ódio morde seus lábios com tanta força, que o sangue escorre em bica.

— Ai! Mas que merda, Luma! — Dornelles dá um pulo da cama e sorri com desdém pela minha atitude enquanto arfo descontroladamente.

Ele pega um lenço do bolso e pressiona o ferimento, seu semblante expressa tudo de ruim que uma pessoa pode ter por dentro. — Essa mordida vai ter troco, amor. — diz abrindo a porta. — Não se preocupe! Amanhã resolveremos esse pequeno infortúnio e tudo será como antes. Sonhe com os anjos. — Dornelles tranca a porta e deixo meu coração sangrar no abismo em que me encontro.

Estou perdendo as esperanças e tudo o que gostaria neste instante era ter uma morte rápida para aliviar minha dor. Assim, todos poderiam ficar em paz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 35

Sobrevida

Meu pensamento vaga para o nada e meu corpo permanece inerte na cama em que me encontro, sem poder dar um passo por conta das correntes, meus músculos encontram-se dormentes por estarem na mesma posição há horas e minha cabeça pesa como se tivesse uma tonelada em cima dela.

Mal consegui cochilar e observo sem nenhum ânimo o copo cheio de leite em cima da cômoda, rodeado por um punhado de bolachas. Apesar de necessitar de nutrientes, não consigo comer e apenas espero pelo pior. Parece que esse pesadelo não vai acabar nunca. Agora entendo o que Mônica quis dizer com inferno.

Ouçó o barulho da chave na porta e instintivamente encolho meu corpo o máximo que posso visivelmente apavorada. Um senhor

barrigudo adentra no cômodo acompanhado de Dornelles e seu espanto quando me vê acorrentada é notório. O homem fita meu ex-namorado com perplexidade e se aproxima até onde estou após Dornelles gesticular com uma das mãos.

— Calma menina! Não vou machucar você!
— seu tom é calmo e meu olhar alterna entre o senhor e o professor por um segundo. Suas mãos examinam meus hematomas com cuidado e percebo em sua fisionomia o quanto meu estado o deixa chocado. Preciso aproveitar mais essa oportunidade.

— Preciso de ajuda! — sussurro numa súplica ao fitá-lo nos olhos e o vejo engolir a seco com meu pedido.

Ele parece transtornado, mas ao mesmo tempo comovido.

— Está tudo bem? Quando pode preparar tudo? — Dornelles indaga com desconfiança e o senhor volta-se em sua direção, esfregando os olhos com polidez.

— Não posso. Não agora. — o semblante de Dornelles muda drasticamente e pressiono meus lábios por um momento com medo da reação dele.

— Como não? Me garantiu que resolveria o

meu problema, já até paguei adiantado.

— Não posso fazer nada com ela neste estado meu rapaz. Quer ela viva, não é? — o senhor indaga firmemente e Dornelles assente enquanto o homem termina de se explicar. — Pois bem! Ela está anêmica. Qualquer medicação que eu der para frear o seu problema, pode levá-la a óbito. Se não é isso o que quer, melhor esperar para que ela fique mais forte. — suspiro aliviada pela ajuda do homem em minha frente e o professor esfrega a testa com impaciência, antes de voltar a falar.

— Quanto tempo?

— Não sei precisar. Mas uma coisa garanto: não vai ajudar mantê-la acorrentada assim. — Dornelles balança a cabeça para os lados, recusando a ideia de me libertar e o senhor volta sua atenção para sua maleta em cima da cômoda.

— O que está fazendo? O que é isso? — meu ex-namorado questiona aflito ao perceber o homem aprontar duas ampolas numa seringa.

— Não se preocupe, são apenas vitaminas. Vai ajudá-la a ganhar mais vigor. — o senhor sorri de lado e sinaliza para que Dornelles se aproxime dele. — Venha! Ajude a segurá-la. — agonia se alastra pelas minhas veias e mesmo hesitante,

Dornelles se posta ao lado do senhor, que espicha um pouco do líquido da seringa no ar, antes de voltar seu olhar pra mim.

É nesse instante que sua piscadela me deixa em alerta.

Dornelles segura meus braços com força e me debato o quanto posso, o medo me dominando a passos largos sem saber o que mais esperar, embora minha mente só processe o pior dessa cena toda.

— Anda logo com isso! — o professor grita e neste instante o senhor enfia a seringa na perna de Dornelles e injeta o líquido de cor amarelada, a perplexidade está estampada em sua face. — Mas que droga é essa? — indaga numa voz arrastada e retira a seringa da perna e o senhor se afasta da cama.

— Só algo pra te acalmar um pouco meu rapaz. — avisa e Dornelles vai ao chão antes de ter tempo de se aproximar do homem.

Chamo sua atenção.

— As chaves! Rápido! — peço e sou prontamente atendida pelo senhor que pega o molho no bolso de Dornelles e solta meus pés.

Sinto uma breve dor pela pressão na minha pele, mas logo o alívio se torna minha melhor

companhia e sigo para abrir a porta do quarto enquanto o professor permanece com seus reflexos lentos.

— Volte aqui, Luma! Sua vagabunda! — Dornelles pragueja com raiva e antes de sair do quarto, chuto seu estômago com força, uma satisfação sem tamanho em meu interior.

Seguimos pelo corredor e ao chegar à sala, procuro desesperadamente por um telefone, mas não encontro nenhum. Dornelles deve ter se livrado deles e volto minha atenção para o homem.

— Preciso de um telefone. Rápido! — solto com apreensão e o homem verifica seus bolsos, arfo ainda aflita.

— Devo ter deixado no carro menina. Vamos até lá! — ele diz se movendo na direção da porta, mas um estrondo o faz cair ao chão e imediatamente o sangue escorre pelo assoalho, me deixando perplexa.

Olho para constatar Dornelles de arma em punho e me apresso correndo pelo meio das árvores, sem me importar se vou ou não ser alvejada. Não tenho mais o que perder.

Corro em zigue zague e ele continua atirando e muito provavelmente já estaria morta se

a medicação não estivesse mais fazendo efeito. Escondo-me atrás de uma enorme árvore e tento recuperar meu fôlego, pensando em que direção seguir para me manter em movimento.

— Sei que não fui muito gentil, mas podemos resolver isso, amor. Que tal começarmos do zero? Prometo que serei um novo homem. O que me diz? — engulo a seco com a respiração entrecortada, enquanto o movimento de três carros da polícia no alto de uma ribanceira me chama atenção.

Não demoro a reconhecer o moreno que salta do veículo acompanhado de vários homens e meu coração palpita sem parar com a iminência de um confronto entre eles. Danilo continua a se aproximar e ao olhar pra Dornelles constato que não sou a única a notar a presença do meu namorado ali.

Vejo alguns policiais se movimentando na direção do chalé e só o que penso é manter Danilo fora da mira de Dornelles, por isso saio do esconderijo em que me encontro. Dornelles sorri aliviado e mesmo apontando a arma na minha direção, sinaliza para que eu me aproxime mais dele. Simplesmente obedeço em passos lentos e

agora estou diante das vistas do meu namorado que está visivelmente apreensivo.

— Luma! Não faz isso! — Danilo pede com cautela, mas continuo meu caminho até Dornelles enquanto os policiais restantes cercam tudo ao redor.

— Ninguém se aproxima ou a mato. — Dornelles vocifera acuado e em poucos segundos estou sob seu poder. — Achou mesmo que ia se livrar de mim, hein? Eu sou seu dono, Luma. Você faz o que eu quiser, entendeu? — ele aponta a arma na direção do meu pescoço e fixo meus olhos em Danilo, fazendo-o acompanhar o movimento deles quando abaixo as vistas, meus dedos em contagem na linha da minha cintura. — Agora diga adeus ao seu ex-namoradinho! — Dornelles sorri cinicamente ao apontar a arma pra Danilo e neste instante puxo meu spray de pimenta do cóis da minha calça.

— Se esqueceu de uma coisa, amor. Eu sou dona de mim. Mais ninguém. — digo deixando-o surpreso e espiro o spray em seus olhos, corro na direção dos braços de Danilo.

Ouçó um dos policiais advertir para que Dornelles jogue a arma ao chão, mas disparos

PERIGOSAS NACIONAIS

ressoam em meus ouvidos e enterro meu rosto no peito do meu namorado, desejando que todo meu martírio tenha chegado ao fim.

— Acabou, amor! Acabou! — Danilo solta docemente ao me aconchegar em seus braços e viro-me apenas para constatar o corpo inerte de Dornelles no chão, policiais se comunicando para a retirada do corpo dele dali.

Ergo meu rosto na direção de Danilo e toco seus lábios com paixão, minhas energias sendo renovadas por este momento. Estávamos juntos e seguros, isso era o que mais importava para mim agora.



Uma semana depois – Campos do Jordão – São Paulo

Finalmente termino de trocar as cortinas das janelas, sorrio satisfeita para meu próprio feito. Após todo o ocorrido, Danilo me convenceu a viajar um pouco e decidimos utilizar mais um dos vários imóveis que se encontram debaixo do PERIGOSAS ACHERON

sobrenome Aguiar.

Não sei o que teria acontecido se Danilo não tivesse me encontrado e mesmo não tendo mais notícias dela, agradeço Mônica mentalmente por ter avisado meu namorado sobre o possível local que eu estaria.

Agora tudo é passado.

Estamos aqui há uma semana e hoje meu namorado decidiu que deveria ter uma “manhã dos meninos” com meu filhote enquanto eu cuido do almoço. No entanto, meu telefone toca me tirando dos meus afazeres.

— Oi mãe! Está tudo bem sim, não se preocupe. Danilo e Rubinho estão pescando, eu estou tentando iniciar o almoço. — Toby começou a latir chamando minha atenção, me despedi da minha mãe mais cedo do que pretendia. — Preciso ir agora mãe, nos falamos mais tarde, ok? Dê um beijo no papai, eu amo vocês. — desliguei o celular, focando minha atenção no cachorrinho que permanecia a latir ao meu redor na cozinha.

— Ei! O que deu em você, garotinho? Já está com saudades do seu dono, é? — brinquei ao acariciar sua fronte, mas o bichinho parecia com medo, o que não era típico dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sigo até a varanda e dou uma olhada minuciosa ao redor, mas não vejo nada de anormal. No entanto, uma súbita fraqueza me invade, uma brisa leve como de um presságio ruim me deixa agoniada por um segundo. Pego o celular, mas não há sinal de rede, então me movo até o telefone fixo que fica na sala, mas está completamente mudo, começo a ficar em modo de alerta.

Corro até a porta dos fundos e passo a tranca, faço o mesmo com relação às janelas na parte da frente da casa. Retorno para a sala, mas meu corpo trava de modo automático ao pressentir a presença em minhas costas.

Eu não queria acreditar que estava vivendo o mesmo pesadelo de novo, mas a voz grave que se propagou no ar e que quase havia me tirado a sanidade antes ecoou em minha mente me deixando fraca.

— Sentiu saudades, amor?

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 36

Fim de Jogo

Minhas pernas se moveram antes do meu cérebro processar as coisas e subo as escadas que davam acesso para os quartos, meu coração a ponto de entrar em colapso por conta de toda a situação.

Tentei fechar a porta, mas Dornelles forçava para que ela se mantivesse aberta, minha concentração era evitar de todas as formas que ele a ultrapassasse.

— Me deixa em paz, seu filho da mãe! Por que você não morreu? — gritei conseguindo fechar a porta num impulso descomunal.

Imediatamente puxei uma das cômodas no quarto, fazendo uma barricada para que Dornelles não entrasse.

— Eu sou um homem muito precavido Luma. Após perceber o tanto de seguranças que seu namoradinho havia colocado na sua cola eu achei

que usar um colete a prova de balas fosse uma boa ideia, eu não estava errado. Até que a enfermeira que eu encontrei para consertar o estrago que você fez na minha perna deu para o gasto, você não acha, amor? Agora por que não economiza meu tempo e abre logo essa maldita porta sua vadiazinha? — bradou voltando a pressionar a porta enquanto eu tentava ordenar os pensamentos.

Em pouco tempo Rubinho e Danilo estariam de volta, quanto mais tempo eu pudesse manter Dornelles focado em mim, mais eles estariam em segurança.

Abro a janela, mas antes que eu me movimente para sair, as batidas na porta cessam e meu coração parece parar por longos segundos. Apenas uma única possibilidade cruzava minha mente agora: Rubinho e Danilo estavam de volta e na mira de Dornelles.

O medo estava encrustado em cada músculo do meu corpo, levei ao menos cinco segundos pensando em algo que pudesse me dar alguma vantagem, mas a desesperança já estava ganhando espaços em meu coração, então fiz a única coisa que eu poderia fazer naquele instante.

Quebrei o vidro da janela, envolvendo o

caco em uma das mãos numa das minhas camisetas, a parte pontuda virada para cima e desci as escadas com cautela. Minhas mãos tremiam, mas tudo o que me interessava era ter a confirmação de que meus meninos estavam bem.

Tudo estava silencioso, nem mesmo Toby estava ao redor, foi neste exato momento que o sangue em minhas veias gelou ao me deparar com a imagem de Danilo imobilizado por Dornelles como se fosse um escudo.

Uma mordaca impedia que ele falasse enquanto suas mãos estavam amarradas, também era visível um ferimento em sua testa onde um fio de sangue fazia caminho entre seu rosto e sua camisa de linho branca.

— Você sabe quais são as opções, não é Luma? — Dornelles alertou ao deixar sua faca de caça à mostra enquanto eu tentava esconder o caco de vidro em minha mão contra minhas costas.

— Por favor, Dornelles, deixa ele em paz! Eu faço o que você quiser, mas deixa minha família em paz!

— Sua família, Luma? Sua família? — rebateu exasperado, o descontrole em cada sílaba que saía de sua boca. — Eu devia ser a sua família!

Eu, Luma!

— Nós ainda podemos ser Dornelles. Não é isso o que você quer, o que você sempre quis? — Dornelles me olhava com uma enorme desconfiança, mas pareceu se desarmar um pouco quando observou que eu me movimentava lentamente em sua direção.

— Sem mais gracinhas Luma, ou eu corto a garganta dele, ouviu? — era notável o quanto Dornelles estava impaciente.

— Eu não vou tentar nada Dornelles, mas solta ele! Solta ele, por favor! — minha voz falhou entre as lágrimas que já escorriam pelo meu rosto, após alguns segundos de hesitação observei quando meu ex-namorado liberou para que Danilo andasse na minha direção.

Antes que eu pudesse abraçá-lo, um grito ficou preso em minha garganta quando Dornelles enfiou a faca nas costas de Danilo.

— Agora somos somente nós dois, amor. Não é maravilhoso? — Dornelles estava eufórico, enquanto me agachei para socorrer Danilo, o ódio me dilacerando por dentro, ele não parava de sangrar.

— Danilo aguento firme, por favor!

Aguenta, amor! Fica comigo! — pedi entre soluços retirando a mordaca de sua boca, ele se esforçava para falar algo, mas a voz de Dornelles chamou minha atenção como se fosse uma sentença.

— Ele vai morrer logo querida, não se preocupe. Que tal um abraço para uma nova vida? — Dornelles me estendeu sua mão, eu estava atônita. — Vem, Luma. Vem! — insistiu num sorriso radiante, o que fez meu estômago doer.

Segurei em sua mão deixando-me ser erguida por ele, seus braços se moveram enlaçando meu corpo contra o seu, ele parecia muito mais relaxado agora e talvez eu não tivesse outra chance.

— Você errou em uma única coisa querido. — ergui meu queixo para fitá-lo, eu jurava que ele podia ver o vermelho de ódio se apossar dos meus olhos verdes pela sua expressão de choque — Eu já tenho uma nova vida e você não faz parte dela. — disse cravando o pedaço de vidro no pescoço de Dornelles que começou a engasgar com o próprio sangue até cair no chão, a poça de sangue quase alcançando a ponta dos meus pés.

Ele estava morto.

Finalmente nosso pesadelo havia chegado ao fim.

— Danilo acorda! Acorda, amor, onde está o Rubinho? — questionei puxando o celular do seu bolso da calça.

— Seguro na caminhonete. — ele disse baixinho em um momento de lucidez.

Sorri entre o alívio e apreensão ao beijá-lo rapidamente, passei todas as instruções assim que o enfermeiro da emergência atendeu.

Danilo precisava de atendimento o mais rápido possível, eu não fazia ideia de quanto mais tempo ele poderia aguentar após perder tanto sangue. O helicóptero de resgate chegou em pouco tempo, Rubinho e eu nos acomodamos ao lado da maca em que Danilo recebia os primeiros socorros.

— Danilo, fica comigo! — seguro seu rosto em minhas mãos, as lágrimas caindo sem controle. Tento mantê-lo desperto. — Amor, fica comigo! — peço numa súplica, mas observo a imensa dor impressa em seus olhos castanhos.

— Eu te amo, Luma! — solta com dificuldade, a possibilidade de perdê-lo me queima por dentro.

Não consigo pensar direito.

— Eu também te amo, Danilo. Te amo muito e você tem que aguentar entendeu? Tem que

aguentar por mim, por nós. Pelos nossos filhos! — solto ao fungar, seus olhos brilham num misto de felicidade e temor.

— Acho que eu seria um bom pai. — diz num fio de voz e sinto minhas esperanças sumindo entre meus dedos.

— Você vai, Danilo! Você vai ser. Não pode me deixar, não agora. Você prometeu nunca me abandonar, lembra? Você prometeu! — minha voz afina no meio das lágrimas e meu mundo desaba quando observo seus olhos se fecharem de vez.

Isso não era justo. Não podia ser verdade. Meu choro torna-se meu único consolo agora e não faço a mínima ideia se um dia esse pesadelo vai me deixar em paz.

Capítulo 37

Pingos de esperança

Seguro a mão de Danilo com força enquanto o helicóptero segue para o hospital mais próximo e o pequeno monitor cardíaco informa quão fraco ele se encontra. Rubinho olha assustado o corpo imóvel do tio enquanto mantém o seu cãozinho em seu colo e rezo com todas as minhas forças por um milagre, meu coração aperta ao observar o homem que tanto amo tão indefeso.

Um balão de oxigênio auxilia na sua respiração e paramédicos continuam injetando medicação em sua veia para tentar reverter a situação crítica em que ele se encontra. A dor que sinto é tão forte que pareço estar sendo rasgada de dentro para fora.

Assim que chegamos ao hospital, sigo com a maca de Danilo numa corrida frenética e não

consigo controlar meu choro quando sou impedida de entrar até a ala cirúrgica. Primeiro por que esse é o procedimento padrão e segundo por que tenho uma criança em meu colo. Um medo sem medidas explode em meu peito e me sinto só e fraca.

Parece que tudo está ruindo debaixo dos meus pés e quando ouço uma voz mais do que conhecida, um pingo de alívio e esperança brota aos poucos em meu coração.

— Luma! — Lia me abraça de lado com carinho e deixo toda a dor sair, em uma cascata de lágrimas e aflição.

Ela pega Rubinho do meu colo por um segundo enquanto nos sentamos no banco de espera, levo as mãos em minha cabeça baixa sem saber o que pode acontecer dali em diante. A única coisa que desejo agora é que meu moreno volte para os meus braços o mais depressa possível.

— Obrigada por vir. Desculpe te tirar de casa depois de chegar de uma viagem tão cansativa. — murmuro fitando a loira e seu tom é uma repreensão doce e confortadora.

— Está de brincadeira, amiga? Você é minha família, Luma. — recosto minha cabeça em seu ombro por um instante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei. O que faria sem você, dona Lia?
— afasto-me somente para fitá-la e seu sorriso maroto é um acalanto para meu coração doído.

— Ainda bem que nunca vai precisar saber.
— abraço-a desajeitadamente, dessa vez com mais força.

— Estou com tanto medo. Acho que nunca me senti assim, nem mesmo no parto do Rubinho.
— murmuro.

— Eu sei, meu anjo. Vai ficar tudo bem, Luma. Eu estou aqui. Sempre vou estar amiga. — seus lábios tocam o topo da minha cabeça e por hora me sinto protegida de qualquer mal.

Meu pai sempre me disse que reconhecemos uma amizade verdadeira quando sua dor passa a ser a dor do outro. Quando alguém é capaz de largar tudo para estar ao seu lado e fazer você sorrir nem que seja por um milésimo de segundo. Mesmo que seu mundo se parta em dois após isso.

Mas o simples fato de alguém se importar de verdade com você é o que faz toda a diferença. E entre mim e Lia seria sempre assim. Uma cuidando da outra até o fim.

PERIGOSAS ACHERON



Desperto com um gosto ácido em minha boca e levanto do banco de espera com o máximo de cuidado para não acordar Lia, que tem Rubinho também dormindo agarrado em seu pescoço. Toby permanece de guarda no chão perto do seu dono. Estava tão cansada e exausta com a demora por notícias de Danilo que acabei tirando um cochilo com a cabeça em cima das pernas dela.

Ajeito meu cabelo num rabo de cavalo e sigo pelo frio corredor até a recepção em busca de alguma informação sobre meu namorado. Meu coração amortece tão logo observo os sogros de Lia adentrarem no hospital.

— Como você está, querida? — a médica me abraça com carinho e cumprimento Mauricio rapidamente com um beijo em sua bochecha.

— Apreensiva, dilacerada. Não sei mais o que pensar, senhora Mendes. — tento ser firme, mas é visível o quanto estou a ponto de desistir de tudo.

Mauricio segue até a bancada da recepção e

PERIGOSAS ACHERON

ao se apresentar como médico consegue autorização para obter novas informações sobre Danilo e agradeço baixinho num cansaço.

— Precisa manter as esperanças, Luma. Não pode entregar os pontos agora entendeu? — a loira solta complacente enquanto assinto automaticamente e seguimos até onde Lia se encontra já desperta, com Rubinho ainda dormindo.

A senhora Mendes toma a liberdade de pegar meu garotinho no colo e avisa que vai ficar com ele em um quarto longe de toda aquela confusão. Assinto ao concordar enquanto o cachorrinho a segue, mesmo sem ninguém o chamar.

Neste momento tudo o que me resta é esperar.

Durante esse intervalo, ligo para o hotel e explico melhor toda a situação para os meus pais. Eles haviam acompanhado tudo pelos noticiários e tão logo segui com Danilo no helicóptero, liguei para eles na tentativa de mantê-los mais calmos. Foi minha mãe quem ligou pra Lia.

“E o louco do professor, Luma? Finalmente morreu?”

Minha mãe indaga com preocupação e

suspiro fundo ao fechar os olhos e me recordar de toda a cena de poucas horas atrás.

— Sim, mãe! Infelizmente ele ainda conseguiu machucar o Danilo. — minha voz treme e seguro o choro em minha garganta, caso contrário minha sanidade vai para o espaço.

“Ele vai sair dessa, filha. Não perca sua fé!”

Sei que ela quer me passar força, mas neste momento minha fé está quase no limite, exalo profundamente antes de tornar a falar.

— Vou me esforçar, dona Íris. Rubinho está bem, está dormindo, não se preocupe, está morto de saudades! — a tranquilizo ao avistar Mauricio surgir no corredor e encerro a ligação, meu coração aflito por boas notícias. — Preciso ir mãe, nos falamos depois, ok? — me despeço dela e em poucos segundos Mauricio se junta a nós mais que preocupado.

— Sabem que não gosto de rodeios, então vou ser bem direto: Danilo teve uma hemorragia durante a cirurgia de emergência e a equipe médica está tendo dificuldades para retirar o acúmulo de líquido dos pulmões sem que isso comprometa os outros órgãos. — levo minhas mãos à boca e Lia

me escora para que eu não caia enquanto meu sangue gela. — Ele está na UTI, sedado, mas a equipe está evitando uma nova cirurgia antes de estabilizar o quadro ou ele pode não aguentar.

— Posso vê-lo? Por favor, Mauricio, eu preciso vê-lo antes que seja tarde. Por favor? — suplico com os olhos marejados e mesmo em dúvida, observo o experiente médico assentir compassivo. — Obrigada! — digo ao abraçá-lo rapidamente e em seguida seguimos até a sala reservada para pacientes em estado crítico.

Antes que abra a porta, Mauricio segura minha mão na maçaneta e suas palavras são uma advertência clara e firme.

— Você tem cinco minutos, Luma. — assinto num suspiro e o médico se vai, reúno forças para suportar a cena que estou prestes a enfrentar.

Entro no quarto frio e solitário, meu coração pequeno ao ver Danilo ligado a vários monitores, respirando através de um balão de oxigênio. Não existe sentimento pior do que você não poder fazer nada para mudar as condições daqueles que amamos, simplesmente por que não está sob seu controle tal poder.

É assim que me sinto agora.

Impotente.

Totalmente incapaz.

Toco sua face de leve e seguro em sua mão na esperança de que ele reaja, mas não existe nenhum tipo de estímulo dele e novamente lágrimas caem dos meus olhos já inchados de tanto chorar.

— Quando eu era pequena, ficava encantada com o amor e amizade que meus pais refletiam no relacionamento deles e sonhava que um dia pudesse encontrar alguém que desse valor aos detalhes da vida, assim como eles davam. Achei ter encontrado isso no Donatello, mas estava enganada, assim como me enganei com Dornelles. E quando você apareceu, algo dentro de mim mudou. Finalmente havia encontrado o mesmo sentimento que vi a vida toda em meus pais. Você, Danilo. — solto com a emoção à flor da pele enquanto continuo a acariciar sua face e suspiro na esperança que ele esteja me ouvindo. — Por favor, não me deixe! Eu preciso de você mais do que podia imaginar. Lute por mim. Lute por nós! — Mauricio adentra no quarto e sinaliza que meu tempo acabou apenas concordo transtornada.

Enxugo minhas lágrimas e me aproximo do

seu rosto depositando um beijo suave em seus lábios sem cor. Olho uma última vez na direção dos monitores, mas meu coração afunda ao não encontrar nenhuma alteração, suspiro desapontada.

— Precisa sair, Luma. — Mauricio alerta mais uma vez, me despeço do moreno num fio de VOZ.

— Eu amo você! Volta pra mim, Danilo. — digo baixinho ao beijar sua mão e antes que eu a solte, ouço um bipe crescente vindo de um dos aparelhos.

Meu coração dispara e sua mão lentamente aperta a minha, aumentando o sorriso de surpresa em meu rosto, Mauricio se apressa a verificá-lo. Minha respiração se encontra entrecortada e a expectativa de um parecer do médico me deixa em estado de alerta, a esperança aumentando em doses cavalares em meu peito.

— Pronto! Devagar, rapaz! — Mauricio adverte retirando o balão de oxigênio e lágrimas escorrem pelo meu rosto ao fixar seus lindos olhos numa felicidade sem tamanho.

— Eu estou aqui, Luma! — Danilo murmura com dificuldade e beijo sua face com ternura.

— Eu sei, amor. Sempre soube. — digo acariciando seus cabelos, Mauricio se ocupa em examinar Danilo, verificando outros progressos físicos do meu namorado.

Nada mais importa, agora que ele está de volta para mim e sei que estará do meu lado a vida inteira.



Três semanas depois

— O que acha? Vai servir? — Danilo questiona indeciso, analiso o interior da enorme casa próximo a dos meus pais e visualizo rapidamente como ela poderia ficar.

Meu namorado alugou o imóvel para que eu pudesse treinar a apresentação do meu TCC na faculdade e graficamente falando, acho que vai ficar uma fofura.

— Eu adorei, amor. — digo enlaçando seu pescoço, dando um selinho em seus lábios.

— Tenho certeza que fará um belo trabalho, linda! — diz confiante e cheiro seu pescoço.

— Vou fazer como se fosse nossa. Não vejo a hora de me formar. — suspiro enquanto caminhamos de mãos dadas até a varanda e observamos o belo dia de outono num sol ameno e uma brisa suave.

— O pior já passou, amor. O resto você vai tirar de letra. — diz ao ajeitar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e fico séria por um segundo. — O que foi, Luma? — indaga preocupado.

— Nada demais, só um pouco receosa depois de tudo. Parece um sonho aquele pesadelo ter chegado ao fim. — Danilo me puxa para um abraço e a cicatriz em suas costas me faz reviver as lembranças por um instante.

Eu ainda sinto calafrio às vezes, mas desde quando a polícia apareceu no hospital para tomar nosso depoimento que tenho tentado me convencer de que não há mais nada que possa nos fazer mal. O delegado explicou como Danilo conseguiu enganar a polícia que esperava pelo carro do IML chegar, trocando de lugar com um dos policiais que desconfiou que ele ainda estava vivo.

Dornelles fugiu pela mata e só descobriram sua fuga quando Guilherme foi encontrado para identificar o corpo, já que Dornelles não possuía

nenhuma família no país.

— Não precisa mais ter medo, amor. Nada mais vai acontecer, estamos juntos e é isso o que importa. Nunca mais vai estar sozinha, Luma. Prometo! — seu sorriso de menino emoldura sua face me revigorando a alma e beijo sua boca lentamente antes de falar.

— Adoro suas promessas! — sorrio voltando a beijá-lo com paixão, ciente de que todo o tormento que passamos é uma velha lembrança, embora ainda não consiga esquecer totalmente.

É muito difícil encarar e superar suas cicatrizes, mas no final do dia, são esses momentos que valem a pena e nos fazem seguir adiante. Um dia elas irão embora, mas sei que meu amor por Danilo permanecerá para sempre.



Seis meses depois

— Quer se acalmar? Assim sua filha vai nascer antes da hora, Luma! — Lia me repreende assim que chegamos à minha formatura, após

PERIGOSAS ACHERON

visualizar meu relógio pela décima quinta vez.

— Já era pra ele ter chegado! — balbucio impaciente enquanto tento localizar o lugar onde os outros formandos estão reunidos e minha mãe sinaliza o local onde ela se encontra com meu pai e Rubinho.

Seguimos até eles e dou um cheiro no cangote do meu menino antes de observar o orador da turma se posicionar no palco.

— Ele não chegou! — retruco com Lia numa birra infantil e sigo na direção de Murilinho que gesticula sobre um assento ao lado do dele nas primeiras fileiras.

Uma agonia me corrói e ansiedade me deixa ainda mais nervosa com a demora de Danilo. Meu namorado fez uma viagem de última hora e prometeu que chegaria a tempo de acompanhar toda a cerimônia, mas por hora, nem sinal.

As horas passam e cada um dos alunos vão sendo chamados para receber seus canudos. É impossível não se emocionar com a iminência de ter finalmente meu diploma tão sonhado nas mãos e assim que sou chamada, meu coração sacoleja de tanta alegria.

Caminho em passadas largas até o palco,

PERIGOSAS NACIONAIS

cumprimento professores e o reitor Aurélio num sorriso satisfeito. Ao olhar para frente, encontro o semblante emocionado de Danilo a me fitar, segurando um leque de balões coloridos.

A felicidade estampa os rostos dos meus pais, que estão ao lado do meu namorado e suspiro com o coração em paz de que todos os meus esforços valeram a pena. Estou completamente feliz.

— Parabéns, amor! — Danilo sorri ao me dar um selinho, mas não deixo de reclamar.

— Caramba, Danilo! Tem noção do meu estresse? Podia ao menos ter me ligado, odeio quando você viaja. — faço bico e ele revira os olhos antes de alternar entre meus pais e Lia por um segundo.

— Desculpe, linda. Não tive como, mas prometi que vinha, não foi? — fala tentando remediar a situação, mas meus hormônios estão cada vez pior de aguentar.

— Promessas, Danilo. Apenas promessas. Promete tanto que nem o quarto do bebê ainda não pintou e prometeu isso há um mês. — solto com ironia e rapidamente sou repreendida por dona Íris com o olhar.

PERIGOSAS ACHERON

Sei que estou sendo infantil e egoísta, mas a gravidez me deixou num mau humor atípico e todo o estresse da formatura aliado a carga horária de trabalho de Danilo só piorou tudo.

— Estava esperando para passar sua formatura, mas já que só vivo de promessas, não custa provar que elas são cumpridas, não é? — o moreno solta entre dentes me estendendo seu celular, onde a imagem do quarto do bebê pintado de amarelo claro aparece e bufo arrependida ao vê-lo sair do local em passos apressados.

— Droga! — vocifero ao sair atrás dele e acelero meus passos antes que ele alcance o carro. — Danilo, espera! — peço enquanto ele abre a porta do veículo numa fisionomia cansada.

Sei o quanto está triste e nada disso é justo com ele.

— O que foi agora, Luma? O que mais prometi que sua majestade ainda espera com ansiedade? — solta cinicamente e me aproximo dele numa expressão desapontada.

— Desculpe! — peço ao morder meu lábio inferior e sinto seu rosto suavizar em poucos segundos. — Tenho sido má, egoísta e mimada nesses últimos meses. Culpa da sua filha que me

deixa mais louca do que já sou. — Danilo suspira compassivo e toca minha barriga saliente com carinho antes de me puxar pela nuca para me dar um beijo delicado.

— Sempre diz que temos que decidir tudo juntos, aprendi isso com você. Amo suas loucuras amor, mas não vamos ficar brigando por bobagens, ok? — pede carinhosamente e assinto, abraçando-o com força.

— Quer dizer que ainda casaria comigo, mesmo com toda minha intempestividade, minha teimosia e minha altivez? — indago ao sussurrar em seu ouvido e Danilo me afasta para encarar minha face demonstrando claramente sua confusão.

— Isto é um pedido? — ele arqueia suas sobrancelhas, sorrio de modo maroto. — Está me pedindo em casamento, dona Luma?

— Estou sim! — o sorriso que tanto amo estampa seu rosto e tomo fôlego para seguir com as palavras seguintes. — Quer se casar comigo, Danilo? — indago docemente e seus braços apertam ainda mais meu corpo contra o seu, seu olhar me analisando com encantamento.

— Sempre tem que ser do seu jeito, não é? — corto seu argumento num rompante.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer casar ou não? — medo passeia pela minha mente com sua falta de resposta e meu coração dá um tranco quando seus lábios avançam nos meus de modo avassalador.

— Eu quero tudo com você, Luma. Casar com você, ter mais filhos com você, amar você. — sorrio como uma boba. — Eu só quero você!

— Eu sou sua, Danilo! Pra sempre! — beijo-o outra vez e sei que esse sentimento que nos une será eterno.

Enquanto houver amor entre nós, seremos donos do nosso mundo e isso para mim é o bastante.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Luma

Pequenas batidas soam na porta e autorizo a entrada sem me preocupar com quem chega no ambiente. Estou absorta tentando terminar de arrumar meu vestido de noiva e me surpreendo com a imagem do meu pai através do espelho a me fitar no semblante mais emocionado que já vi.

— Que carinha é essa? — digo preocupada ao ajeitar minha tiara e meu velho se aproxima a passos lentos até onde estou.

Observo seus olhos doces totalmente marejados e meu coração se derrete com tal cena. Nem quando Rubinho nasceu seu Ramos ficou assim.

— Nada, meu anjo. Só estou...feliz por você. — diz ao me beijar a testa e segurar firmemente em minhas mãos enquanto posso

acompanhar uma leve ruga entre suas sobrancelhas.

— O que há, seu Ramos? Conheço esse olhar. — solto convicta de que algo está errado e meu pai esfrega seus olhos antes de me puxar até a beirada da cama.

— Luma! Eu me acostumei por tanto tempo a ter você e o Rubinho conosco, a ajudar sempre que necessário, a proteger vocês. E agora você está prestes a se casar, nada mais será como antes. — sorrio com um aperto no coração ao entender os sentimentos do meu velho.

Sei que será difícil para ele e minha mãe, mas finalmente preciso seguir o meu caminho.

— Ainda moraremos na mesma cidade, seu Ramos e estará perto dos seus netos sempre, isso eu garanto. — digo ao beijar sua bochecha de leve enquanto aliso minha barriga de quase nove meses.

— Eu sei, filha, eu sei. Seu velho está ficando rabugento e emotivo. — meu velho sorri amarelo e em seguida torna a ficar sério. Há tempos que não tínhamos uma conversa tão franca assim. — Sei que agi muito mal com você durante esses anos, Luma...

— Pai, não precisa... — tento interrompê-lo, mas é em vão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso sim. — solta firme e minha respiração se torna pesada em segundos. — Seu velho foi injusto muitas vezes, antiquado e até mesmo preconceituoso por ter uma filha solteira e grávida na vizinhança. Eu errei demais filha e Deus sabe o quanto me arrependo. — lágrimas escorrem sem permissão pelo meu rosto e suspiro de alívio por não ter quase maquiagem nenhuma, do contrário estaria um horror agora.

— Eu sei, pai. — digo baixinho ao apertar sua mão e seu semblante parece bem mais leve neste instante.

— Estou muito, muito orgulhoso de você, Luma. Da mulher que se tornou, da mãe dedicada que você é, da filha maravilhosa que tenho. — ele diz sorrindo meigamente ao enxugar minhas lágrimas com os polegares e tento recuperar meu fôlego que fugiu no meio desse turbilhão de sentimentos.

— Tive tanto medo de decepcionar vocês. — minha voz afina por um segundo e meu pai me abraça com carinho.

— Você e meus netos são uma benção, filha. Me perdoa por ter sido injusto com você. Isso nunca mais vai acontecer, ouviu? — assinto ainda

PERIGOSAS ACHERON

presa no seu abraço e após alguns segundos, ouço novas batidas na porta.

— Desculpem, crianças. Acho melhor não demorar mais um segundo Luma, ou vai ficar viúva antes da hora, por que Danilo está a ponto de ter um treco no altar. — Lia faz drama numa careta engraçada e observo meu pai levantar e estender sua mão para mim, eu ainda tento me recompor.

— Pronta? — suspiro fundo num sorriso.

— Prontíssima! — enlaço meu braço no dele e seguimos escadaria abaixo na direção do enorme jardim ornamentado no haras.

Danilo queria uma cerimônia tradicional, mas como não sou nem um pouco certa da cabeça,; convenci meu lindo noivo a aproveitar a linda vista do haras e seu espaço para acomodar confortavelmente todos os convidados, embora não fossem muitos.

Um enorme tapete vermelho acompanha meus passos trêmulos no caminho do altar improvisado e meu coração não para de palpitar como se fosse pular do meu peito a qualquer momento.

Sorrio ao ver meus amigos presentes e além da presença cativante de Murilinho, encontro

PERIGOSAS NACIONAIS

rapidamente o semblante satisfeito de Mônica entre alguns arranjos de flores no entorno do local. Assinto num gesto discreto de agradecimento e em poucos segundos a garota se perde entre os convidados. No entanto, me alegro em saber que estamos totalmente seguras e que não precisamos temer mais nada.

Continuo meu percurso e mordo meu lábio inferior ao encontrar a fisionomia feliz e emocionada de Danilo. Ele usa um fraque branco que o deixa ainda mais charmoso e percebo o quanto está nervoso pela forte contração do seu maxilar. Quando estamos bem perto, meu pai cede seu lugar ao meu noivo e ganho um beijo na testa antes de todos manterem o silêncio para o início da cerimônia.

Uma paz invade meu peito e o sol gostoso que toca minha pele me dá uma sensação boa de felicidade. O padre inicia e durante todo nosso casamento, Danilo mantém sua mão atada à minha, o amor estampado com todas as letras em sua fisionomia de garoto, deixo que as lágrimas agora corram sem pressa pela minha face. É um dos melhores momentos da minha vida e não poderia estar sendo mais perfeito.

PERIGOSAS ACHERON

Rubinho percorre todo o tapete vermelho trazendo nossas alianças numa pequena almofadinha e sorrio de alegria ao observar como meu menino está sorridente e feliz. O amor e cumplicidade que existe entre ele e o tio me deixam segura que em qualquer momento Danilo estará presente para apoiar e orientar meu filhote. Ter a certeza disso é a melhor coisa.

Uma pomba branca pousa acima do arco que emoldura o altar e o aperto de Danilo em minha mão é a confirmação da nossa benção. Que todos os nossos dias serão de paz interior, mesmo que as tempestades ameacem nos assombrar, juntos, nós somos ainda mais fortes.

O padre profere as palavras que antecedem o fim da cerimônia e neste instante uma fígada me assola. Tento disfarçar num sorriso sem cor, mas antes que Danilo leia seus votos, outra pontada me atinge e suspiro fundo chamando a atenção de todos.

— Amor, você está bem? — meu noivo indaga com preocupação e antes que responda, observo a movimentação de Lia e sua sogra até o altar.

— Padre pode se apressar, por favor? —

peço fazendo uma careta aguda de dor enquanto o religioso parece confuso com minhas palavras e dona Rebeca nos interrompe de bate pronto.

— Luma, está com contrações? — tão logo ela questiona, Danilo se torna o homem mais apavorado da face da Terra.

— Agora? Vamos ter nosso bebê agora, Luma? — todos indagam ao mesmo tempo e dou um grito de irritação a fim de acabar com todo o falatório.

— Quietos! — arfo por um segundo e todos obedecem imediatamente.

As pessoas me olham com apreensão e curiosidade, volto minha atenção para Danilo num misto de ordem e ansiedade. — Não saio desse altar antes de estar casada, ouviu? — quase grito com outra pontada, meu noivo assente claramente aflito e gesticula para o padre encerrar a celebração do nosso casamento.

Lia segura uma das minhas mãos tentando aliviar a tensão entre uma contração e outra enquanto Danilo põe a aliança no meu dedo anelar, beijando-a em seguida. Imito seu gesto ao colocar a dele e me esforço a manter minhas emoções no lugar. O padre nos declara casados e Danilo me

beija apaixonadamente antes de voltar a falar numa emoção sem tamanho.

— Vamos trazer nossa pequena Luana ao mundo? Vamos, senhora Ramos Aguiar? — ele sorri matreiro e assinto entre um sorriso feliz e uma careta de dor.

Dona Rebeca entra de novo em ação.

— Vamos lá, mamãe! Hora de mais um show! — sorrio mesmo com um calafrio subindo pela minha espinha e não recuso os cuidados ao ser levada até o postinho de Primavera.



Chego ao postinho e a sala de cirurgia já está pronta. A sogra de Lia já havia deixado todos de sobreaviso antes de sairmos do haras e agora era uma questão de tempo até ter minha menininha nos braços. Sigo para uma sala de espera, e dona Rebeca me examina para saber se tenho dilatação suficiente para um parto normal, mas seu semblante incomodado me deixa em alerta.

— Tudo bem, senhora Mendes? — indago

PERIGOSAS ACHERON

com preocupação e sua resposta é muito vaga, deixando meu coração apreensivo.

— Vai ficar, minha linda! — a loira se esforça para sorrir, mas não é nem um pouco convincente. — Vou fazer uma última ultrassom, mas creio que vamos ter que partir para uma cesariana, ok? Já volto! — meus pais entram com Danilo assim que a médica sai e procuro disfarçar meu pequeno apavoramento deles.

Rubinho nasceu de parto normal e correu tudo muito bem, no entanto, me sinto preocupada com o que vem a seguir, subitamente meu coração aperta.

— Agora falta pouco, amor! — meu marido diz ao me beijar a testa e vejo o quanto ele está nervoso.

— Eu sei. Se acalme, vai dar tudo certo, ok? — sorrio nervosamente ao apertar sua mão com carinho, dona Rebeca retorna com o aparelho de ultrassom.

Tento me acalmar enquanto o exame segue e rezo baixinho para que nada de mal aconteça ao meu bebê. Após alguns minutos, a médica suspira antes de falar.

— Sua menininha levada está sentada,

Luma. Vamos pra cesariana, tudo bem? — sua mão acarinha meu rosto preocupado por um segundo e assinto sem muita convicção. — Uma maca vai vir te buscar em cinco minutos. — dona Rebeca pisca pra mim em apoio e observo Danilo seguir atrás dela enquanto minha mãe tenta me tranquilizar.

— Vai dar tudo certo meu anjo, não tenha medo. — sorrio sem prestar muita atenção no que ela diz, pois minha maior concentração está no semblante aflito do meu marido em frente à porta da sala em que me encontro.

Algo não está bem e o fato de estar no escuro sem saber de nada, só me deixa ainda mais nervosa.

— O que falou com ela? — pressiono Danilo sem cerimônias e sua fisionomia se contorce numa careta esquisita, demonstrando o quanto as coisas podem ser graves. — Fala, Danilo! — grito com outra pontada e meu marido tenta soar o mais calmo possível.

— Calma, Luma. Tudo vai se resolver. — já estou chorando, meu peito ardendo com a iminência de algo muito ruim. — Nossa Luaninha está com três voltas do cordão umbilical no pescoço e sentada, mas a médica vai contornar isso

amor. Nossa bebê, vai ficar bem. Acredite em mim. — seus lábios tocam os meus com confiança e enfermeiros aparecem pra me levar até a ala cirúrgica.

Despeço-me dos meus pais e de Lia rapidamente, Danilo segue segurando minha mão até a porta da cirurgia. Tento ser forte, mas a tensão de não saber o que pode acontecer me deixa em frangalhos e mais lágrimas descem pelo meu rosto. Dona Rebeca pisca num sinal de apoio e em seguida, sinto a picada da agulha, seguida da anestesia.

Em pouco tempo, meu corpo está adormecido para o mundo enquanto minha mente me remete ao vislumbre de toda minha jornada até aqui.

Meus encontros furtivos com Donatello quando começamos a namorar, minha decepção ao saber que eu estava totalmente sem seu apoio quando descobri a gravidez de Rubinho, o alívio em ter um porto seguro na amizade de Lia, o estreitamento da relação com minha mãe, a tristeza por ter quebrado a confiança do meu pai, mas nossa relação de pai e filha restaurada logo depois, minha entrada na faculdade após meses de estudo

ferrenho, a ilusão de ter encontrado de novo o amor ao lado de Dornelles, e finalmente a liberdade de amar verdadeiramente de novo ao lado de Danilo.

Uma lágrima de felicidade escorre pela minha face, sabendo que tudo o que passei foi decisivo para que eu me tornasse a mulher forte, decidida e corajosa que sou hoje, e que tenho certeza continuarei sendo, por que foi pelo modo mais árduo que permaneci sendo dona do meu próprio caminho. Não trocaria as decisões que me trouxeram até aqui por nada nesse mundo.

É com o coração transbordando dessa felicidade que sorrio largamente ao ouvir o chorinho que de agora em diante será constante em minha vida e posso garantir, é a melhor sensação do mundo. Não há nada que se compare ao milagre de se ter um filho, ao amor incondicional que passamos a ter por uma criaturinha tão pequena, mas que já ocupa um espaço imensurável no coração de qualquer mãe. Isso é incrível.



Desperto devagar e meu coração imediatamente aperta ao encontrar Danilo totalmente torto, deitado numa cadeira ao lado da minha cama. Aperto sua mão que está presa a minha com carinho, lentamente, meu lindo marido abre seus hipnotizantes olhos. Seu sorriso é o caminho mais rápido para alegrar meu dia.

— Como você está, amor? Tive tanto medo, Luma! — Danilo diz dando um pulo da cadeira, me beijando a testa.

— Estou bem. Um pouco doída, mas nada demais. — sorrio tentando tranquilizá-lo, sua boca alcança a minha num beijo delicado. — Cadê, nossa princesa? — indago ao morder o lábio e mal termino de falar, minha família adentra o quarto.

Dona Rebeca tem um pequeno embrulho nos braços, Danilo sorri como um bobo e me ajeito na cama para receber minha linda menininha.

— Olá, mamãe! — a médica sussurra num sorriso ao me entregar minha filhota e solto um obrigada mudo, seguido de um beijinho na direção da doutora.

Seguro minha criança com cuidado e sua pele rosada é um contraste com seus olhinhos extremamente escuros. Puxou ao pai. Danilo põe

Rubinho no colo para que ele conheça a irmãzinha e meu menino parece encantado com tanta beleza.

Olho ao meu redor e encontro a felicidade e o amor estampado em cada rosto no quarto e uma sensação de paz e de luz me invade. Sei que passei por muitos percalços, lutei muito para conseguir chegar até aqui e posso garantir que valeu a pena.

Se fosse preciso faria tudo novamente. Arriscaria tudo novamente. O acaso da vida foi meu melhor presente que me rendeu uma família incrível e que estará comigo durante o resto da minha caminhada até o fim. Não importa o que vier pelo caminho, sei que sempre estaremos juntos.

FIM.

Table of Contents

[clique aqui.](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Bônus](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Bônus II](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS ACHERON